

DELIMITAÇÃO DA TERRA DOS ÍNDIOS KRIKATI

SEGUNDO INFORMAÇÕES DOS ANCIÃOS DA TRIBO

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NÍVEL DOUTORADO

KLEBER ALBERTO LOPES DE SOUSA

# FREI ARISTIDES ARIOLI:

UMA VIDA DE MISSÃO NA ESTAÇÃO MISSIONÁRIA  
DE MONTES ALTOS, DE 1962 A 1995



São Leopoldo  
2022

Delimitação da Honcandijayara

Aldemir da Sã  
município

KLEBER ALBERTO LOPES DE SOUSA

FREI ARISTIDES ARIOLI: UMA VIDA DE MISSÃO NA ESTAÇÃO MISSIONÁRIA DE  
MONTES ALTOS, DE 1962 A 1995

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues

São Leopoldo  
2022

S725f

Sousa, Kleber Alberto Lopes de

Frei Aristides Arioli: uma vida de missão na estação missionária de Montes Altos, de 1962 a 1995 / Kleber Alberto Lopes de Sousa. – São Leopoldo, RS, 2022.

278 f.

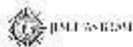
Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2022- Programa de Pós-Graduação em História, Nível Doutorado.

1. Atuação religiosa. 2. Trajetória – Frei Aristides. 3. Missão - Maranhão. I. Título.

CDU 94: 2-1(812.1)

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: Raniere Nunes da Silva CRB13/729



UNISINOS

## ATESTADO

ATESTO, para os devidos fins, conforme consta nos assentamentos da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, que Kleber Alberto Lopes de Sousa, aluno do curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em História - Área de Concentração: Estudos Históricos Latino-Americanos - nível Pós-Graduação Estrito Senso, realizou, em sessão pública, a defesa da Tese intitulada "FREI ARISTIDES ARIOLI: UMA VIDA DE MISSÃO NA ESTAÇÃO MISSIONÁRIA DE MONTES ALTOS, DE 1962 A 1995", sob orientação do Prof. LUIZ FERNANDO MEDEIROS RODRIGUES, defendida no dia 23 de março de 2022.

ATESTO, ainda, que a banca avaliadora foi constituída por:

- Profª. MARLUZA MARQUES HARRES
- Profª. Maria Goretti Cavalcante de Carvalho
- Profª. Ilma Maria de Oliveira Silva
- Prof. Jairo Henrique Rogge

São Leopoldo, 8 de abril de 2022.

Luciana Curra  
Gerente de Serviços

Aos meus pais, Domingos (em memória) e Conceição, que nunca deixaram de me apoiar e me incentivar para ir adiante.

## AGRADECIMENTOS

Enquanto ser divino, em estado de aprimoramento, agradeço a Deus por estar vivo e alcançando metas que eu mesmo me impus. Porém, tenho consciência de que existimos para o coletivo e que sem a colaboração e compreensão dos demais seria impossível a realização de um sonho. Assim, quero agradecer aos que souberam, pacientemente, estar ao meu lado nessa mais recente trajetória.

- Aos meus pais, Domingos (em memória) e Conceição, que, a exemplo do divino, me deram a vida e ensinaram-me a vivê-la em doação;
- Aos meus irmãos e minhas irmãs por terem sempre estado ao meu lado a incentivar na caminhada, muitas vezes em silêncio, mas no olhar uma mensagem de esperança de que era possível;
- Aos meus amigos professores e colegas de trabalho, pelas inúmeras vezes que intercederam para o aprimoramento do raciocínio ou de uma frase para o texto;
- De modo especial, às professoras Ilma Maria e Aparecida de Lara pelo companheirismo, a amizade, o carinho, a presteza e a disponibilidade essenciais e indispensáveis naqueles momentos em que me encontrava em uma encruzilhada sem saber qual caminho seguir;
- À professora Roza Maria e ao professor Manoel Ferreira que sempre me incentivaram e me motivaram a ir avante, sem temer e sem temor;
- Aos meus colegas de doutorado pelas incontáveis vezes que transformaram o ambiente da sala de aula em um ambiente prazeroso para que pudéssemos nos empolgar e seguir adiante, mesmo distante dos que amamos e queremos sempre presentes em nossas vidas;
- Aos mestres com quem convivemos nesse percurso, que sabiamente nos impulsionaram e nos encheram de esperanças para não desistir e ir em frente;
- De modo especial, ao meu mestre orientador Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, que, pacientemente e de maneira sábia, sempre tinha uma palavra de ânimo para não deixar que o desânimo chegasse e tomasse conta do meu espírito;
- Aos membros da Banca Examinadora, pelas suas oportunas contribuições;
- Finalmente, a todos que direta ou indiretamente participaram desse processo, fornecendo-me documentos, informações, entrevistas ou simplesmente colocando-se ao meu lado e a minha disposição.

A todos, meu muito OBRIGADO!

## RESUMO

A proposta desta tese é analisar como a atuação religiosa e política de frei Aristides Maria de Melegnano OFM Cap (frei Aristides Arioli de Melegnano) contribuiu para o desenvolvimento econômico e social do município de Montes Altos, no período compreendido de 1962 a 1995. Assim, consideramos ser uma história do tempo presente, pois traz para discussão nuances de acontecimentos não tão distantes. Ainda, para obtermos momentos ou informações adicionais dispersas ou esquecidas, recorreremos a pessoas que, em determinados momentos de suas vidas, desfrutaram da convivência com frei Aristides, que foi ordenado padre em 1950, em Milão, Itália. Em 1951, foi enviado para o Brasil. Onze anos depois chegou à Paróquia de Santa Ana de Montes Altos (1962), onde fixou moradia até sua morte em 1995. Primeiro como vigário cooperador responsável pela catequese para indígenas. Depois, vigário paroquial até 1993. O padre tornou-se mediador de conflitos entre autoridades civis constituídas, posseiros de terras e lideranças indígenas krikati. Uniu e reinstalou o povo Krikati na Aldeia São José, onde instalou a primeira capela-escola-catequética, a primeira escola primária para crianças indígenas, embrião que os despertou para lutar por direitos à educação pública específica e diferenciada, à saúde e a demarcação do Território Indígena Krikati. Lutas incorporadas pelo frei, que combateu na prática a estereotipização do indígena, orientando funcionários e voluntários da paróquia para que acolhessem com dignidade os indígenas. Frei Aristides respeitou as tradições culturais e autonomia do povo Krikati em suas decisões. Frei Aristides fez oposição a elite com práticas políticas oligárquicas detentora do poder. Conseqüentemente, em 1988, houve mudança do comando político oligárquico municipal. No sertão de Montes Altos, as desobrigas foram a estratégia. Ainda, uma oportunidade de solucionar, por intermédio da passagem do frei, problemas como ausência de educação, saúde, infraestrutura, estradas, comunicação e outros. Filho de família estruturada economicamente, ele foi muito auxiliado, não apenas com recursos financeiros para custeá-lo, mas, também, com a formação de uma rede de relações com personalidades do mundo da cultura, da religião e das finanças. Frei Aristides produziu um amplo legado de memórias nos novenários, rezas de terços, devoção ao santo patrono, frequência aos sacramentos e obediência aos mandamentos da Igreja. Frei Aristides edificou o prédio da Igreja Matriz; da casa paroquial e convento, do clube paroquial, do hospital e da Torre de Montes Altos. Em suas ações ofereceu trabalho remunerado e ocupação voluntária. Criou os Institutos Seculares de Missionárias Voluntárias, acontecimento que floresceu no desabrochar de leitoras e leitores, cantoras e cantores. Frei Aristides implantou escolas catequéticas, creche, escola primária e escola de segundo grau; instituiu associações como Legião de Maria, Sagrado Coração de Jesus e outras. Frei Aristides assegurou assistência médica e social, escolar e lazer aos montesaltense, independentemente do nível social. A população assistida por frei Aristides mantinha atitude de respeito ao missionário. Frei Aristides assistiu o crescimento das povoações de Sumaúma e de Lajeado II, desmembradas para constituírem os municípios de Ribamar Fiquene e Lajeado Novo, respectivamente. Frei Aristides agiu como um homem comum, inserindo-se nas realidades de suas comunidades assistidas, impulsionando uma ação transformadora no dia a dia daquelas pessoas carentes e necessitadas de tudo. Por outro lado, também ele foi forçado a se reinventar, a adaptar-se e aprender com as populações em cada local as regras de vida para sobreviver naqueles ambientes. Frei Aristides, por meio de sua atuação religiosa e política, contribuiu significativamente com os municípios por meio de ações sociais e obras de edificações na efetivação dos direitos à saúde, à educação e ao lazer. E, especificamente, relativo ao povo Krikati, com o acesso à saúde, à educação escolar e a terra, sendo, esta, preponderante para o desenvolvimento da diversidade étnica e cultural.

**Palavras-chave:** Trajetória. Frei Aristides. Krikati. Montes Altos. Missão do Maranhão.

## ABSTRACT

The purpose of this thesis is to analyze how the religious and political performance of Friar Aristides Maria de Melegnano OFMCap (Friar Aristides Arioli de Melegnano) contributed to the economic and social development of the municipality of Montes Altos, in the period from 1962 to 1995. So, we consider it is history of the present time as it addresses the discussion of events not so far away. In order to obtain additional information and dispersed or forgotten moments we turned to people who, at certain times in their lives, related or enjoyed living with Friar Aristides, which was ordained a priest in 1950 in Milan, Italy. In 1951 he was sent to Brazil. Eleven years later he arrived at Santa Ana Parish of Montes Altos (1962), where he lived until he died in 1995. He first was a cooperating vicar, with the mission of acting in catechesis for indigenous peoples. Then, he became vicar of Santa Ana Parish of Montes Altos until 1993. Friar Aristides became a mediator of conflicts between constituted civil authorities, squatters and the Krikati people. He united and reinstalled the Krikati people in the current Aldeia São José. In this place he installed the first chapel-school-catechetical and the first primary school for indigenous children. It was the embryo that supported the fight for rights to specific and differentiated public education, for health and the demarcation of the Krikati Indigenous Territory, Friar Aristides integrated these fights and fought in practice against the stereotyping of the indigenous, guiding parish officials and volunteers to welcome the indigenous people with dignity. Friar Aristides respected the cultural traditions and autonomy of the Krikati people in their decisions. He opposed the political oligarchic elite practices. Consequently, in 1988, the elected mayor was one against this political oligarchic elite group. The release was the strategy in the hinterland of Montes Altos. It also was an opportunity to solve problems such as lack of education, health, infrastructure, roads, communication and others. He was born in an economically structured family and this helped him greatly, not only with financial resources to support him, but also with a network of relations with personalities from the world of culture, religion and finance. Friar Aristides produced a wide legacy of memories in the novenaries, prayers of rosaries, devotion to the patron saint, attendance at the sacraments and obedience to the commandments of the Church. Friar Aristides built the Mother Church of Montes Altos, the parish house, the convent, the social parish club, the hospital and the Tower of Montes Altos. By his actions, he offered paid work and voluntary occupation. Created the Secular Institutes of Voluntary Missionaries. Act that flourished in the blossoming of readers and singers. Friar Aristides established catechetical schools, daycare for children, primary school and high school; instituted religious associations such as Legion of Mary, Sacred Heart of Jesus, and others. Friar Aristides provided medical and social assistance, school and leisure to the montesaltense, regardless of social level. The population assisted by Friar Aristides maintained an attitude of respect for the missionary. Friar Aristides witnessed the growth of the villages of Sumaúma and Lajeado II. Both were dismembered to constitute the municipalities of Ribamar Fiquene and Lajeado Novo, respectively. Friar Aristides acted as an ordinary man, inserting himself into the realities of his assisted communities, driving a transformative action in the daily lives of those poor people in need of everything. On the other hand, he was also forced to reinvent himself, adapt and learn from the populations from each place the rules of life to survive in those environments. Friar Aristides, through his religious and political performance, contributed significantly to the citizens through social actions and construction works in other to the effectuation the right for health, education and leisure. Specifically related to the Krikati people, the access guarantee to health, school education and land, which is predominant for the development of ethnic and cultural diversity.

Keywords: Trajectory. Friar Aristides. Krikati. Montes Altos. Mission of Maranhão.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1: Selo de identificação de documento catalogado e depositado no Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará .....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 2: Missões dos Primeiros Capuchinhos no Brasil (1500-1583) .....</b>	<b>50</b>
<b>Figura 3: Missões Franciscanas em Pernambuco entre os indígenas (1585-1619).....</b>	<b>52</b>
<b>Figura 4: Ação missionária na Amazônia .....</b>	<b>59</b>
<b>Figura 5: Igreja Matriz de São Pedro de Alcântara de Carolina (1923).....</b>	<b>74</b>
<b>Figura 6: Recorte do livro de tombo da Missão do Maranhão. Comunicado do envio de mais missionários para a Custódia do Maranhão-Pará, dentre os quais, frei Aristides..</b>	<b>84</b>
<b>Figura 7: Recorte do livro de tombo da Paróquia de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú, com o registro do comunicando da criação da Prelazia de Nossa Senhora da Conceição de Carolina .....</b>	<b>87</b>
<b>Figura 8: Cartão de identidade de associado à Associação Missionária Divina Pastora.</b>	<b>92</b>
<b>FIGURA 9: Recorte do livro de tombo da Paróquia Santa Cruz de Barra do Corda com o registro da ida do frei Aristides à Grajaú para substituir frei Inocêncio .....</b>	<b>101</b>
<b>Figura 10: Frei Aristides renuncia a designação de vigário em Juazeiro do Norte (CE) .....</b>	<b>103</b>
<b>Figura 11: Um dos traçados da área a ser demarcada para o Território Indígena Krikati .....</b>	<b>132</b>
<b>Figura 12: Território Indígena Krikati (TI) .....</b>	<b>134</b>

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1: Área geográfica de Montes Altos após ter se emancipado de Imperatriz.....</b>	<b>27</b>
<b>Mapa 2: Estado do Maranhão e Grão-Pará desmembrado do Estado do Brasil.....</b>	<b>57</b>
<b>Mapa 3: Linha imaginária que separava a região norte da região dos sertões de Pastos Bons e suas principais povoações no século XIX .....</b>	<b>64</b>
<b>Mapa 4: Prelazia de São José de Grajaú (1922) .....</b>	<b>72</b>
<b>Mapa 5: Prelazia de São José de Grajaú após 1939 .....</b>	<b>81</b>
<b>Mapa 6: Prelazia de Nossa Senhora da Conceição de Carolina.....</b>	<b>86</b>
<b>Mapa 7: Trajetória de frei Aristides: Milão (Melegnano-IT-1951) / São Luís-MA / Barra do Corda-MA / Abaetetuba-PA / Juazeiro do Norte-CE / Montes Altos (MA) / Milão (Melegnano-IT-1995).....</b>	<b>105</b>
<b>Mapa 8: Frentes colonizadoras do alto sertão maranhense .....</b>	<b>108</b>
<b>Mapa 9: Município de Montes Altos.....</b>	<b>118</b>
<b>Mapa 10: Território de Montes Altos após desmembramento de Ribamar Fiquene, Lajeado Novo e da demarcação do TI Krikati .....</b>	<b>141</b>

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1: Frei Aristides Arioli .....</b>	<b>16</b>
<b>Fotografia 2: Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís/MA.....</b>	<b>38</b>
<b>Fotografia 3: Igreja Matriz de São Pedro de Alcântara de Carolina (2021) .....</b>	<b>75</b>
<b>Fotografia 4: Igreja Matriz de Santa Tereza d'Ávila de Imperatriz/MA .....</b>	<b>78</b>
<b>Fotografia 5: Igreja Matriz de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú/MA.....</b>	<b>79</b>
<b>Fotografia 6: Matriz da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda, monumento aos mártires do massacre de Alto Alegre.....</b>	<b>83</b>
<b>Fotografia 7: Vista externa da frente da Igreja Matriz de Santa Ana de Montes Altos</b>	<b>151</b>
<b>Fotografia 8: Vista interna da Igreja Matriz de Santa Ana de Montes Altos.....</b>	<b>152</b>
<b>Fotografia 9: Vista externa da frente da Casa Paroquial, ao lado da Igreja Matriz de Santa Ana de Montes Altos.....</b>	<b>153</b>
<b>Fotografia 10: Vista interna da sala de estar da Casa Paroquial, ao lado da Igreja Matriz de Santa Ana de Montes Altos .....</b>	<b>154</b>
<b>Fotografia 11: Vistas da frente do Hospital Casa Pontificia Alvío do Sofrimento Dr. Piero Saronio em Montes Altos .....</b>	<b>160</b>
<b>Fotografia 12: Vista de frente da Igreja Matriz de Santa Ana, com monumento posicionado na lateral esquerda em homenagem a frei Pio.....</b>	<b>163</b>
<b>Fotografia 13: Vista lateral do monumento com a estátua em bronze de frei Pio .....</b>	<b>164</b>
<b>Fotografia 14: Vista do portão de entrada do Clube Paroquial Luciano Arioli.....</b>	<b>167</b>
<b>Fotografia 15: Vista interna do Clube Paroquial Luciano Arioli .....</b>	<b>168</b>
<b>Fotografia 16: Torre de Montes Altos .....</b>	<b>169</b>
<b>Fotografia 17: Lápide de mármore ao pé da Torre de Montes Altos .....</b>	<b>170</b>
<b>Fotografia 18: Vista superior do complexo de edificações realizado por frei Aristides em sua permanência na Estação Missionária de Montes Altos.....</b>	<b>172</b>
<b>Fotografia 19: Lápide no túmulo de frei Aristides, Melegnano (IT) .....</b>	<b>173</b>
<b>Fotografia 20: Lápide erguida no Convento do Carmo em memória dos frades capuchinhos missionários já falecidos .....</b>	<b>174</b>

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AMIRT	Associação de Microempresários da Região Tocantina
BEC	Batalhão de Engenharia Civil
CC	Constituições Capuchinhas
CCB	Conferência dos Capuchinhos do Brasil
CE	Ceará
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEM	Companhia de Erradicação da Malária
CEMAR	Companhia Energética do Maranhão
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CNM	Companhia Nacional de Malária
DAP	Documento de Aparecida
DENERU	Departamento Nacional de Endemias Rural
DF	Distrito Federal
FEST	Faculdade de Educação Santa Terezinha
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FNS	Fundação Nacional de Saúde
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
GO	Goiás
GEP	Guarda de Epidemiologia
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
IT	Itália
MA	Maranhão
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização de Adultos
OFM	Ordem dos Frades Menores
OFM <sub>Cap</sub>	Ordem dos Frades Menores Capuchinhos
OFM <sub>Conv</sub>	Ordem dos Frades Menores Conventuais
OFM <sub>Obs</sub>	Ordem dos Frades Menores Observantes
PA	Pará
PE	Pernambuco
PI	Piauí
SP	São Paulo
SUCAM	Superintendência de Campanha de Saúde Pública
TI	Território Indígena (Krikati)
TK	Terra Krikati
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNISINOS	Universidade do Vale dos Rios dos Sinos
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 ORDEM FRANCISCANA: tradições em uma igreja missionária .....</b>	<b>48</b>
2.1 Missão franciscana em solos brasileiros.....	49
2.2 Do Nordeste ao Norte: missões capuchinhas e as primeiras experiências catequéticas portuguesas no Brasil .....	53
2.3 Província de São Carlos e o alto sertão maranhense: um espaço a ser evangelizado.....	61
2.4 Missão do Maranhão após o massacre de Alto Alegre: missões populares e desobrigas no alto sertão maranhense.....	69
2.5 Custódia Provincial do Maranhão e Pará na instituição e edificação de Igrejas Particulares no alto sertão maranhense.....	73
<b>3 FREI ARISTIDES NA CUSTÓDIA PROVINCIAL DO MARANHÃO E PARÁ: de Melegnano (IT) para o Brasil em busca do sonho de ser missionário .....</b>	<b>89</b>
3.1 Frei Aristides: mobilidade e protagonismo de uma Igreja missionária em ação pastoral de conservação na Custódia Provincial do Maranhão e Pará.....	91
<b>4 FREI ARISTIDES: trajetória e rastros de uma Igreja missionária em ação pastoral para conversão na Estação Missionária de Montes Altos.....</b>	<b>107</b>
4.1 Nasce uma nova estação missionária: de Alto Bonito a Estação Missionária de Montes Altos .....	112
4.2 Frei Aristides desembarca na Estação Missionária de Montes Altos.....	120
4.3 Frei Aristides em ação pastoral missionária de conversão para autonomia do povo indígena Krikati .....	122
4.4 Frei Aristides em ação pastoral missionária de conversão para a alternância do poder político em Montes Altos .....	135
4.5 Frei Aristides em ação pastoral missionária de conversão para o fortalecimento da relação prática da religião com a vida em Montes Altos .....	142
4.6 Frei Aristides em ação pastoral missionária de conversão para promoção da saúde em Montes Altos .....	157
4.7 Frei Aristides em ação pastoral missionária de conversão para promoção da educação e do lazer em Montes Altos.....	164
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>176</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>185</b>

<b>APÊNDICE A: NÚMERO DE MISSAS PRESIDIDAS POR FREI ARISTIDES DE SUA ORDENAÇÃO (25/07/1950) ATÉ SUA MORTE (5/08/1995).....</b>	<b>196</b>
<b>ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÿ .....</b>	<b>197</b>
<b>ANEXO B: LIVRO 1 - REGISTRO PRIVADO DAS SANTAS MISSAS DE FREI ARISTIDES (1950 – 1959).....</b>	<b>219</b>
<b>ANEXO C: FICHA DE CADASTRO DE FREI ARISTIDES NO CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS .....</b>	<b>220</b>
<b>ANEXO D: DESOBRIGA DO FREI ARISTIDES NOS QUATRO SETORES DA PARÓQUIA DE SANTA CRUZ DA BARRA DO CORDA .....</b>	<b>224</b>
<b>ANEXO E: LIVRO 2 - REGISTRO PRIVADO DAS SANTAS MISSAS DE FREI ARISTIDES (1960 – 1979).....</b>	<b>225</b>
<b>ANEXO F: LIVRO 2 - REGISTRO PRIVADO DAS SANTAS MISSAS DE FREI ARISTIDES (1960 – 1979).....</b>	<b>226</b>
<b>ANEXO G: CÓPIA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO MARANHÃO COM A LEI DE CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MONTES ALTOS – MA.....</b>	<b>227</b>
<b>ANEXO H: CÓPIA DA ATA DE IMPLANTAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MONTES ALTOS – MA.....</b>	<b>228</b>
<b>ANEXO I: TEXTO DA LEI QUE RESTABELEU O MUNICÍPIO DE MONTES ALTOS – MA.....</b>	<b>230</b>
<b>ANEXO J: PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS (1958-1966) .....</b>	<b>231</b>
<b>ANEXO K: JORNAL: MONTES ALTOS EM EVIDÊNCIA. FOTO DA CASA PAROQUIAL DE MONTES ALTOS – 1962 .....</b>	<b>232</b>
<b>ANEXO L: PANFLETO: ‘DIA MISSIONÁRIO’ COM FREI ARISTIDES E INDÍGENAS KRIKATI, EM JUAZEIRO DO NORTE, CEARÁ .....</b>	<b>233</b>
<b>ANEXO M: ENTREVISTA COM JAIRO SEBASTIÃO SOEIRO CASANOVA (JAIRO CASANOVA) .....</b>	<b>234</b>
<b>ANEXO N: CARTA DE QUINTINO FERREIRA DE CARVALHO NETO AO MISSIONÁRIO STANLEY PRIES (ESTEVIÃO).....</b>	<b>237</b>
<b>ANEXO O: CARTA DO INDÍGENA CAPITÃO FRANCISCO PARA O MINISTRO DO INTERIOR.....</b>	<b>238</b>
<b>ANEXO P: CARTA DO MISSIONÁRIO STANLEY PIRES PARA KLEBER ALBERTO.....</b>	<b>240</b>

<b>ANEXO Q: CORRESPONDÊNCIA DO MINISTÉRIO DO INTERIOR ENCAMINHADA AO MISSIONÁRIO STANLEY PRIES SOLICITANDO OS MARCOS DEFINIDOS PARA DELIMITAÇÃO DO TERRITÓRIO INDÍGENA KRIKATI .....</b>	<b>241</b>
<b>ANEXO R: FREI ARISTIDES ARIOLI: NOSSO PÁROCO, ANTROPÓLOGO, ARTISTA, ETERNO E VERDADEIRO AMIGO DE MONTES ALTOS.....</b>	<b>242</b>
<b>ANEXO S: CONVITE DO FREI ARISTIDES AOS PAROQUIANOS PARA COMEMORAÇÃO DOS SEUS TRINTA ANOS DE PRESENÇA MISSIONÁRIA EM MONTES ALTOS .....</b>	<b>247</b>
<b>ANEXO T: CARTA ANÔNIMA DE AGRADECIMENTO AO CONVITE DO FREI ARISTIDES PARA COMEMORAR SEUS TRINTA ANOS DE PRESENÇA MISSIONÁRIA EM MONTES ALTOS .....</b>	<b>248</b>
<b>ANEXO U: PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS (1958-1966) – PRIMEIROS VIGÁRIOS NOMEADOS .....</b>	<b>249</b>
<b>ANEXO V: RASCUNHO DO PROJETO ARQUITETÔNICO DO PRÉDIO DA IGREJA MATRIZ DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS.....</b>	<b>250</b>
<b>ANEXO W: RASCUNHO DO PROJETO ARQUITETÔNICO DO PRÉDIO PARA ABRIGAR A CASA PAROQUIAL NA TRAVESSA DA PRAÇA DA MATRIZ DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS .....</b>	<b>253</b>
<b>ANEXO X: CRONOGRAMA DE INSTITUIÇÃO DA FRATERNIDADE DE SANTA ANA .....</b>	<b>256</b>
<b>ANEXO Y: REQUERIMENTO PARA EREÇÃO DA FRATERNIDADE DA TERCEIRA ORDEM FRANCISCANA SECULAR – FRATERNIDADE DE SANTA ANA .....</b>	<b>257</b>
<b>ANEXO Z: ATO DE EREÇÃO DA FRATERNIDADE DA TERCEIRA ORDEM FRANCISCANA SECULAR – FRATERNIDADE DE SANTA ANA.....</b>	<b>259</b>
<b>ANEXO AA: ESTATUTO DAS MISSIONÁRIAS VOLUNTÁRIAS SECULARES DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS .....</b>	<b>260</b>
<b>ANEXO AB: CRONOGRAMA DE INSTITUIÇÃO DA FRATERNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DE SUMAÚMA .....</b>	<b>262</b>
<b>ANEXO AC: REQUERIMENTO PARA EREÇÃO DA FRATERNIDADE DA TERCEIRA ORDEM FRANCISCANA SECULAR – FRATERNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DE SUMAÚMA .....</b>	<b>263</b>
<b>ANEXO AD: ATO DE EREÇÃO DA FRATERNIDADE DA TERCEIRA ORDEM FRANCISCANA SECULAR – FRATERNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DE SUMAÚMA .....</b>	<b>264</b>

<b>ANEXO AE: CARTA DO MINISTRO GERAL, FREI PASCOAL RYWALSKI, COMUNICANDO À FREI ARISTIDES DA DISPOSIÇÃO DA PROVÍNCIA EM TRANSFERI-LO .....</b>	<b>265</b>
<b>ANEXO AF: CARTA DO VICE PROVINCIAL, FREI PASCOAL ROTA COMUNICANDO AOS COIRMÃOS DA DIOCESE DE CAROLINA DA DECISÃO EM CONSELHO, EM ACORDO COM O BISPO, DE ENTREGAR A PARÓQUIA E O SEMINÁRIO PARA A DIOCESE.....</b>	<b>266</b>
<b>ANEXO AG: CARTA DO MINISTRO VICE-PROVINCIAL, FREI FRANCO CUTER, COMUNICANDO À FREI ARISTIDES DA SUA DESVINCULAÇÃO DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS.....</b>	<b>267</b>
<b>ANEXO AH: RECORTE DE MATÉRIA SOBRE O HOSPITAL DE MONTES ALTOS PUBLICADA NO JORNAL O PROGRESSO .....</b>	<b>268</b>
<b>ANEXO AI: O IMPARCIAL: MATÉRIA SOBRE O HOSPITAL DE MONTES ALTOS.....</b>	<b>269</b>
<b>ANEXO AJ: O PROGRESSO: MATÉRIA SOBRE O HOSPITAL DE MONTES ALTOS.....</b>	<b>270</b>
<b>ANEXO AK: CONVITE PARA INAUGURAÇÃO DA TORRE DE MONTES ALTOS .....</b>	<b>272</b>
<b>ANEXO AL: LAUDO DESCRITIVO DA TORRE DE MONTES ALTOS.....</b>	<b>273</b>
<b>ANEXO AM - ATESTADO DO HOSPITAL ALBERT EINSTEIN DA CAUSA DA MORTE DO FREI ARISTIDES ARIOLI .....</b>	<b>274</b>
<b>ANEXO AN: DEPOIMENTO DO FREI JOÃO FRANCO FRAMBINI SOBRE AS CIRCUNSTÂNCIAS DO ACIDENTE QUE ORIGINOU A MORTE DO FREI ARISTIDES ARIOLI.....</b>	<b>275</b>
<b>ANEXO AO: DECLARAÇÃO DO PREFEITO DE MELEGNANO (IT) AUTORIZANDO O SEPULTAMENTO DO FREI ARISTIDES ARIOLI NO CEMITÉRIO DA CIDADE .....</b>	<b>276</b>
<b>ANEXO AP: PASSAGEM PARA O EMBARQUE DO CORPO DE FREI ARISTIDES ARIOLI PARA A ITÁLIA EM COMPANHIA DE FREI ALBERTO GIANELLINI .</b>	<b>277</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta tese, analisamos como a atuação religiosa e política de frei Aristides Arioli<sup>1</sup> (Fotografia 1) contribuiu para o desenvolvimento econômico e social do município de Montes Altos, no período compreendido de 1962 a 1995.

**Fotografia 1: Frei Aristides Arioli**



Fonte: Arquivo confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo, São Luís-MA.

---

<sup>1</sup> Frei Aristides Maria de Melegnano OFMCap. Foi frade capuchinho lombardo da Província de São Carlos. Nasceu em 21/05/1922 em Melegnano (IT). Foi ordenado em 25/07/1950 na Basílica de Santo Stefano Maggiore (Milão). Chegou ao Brasil em 27/11/1951. Doravante, o nomearemos por apenas frei Aristides.

Frei Aristides foi um frade capuchinho lombardo pertencente à Província<sup>2</sup> de São Carlos (às vezes mencionada como Província Lombarda ou Província de Milão, em documentos da Ordem). Muito cedo alimentou o desejo de ser um frade missionário, filiando-se à Associação Missionária ‘A Divina Pastora’. Assim, após sua ordenação, foi designado, em 1951, à Custódia<sup>3</sup> Provincial do Maranhão e Pará para o exercício do seu múnus sacerdotal a serviço da evangelização.

A presença capuchinha italiana no Maranhão se notava desde meados do século dezenove. Entretanto, ganhou reforço de forma orgânica e sistemática a partir de 1893 com a chegada de frei Carlos de São Martinho Olearo (1852-1931) e coirmãos em São Luís. Fato que propiciou o acontecimento<sup>4</sup> da criação da Missão Capuchinha do Norte do Brasil, pelo, então, Ministro Geral da Província de São Carlos, frei Bernardo de Andermatt. A Missão foi instituída de direito por meio de um decreto<sup>5</sup> de 12 de maio de 1894, com sede em São Luís. Acrescentamos que esse mesmo decreto nomeou o idealizador frei Carlos (1852-1931) como primeiro Superior Regular da Missão do Maranhão<sup>6</sup>.

A Província de Milão, por intermédio da Missão do Maranhão, assumiu compromisso de evangelização do Norte brasileiro, região que incluía os estados do Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas. Frei Carlos de São Martinho Olearo (1852-1931) fixou residência em São Luís e principiou a enviar missionários para toda a área da Diocese, em território maranhense, assim como para áreas dos demais estados. O envio estava

---

<sup>2</sup> “A Província é parte essencial e imediata da Ordem, e é governada pelo ministro provincial. Possui uma consistência própria que lhe permite expressar e desenvolver a vitalidade de nosso carisma, por um eficaz testemunho apostólico e para a utilidade da vida da Ordem” (CONSTITUIÇÕES DA ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS E ORDENAÇÕES DOS CAPÍTULOS GERAIS, 2014, 118-6).

<sup>3</sup> “A Custódia é uma parte da Ordem em que os frades, postos a serviço das Igrejas e de seus pastores na obra evangelizadora, gradualmente desenvolvem a presença da vida consagrada mediante o empenho pela implantação da Ordem [*implantatio Ordinis*]. É governada pelo custódio, que tem poder ordinário vicário. Os frades das custódias elejam os próprios delegados e seus substitutos. Feita a eleição ou a nomeação do ministro provincial e dos conselheiros, os frades continuam a exercer os seus cargos até que seja disposto diversamente. Essa norma, com as devidas diferenças, vale também para as custódias. Pertencem à custódia todos os frades que foram agregados a ela, ou que foram enviados para lá por determinado tempo pela autoridade competente, e os frades que nela emitiram a profissão, mesmo se, devido à formação ou a outros motivos, vivem em outro lugar” (CONSTITUIÇÕES DA ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS E ORDENAÇÕES DOS CAPÍTULOS GERAIS, 2014, 118-6; 131-2; 132-; 138-1).

<sup>4</sup> “Início ou vestígio significativo, o acontecimento é compreendido duplamente, como sugere sua etimologia, como resultado e como começo, como desfecho e como abertura de possíveis. [...]. Cabe ao nosso tempo afirmar a força intempestiva do acontecimento na qualidade de manifestação da novidade, apreendido como começo”. (DOSSE, 2013, p. 6-13).

<sup>5</sup> Decreto transcrito em sua forma latina no Livro de tombo da Missão do Maranhão. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: A-I-1, fl 3. Convento Nossa Senhora do Carmo. São Luís-MA.

<sup>6</sup> Nome, também, atribuído à Missão Capuchinha do Norte do Brasil em registros da Ordem. Para mais informações confira: CARVALHO, Maria Goretti Cavalcante de. **A Missão do Maranhão (1894-1922): acontecimentos, particularidades e enredamento nos arquivos capuchinhos**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo-RS: [s.n.], 2017.

acompanhado de dupla orientação aos companheiros de missão: “*colaboração* com o clero diocesano para uma assistência mais adequada aos fiéis e a *catequese dos índios*” (NEMBRO, 1955, p. 38, grifo do autor).

Nessa dinâmica, frei Carlos promoveu a disseminação de missionários capuchinhos lombardos para o alto sertão maranhense<sup>7</sup>, percorrendo os canais naturais que favoreciam a navegação, tais como os rios: Itapecuru, Monim, Parnaíba, Mearim e Pindaré, objetivando os primeiros contatos com as populações dispersas e com os povos indígenas para aldeamento e a catequese para a conversão.

Em 1895 a Missão do Maranhão assumiu a Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda, expandindo-se para Alto Alegre, interior da paróquia, onde foi fundada em 1896 a Colônia de São José da Providência. Dois anos depois, a Missão do Maranhão já se fazia presente no Pará, inaugurando a Colônia do Prata. Nessa itinerância expansionista, chegou às ribeiras do Tocantins, aos atuais municípios de Carolina e Imperatriz.

Vinte e oito anos depois da instituição da Missão do Maranhão nascia frei Aristides Maria de Melegnano OFM<sup>Cap</sup><sup>8</sup> no dia 21 de maio de 1922 em Melegnano (IT), comuna da província de Milão (IT), região da Lombardia na Itália, jurisdição eclesiástica da Diocese de Lodi. Filho de Giovanni Arioli e Sarati Vittoria; o nome Aristides José lhe foi atribuído na pia batismal.

No dia 28 de maio de 1936, com 14 anos, ele foi admitido no seminário. Aos 20 anos de idade, em 13 de julho de 1942, fez sua Vestição do Hábito Capuchinho<sup>9</sup> em Lovere (IT). Um ano depois, no dia 14 de julho de 1943, após ter cursado o seminário menor entre Varese (IT) e Lovere (IT) proferiu sua primeira Profissão Religiosa Simples<sup>10</sup>, prosseguindo ali seus estudos, pois devido ao estado de guerra não pôde ser transferido.

---

<sup>7</sup> A expressão alto sertão maranhense é tomada, também, como a região Sul do Maranhão que abrigou uma civilização implantada no sertão (local afastado do litoral) mais tarde do que na região litorânea e na baixada ao norte. É fruto das entradas que, atingindo o rio São Francisco, de lá partiram para o Piauí e depois para o sul do Maranhão, sendo a terra ocupada logo pelo aventureiro rústico, desbravador, com a iniciação do pastoreio do gado. Outras definições estão ligadas aos povos indígenas, como: lugares incultos, habitados por índios bravios, afastados de povoações, florestas que guardavam perigos, tenebrosidade e segredos, lugares de pessoas não civilizadas (COELHO NETTO, 1979, p. 18).

<sup>8</sup> Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFM<sup>Cap</sup>).

<sup>9</sup> Rito de recebimento da vestimenta oficial da Ordem dos Capuchinhos. Esse gesto simboliza a admissão de jovens ao noviciado. “O noviciado é um período de mais intensa iniciação e de experiência mais profunda da vida evangélica franciscano-capuchinha em suas exigências fundamentais; isso requer uma decisão livre e madura de provar nossa forma de vida religiosa” (CONSTITUIÇÕES DA ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS E ORDENAÇÕES DOS CAPÍTULOS GERAIS, 2014, 31-1).

<sup>10</sup> O rito da Profissão Religiosa Simples dá início ao pós-noviciado, “que começa com a profissão temporária e conclui com a profissão perpétua, é a terceira etapa da iniciação. Nesse período os frades caminham para uma maior maturidade e se preparam para a escolha definitiva da vida evangélica em nossa Ordem” (CONSTITUIÇÕES DA ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS E ORDENAÇÕES DOS CAPÍTULOS GERAIS, 2014, 32-1).

Em Cremona (IT), frei Aristides realizou sua profissão perpétua: votos de pobreza, obediência e castidade, em 14 de julho de 1946. Entre os anos de 1946 a 1950 concluiu seus estudos teológicos, parte em Bergamo (IT) e outra em Milão (IT), onde foi ordenado presbítero no dia 25 de junho de 1950 na Basílica de Santo Stefano Maggiore, em Milão, cerimônia presidida pelo Cardeal Dom Alfredo Schuster e Alaphride Hildephonsus.

Frei Aristides chegou ao Brasil em 27 de novembro de 1951. Ficou um breve período radicado em São Luís (MA) para adaptação ao clima equatorial, aprendizado da língua e conhecimento das tradições e dos costumes locais. Por iniciativa pessoal, ele havia tido um ano de estudo preparatório em Indíologia e Antropologia. Passado esse período de adaptação, ele foi designado para atuar, pastoralmente, na região do alto sertão maranhense, onde se instalou na cidade de Barra do Corda em 1952.

Quatro anos depois ele deixou Barra do Corda para exercer seu apostolado em Porto Franco. Não demorou, frei Aristides foi transferido para o estado do Pará, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Abaeté do Tocantins (atual Diocese de Abaetetuba). Nessa região experienciou sua itinerância pelos rios caudalosos daquele estado. Porém, foi uma curta temporada, apenas de um ano, devido à Ordem ter devolvido a paróquia para o arcebispado de Belém em 1959.

Na ocasião, frei Aristides foi transferido para a cidade de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, onde a Custódia Provincial do Maranhão e Pará trabalhava arduamente para a construção de um grandioso santuário em homenagem a São Francisco das Chagas. Em seguida, no início da década de 1960, frei Aristides foi designado para a Estação Missionária de Montes Altos, onde residiu por mais de trinta anos.

No Brasil, a década de 1960 foi marcada pela construção de Brasília, a qual, possibilitou o surgimento de grandes projetos rodoviários, cujo fim último era ocupar os vazios demográficos da Amazônia e do Centro-Oeste com a transferência de população do Nordeste para a região amazônica.

As rodovias proporcionaram benefícios como a ligação de centros consumidores com os centros produtores, facilitando o acesso aos mercados; deslocamentos facilitados; abastecimento a custo mais baixo; ampliação de atividades comerciais e industriais; alteração no sistema de transporte de reses; valorização das terras e outros (VALVERDE; DIAS, 1967).

Dentre as rodovias do eixo radial está a BR-010, que, partindo de Brasília (Distrito Federal), rumava à Belém (Pará), atravessando o Maranhão pelos municípios de Estreito, Porto Franco, Montes Altos e Imperatriz. A BR-226 que, em sua transversalidade, cruza o Brasil no sentido Leste-Oeste interligando a cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, à de

Paraíso do Tocantins, no Tocantins, tem seu percurso atravessando os estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão e Tocantins. No Maranhão, percorre os municípios de Timon a Porto Franco, passando pelo município de Montes Altos.

Paralelamente, para Cabral (1992), as sucessivas crises produtivas brasileira provocaram um desassossego na população, que, em busca de novas condições de vida, migraram cada vez mais para o noroeste expandindo as fronteiras do território brasileiro e ocupando definitivamente o alto sertão maranhense. Foi quando chegaram a essa região simultaneamente vários contingentes migratórios vindos de lugares diversos.

Além das construções das rodovias federais BR-010 e BR-226, a região também recebeu os serviços de construção da rodovia estadual MA-280, interligando estas BRs. A MA-280 cruzou o município de Montes Altos, atravessando o Território Indígena Krikati.

Os serviços de construção das rodovias e as correntes migratórias impactaram a região, que, ainda, foi influenciada pela implantação de grandes projetos como o de mineração (Projeto Carajás), o de celulose (Projeto CELMAR) e a instalação de torres da rede de transmissão de energia elétrica da Eletronorte do eixo Norte-Nordeste e dos postes da Companhia Energética do Maranhão (CEMAR, atual Equatorial).

A crise econômica e a seca no Nordeste contribuíram decisivamente para o fortalecimento dos fluxos migratórios. Essa região, portanto, exerceu forte atração de migrantes nordestinos, cujo avanço chegou ao espaço territorial pertencente ao município de Montes Altos, situado numa região que tem se transformado significativamente.

Assim, a ocupação do território montesaltense faz parte de um processo que se deu em todo o centro-sul e oeste do Maranhão. Seu crescimento ocorreu com a expansão da pecuária e com a exploração de espaços do solo brasileiro, processada em função dos deslocamentos de correntes migratórias, as quais provocaram inchaços das povoações, ao mesmo tempo em que promoveram o surgimento de vários outros aglomerados urbanos.

Conseqüentemente, a Igreja Católica local se viu compelida a dar uma resposta ao crescimento demográfico. No entanto, segundo Neris (2014, p. 99), devido à pouca quantidade de efetivos sacerdotais, uma estratégia colocada em curso foi o aumento da quantidade de clérigos regulares, sobretudo de estrangeiros, para promover mais assistência religiosa, por meio de obras de caridade material e espiritual.

Essas mudanças foram resultantes do modelo de ocupação e apropriação do espaço, enquanto propriedade, das formas de produção material e da atuação coletiva nas relações políticas, econômicas, sociais e religiosas que seus habitantes estabeleceram na tessitura de suas histórias.

A partir desta contextualização, elaboramos o problema de pesquisa: Como a atuação religiosa e política de frei Aristides contribuiu para o desenvolvimento econômico e social do município de Montes Altos, no período compreendido de 1962 a 1995?

Conduzido pela problemática, defendemos a seguinte tese: frei Aristides, por meio de sua atuação religiosa e política, contribuiu significativamente com os munícipes por meio de suas ações sociais e edificações na efetivação dos direitos à saúde, à educação e ao lazer. E, especificamente com o povo indígena Krikati, no acesso à saúde, à educação escolar e a terra, esta última, preponderante para o desenvolvimento da diversidade étnica e cultural.

Ainda como objetivo, consideramos os específicos necessários para nortear a pesquisa:

- ✓ conhecer os elementos importantes do surgimento da Ordem dos franciscanos;
- ✓ constatar a expansão da Ordem Franciscana em solo brasileiro, dando ênfase a criação da Missão do Maranhão, com uma atuação comprometida com a Igreja do Brasil para a estruturação da Igreja do Maranhão no alto sertão maranhense;
- ✓ conhecer o múnus sacerdotal de frei Aristides em sua trajetória da Itália ao Brasil;
- ✓ analisar a trajetória missionária de frei Aristides, mais especificamente na Estação Missionária de Montes Altos, no período compreendido de 1962 a 1995;
- ✓ analisar as relações sociais estabelecidas por frei Aristides com a comunidade de Montes Altos e, como a população assistida por ele agia e participava do seu múnus;
- ✓ Analisar como o frei contribuiu com o povo Krikati no acesso à saúde, à educação escolar e a terra e como os indígenas memorizam a sua atuação.

A chegada de frei Aristides na Estação Missionária de Montes Altos, Região oeste do Maranhão, aconteceu num período marcado pela abertura de estradas rodoviárias cruzando o território do Brasil, fruto de uma política de integração nacional para facilitar o abastecimento e o fluxo migratório de brasileiros em busca de espaços onde pudessem melhorar suas condições de vida.

A presença capuchinha na Região oeste do Maranhão, mais especificamente em Imperatriz, está associada à nossa trajetória. Iniciamos nossos estudos formais em 1966 na Escola Santa Teresinha na cidade de Imperatriz, cuja gestão sempre esteve ao encargo das Irmãs Missionárias Capuchinhas.

Na década de 1990 residimos por seis anos, em função do trabalho, na região de Montes Altos (no ano 1992) e Sítio Novo<sup>11</sup> (de 1993 a 1996), ambas localizadas,

---

<sup>11</sup> Sítio Novo, para efeito do planejamento estadual, é uma unidade político-administrativa brasileira da Mesorregião do Centro Maranhense, pertencente à Microrregião Geográfica do Alto Mearim e Grajaú e a Região Metropolitana do Sudoeste Maranhense. A povoação passou à categoria de Vila, com a denominação de Sítio

geograficamente, equidistantes cerca de 20 km da aldeia São José, área geográfica pertencente ao povo indígena Krikati<sup>12</sup>.

Nesse tempo, em muitas conversas informais com os munícipes e indígenas, as contribuições de frei Aristides foram se evidenciando. Mas, havia outras indagações sobre a trajetória desse religioso, bem como da sua contribuição para o município de Montes Altos e seu entorno.

Em conversas com lideranças indígenas krikati, entre essas, o Sr. Herculano Cacry<sup>13</sup>, frequentemente eram destacadas a colaboração e o engajamento do frei Aristides nas lutas referentes às necessidades diversas desse povo. Inclusive, na busca pela demarcação e homologação do Território Indígena Krikati (TI), conseguida apenas em 2004. Herculano ressaltava, principalmente, a participação do frei em defesa dos indígenas junto às autoridades civis constituídas e posseiros (fazendeiros).

A aproximação com alguns intelectuais<sup>14</sup>, em ambos os municípios (Montes Altos e Sítio Novo), forneceram elementos para um aprofundamento. Também, em conversas informais com o próprio frei Aristides<sup>15</sup>, foi possível constatar que o mesmo participou ativamente de encontros com a classe política, fazendeiros e lideranças indígenas, objetivando efetivar direitos conquistados por cidadãos excluídos e marginalizados. Como não tínhamos pretensões, naquele período, em realizar pesquisa acadêmica, alguns questionamentos foram silenciados.

---

Novo do Grajaú, por meio da Lei nº 269, de 31 de dezembro de 1948, elevada à categoria de município pela Lei nº 2166, de 15 de dezembro de 1961. A área integrante do atual município foi desmembrada de Grajaú. O município faz limites com: Amarante do Maranhão, Montes Altos, Lajeado Novo, São João do Paraíso, São Pedro dos Crentes, Formosa da Serra Negra e Grajaú (FAMEM, Federação dos Municípios do Estado do Maranhão. Disponível em: <<http://famem.org.br/municipios/municipios/exibe>>. Acesso em 10.jun.2020).

<sup>12</sup> Os etnônimos indígenas são grafados, neste trabalho, sem flexão de gênero e número: Convenção para Grafia de Nomes Tribais (CGNT), decisão adotada em 1953, durante a 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, no Rio de Janeiro. “[...] 20) Os nomes tribais são com letra maiúscula, facultando-se o uso de minúscula em seu uso adjetival”. Para maiores esclarecimentos ler: Manual de Redação Oficial da Fundação Nacional do Índio. Disponível em: <[http://antigo.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/Outras\\_Publicacoes/Manual\\_de\\_Redacao\\_Oficial\\_da\\_Funai/Manual%20de%20Redacao%20Oficial%20da%20Funai.pdf](http://antigo.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/Outras_Publicacoes/Manual_de_Redacao_Oficial_da_Funai/Manual%20de%20Redacao%20Oficial%20da%20Funai.pdf)>. Acesso em: 03.abr.2020.

<sup>13</sup> Herculano Borges Milhomem (Cacry) foi criado pelo seu tio Francisco Crÿc que também foi uma liderança do povo Krikati. Ele era casado com Maria Rosa Borges Milhomem (Hyc'jaca), pai de Lourenço Acÿxit, fundador da aldeia Jerusalém em 2011. Nesta aldeia, Cacry viveu até quando faleceu em 16 de março de 2016. Acrescentamos que os relatos do entrevistado expressam sua memória compartilhada, principalmente pelos mais idosos, mas, não significa que seja unanimidade entre os Krikati.

<sup>14</sup> Vanderli Ferraz, ex-prefeito; Parsondas Neto e José Raimundo, ambos professores e escritores; Valdir Ferraz, professor universitário, e outros.

<sup>15</sup> Nesse período frei Aristides residia na casa Paroquial de Santa Ana e mantinha contato harmonioso com o povo Krikati, defendendo, inclusive, a demarcação do Território Indígena Krikati. Ressalto que frei Aristides me confirmou sua mediação entre posseiros e Krikati na década de 1960, mostrou-me, também, alguns de seus escritos, posteriormente publicados em formato de livro.

Mas, convém ressaltar que pairava no ar um clima de tensão na região em função da demarcação do TI na década de 1990. Então, persistiam indagações sobre as relações estabelecidas pelo frei Aristides com o povo indígena Krikati e com a sociedade envolvente o que, novamente, remete-nos ao foco da figura do frei Aristides enquanto assunto no cenário montesaltense.

No início da década de 2000 tivemos a oportunidade de trabalhar para o governo do Estado do Maranhão como Chefe de Gabinete do Gerente Regional de Imperatriz<sup>16</sup>. Foi, então, que surgiu a oportunidade de conhecermos outros povos indígenas<sup>17</sup> maranhenses e, ainda, acompanhar a execução da segunda etapa do curso do Magistério Intercultural Indígena<sup>18</sup>.

Essa nova experiência, aliada aos diálogos do passado com indígenas, intelectuais e com o próprio frei Aristides em Montes Altos e Sítio Novo, impôs uma reflexão mais profunda para a importância da resistência<sup>19</sup> indígena para o fortalecimento das suas identidades.

Paralelamente ao trabalho na Gerência de Articulação e Desenvolvimento da Região do Tocantins, trabalhamos no ensino superior na Faculdade de Educação Santa Terezinha (Fest), onde representantes<sup>20</sup> do povo indígena Krikati, desiludidos pela ausência de políticas públicas do Estado do Maranhão voltadas à educação escolar indígena, procuraram essa instituição para parceria na proposta de formação continuada dos professores indígenas krikati.

Na nossa trajetória pessoal e profissional foram promovidas interlocuções que envolveram direta e indiretamente frei Aristides e sua atuação, seja política, social e/ou religiosa, contudo, não foram suficientes para ancorarmos a nossa tese, nesse sentido,

---

<sup>16</sup> Titular da secretaria representativa do governo maranhense intitulada de Gerência de Articulação e Desenvolvimento da Região do Tocantins. Criada pela Lei ordinária estadual nº 7.356, de 29 de dezembro de 1998 e Lei ordinária estadual nº 7.844, de 31 de janeiro de 2003. Disponível em: [https://stc.ma.gov.br/legisla\\_documento/?id=1520#:~:text=dezembro%20de%202006-,Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Reforma%20e%20Reorganiza%C3%A7%C3%A3o,Estado%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=Art,o u%20ocupantes%20de%20cargo%20equivalente](https://stc.ma.gov.br/legisla_documento/?id=1520#:~:text=dezembro%20de%202006-,Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Reforma%20e%20Reorganiza%C3%A7%C3%A3o,Estado%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=Art,o u%20ocupantes%20de%20cargo%20equivalente)>. Acesso em: 10.jun.2020.

<sup>17</sup> Canela, Guajajara e Gavião.

<sup>18</sup> O curso de Magistério Intercultural Indígena foi esboçado pela Secretaria de Educação do Estado do Maranhão para ser executado em três etapas: a primeira teve início em 1996, a segunda em 2003 e a terceira etapa ainda não foi implementada, objetivando a formação de professores indígenas maranhenses (SILVA, 2012).

<sup>19</sup> Resistir no sentido de não aceitar a imposição de uma identidade alheia as suas culturas e continuaram ativos, como diz Maria Regina Celestino de Almeida (2007, p. 2) “impulsionados por interesses próprios e visando à sobrevivência [...] movimentaram-se em diferentes direções, buscando múltiplas estratégias que incluíam rearticulações culturais e identitárias continuamente transformadas na interação com outros grupos étnicos e sociais”.

<sup>20</sup> Os representantes foram: Sílvia Cristina Puxcwj Krikati, Diretora da Escola Indígena Krikati; Lourenço Borges Milhomem Acyxit Krikati, liderança política Krikati e Edilson Cryhryh Krikati, presidente da Associação de Pais e Mestres Krikati.

recorremos a alguns interlocutores que conviveram com frei Aristides, já que não podemos ter o testemunho vivo dele. Faz-se necessário acrescentar que os relatos dos entrevistados, embora expressem sua memória em relação ao frei, não significa que sejam homogêneas entre as pessoas contemporâneas do frei Aristides, que direta ou indiretamente usufruíram de sua companhia.

O objetivo foi conseguir dados que pudessem tornar visível a realidade investigada por meio dos relatos. Ecléa Bosi (1994) nos remete à importância do testemunho vivo, ao destacar que quem lembra aproxima-se do ofício do historiador que, dentro do possível, reconstrói a fisionomia dos acontecimentos.

Nesse ínterim, para alcançamos momentos ou informações complementares dispersas ou esquecidas, contamos com pessoas que, em determinados momentos de suas vidas, tiveram a oportunidade de se relacionarem com frei Aristides. Para tanto, contamos com a colaboração de quatro interlocutores.

- Jairo Sebastião Soeiro Casanova, Bacharel em Medicina, formado em 1973 pela Universidade Federal do Pará (UFPA), especialista em Clínica Médica, cuja atuação profissional iniciou-se em Montes Altos no hospital filantrópico Casa Pontifícia Alívio do Sofrimento Dr. Piero Saronio, sendo esse hospital gerido pelo frei Aristides. Informamos que devido ao estado de isolamento imposto pelo Coronavírus (COVID-19), o roteiro da entrevista foi encaminhado a este interlocutor por e-mail, em 09 de agosto de 2020. O mesmo retornou o roteiro da entrevista com suas memórias em 02/09/2020.

- Anna Maria Pastorelli, missionária franciscana secular nascida na Itália em 1942, que conviveu com frei Aristides desde 1978, quando fixou moradia na Diocese de Carolina. Chegou ao Brasil em 1974 com a missão de atuar na Amazônia. Em 1978 fez votos de obediência, na pobreza e na castidade, cerimônia presidida pelo Bispo da Diocese de Carolina, Dom Marcelino, que a designou para o exercício da missão no município de Amarante do Maranhão, dentre as atribuições estavam a catequese, a direção da escola Jardim de Infância “O Recanto de Jesus” (Ensino Fundamental e Médio) e assistência às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Em 1985 renovou seus votos, agora sob o comando de Dom Evangelista Alcimar Caldas Magalhães (1940-2021), que a designou administradora da paróquia de Amarante do Maranhão. Doze anos depois, Irmã Anna Maria foi nomeada ecônoma da Diocese de Imperatriz, em 1990, sob a gestão do Bispo Dom Affonso Felipe Gregory (1930-2008).

Informamos que o contato com esta interlocutora foi realizado em agosto de 2019, pelo autor pessoalmente, tornando-a conhecedora da pesquisa a respeito do frei Aristides.

Contudo, a mesma viajou para a Itália, sua terra natal, e, em seguida, aconteceu a declaração de pandemia devido ao Coronavírus (COVID-19), impossibilitando-a de retornar ao Brasil. Assim, o roteiro foi encaminhado pelo WhatsApp. Contudo, devido ao relacionamento interpessoal entre ambos ter sido não muito amistoso, a interlocutora informou, em 18 de fevereiro de 2020, que não tinha interesse em responder a entrevista, fazendo algumas considerações de cunho pessoal.

- Itamar Dias Fernandes, montesaltense casado com Maria Fernandes Dias, ambos médicos. Ele formado em 1978 pela Universidade Federal do Pará (UFPA), com Residência Médica em Pediatria pelo Conselho Regional de Medicina do Pará. Especialista em Pediatria pela Universidade Federal do Pará e em Administração dos Serviços de Saúde pela Universidade de São Paulo (USP). É afilhado de consagração do frei Aristide, que também presidiu a cerimônia do seu matrimônio. Atualmente, atende em sua clínica particular em Imperatriz, denominada de Centro Materno Infantil Gianna Beretta. Itamar Dias Fernandes é membro da Academia Imperatrizense de Letras. O contato com o referido interlocutor, também devido à pandemia causada pelo Coronavírus (COVID-19), foi realizado por telefone em 05/05/2020. O retorno foi feito com o envio do texto em 20/06/2020, que o interlocutor havia produzido em 28/07/2017, por ocasião da celebração de uma missa em Montes Altos, pela passagem dos 22 anos de falecimento do frei Aristides.

- Herculano Cacrỹ, cujo sobrenome é Milhomem<sup>21</sup>, foi cacique da aldeia São José por doze anos. Conheceu frei Aristides quando este desenvolvia atividades pastorais em áreas de difícil acesso na região do Pindaré (popularmente chamadas de desobriga). Herculano fez parte do Conselho de Anciãos Krikati e durante o período de 1980 a 1990 mediou conflitos por ocasião da demarcação da Terra Krikati (TK). Esse senhor sabia ler e escrever na língua portuguesa, o que lhe proporcionou junto com outras lideranças que viajasse para o exterior em busca de apoio para a demarcação e homologação de suas terras. Foi também funcionário da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) como auxiliar de serviços gerais na aldeia São José.

Diante da possibilidade de adquirimos conteúdos para confirmação de nossa tese e revelação de novos significados a respeito do passado e do presente de Montes Altos, tornando visíveis fatos ocultados em sua história, elaboramos um roteiro que conduziu os interlocutores a real manifestação de suas lembranças. São perguntas as quais evidenciam a

---

<sup>21</sup> Cf: A origem do sobrenome “Milhomem” foi contada por Herculano dessa forma: “Francisco nasceu na aldeia Canto da Aldeia. Os velhos, seus pais, foram falar com os brancos Milhomem que moravam no território pedindo leite para o filho dele, Francisco. O Milhomem se dispôs a ajudar e disse que iria colocar o sobrenome nele”. Entrevista concedida em 16/02/2016 na aldeia Jerusalém, ao grupo de professores que numa parceria entre a Faculdade de Educação Santa Terezinha (Fest) e a Associação de Pais e Mestres Indígenas Krikati (APMIK) desenvolvia uma proposta de formação continuada dos professores indígenas krikati. ANEXO A.

relação dos interlocutores com frei Aristides acerca de sua contribuição para o município de Montes Altos nos aspectos político, econômico, social e religioso.

Sabemos que o município de Montes Altos é constituído de uma população de maioria pobre, assim, interrogamos os interlocutores também sobre as formas de aquisição de recursos financeiros para a construção das obras destinadas à assistência caritativa para comunidade e, ainda, a respeito de sua relação com os fazendeiros e os indígenas.

No que tange especificamente aos indígenas krikati, buscamos saber se houve iniciativa do frei Aristides voltada para a educação indígena ou outras interferências em relação à saúde e a terra.

Em se tratando do cenário, lócus da pesquisa, a origem da povoação sede do município de Montes Altos data de 1898, quando o casal Quitiliano José Tavares da Silva e Dionísia Tavares Ribeiro, em sua saga migratória com destino à Imperatriz, buscavam terras férteis onde pudessem lavrar.

Montes Altos foi promovido à categoria de Distrito pela Lei Estadual n.º 269 de 31 de dezembro de 1948<sup>22</sup>, subordinado ao município de Imperatriz. Alcançou, logo em seguida, a condição de vila em 1949 e chegou à categoria de cidade por meio da Lei Estadual nº 1.607 de 14 de junho de 1958<sup>23</sup>, tendo todo seu território desmembrado unicamente do município de Imperatriz. O município situa-se na Mesorregião Oeste Maranhense, na Microrregião de Imperatriz.

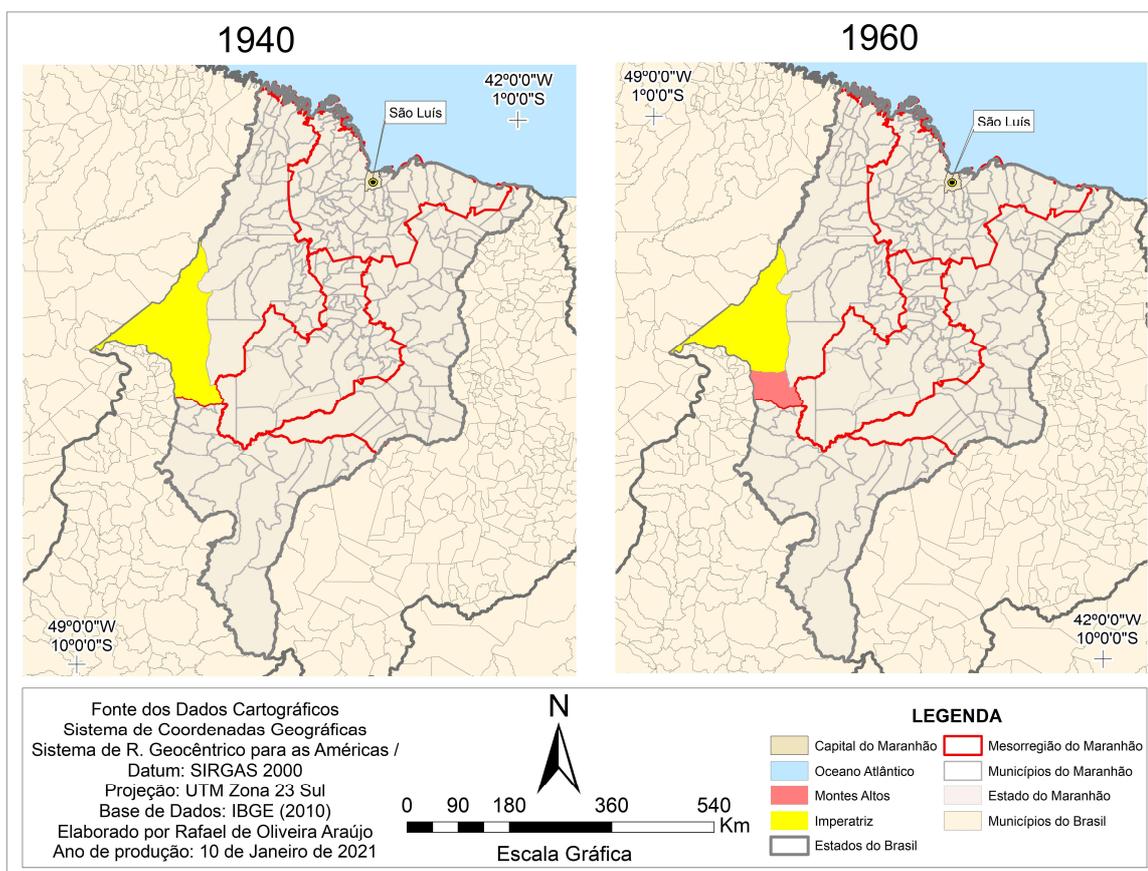
Montes Altos está distante 476,65 km em linha reta da capital do estado São Luís e a 60 km de Imperatriz. Esta, além de ser a segunda maior cidade do estado, cedeu o espaço geográfico para composição do município de Montes Altos (Mapa 1), quando este se tornou administrativamente independente em 1958.

---

<sup>22</sup> FAMEM, Federação dos Municípios do Estado do Maranhão. Disponível em: <<http://famem.org.br/municipios/municipios/exibe>>. Acesso em 10.jun.2020.

<sup>23</sup> FAMEM, Federação dos Municípios do Estado do Maranhão. Disponível em: <<http://famem.org.br/municipios/municipios/exibe>>. Acesso em 10.jun.2020.

**Mapa 1: Área geográfica de Montes Altos após ter se emancipado de Imperatriz**



Fonte: Sousa (2021).

Montes Altos dispunha de uma área de 3.329 km<sup>2</sup>. Tinha 41.453 habitantes (IBGE, 1995). Vale destacar que a área do município inclui, também, parte do Território Indígena Krikati. O município faz divisa ao norte com Buritirana e Governador Edson Lobão, ao sul com Lajeado Novo, a leste com Sítio Novo e Amarante do Maranhão e a oeste com Ribamar Fiquene. As principais fontes de recursos no município são: o setor informal, as transferências governamentais, a lavoura permanente e temporária, o extrativismo vegetal, a pecuária e o setor empresarial.

Após a emancipação dos municípios de Ribamar Fiquene, com uma área de 900,4 km<sup>2</sup>, Lajeado Novo, com área de 733,6 km<sup>2</sup>, ambos desmembrados exclusivamente do espaço territorial de Montes Altos, bem como a homologação e demarcação do Território Indígena Krikati, o município de Montes Altos teve sua área geográfica sensivelmente reduzida (1.388,3 km<sup>2</sup>).

Para Adalberto Franklin (2005, p. 70), essa região do alto sertão maranhense foi, por longo período, o lugar ideal para o exílio dos inimigos do Palácio dos Leões<sup>24</sup>, preferencialmente de juízes, promotores e servidores públicos que se atreviam a discordar do poder político estadual centralizado na capital.

A ocupação do alto sertão maranhense, pelos novos brasileiros<sup>25</sup>, ocorreu de forma tardia e em dois momentos distintos, comparado a outras regiões do Brasil, o que a diferencia do litoral, onde os europeus foram hegemônicos. O primeiro momento ocorreu em fins do século XVIII e início do século XIX, com fluxos migratórios de paulistas, goianos e criadores de gado do sertão nordestino.

A ocupação do alto sertão maranhense processou-se tardiamente, em relação ao povoamento das áreas mais próximas ao litoral. Segundo as fontes consultadas, no início do século XVIII, a região era ainda despovoada e habitada por tribos indígenas do litoral (CABRAL, 1992, p. 107).

O segundo, após a década de 1960, quando foram construídas várias rodovias, dentre as quais a BR-010 (Belém/PA-Brasília/DF), a BR-226 (Natal/RN-Paraíso do Tocantins/TO), a BR-222 (Fortaleza/CE-Marabá/PA) e a BR-230 (Floriano/PI-Estreito/MA - Transamazônica). Empreendimentos que propiciaram um novo fluxo de migrantes de todas as regiões do Brasil. Período, esse, que coincide com a chegada de frei Aristides na Estação Missionária de Montes Altos (MA).

Ressaltamos que foi essa a região escolhida por frei Aristides para o exercício do seu múnus sacerdotal, a partir de meados do século XX. Lembramos que o alto sertão maranhense foi o espaço geográfico escolhido pelos frades capuchinhos lombardos para o exercício de suas ações evangelizadoras, desde a fundação da Missão do Maranhão em 1894.

Os capuchinhos tinham por objetivo implantar estratégias para o estabelecimento de um catolicismo romano a partir da catequese com os povos indígenas, especialmente na região do alto sertão maranhense. Para Socorro Cabral (1992), a região centro-sul do Maranhão se constituía de uma imensidão de terras, que, até o século XVIII, ainda era desconhecida pelos exploradores. Para os missionários capuchinhos, um espaço geográfico

---

<sup>24</sup> É o edifício sede do governo do estado brasileiro do Maranhão. Residência Oficial do governador. Está localizado no centro histórico da cidade de São Luís.

<sup>25</sup> Não europeus. Colonos brasileiros interioranos. Aventureiros rústicos, desbravadores, acostumados ao pastoreio do gado (COELHO NETTO, 1979, p. 18).

que recebeu a designação de Sibéria da Missão<sup>26</sup>. Por ser uma área inóspita, isolada, inacessível e distante da capital do estado.

A apropriação de terras do alto sertão maranhense ocorreu com correntes migratórias, que já vinham ocupando parte do interior brasileiro com atividades criatórias. Os migrantes abandonaram o litoral e ganharam o sertão margeando os rios, principalmente o São Francisco, direcionando-se para o norte e fazendo parte dos que instituíam um processo produtivo de subsistência, complementarmente à produção açucareira (ABREU, 1988).

Os colonos interioranos, habituados às atividades agropastoris e procurando escapar dos rigores da seca e das crises de produção açucareira do nordeste, atravessaram o rio Parnaíba e descobriram, em sua margem esquerda, um verdadeiro oásis nas terras maranhenses. Uma primazia para atividades agropastoris. Uma vasta região denominada de Pastos Bons<sup>27</sup>, pois possuía campos naturais e solo fértil, entrecortada de matas e regada por inúmeros rios perenes, piscosos e de boas águas.

Era uma região habitada por indígenas e sua violenta ocupação pelos novos brasileiros inaugurou um processo de extinção de muitos dos povos indígenas, restando poucos registros de suas culturas. Em relação a isso, Francisco de Paula Ribeiro (1841) cita amanajós, angetgês, apinagês, augutgês, canaquetgês, capiecrãs, gamelas, guajajaras, macamecrãs, norocoagês, piocobgês (gaviões), poncatgê (krikatis), ponecras, purecamecrãs, sacamecrãs, tacamedus, xavantes e xerentes, mais de quinze povos indígenas habitantes dos sertões de Pastos Bons, com predominância dos Timbiras.

O isolamento dessa região, em relação ao litoral, permaneceu por longo período, o que favoreceu a manutenção de contato mais fácil com outras regiões do interior nordestino ao invés da capital do Maranhão. Para Cabral (1992, p. 111), esse isolamento pode ser constatado, quando “em 1770 D. José I, ao elevar à categoria de Vila a povoação de Pastos Bons, colocou-a sob a jurisdição da Vila de Oeira, devido as suas ligações com o Piauí e não com o Maranhão”.

---

<sup>26</sup> Livro de tombo da Missão. Ano: 1893-1897. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Livro A/I/1, fls. 35 v. Convento Nossa Senhora do Carmo. São Luís-MA.

<sup>27</sup> Pastos Bons açambarcava toda a região Centro-sul do estado do Maranhão. Criado com a denominação de Pastos Bons em 1740. Elevado à categoria de Vila de Pastos Bons em 1770. Perde a categoria e a adquire, novamente, com a denominação de Pastos Bons, por Alvará de 29-01-1820, desmembrado de Caxias. Pelas Leis Provinciais n.º 386, de 30-06-1855 e 898, de 11-07-1870, é extinta a Vila, sendo seu território anexado ao município de Mirador. Elevado novamente à categoria de vila com a denominação de Pastos Bons, pelas Leis Provinciais n.º 575, de 11-07-1860 e 1206, de 09-03-1880, desmembrado do município de Mirador. Reinstalada em 18-11-1880 (BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cidades: Pastos Bons. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/pastos-bons/historico>>. Acesso em: 10. Jun. 2020).

Outro marco comprobatório do isolamento dessa região foi a fundação de São Pedro de Alcântara em 1810 (atual cidade de Carolina), que aconteceu devido à expansão goiana, ou seja, “em 1810, um comerciante de Goiás, Francisco Pinto de Magalhães, erigiu um povoado na margem direita do Tocantins entre os rios Farinha e Manoel Alves Grande; aí se localizaria mais tarde a cidade maranhense atual de Carolina” (PRADO JÚNIOR, 1994, p. 60).

É pertinente destacar que a fundação das povoações de Grajaú se deu em 1810, pelo navegador e alferes Antônio Francisco dos Reis, e a de Barra do Corda em 1835, pelo cearense tenente Manoel Rodrigues de Melo Uchôa, ambas por orientação do governo da Província do Maranhão. As duas cidades se tornaram palco relevante na história da presença dos capuchinhos lombardos no Maranhão. A primeira tornou-se a sede da Prelazia de São José de Grajaú e, a segunda, apoio e ponto de partida para os missionários desbravarem o alto sertão maranhense.

Finalmente, a fundação da Vila de Santa Teresa em 1852 (atual cidade de Imperatriz), fruto de uma das expedições da frente colonizadora paraense, que de Belém (PA), subindo pelo rio Tocantins, avançou em direção a Pré-Amazônia maranhense, instalando missões religiosas para catequese dos indígenas e, também, estabelecendo fortificações militares e povoamentos.

Assim, segundo Cabral (1992), as características da região fomentaram quatro fluxos migratórios de colonos, que acompanhados de suas famílias se dirigiram à região e avançaram cada vez mais para o sul e oeste do Maranhão até chegarem às proximidades do rio Tocantins. Ocuparam um vasto território que se localiza entre à margem esquerda do médio e alto rio Parnaíba, à margem direita do médio rio Tocantins e às regiões superiores margeadas pelos rios Mearim, Grajaú e Pindaré, onde se fixaram formando grandes fazendas de criação, combinadas com lavouras.

Os quatro fluxos migratórios para o alto sertão maranhense foram: do litoral do Maranhão, partindo de São Luís; da Bahia e de Pernambuco, de onde vieram os pecuaristas nos rastros do gado, depois, os agricultores em busca de terra para a produção agrícola; da região Sudeste e Centro-Oeste do Brasil vieram os mineiros (bandeirantes, garimpeiros, mineradores) atrás de ouro; e, do norte, de Belém do Pará, vieram os religiosos com as forças militares em busca de almas para o céu e de mão de obra indígena, que já vinha sendo utilizada desde os tempos dos jesuítas nas coletas das drogas do sertão<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> “Inúmeros produtos de origem vegetal integram esta denominação, entre eles, sementes e plantas exóticas, tais como: cacau, gengibre, algodão silvestre e óleo de copaíba, cravo, baunilha. As drogas aparecem mencionadas

Foi nessa região onde frei Aristides exerceu a maior parte do seu apostolado sacerdotal, primeiramente na Prelazia de São José de Grajaú<sup>29</sup> e, depois, Prelazia de Nossa Senhora da Conceição de Carolina. Portanto, a opção de frei Aristides por Montes Altos foi consciente, pois a região lhe era bastante conhecida.

As migrações formaram as bases do povoamento do que conhecemos como ocupação tradicional da região do alto sertão maranhense. E a chegada dos pecuaristas é, de fato, a primeira marca da civilização cristianizada em Montes Altos, onde encontraram condições básicas para formarem seus patrimônios. Pastos nativos recortados por uma rica hidrografia tornaram-se alvos para as formações de grandes fazendas, onde os migrantes apropriando-se do território marcaram seus domínios.

Esse extenso território tornou-se meio de produção e de base da economia do município de Montes Altos, que, historicamente, revelou sua aptidão para a produção agropecuária, marcando no âmbito regional sua força produtiva. Desde o início de seu povoamento essa localidade vem sequenciando as sucessões hereditárias de geração em geração pelo domínio de propriedades, com poucas exceções por compra e venda.

O processo criatório do sertão foi menos brutal que a escravidão da produção açucareira do litoral e da produção algodoeira no Maranhão, devido ao grau de exploração da mão de obra dos vaqueiros e agregados. Eram famílias inteiras que viviam nas terras dos fazendeiros e que se tornavam serviçais nos trabalhos domésticos, cuidando de pequenas lavouras na condição de rendeiros. O aceite por morar em determinada área da fazenda era pago com parte do que produziam. Assim, com o tempo promissor e uma ação comedida nos gastos, alguns vaqueiros compravam um quinhão de terra e adquiriam sua autonomia.

Essas formas de relações produtivas completavam o quadro socioeconômico regional, no qual o fazendeiro determinava as relações políticas, econômicas, sociais e religiosas num sistema de manutenção do *status quo* na estrutura de poder.

Esboçou-se, a partir de então, um sistema oligárquico menos rígido que o do litoral, mas que mantinha a tradição da propriedade da terra como a base do processo produtivo e do controle político para manutenção do poder. Também, a intenção apropriativa dos colonos em relação a terra fez com que os conflitos com os povos indígenas fossem inevitáveis.

---

em panfletos que apelavam à colonização do Maranhão e Pará como forma de apelo à fixação e enriquecimento dos novos colonos” (DOMINGUES, 1994, p. 271).

<sup>29</sup> “ A prelatura territorial ou a abadia territorial é uma porção do povo de Deus, circunscrita territorialmente, cujo cuidado pastoral, em virtude de circunstâncias especiais, é cometido a um Prelado ou Abade, que a governa como seu pastor próprio, à maneira de Bispo diocesano” (CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, 1983. **Código de Direito Canônico**, Cân. 370).

Cabral (1992) relata que a partir da metade do século XVIII, com a transformação da economia maranhense, a mão de obra indígena foi substituída pela escrava africana, no que diz respeito à exploração da terra. O abuso do trabalho indígena foi ainda mais cruel, repelindo-os para lugares distantes e desalojando-os de seus territórios. A partir do

decênio de 1840, e durante todo período do Segundo Reinado, época de desarticulação do sistema escravista, as condições político-econômicas maranhenses, então surgidas, levaram a novas práticas em relação ao índio, desaparecendo, em grande parte, a ação dos destacamentos. Nessa época, as condições estavam a exigir a solução de duas necessidades básicas: a incorporação de novas terras, demandadas não apenas pela exploração dos produtos tradicionais, mas pelo cultivo do novo gênero: a cana, e a necessidade de mão de obra. No campo político distinguia-se nessa fase a grande preocupação dos senhores fazendeiros em consolidar o seu poder, impondo seus interesses e seus valores a toda sociedade maranhense. Para satisfazer a necessidade de ocupação de novas terras, foram desalojadas inúmeras tribos indígenas, localizadas na bacia do Pindaré, Mearim e Grajaú (CABRAL, 1992, p.123).

Em meio aos conflitos e às dificuldades impostas pelo ambiente natural e cultural, os humanos se misturaram e esboçaram uma história local com a participação de todos. As influências múltiplas das variáveis culturais são recriadas nas adaptações das práticas sociais coletivas.

Os fazendeiros, por sua vez, como proprietários diretos dos meios de produção para a concretização de seus projetos e sonhos foram impondo seus interesses sobre os não proprietários e, assim, delineando suas prioridades econômicas, sobrepondo sua língua, sua religião, suas tradições festivas e organização política utilizaram-se no decorrer dos tempos desse espaço como um meio de chegar, pela força, ao poder.

Concepção, essa, provavelmente arraigada na forma como a história política tem sido retratada por um Estado que faz uso do seu domínio para conquista e/ou conservação de uma política que se organiza e se estrutura em função dele mesmo. Configurou-se na mente de muitos que a política é coisa de político, daqueles que pretendem candidatar-se a um cargo eletivo e que estão vinculados a um partido político. Ideia restritiva, mas que de todo não é equivocada, pois é a expressão observada e vivenciada na vida de qualquer cidadão (RÉMOND, 2003).

Essa realidade nos remete a pensar no que diz Galbraith (1999), quanto à possibilidade de imposição da vontade de quem exerce o poder, mediante o uso da força sobre o comportamento dos comandados e em benefício próprio. Isso conduz, inevitavelmente à corrupção, à violência e ao enriquecimento ocultos por detrás de serviços à comunidade.

Prática essa, repudiada por frei Aristides no período em que exerceu seu múnus sacerdotal em Montes Altos. Contudo, mesmo com alternância de governantes, em que frei Aristides participou ativamente, ainda é prática comum as relações de conquista ou de conservação do poder no estado do Maranhão e, Montes Altos, não foge à regra.

Poder exercido não somente pelo Estado, pois ao retomar à história da Igreja Católica no final do século XIX, nota-se o início do processo de centralização da Igreja na figura do papa, em que se estabeleceu um programa de reformas estruturais que implicou em mudanças na Igreja Católica no Brasil.

Como o Brasil contava com quantitativo de clero insuficiente para implantar um programa de conversão das almas dos povos aqui residentes, foi preciso admitir missionários religiosos estrangeiros que pudessem, no exercício de seu múnus sacerdotal, influir no imaginário coletivo para o alcance do plano de realizações da Igreja (MARIN, 2001).

É nesse contexto que os capuchinhos italianos chegaram e fundaram a Missão do Maranhão, com o intuito de trabalhar com os povos indígenas, de maneira particular, com os Guajajara e os Timbira e, concomitantemente, atender ao epíscopo Dom Antônio de Alvarenga (1878-1898) diante da necessidade de pôr em prática as reformas romanizadoras junto ao clero local, auxiliando os párocos no alto sertão maranhense.

Rememoramos que a presença de missionários franciscanos no Maranhão ocorreu antes mesmo da fundação de São Luís (1612) e que outras Ordens religiosas também se estabeleceram na região, como a dos mercedários e carmelitas. Contudo, as duas que se tornaram as mais conhecidas foram a dos capuchinhos e a dos jesuítas.

Entre as organizações missionárias existiu uma disputa pelo domínio do território missionário e de indígenas. Para Arno Wehling e Maria José Wehling (2012, p. 139), “os maiores obstáculos às missões não foram os indígenas, mas os colonos e as próprias Ordens, na tentativa de manter o controle dos indígenas e por meio da evangelização torná-los mão de obra barata para atender o desenvolvimento econômico de cada região”.

Assim, de maneira explícita ou implícita, ocorreu que os religiosos tomaram partido político, uma vez que para manter o domínio havia a necessidade de recorrer às autoridades do governo em nível estadual ou aliar-se aos representantes políticos municipais. O Estado, por sua vez, não colocou empecilho, pois os religiosos em nome das missões assumiram ações assistencialistas, ao mesmo tempo em que defenderam os interesses estatais, substituindo e minimizando a responsabilidade social do Estado.

Pela necessidade de atuação pastoral mais próxima das populações, fez-se necessária a delimitação de um espaço geográfico reduzido. Assim, em 10 de fevereiro de 1922, o Papa

Pio XI (1922-1939) fez publicar a bula *Rationi Congruit*<sup>30</sup> elevando a Diocese de São Luís do Maranhão para Arquidiocese Metropolitana de São Luís do Maranhão, sede da Província Eclesiástica. A mesma bula erigiu a Prelazia de São José de Grajaú, sediada na cidade homônima e constituída com as Paróquias de Santa Cruz da Barra do Corda, São Pedro de Alcântara de Carolina, Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú, Santa Teresa d'Ávila de Imperatriz e Porto Franco, e São Francisco Xavier de Turiaçu.

A Prelazia de São José de Grajaú foi desmembrada da Arquidiocese de São Luís e foi confiada à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos da Província de São Carlos. Esta, por sua vez, designou frei Roberto Júlio Colombo (1870-1927) para Administrador Apostólico. Frei Roberto Colombo há vinte cinco anos residia no Brasil e há seis era Superior Regular da Missão do Maranhão. Dessa forma, frei Roberto Júlio Colombo (1870-1927) geriu, simultaneamente, a Missão do Maranhão e a Prelazia de São José de Grajaú entre 1922 e 1927.

No entanto, a missão continuou ingente, pois a imensidão do território sob jurisdição da Prelazia de São José de Grajaú; as longas distâncias da sede para as paróquias; a inexistência de estradas, implicando em locomoção por trilhas; as dificuldades de comunicação; clero insuficiente para atender toda a população dispersa; mais as despesas sempre superiores às receitas foram, mais uma vez, razões que motivaram a proposição de criação de uma nova jurisdição eclesiástica desmembrada da Prelazia de São José de Grajaú.

Assim, com a publicação da bula *Ad Maius Christi fidelium*<sup>31</sup> do papa Pio XII (1939-1958), a Prelazia de Pinheiro foi criada em 22 de julho de 1939, desmembrada da de São José de Grajaú, compreendendo os municípios de Pinheiro, Alcântara, Cururupu, Turiaçu, Carutapera e Guimarães, confiada aos missionários do Sagrado Coração de Jesus.

Os missionários capuchinhos receberam a notícia com alegria e satisfação, pois, a partir de então, a ação pastoral missionária poderia tornar-se mais homogênea, compacta e duradoura. Também, eles sentiram acesa a esperança de uma evangelização mais intensa, uma vez que tinham sua área de atuação restringida às Paróquias de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú, de Santa Cruz da Barra do Corda, de São Pedro de Alcântara de Carolina e de Santa Teresa d'Ávila de Imperatriz e Porto Franco. Ressaltamos que a área geográfica do atual município de Montes Altos pertencia, civil e religiosamente à Imperatriz.

---

<sup>30</sup> Acta Apostolicae Sedis, 1922, p. 331ss. Disponível em: < <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-14-1922-ocr.pdf> >. Acesso em: 22.jun.2020.

<sup>31</sup> Diocese de Pinheiro. **The Hierarchy of the Catholic Church**: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: < <http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dpinh.html> >. Acesso em: 21.dez.2020.

Na terceira década do século XX, a Prelazia de São José de Grajaú imprimiu um programa de progressivo aumento do quantitativo de paróquias. Frutos desse programa foi a criação das paróquias de Curador (hoje Presidente Dutra), Porto Franco, Esperantinópolis e Amarante do Maranhão. Implantou, ainda, nas paróquias de Barra do Corda, Grajaú e Imperatriz, escolas para o ensino primário e ginásial. Também criou vários núcleos de obras assistenciais e intensificou a assistência domiciliar, principalmente para os enfermos.

Devido à progressiva ampliação do quantitativo de paróquias, ao aumento da população; à crescente demanda por assistência religiosa domiciliar e à necessidade de mais padres para uma ação evangelizadora mais efetiva, tornou-se imprescindível a criação de outra jurisdição eclesiástica desmembrada da Prelazia de São José de Grajaú.

Realizados os procedimentos regulamentares em 14 de janeiro de 1958, pela bula *Qui aequae ac S. Petrus*<sup>32</sup> do papa Pio XII (1939-1958), foi criada a Prelazia de Carolina, desmembrada de Grajaú e, também, confiada aos capuchinhos lombardos. A nova prelazia foi constituída das paróquias dos municípios de Amarante do Maranhão (Sagrado Coração de Jesus), Imperatriz (Santa Teresa d'Ávila), Montes Altos (Santa Ana), Porto Franco (Nossa Senhora da Imaculada Conceição), Presidente Vargas (atual município de Estreito – Paróquia de São Sebastião) e Carolina (São Pedro de Alcântara). Foi nomeado prelado o bispo Dom Cesário Alexandre Minali, OFM Cap (9 Abr. 1958 - 13 jun. 1969)<sup>33</sup>. A Paróquia de Santa Ana de Montes Altos havia sido criada em 1957, desmembrada de Santa Teresa d'Ávila de Imperatriz.

Acrescentamos que, em 16 de outubro de 1979, a Prelazia de Carolina foi elevada à categoria de Diocese<sup>34</sup>. Enquanto a Prelazia de São José de Grajaú somente em 04 de agosto de 1981 é que foi elevada à Diocese pela bula *Castellum Tratoports*<sup>35</sup> do Papa João Paulo II (1920-2005).

Por último, na região oeste do Maranhão foi erigida a Diocese de Imperatriz em 27 de junho de 1987, desmembrada da Diocese de Carolina pela bula *Quae maiori Christifidelium spirituali bono*<sup>36</sup> do Papa João Paulo II (1920-2005), tendo sob jurisdição eclesiástica os

---

<sup>32</sup> Acta Apostolicae Sedis, 1958, p. 615 ss. Disponível em: < <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-50-1958-ocr.pdf>>. Acesso em: 22.dez.2020.

<sup>33</sup> Diocese de Carolina. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: <http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dcrln.html>. Acesso em: 22.dez.2020.

<sup>34</sup> Acta Apostolicae Sedis, 1979, p. 1.504 ss. Disponível em: < <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-71-1979-ocr.pdf>>. Acesso em: 22.dez.2020.

<sup>35</sup> Diocese de Grajaú. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: < <http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dgraj.html>>. Acesso em: 22.dez.2020.

<sup>36</sup> Acta Apostolicae Sedis, 1987, p. 1.262 ss. Disponível em: < <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-79-1987-ocr.pdf>>. Acesso em: 22.dez.2020.

municípios de Imperatriz, Amarante do Maranhão, Açailândia e João Lisboa. A Paróquia de Santa Ana de Montes Altos, cujo pároco era frei Aristides, permaneceu integrada à Diocese de Carolina.

Os frades capuchinhos lombardos, entre eles frei Aristides, vivenciaram suas práticas pastorais na construção de expressões de fé<sup>37</sup> do povo católico, propagando devoções e produções textuais de exercício do múnus sacerdotal no Maranhão. Suas ações produziram um amplo legado de memórias, as quais reafirmaram um catolicismo local, originário da história da Igreja Católica, cujo fundamento primário era conservar a fé e a Tradição. Os Frades Menores<sup>38</sup> Capuchinhos traziam consigo um discurso que culminava num esforço de romanização, isto é, de fortalecimento e monopólio jurisdicional da Igreja de Roma sobre as Igrejas particulares<sup>39</sup>.

Da vivência com indígenas em Barra do Corda, frei Aristides escreveu um livro publicado em 1961, intitulado: *Danze Sacre Nella Steppa*<sup>40</sup>. Nele, relatou suas experiências nas aldeias e interpretações quanto aos costumes do povo Canela. Quanto ao tempo em que esteve em Juazeiro do Norte no estado do Ceará, referiu-se a este como um período fecundo, em que pôde se dedicar à pregação de missões populares e a realização de retiros com o clero, seminaristas e religiosos (BELTRAMI, 1995).

A criação da Custódia Geral do Ceará e Piauí, desmembrada da Custódia do Maranhão e Pará, reacendeu em frei Aristides a vocação missionária e o desejo de estar entre os indígenas novamente, desta vez, com o povo Krikati e Guajajara do sertão maranhense, na paróquia de Santa Ana de Montes Altos, pertencente à Prelazia de Carolina, para onde foi enviado no ano de 1962. Ao chegar, se deparou com uma paróquia recém-criada, pobre, sem estrutura física, com um templo em fase de construção, que nas primeiras chuvas torrenciais veio abaixo e desceu com a enxurrada.

---

<sup>37</sup> Expressões de fé se referem às diferentes experiências religiosas, ao modo como as pessoas vivem, se expressam e agem dentro da religião que professam, considerando-se tanto a linguagem, como também, os símbolos e ritos religiosos constituintes da história daquela religião (RIBEIRO, 2018).

<sup>38</sup> A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCap) inscreve-se no movimento reformador da Ordem Franciscana surgido a partir de 1525, liderado por frades observantes que começaram a propagar a necessidade de se retornar às origens rigorosas do estilo da Regra de São Francisco de Assis.

<sup>39</sup> Segundo a LG [Lumem Gentium] 23 e 27, a Igreja particular é uma comunidade episcopal, isto é, guiada pelo bispo e seu presbitério. O Código de Direito Canônico, recebendo o Concílio, (cân. 369) afirma: “A diocese é uma porção do povo de Deus confiada ao pastoreio do bispo com a cooperação do presbitério, de modo tal que, unindo-se ela a seu pastor e, pelo Evangelho e pela eucaristia, reunida por ele no Espírito Santo, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica”.

<sup>40</sup> ARIOLI, Frei Aristide O.F.M. Cap. (de Melegnano). **Danze sacre nella steppa**: nostre missioni. Itália: Missioni estere cappuccini, 1961.

Frei Aristides não se sentiu desanimado, mostrando-se ser um homem de visão alargada. Em uma paróquia inexpressiva, cravada no alto sertão maranhense, pensando no futuro da Igreja, assumiu a tarefa de edificar uma Igreja, não somente com estruturas físicas: um templo, uma casa paroquial, um hospital, um clube paroquial para eventos sociais, objetivando a promoção de lazer para aquela população geograficamente isolada, mas, também, com fiéis conscientes de sua função religiosa, social e política.

Por último, para se somar às demais ações comemorativas do centenário da presença missionária capuchinha no Maranhão e, também, em comemoração aos seus quase 33 anos de permanência em Montes Altos, complementando o conjunto de edificações, foi construída, em pleno sertão maranhense, a imponente Torre de Montes Altos (uma réplica da Torre de Pisa italiana). Durante sua permanência na Paróquia de Santa Ana de Montes Altos frei Aristides fundou o Instituto das Missionárias Voluntárias Seculares, publicou em 1966 o livro: *La Foresta Chiama*<sup>41</sup> e, em 1993, uma obra que traz como título: *b: estação missionária de Montes Altos*<sup>42</sup>.

Quanto aos subsídios teóricos, consideramos serem poucas as obras que tratam da atuação dos capuchinhos no Maranhão e, mais especificamente, na região centro-sul do estado. Contudo, contamos com fonte documental do acervo depositado no arquivo da Ordem no Convento de Nossa Senhora do Carmo, em São Luís, que reúne parte da historiografia da congregação, englobando o período de 1893 até o presente momento. Ali, encontramos livros de tomo, cartas da Ordem e documentos produzidos pelo próprio frei Aristides. Essa documentação nos possibilitou acessar informações sobre a vinda dos frades para a região, inclusive a do próprio frei Aristides.

Para examinar fragmentos da história de frei Aristides, com o propósito de conhecer sua trajetória e seus rastros no Brasil, mais especificamente em Montes Altos no período de 1962 a 1995, apoiamo-nos em documentos depositados no acervo do Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará (Fotografia 2), no Convento do Carmo em São Luís, Maranhão, aonde chegavam e de onde partiam os missionários para toda a região que compreendia a área de atuação da Missão Capuchinha do Norte e Nordeste do Brasil, também conhecida por Missão do Maranhão, confiada aos missionários lombardos.

---

<sup>41</sup> ARIOLI, Frei Aristides O.F.M. Cap. (de Melegnano). **LA FORESTA CHIAMA**: uomini primitivi. Missione Indígena Montes Altos Brasile. Itália: Copertina Flessibile, 1966.

<sup>42</sup> ARIOLI, Frei Aristides O.F.M. Capp. **Livro de tomo**: estação missionária de Montes Altos. Montes Altos-MA: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 1993.

**Fotografia 2: Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís/MA**



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

Esta foto registrou nosso primeiro contato com o arquivo no Convento do Carmo, o que nos forneceu um panorama da organização do arquivo. Fomos recebidos pela, então, doutoranda Maria Goretti Cavalcante de Carvalho, que há alguns anos já pesquisava nesse acervo. A princípio, nossa cicerone nos introduziu na organização física dos documentos e administrativa dos frades. Nos apresentou um encadernado com brochura (catálogo) com a relação de todos os documentos já classificados e organizados nas estantes. Depois, com o catálogo em mãos, nos conduziu na localização do documento desejado e sua respectiva disposição nas estantes. Informou-nos de que alguns documentos chegados recentemente ainda não haviam sido catalogados, por isso encontravam-se em pastas, dentro de gavetas de arquivos de aço, com a classificação de confidenciais. Era o caso da documentação do frei Aristides. Neste caso, de forma excepcional, foi-nos concedida a permissão para acessar os referidos documentos.

Segundo Maria Goretti Cavalcanti de Carvalho (2017, p.46), a compilação foi organizada por arquivistas da Província de Milão: “Fr. Seráfico Lorenzi da Gorlango e Fr. Xavier Saveiro Monga de Milão, de 27 de julho de 1989 a 22 de janeiro de 1990”. Observamos que as Estantes recebem uma classificação com uma letra do nosso alfabeto brasileiro, grafada em maiúsculo: A – B – C, assim por diante. Quanto às Filas das estantes, cada uma recebe uma letra do Algarismo Romano: I – II – III – IV – V. Aos documentos, quando se trata de livros (geralmente de tombo) são atribuídos números arábicos: 1 – 2 – 3 – 4. Se forem pastas (geralmente um classificador com correspondências), cada documento que estiver dentro delas recebe uma letra do nosso Alfabeto Brasileiro, grafada em minúsculo: a – b – c – d e assim segue (Figura 1).

**Figura 1: Selo de identificação de documento catalogado e depositado no Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará**



Fonte: Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo, São Luís-MA.

Pesquisamos, também, documentos na secretaria da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos. Ratificamos que as fontes, bibliográfica ou documental, aqui mencionadas, nem sempre foram suficientes e tornaram-se o berçário de perguntas que se levantaram ao invés de respostas aos questionamentos que tínhamos inicialmente.

Notamos que cada cronista nem sempre se preocupou em deixar registrados os fatos na íntegra. Pareceu-nos que se pensava em primeiro plano no atendimento da norma. Percebemos, ainda, a descontinuidade nas narrativas manifestada na forma da letra e, também, na cor da tinta da escrita. Concluímos que foram diversas mãos a construir aqueles registros. Portanto, o que cada um assentou sucintamente na folha revelou o que mereceu fazer parte de suas anotações, a partir do seu olhar.

O arquivo no qual buscamos fragmentos da história de frei Aristide, a partir de uma visão contextualizada, tem sido como “brechas no tecido dos dias” (FARGE, 2009, p.14). A fonte escrita, nesse aspecto, nos deu elementos para nos situarmos no tempo. E, especificamente ao utilizarmos como marco temporal meados do século XIX e o fim do século XX, consideramos ser este estudo uma história do tempo presente, pois traz para discussão as nuances dos acontecimentos não tão distantes.

Como enfatiza Ilma Maria Oliveira Silva: “as pesquisas do tempo presente permitem uma mobilidade em sua fronteira temporal, já que em tempos futuros, eles deixarão de ser presente para ser o tempo passado, ainda que seus objetos façam parte de um tempo recente” (2018, p. 32).

Nesse contexto temporal, o acervo no arquivo da Ordem, no convento de Nossa Senhora do Carmo, nos oportunizou capturar fragmentos de história no tempo, como destaca Arlette Farge (2009, p.14): “Após a capturação, só mais tarde separam-se os temas, formulam-se interpretações. Isso toma muito tempo e às vezes faz mal ao ombro, provocando estiramento no pescoço, mas ajuda a descobrir o sentido”.

Ainda, no que se trata da metodologia, para analisarmos as relações sociais estabelecidas por frei Aristides com a comunidade de Montes Altos, utilizamos Carlo Ginzburg (2007), como referência, pois para ele o historiador precisa seguir os rastros deixados pelo pesquisado, e, o nome, é um importante guia. O autor compara um historiador a um caçador. Este se utiliza de pistas deixadas pelo animal para encontrar sua presa. Jacques Revel (1998) também referencia o nome como uma bússola, um elemento importante e revelador, uma vez que o individual não deve ser contraditório ao social.

Quanto à Ordem dos Franciscanos, apoiamo-nos na obra de Louis Châtellier, “*A Religião dos Pobres: as missões rurais na Europa e a formação do catolicismo moderno*

(XVI-XVII)<sup>43</sup>, a qual discorre sobre as normas, objetivos e métodos da missão moderna enquanto elaboração de Inácio de Loyola, anteriores ao Concílio de Trento.

Também em Mariana Lacerda, “*Um santo chamado Francisco*”<sup>44</sup>, com uma narrativa que aborda mudanças acontecidas na cidade de Assis, na Itália, na época de Francisco, com a introdução de novas culturas no campo, a manufatura iniciando seu processo de desenvolvimento e o comércio ensaiando seus primeiros passos.

Natália Marinho Ferreira-Alves, com a obra “*Os franciscanos no mundo português. Artistas e Obras*”<sup>45</sup>, apresenta uma coletânea de comunicações apresentada no III Seminário Internacional Luso-Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em 2008, que nos guia na narrativa sobre a presença dos franciscanos em solo brasileiro desde a chegada de Pedro Álvares Cabral.

Essas obras nos permitiram discorrer a origem e, também, as reformas ocorridas na Ordem Franciscana, de forma a visualizar as estruturas que foram sendo edificadas para que a missão pudesse ser realizada. A Igreja não dispunha de párocos suficientes para promover assistência e atender às demandas de populações, que viviam distantes das sedes das paróquias.

Então, como estratégia pensada e implantada, realizavam-se missões itinerantes ou desobrigas, em que os frades se deslocavam de um lugar para outro, sertão adentro, uma vez a cada ano, com roteiros de visitas nas aldeias e comunidades. Ocasão em que se praticava a catequese, para depois rezar a missa, além de ministrar os sacramentos. Na viagem, “[...] permaneciam o tempo necessário para que procedesse à conversão” (THOMAS, 1982, p. 62).

Amparamo-nos, ainda, em Dom Filipe Condurú Pacheco, “*História eclesiástica do Maranhão*”<sup>46</sup>. Esta obra nos conduziu numa contextualização sócio-político-religiosa do Maranhão, refletindo sobre a atuação da Igreja local e a necessidade de permitir a presença das Ordens, dentre elas a dos capuchinhos lombardos, para realizar a missão evangelizadora

---

<sup>43</sup> CHÂTELLIER, Louis. **A Religião dos Pobres: as missões rurais na Europa e a formação do catolicismo moderno (XVI-XVII)**. Ed. Estampa, 1995.

<sup>44</sup> LACERDA, Mariana. **Um santo chamado Francisco**. Revista das religiões: o mundo da fé. São Paulo, nº 14, p. 22-29, ano: jan 2004.

<sup>45</sup> FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. **Os franciscanos no mundo português. Artistas e Obras**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE), 2009. Disponível em: <file:///D:/Os%20Franciscanos%20no%20Mundo%20Portugu%C3%AAs.%20Artistas%20e%20Obras.pdf>. Acesso em: 10.jun.2020.

<sup>46</sup> PACHECO, Dom Filipe Condurú. **História eclesiástica do Maranhão**. Maranhão: S.E.N.E.C. Departamento de Cultura, 1968.

que é própria da Igreja. Nesse contexto, consultamos, também, frei Metódio de Nembro, com sua obra “*São José de Grajaú: primeira Prelazia do Maranhão*”<sup>47</sup>.

Também nos subsidiou a obra publicada pela ocasião das comemorações dos cem anos da presença capuchinha no Maranhão, “*Eles saíram para semear: 1º centenário da presença dos Capuchinhos Lombardos no Norte e Nordeste do Brasil – 1893-1993*”<sup>48</sup>, como, ainda, frei Rogério Beltrami, “*Acordando palavras dormidas*”<sup>49</sup>. São obras que nos permitiram um aprofundamento das ações missionárias dos capuchinhos no Maranhão. Estes, embora em pequeno número de frades, mesmo tendo assumido paróquias, percorreram grandes distâncias, a partir das sedes paroquiais, encontrando nas missões itinerantes uma alternativa para a ação pastoral. E, ainda, nas ações coordenadas de mutirões edificaram obras como capelas, cemitérios, hospitais, escolas e salões para realização de eventos sociais e, assim, promoveram mudanças significativas nas comunidades locais.

Frei Carlos Albino Zagonel, “*Capuchinhos no Brasil*”<sup>50</sup>, nos subsidiou na reflexão de que, por meio das missões, os frades ultrapassaram o campo religioso para atuarem no campo civil. Ressaltamos a necessidade de analisarmos obras de autores da Ordem dos capuchinhos com um olhar atento, pois tendem ao enaltecimento de si pela contribuição espiritual e material propiciada durante as missões e as itinerâncias.

Outros autores enveredaram pelo mesmo caminho, discorrendo acerca de uma atuação capuchinha com ações numa perspectiva de satisfazer os interesses da Igreja Católica. Nesse contexto, apoiamo-nos na obra de João Paulo Freire Dias, “*Frei Caetano de San Léo e o Sermão sobre o Inferno (1895-1912)*”<sup>51</sup>, que nos apresenta um discurso capuchinho numa perspectiva de satisfazer os interesses da Igreja, tendo, por meta, a conversão do pecador.

Ainda, a obra de Cristina Ferreira Santos de Souza, “*Piedade e Reforma Católica na Bahia: a atuação dos Frades Menores Capuchinhos (1889-1924)*”<sup>52</sup>, na qual apresenta uma ação da Igreja em processo de reforma, cuja implementação necessita do auxílio de algumas Ordens para a divulgação da doutrina, dentre as quais, a Ordem dos capuchinhos. Também, Cândido da Costa e Silva, em “*Roteiro da Vida e da Morte: um estudo do catolicismo no*

---

<sup>47</sup> NEMBRO, Metódio de, O.F.M. Cap. **São José de Grajaú: primeira Prelazia do Maranhão**. Fortaleza, CE: Edições “A Voz de São Francisco”, 1955.

<sup>48</sup> FRADES CAPUCHINHOS. **Eles saíram para semear: 1º centenário da presença dos Capuchinhos Lombardos no Norte e Nordeste do Brasil – 1893-1993**. São Luís: Velar spa, 1999.

<sup>49</sup> BELTRAMI, Rogério (Frei). **Acordando palavras dormidas**. São Luís: SIOGE, 1994.

<sup>50</sup> ZAGONEL, Frei Carlos Albino. **Capuchinhos no Brasil**. Porto Alegre: Suliani Editografia, 2001.

<sup>51</sup> DIAS, João Paulo Freire. **Frei Caetano de San Léo e o Sermão sobre O Inferno (1895-1912)**. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE: UFS, 2005.

<sup>52</sup> SOUZA, Cristina Ferreira Santos de. **Piedade e Reforma Católica na Bahia: a atuação dos Frades Menores Capuchinhos (1889-1924)**. Dissertação de Mestrado (Mestra em História) – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador: BA, 2005.

*sertão da Bahia*”<sup>53</sup>, que discorre sobre uma atuação auxiliar dos capuchinhos aos párocos, contribuindo para a formação cultural da gente sertaneja.

Para analisar as ações dos capuchinhos na região, numa perspectiva política, apoiamonos na obra de Liliane Meneses Monteiro, “*Frei Fidélis e a Política em Ribeirópolis (1947 a 1951)*”<sup>54</sup>. Obra, essa, que nos ajudou a refletir sobre a atuação de um frei que ao proferir seu discurso, em sua paróquia, pôde legitimar um grupo político em detrimento de outros.

Kátia Maria Araújo Souza, em sua obra “*As missões capuchinhas no Baixo São Francisco sergipano, o altar e o trono no período colonial (séculos XVII-XVIII)*”<sup>55</sup>, nos permitiu perceber que a ação missionária apesar de promover a destruição da cultura indígena, também ampliou a compreensão de identidade humana.

Maria Thetis Nunes, por sua vez, com a obra “*Sergipe Colonial II*”<sup>56</sup>, tratou dos conflitos entre indígenas e boiadeiros que almejavam expandir suas pastagens. Neste contexto, Cristina Pompa, ao reescrever a história da América indígena, em sua obra “*Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial*”<sup>57</sup>, revelou-nos um mundo em constante redefinição de identidades, em que indígenas e missionários disputam espaços de poder simbólico.

Percebemos que as missões itinerantes dos missionários capuchinhos ainda são pouco estudadas no Brasil, sendo que a maioria das obras é de frades da própria Ordem. Embora cada uma tenha sua contribuição específica, verificamos que poucas tratam das transformações que os capuchinhos proporcionaram às comunidades onde exerceram seu múnus sacerdotal.

Quanto aos que as evidenciam, destacam que na região centro-sul do Maranhão foram os capuchinhos lombardos que assumiram a missão. Portanto, pessoas letradas com domínio das escrituras e que representavam a Igreja, mas que tiveram de aprender apressadamente a língua portuguesa para o exercício missionário de evangelizar e proclamar a Palavra. Isso, para um público, em sua maioria, de pessoas analfabetas, cuja prática religiosa estava restrita a um catolicismo popular.

---

<sup>53</sup> SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia**. São Paulo: Ática, 1982.

<sup>54</sup> MONTEIRO, Liliane Meneses. **Frei Fidélis e a Política em Ribeirópolis (1947-1951)**. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE: UFS, 2005.

<sup>55</sup> SOUZA, Kátia Maria Araújo. **As missões capuchinhas no Baixo São Francisco sergipano, o altar e o trono no período colonial (séculos XVII-XVIII)**. Dissertação de Mestrado (Mestra em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE: UFS, 2004.

<sup>56</sup> NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFS, 1996.

<sup>57</sup> POMPA, Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

Embora os capuchinhos adotassem uma pedagogia do medo<sup>58</sup>, a maioria das pessoas gostava da sua atuação, considerando-os santos missionários, vivenciando uma relação de veneração e medo. Para analisarmos essa relação, utilizamos Peter Burke com a obra “*Cultura Popular na Idade Moderna*”<sup>59</sup>. Burke nos conduziu a uma análise de relações estabelecidas entre artesãos e camponeses, cuja maioria não sabia ler ou escrever, e os frades inquisidores letrados, essencial para compreensão da cultura popular do período. Igualmente os franciscanos foram mediadores na Europa, assim foram os capuchinhos no Brasil.

Antecipamos que não é nosso objetivo discutir conceitos de cultura, apenas refleti-la e fazemos isso a partir de Clifford Geertz na obra “*Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*”<sup>60</sup>, a qual nos remete a uma teia de relações construídas pelo próprio homem. Assim, ao estabelecer contato com as comunidades, os capuchinhos iam tecendo um emaranhado de novas relações complexas e que as fontes oficiais nem sempre conseguem revelar. São trocas de experiências e adaptações que vão conduzindo por vias de mão dupla.

O indivíduo insere-se num contexto coletivo, por isso é um ser social que direta ou indiretamente toma parte nos acontecimentos. Nessa perspectiva, embasamo-nos em Michael Pollak, “*Memória, Esquecimento, Silêncio*”<sup>61</sup>, ao afirmar que “a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa” (1992, p.206). Maurice Halbwachs cuja obra “*A memória coletivo*”<sup>62</sup> (1990) corrobora com esse pensamento quando enfatiza que as lembranças do eu dependem da coletividade e que são os valores sociais que condicionam a memória individual. De igual modo, Ecléa Bosi, “*Memória e Sociedade: lembrança de velhos*”<sup>63</sup>, ao afirmar que as lembranças, particularmente as da infância, não têm caráter unicamente pessoal, mas familiar, grupal e social.

Estudar frei Aristides, nessa tessitura, nos proporciona conhecermos melhor o universo cultural do capuchinho em relação ao homem e à mulher montesaltense. Cidadãos comuns,

---

<sup>58</sup> Pedagogia do medo refere-se a uma prática pedagógica com ênfase na culpa e no pecado, cujo sofrimento terreno se faz necessário para a redenção da alma. Dessa forma, o discurso centra-se no temor da morte e do inferno e, ainda, na exaltação dos santos enquanto referencial de vida irrepreensível do ponto de vista moral, como meio de chegar ao céu. Essa pedagogia do medo foi utilizada de muitas formas, como ajuda para cooptar fiéis. Para mais informações, veja: MAJOURET, Jean-Luc. **A morte – obsessão unipresente**. In.: Revista História Viva, ano IV, nº 38, p. 38-41. Dezembro/2006. São Paulo, 2006. Ou, BEAUNE, Colette. **Os Lobos: Cidades Ameaçadas**. In.: Revista História Viva, ano IV, nº 38. Dezembro/2006. São Paulo, 2006. Também: YERDON, Jean. **A noite**. In: Revista História Viva, ano IV, nº. Dezembro/2006. São Paulo, 2006.

<sup>59</sup> BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Tradução de Denise Bottmann. 2.ed. São Paulo: Companhia das Fontes, 1989.

<sup>60</sup> GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

<sup>61</sup> POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Associação de Pesquisa e Documentação Histórica. São Paulo: Vértice, S/D. 1992.

<sup>62</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

<sup>63</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

em uma combinação de múltiplas interações, considerando-se apenas como se davam as trocas, independente de um contexto de dominantes e dominados.

Para compreendermos como a população assistida por frei Aristides agia e participava do seu múnus sacerdotal nos embasamos em Michel de Certeau, “*A Invenção do Quotidiano: artes de fazer*”<sup>64</sup>, que defini o homem ordinário como aquele que inventa o cotidiano e, embora tido por passivo e disciplinado, é capaz de criar astúcias e táticas sutis de resistência que modificam códigos, se apropriam de espaços e os usam de seu jeito.

Na perspectiva de Certeau (2014), consideramos, também, os capuchinhos como homens ordinários, que, vindos de lugar distante, se conformam à realidade local. Ao mesmo tempo, criam astúcias para sobreviver, evangelizando nas mais diferentes comunidades. São atores sociais que vão transformando o dia a dia das pessoas por intermédio de batizados, casamentos, homilias para conversão do pecador ou para a salvação da alma. Agem, ainda, por meio das obras de caridade, com ações que foram além do que a Igreja Católica propunha.

Recorremos, também, aos escritos do próprio pesquisado, frei Aristides, “*Livro de toambo: estação missionária de Montes Altos*”<sup>65</sup>. Consideramos ser essa uma das principais obras, por narrar os registros da trajetória do próprio autor, destacando aspectos relevantes da sua missão. Este livro traz elementos importantes sobre sua trajetória em Montes Altos, especialmente no contexto das transformações sociais e econômicas da região, como, por exemplo, a abertura da BR-010 (Belém/PA-Brasília/DF), da BR-226 (Natal/RN-Paraíso do Tocantins/TO) e da MA-280, que interliga a BR-010 com a BR-226, atravessando o município de Montes Altos e o Território Indígena Krikati.

Obras de infraestrutura rodoviária que propiciaram um aumento de correntes migratórias para a região e, conseqüentemente, promoveram uma expressiva ampliação da população nas cidades e povoados localizados às margens das rodovias, em curto espaço de tempo, produzindo a emancipação de dois municípios: Ribamar Fiquene e Lajeado Novo, desmembrados unicamente de Montes Altos. Fatos que demandaram muito mais assistência religiosa e ação caritativa por parte da Igreja local.

Quanto a sua organização, a tese está apresentada em quatro capítulos. Nesta introdução, abordamos a motivação, o cenário problematizador, o problema da pesquisa, os objetivos, a tese, os interlocutores, a metodologia e o estado da arte.

---

<sup>64</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22.ed. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

<sup>65</sup> ARIOLI, Frei Aristides O.F.M. Cap. **Livro de toambo: estação missionária de Montes Altos**. Montes Altos-MA: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 1993.

No segundo capítulo discorremos sucintamente sobre o surgimento da Ordem dos Franciscanos, a expansão e as divergências internas que deram origem às ramificações da Ordem perceptíveis na atualidade, de modo particular, enfatizamos a dos Frades Menores Capuchinhos.

Nesse capítulo, abordamos, ainda, a chegada dos franciscanos ao Brasil e as protomissões franciscanas para a catequização, conversão e integração de indígenas à sociedade colonial brasileira. A disseminação dos franciscanos pelo Brasil, atingindo inclusive a região do Norte brasileiro. A fixação de raízes franciscanas no Maranhão, de onde avançaram ao Pará e Amazonas.

Descrevemos a movimentação semelhante realizado pelos capuchinhos da Lombardia (região Norte da Itália), liderados por frei Carlos de São Martinho Olearo (1852-1931). Os frades ingressaram em solo brasileiro via Pernambuco, mas, em seguida, migraram para o estado do Maranhão. Este estado serviu de cenário para missões do frei Aristides, onde residiu e exerceu seu múnus sacerdotal por mais de quarenta e dois anos.

Buscamos compreender as movimentações dos freis em suas práticas missionárias, num processo de visibilidade social, em tempos de uniformização de ritos e crenças para salvação das almas. Também procuramos discorrer as estratégias utilizadas pelos frades, que, embora de origem europeia, souberam utilizar-se de articulações voltadas para o estabelecimento de relações institucionais da Igreja Católica com os povos aqui residentes e com os poderes constituídos.

Partimos do pressuposto de que a essência das missões era atualizar a mensagem de Jesus Cristo. E que a Igreja Católica, por intermédio desses missionários, tinha por objetivo disseminar o catolicismo romano no alto sertão maranhense. Nosso propósito esteve direcionado a uma narrativa das ações missionárias capuchinhas, no exercício do apostolado em colaboração com a Igreja do Brasil, objetivando estruturar a Igreja do Maranhão. Nosso foco foi contextualizar os espaços onde frei Aristides exerceu seu múnus apostólico sacerdotal.

No capítulo terceiro focamos frei Aristides no desenvolvimento do seu itinerário missionário na Custódia Provincial do Maranhão e Pará, em ação pastoral de conservação, na qual o sacerdote torna-se uma figura sedentária, burocrata, funcionário da instituição, em busca de segurança material ou títulos honoríficos. Mais especificamente, analisamos a missão na presidência de missas em seus deslocamentos nas comunidades que frequentava. Focamos mais detalhadamente as paróquias as quais frei Aristide fixou residência.

Abarcamos o desenvolvimento do seu itinerário pastoral desde sua chegada ao Brasil, iniciando por São Luís do Maranhão, onde esteve por um período de adaptação, passando pela Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda (MA), onde foi vigário cooperador de dezembro de 1952 a dezembro de 1956; depois Porto Franco, Abaetetuba e Juazeiro do Norte. Por último, a Estação Missionária de Montes Altos.

No quarto capítulo detalhamos a trajetória e os rastros do frei Aristides na Estação Missionária de Montes Altos, onde residiu por mais tempo, de 18 de março de 1962 a 8 de agosto de 1995. Analisamos como a implementação de ações pastorais de conversão reverberaram na Paróquia de Santa Ana de Montes Altos, por meio da atuação religiosa e política de frei Aristides, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social, bem como, para formação da fé cristã da gente do município de Montes Altos.

Concomitantemente, analisamos como a população montesaltense assistida por frei Aristides agia e participava do seu múnus sacerdotal. E mais, como frei Aristides contribuiu com o povo Krikati no acesso à saúde, à educação escolar e a terra e como os indígenas memorizam a sua atuação.

Em nossas considerações finais, muitas outras possibilidades se desvelaram enquanto pauta para futuras investigações. Não tivemos e nem temos a pretensão de esgotá-las com esta Tese, pois temos a consciência de que várias temáticas emergiram paralelamente à principal e que merecem estudos mais aprofundados.

## 2 ORDEM FRANCISCANA: tradições em uma igreja missionária

Neste capítulo, abordamos elementos importantes do surgimento da Ordem dos franciscanos, inscrita na efervescência dos movimentos mendicantes iniciados na Europa medieval, tendo por âncora seu fundador, Francisco de Assis. Discorreremos, ainda, acerca da expansão da Ordem Franciscana e sua implantação em solos brasileiros, mais especificamente a criação da Missão do Maranhão.

A Ordem Franciscana, surgida no século XIII, inscreve-se nos movimentos monásticos menoritas e traz consigo um ideal de pobreza inspirado em São Francisco de Assis (1181/1182? – 1226)<sup>66</sup>. Originário da cidade de Assis, Francisco de Assis, em busca de um novo ideal de pureza ascética, propunha um retorno ao princípio proclamado por Jesus Cristo de recusa de bens materiais (ROCHA, 2009). Francisco de Assis imprimiu intensamente nas suas práticas uma espiritualidade de vocação-missão como menor<sup>67</sup> e servo.

O movimento de expansão da Ordem dos Frades Menores (OFM) vai lentamente acomodando seus integrantes e, como consequência, abrandando o cumprimento da regra e dos rigores da pobreza, surgindo o movimento dos que faziam opção para viver uma vida conventual ou de clausura - Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFMConv), e dos que optavam por uma reforma da Ordem, enfatizando a necessidade do retorno à observância da Regra de São Francisco - Ordem dos Frades Menores Observantes (OFM). Essa divisão oportunizou à Santa Sé, em 29 de maio de 1517, expedir a bula *Ite vos*<sup>68</sup> do Papa Leão X (1513 - 1521), objetivando unificar a Ordem.

---

<sup>66</sup> A partir da quantidade de anos de vida que as fontes atribuem a Francisco de Assis, a historiografia alcançou as datas de 1181 ou 1182 como a data de nascimento dele.

<sup>67</sup> A expressão “menores”, embora inspirada no Evangelho, tinha conotação de distinção de classes. Em oposição aos “maiores”, aos ricos burgueses que detinham o poder econômico e político na nova sociedade das comunas e designava-se de “menores” o povo simples das oficinas e dos porões. “Menores” englobava todos os que, na nova sociedade, não ocupavam os primeiros lugares e, que algumas vezes, não tinham lugar nenhum. (LECLERC, 1983, p. 61).

<sup>68</sup> A divisão dos franciscanos em conventuais e observantes criava tensões frequentes na Ordem, na Igreja e na sociedade civil. De nada valeram as tentativas de união promovidas pelos papas, ministros e vigários gerais. Todas elas esbarraram na recusa, ora de um lado ora de outro da contenda. Surgiram pressões, inclusive interesseiras, por parte do poder político e eclesiástico. Então o papa Leão X convocou um Capítulo “Generalíssimo” para Pentecostes de 1517. Diante da recusa dos Observantes em unir-se e submeter-se a ministros não reformados e diante da firme declaração dos Conventuais sobre a legitimidade de seu estilo de vida franciscano, o papa estabeleceu com a bula “Ite vos” (29/05/1517), a unificação de todos os grupos reformados sob um único Ministro Geral reformado, com o nome de Frades Menores, com ou sem o acréscimo “da Observância Regular”, que de fato foi preferido, com a sigla OFMObs. A bula transformava os vigários provinciais em Ministros com poder e direito de eleger o Ministro Geral, poder e direito que exerceram em 1º de junho de 1517, elegendo seu primeiro Ministro Geral. No dia seguinte, os Ministros Conventuais elegeram o seu 44º Ministro Geral. A bula “Ite vos”, porém, estabelecia que os superiores Conventuais, com o título de Mestres, recebessem a confirmação dos Ministros Observantes; o que colocava em dúvida a real autonomia dos Conventuais. Dez dias mais tarde, uma nova bula – “Omnipotens Deus” (12/06/1517) – reconhecia plenamente a

A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos inscreve-se nos movimentos reformistas, tendo sido aprovada pelo Papa Clemente VII (1522 – 1534), por meio da bula *Religionis Zelus*<sup>69</sup> em 1528. Reconhecida e tornada independente, a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos viu-se aumentada pelo número de adeptos e noviços que se uniam aos frades, obrigando-a a disseminar eremitérios em todos os continentes, bem como reestruturar a Ordem para uma ação pastoral mais planejada (MARINO, 1950).

Três Ordens podem ser identificadas na atualidade, tendo sua estrutura e organização fundamentadas no ideal de vida franciscana. A primeira é a Ordem dos Frades Menores, com outras três ramificações: Ordem dos Frades Menores (OFM), Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCap) e Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFMConv). A segunda é a Ordem de Santa Clara, que possibilita vivenciar o ideal de vida franciscano às mulheres. A terceira é a Ordem Franciscana Secular, que permite a todos os cristãos seculares constituírem fraternidades abertas à vivência do ideal franciscano<sup>70</sup>.

## 2.1 Missão franciscana em solos brasileiros

Com o formato de missão itinerante ou protomissão, frei Henrique de Borba foi o primeiro a ancorar em solo brasileiro e desembarcar um pequeno grupo de frades, cuja ação inicial buscava a pacificação. Os frades percorreram o litoral e estabeleceram-se junto às tribos mais pacíficas, com objetivo de realizar uma integração do indígena pela conversão e, paralelamente, favorecer a ocupação, fixação e expansão do colono português, no intuito de gerar uma sociedade colonial portuguesa no Brasil (SOUSA, 2007).

O ano de 1543, por sua vez, marcou a fundação do primeiro convento pelos frades franciscanos na cidade de Olinda (PE). De acordo com Röwer (1947), os franciscanos exerceram o múnus sacerdotal estratégica e evangelicamente por meio de obras de misericórdia espirituais e corporais. Experiência que perdurara no tempo e serve de referência

---

autonomia dos Conventuais; tal reconhecimento foi se confirmando na história, pois o título de Mestre não vingou e a confirmação de Ministros Gerais Conventuais por parte de Ministros Observantes nunca ocorreu, dando-a sempre o papa pessoalmente. Contudo, devido a estes acontecimentos, os Conventuais perderam a representação oficial da Ordem em favor dos Observantes. Ficava assim definida a divisão da Ordem Franciscana em duas grandes famílias, a Observante e a Conventual. A elas mais tarde se acrescentará a terceira: a dos Capuchinhos" (FRANCISCANOS CONVENTUAIS, 2021).

<sup>69</sup> Conferência dos Capuchinhos do Brasil. História dos Capuchinhos.

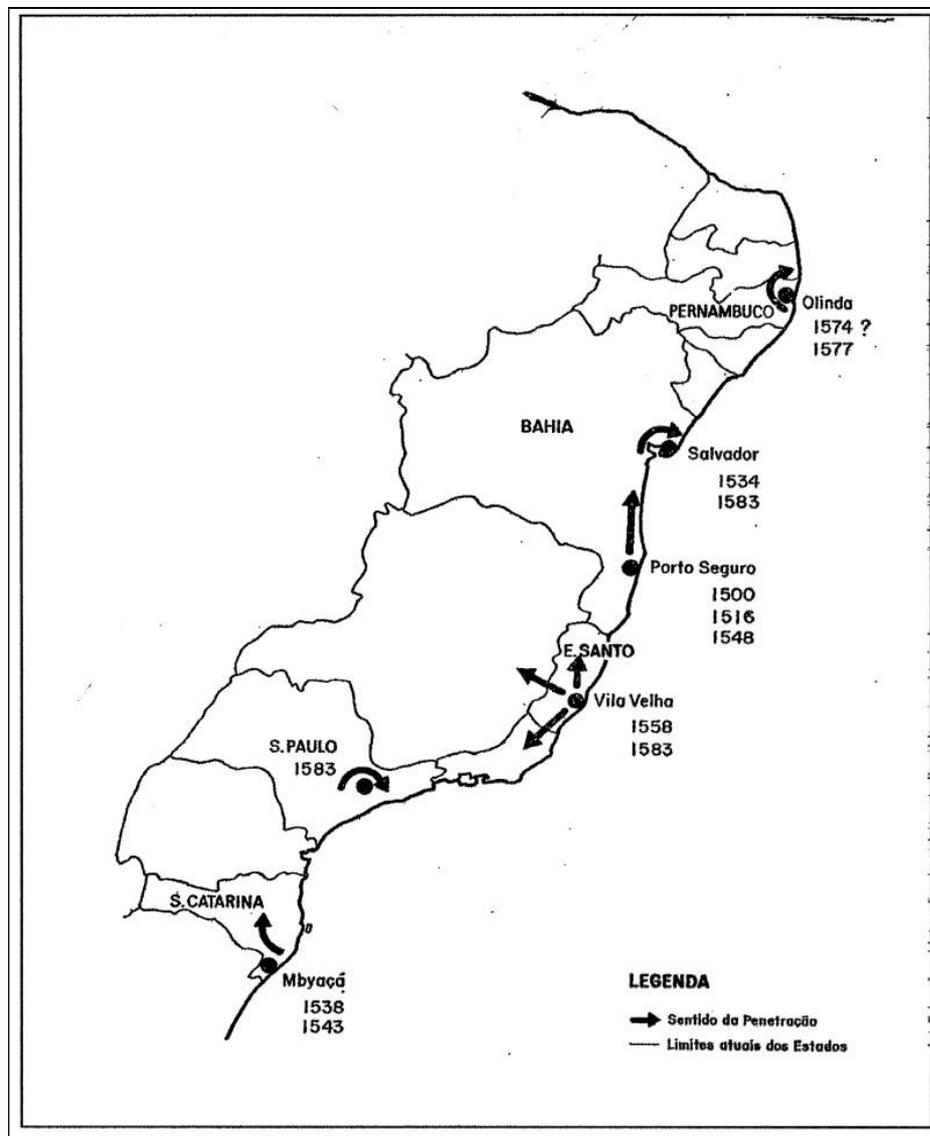
em: <<https://www.capuchinhos.org.br/institucional/historia>>. Acesso em: 01.nov.2018.

<sup>70</sup> Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. **As três Ordens**. Disponível em: <[http://franciscanos.org.br/?page\\_id=1223](http://franciscanos.org.br/?page_id=1223)>. Acesso em: 01.nov.2018.

para os capuchinhos da Ordem de São Carlos (Milão), quando da criação da Missão do Maranhão (assunto ainda a ser abordado neste capítulo).

Nos primeiros oitenta e quatro anos (Figura 2), nove grupos de franciscanos haviam aportado no Brasil sem estabelecer sua Ordem definitivamente. Suas ações missionárias foram de caráter esporádico, temporário e sem organização metódica, incidindo em assistência religiosa aos colonos, catequização de indígenas, capelania nas bandeiras e nas expedições de expansão de domínio do território português (WILLEKE, 1977).

**Figura 2: Missões dos Primeiros Capuchinhos no Brasil (1500-1583)**



Fonte: Frei Venâncio Willeke (1977, p. 25).

Jorge de Albuquerque Coelho (1539 – 1596), governador da Capitania de Pernambuco (1573-1576), pediu e teve seu pedido atendido pelo rei Filipe I (1556-1598) para a criação da Custódia de Santo Antônio do Brasil, com sede em Olinda (PE). Oficialmente instituída pela bula *Piis Fidelium Votis* de 5 de dezembro de 1586, outorgada pelo Papa Sisto V (1585 – 1590), dependente da Província de Santo Antônio de Portugal. Segundo Gabriel do Espírito Santo (1653, p. 10), o rei mandou que fossem escolhidos os “religiosos aprovados em virtude e ciência desta Província de Santo Antônio para irem às partes da América e plantar a Fé entre aqueles bárbaros”.

A Custódia de Santo Antônio do Brasil teve como primeiro superior frei Melchior de Santa Catarina Vasconcelos (1546-1618), com poderes para criar escolas de moços junto aos conventos, estabelecendo na Colônia o ensino e a instrução dos nascidos no Brasil, bem como a base de conversão dos gentios. Também foi concedida à Custódia de Santo Antônio do Brasil e aos seus religiosos a administração temporal das aldeias de indígenas.

Para Maria Adelina Amorim (2005), a criação da Custódia, com sede em Olinda (PE), favoreceu que os frades, após um período para aclimatação, iniciassem a catequese nas redondezas e edificar nas proximidades do convento um internato para indígenas e um noviciado para as vocações. De Pernambuco foram enviados missionários evangelizadores para os sertões do Brasil.

Os frades percorreram o sertão, aprendendo a língua nativa e, conseqüentemente, colaborando para dilatação da Fé Católica e da Cristandade Lusitana. Observamos que a experiência com o internato para indígenas servira de inspiração para frei Carlos, que funda a Missão do Maranhão em 1691, assunto a ser tratado mais adiante.

Para Titton (1970, p. 313), a partir de então, os franciscanos foram fundando conventos em torno das capitanias, na de Pernambuco: o convento de Nossa Senhora das Neves em Olinda (1585); na Bahia: São Francisco (1587); na Paraíba: Santo Antônio (1589); no Espírito Santo: São Francisco em Vitória (1591). Os conventos tornaram-se espaços de evangelização e educação, bem como pontos de partida das missões. Nessa questão, cerca de dezessete missões se estabeleceram apenas no período de 1585 a 1597, sendo duas entre os indígenas Caetés<sup>71</sup> e as demais entre os Tabajaras<sup>72</sup>.

---

<sup>71</sup> Ou Kaeté, povo indígena brasileiro pertencente ao tronco linguístico tupi. Povo que habitou o litoral do Brasil entre a ilha de Itamaracá e o rio São Francisco no século XVI. Sua terra limitava ao norte com a dos potiguaras e, ao sul, com a dos tupinambás (BUENO, 2003, p. 18-19).

<sup>72</sup> Povo indígena brasileiro, pertencente ao tronco linguístico tupi, habitou o litoral do Brasil entre a ilha de Itamaracá e a foz do rio Paraíba no século XVI. Aliado aos colonizadores portugueses na Capitania de Pernambuco. Ajudaram a fundar o que seria, futuramente, a Capitania da Paraíba (BUENO, 2003, p. 18-19).

Na Figura 3, a seguir, estão destacadas as principais missões franciscanas empreendidas no período de 1585 a 1619 em territórios de jurisdição de Pernambuco junto aos indígenas. Para tal intuito, os franciscanos adotaram uma prática pedagógica de evangelização embasada na vivência da Regra de São Francisco, isto é, uma vida de pobreza, humildade e firmeza na missão evangelizadora, sem abandonar o vigor no ideal religioso. Dessa forma, “os gentios os preferiam aos demais religiosos, para instruí-los na fé, pois os frades nada aceitavam deles, nem adquiriam riquezas, nem os ocupavam nos trabalhos e na agricultura, proibidos que eram pela regra” (ILHA, 1975, p. 133).

**Figura 3: Missões Franciscanas em Pernambuco entre os indígenas (1585-1619)**



Fonte: Willeke (1969).

A cidade de Olinda passou a ser um polo irradiador de expansão e de missão para todas as direções do vasto território brasileiro que, acompanhando o avanço pelo litoral, foram estabelecendo-se onde a conquista e fixação dos colonos portugueses se impunham, fundando, inclusive, conventos, missões e vilas, realizando a redução de indígenas em aldeias (SOUSA, 2007).

Os historiadores da Ordem costumam apresentar suas narrativas estabelecendo dois períodos: um de 1500 a 1549, quando da criação do Governo-Geral do Brasil e, outro, de 1549 a 1585, marcado com a criação da Custódia de Santo Antônio do Brasil<sup>73</sup>, designando, este, como sendo um período de protomártires do Brasil e das primeiras missões avulsas. Concomitantemente, vai-se processando a expansão do clero secular espalhado pelos povoados, cujo objetivo era promover uma assistência aos colonos, por meio da edificação de capelas, asilos, hospitais e obras de misericórdias. As Ordens religiosas e as Congregações foram responsabilizadas da evangelização de indígenas e pela construção de conventos, colégios, oficinas, missões e reduções (GONÇALVES, 1996).

No ano de 1614, pela primeira vez, chegou ao cargo de custódio um capuchinho brasileiro, frei Vicente do Salvador (1564-16636). Em outubro do mesmo ano, ele realizou o primeiro Capítulo em Olinda (PE). Este acontecimento caracterizou o primeiro passo para tornar a circunscrição franciscana do Brasil independente. Dessa forma, o Capítulo dispunha de poderes “para ocupar com os capitulares os principais cargos e deliberar sobre o progresso da custódia” (WILLEKE, 1977, p. 55).

Nesse mesmo ano, o Custódio frei Vicente do Salvador, atendendo pedido do governo da colônia, autorizou que dois capuchinhos acompanhassem a armada de Jerônimo de Albuquerque (1548-1618) ao Maranhão, objetivando expulsar os invasores franceses. Acontecimento que marcou oficialmente a chegada de capuchinhos portugueses no Norte do Brasil, em solo maranhense, para o estabelecimento da fé católica.

## **2.2 Do Nordeste ao Norte: missões capuchinhas e as primeiras experiências catequéticas portuguesas no Brasil**

O Norte compreendia toda a região desde a foz dos rios do Maranhão à do rio Amazonas, extensão que propiciou a coexistência de ações de piratas franceses, ingleses e holandeses, que rondavam todo o litoral brasileiro. Integrar ao nordeste este vasto espaço

---

<sup>73</sup> Estabelecida em 1584, tornada independente em 1657, com a denominação de Custódia de Santo Antônio do Brasil e elevada à categoria de Província de Santo Antônio do Brasil em 1675.

territorial foi um problema tanto para a administração colonial portuguesa quanto para a Custódia Capuchinha de Santo Antônio do Brasil, com sede em Olinda-PE.

No Maranhão, foram frades capuchinhos franceses a iniciar a evangelização dos nativos. Para uma acomodação mais confortável, os frades construíram o Convento de São Francisco<sup>74</sup> em 1613, inaugurado no mesmo ano com o fim de servir de residência e de seminário para moços franceses e indígenas “onde se ensinava e aprendia as primeiras letras e a língua nativa” (PRAZERES, 2012, p. 41).

Em 1614, os portugueses enviaram uma expedição chefiada por Jerônimo de Albuquerque (1548-1618), a quem se juntou posteriormente a Alexandre de Moura para conquistar a capitania maranhense e expandir o domínio sobre o espaço territorial até o vale amazônico. Essa expedição promoveu o cerco aos franceses em 4 de novembro de 1615, encerrando-se na batalha de Guaxenduba com a rendição da tropa francesa de La Ravardière (MEIRELES, 2015).

A expedição estava sob a proteção da Coroa portuguesa e, também, sob as bênçãos da Igreja Católica, tanto que dispunha da presença de dois frades, frei Cosme de São Damião (1574 – 1659)<sup>75</sup> e frei Manuel da Piedade (1572-1631)<sup>76</sup>, ambos da Ordem de São Francisco de Assis, capuchinhos da Custódia de Santo Antônio do Brasil.

Os capuchinhos tinham a incumbência de abençoar o exército luso-brasileiro; de cuidar dos feridos; de apaziguar, arregimentar e assistir aos indígenas rebeldes recém-convertidos ao catolicismo, frutos da missão francesa. Na missão portuguesa, ambos os frades dispunham de atribuições bem definidas: frei Cosme (1574 – 1659) se encarregaria de retirar da heresia calvinista, os franceses, ao passo que frei Manuel (1572-1631) cuidaria da catequese do povo Tupinambá<sup>77</sup>.

Na primeira etapa da missão (1614 a 1616), segundo frei Antônio da Santa Maria Jaboatão (1695-1779), “os frades se entregaram à assistência dos enfermos soldados, e com particular desvelo na do Gentio” (JABOATÃO, 1761, p. 120). Contudo, eles não se fixaram definitivamente na região, retornando para a sede da Custódia de Santo Antônio do Brasil na cidade de Olinda.

---

<sup>74</sup> Atual Convento de Santo Antônio na Praça de Santo Antônio. Convento Inaugurado em 1625. Igreja foi aberta aos fiéis em 1867 (CUNHA, 1908).

<sup>75</sup> Frei Cosme destacar-se-ia como guardião dos conventos da Paraíba e da Bahia e Custódio do Brasil (JABOATÃO, 1761).

<sup>76</sup> Frei Manuel da Piedade ficaria conhecido como língua (JABOATÃO, 1761).

<sup>77</sup> Indígenas Tupinambá que, descontentes com os portugueses, haviam se aliado aos franceses e se convertido ao calvinismo (JABOATÃO, 1761).

O ano de 1614 foi, ainda, marcado pelo nascimento da Paróquia de Nossa Senhora da Vitória de São Luís do Maranhão. Instituída pelo Papa Paulo V (1550-1621), por meio da bula *In super eminente militantis Ecclesiae*, datada de 15 de julho, subordinada à Prelazia de Pernambuco. A Paróquia permaneceu assim até sua elevação à categoria de Diocese de São Luís do Maranhão<sup>78</sup>.

A sedimentação da conquista e do domínio do espaço geográfico do Norte do Brasil para a Coroa Portuguesa foi completada em 1616. Francisco Caldeira Castelo Branco, motivado por relatos de viagem que davam conta da existência de riqueza em ouro e grandes povoamentos nas várzeas do Rio Amazonas, deixou São Luís do Maranhão e aportou na baía do Guajará, onde fundou a cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará e edificou o Forte do Presépio<sup>79</sup>. Neste ponto,

construiu ele um forte de madeira coberto de palha, material usado pelos franceses no Forte de São Luís do Maranhão, denominado Presépio, não só porque aquela ponta alta dava aquela aparência a quem viesse da baía de Guajará, como porque partira no dia de Natal, do Maranhão (VICENTINI, 2004, p. 62).

A edificação de fortalezas, concomitante ao avanço das missões, tornou-se o meio da Coroa Portuguesa consolidar seu domínio na região amazônica. Como profundos conhecedores do espaço territorial e da gente que nele habitava, os missionários, ao evangelizarem e aldearem indígenas, ficaram responsáveis indiretamente pela consolidação da presença portuguesa que era ameaçada pela presença de piratas.

O tráfego frequente, contínuo e crescente entre São Luís e Belém despertou nos capuchinhos uma assídua ação pastoral. Então, sob o patrocínio da Coroa Portuguesa com o objetivo de implantar uma missão no Pará, chegaram ao Maranhão em 1617 mais quatro frades, com o propósito de “fundar uma casa àquela conquista do rio Amazonas [...] para a conversão das almas” (MOREIRA NETO, 1992, p. 91).

---

<sup>78</sup> Conforme Augusto César Marques (1977), a diocese do Maranhão foi criada através da bulla do Papa Innocencio XI (1611-1689) *Super universas orbis Ecclesias*, de 30 de agosto de 1677, sendo desmembrada na Arquidiocese de São Salvador da Bahia e declarada suffraganea do Arcebispado de Lisboa. Pela bulla *Romanorum Pontificium vigilantia* do Papa Leão XIII, em 05 de junho de 1827, foi declarada “sufragânea” do Arcebispado da Bahia. Pela bulla *Copiosus in misericordia* do Papa Clemente XI, de 04 de março de 1719, foi desmembrado todo o território com que foi criado o Bispado de Belém do Pará. Por decreto consistorial de 20 de julho de 1860, foi desmembrada da Diocese de Goiás e incorporada à do Maranhão, a cidade de Carolina com todo o seu território e anexos.

<sup>79</sup> Atual Estação das Docas ou doca do Ver-o-Peso. Faz parte do complexo arquitetônico e paisagístico da capital do Pará, tombado pelo IPHAN. Ocupa uma área de 35.000 m<sup>2</sup> (DUARTE, 2007).

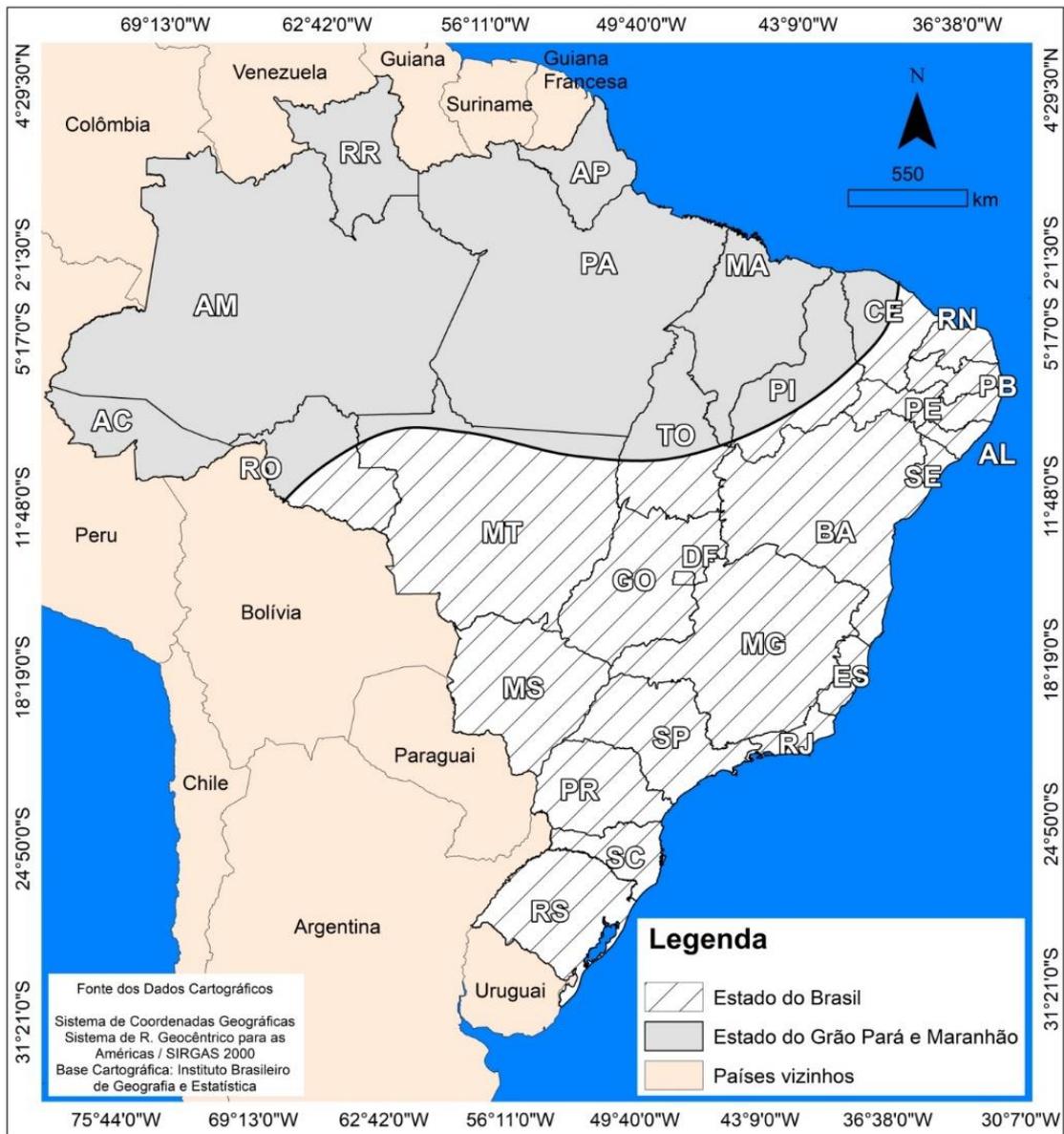
Para a promoção de assistência às populações da povoação de Nossa Senhora de Belém do Pará, os recém-chegados frades cuidaram logo de instalar uma residência e um hospício nas proximidades para abrigar a Missão de Santo Antônio do Una.

[...] o convento do Pará, ou mais propriamente residência, e hospício teve a sua origem e fundação no ano de 1617, por quatro religiosos da Província de Santo António de Portugal, sendo um deles o Padre Frei António de Merceana, que ia por comissário dos mais, e do Maranhão (JABOATÃO, 1859, p. 117).

Os frades cuidaram logo de acalmar os indígenas e os colonos portugueses que estavam revoltados: o povo Tupinambá, devido aos cativeiros e maus tratos que sofriam; os colonos portugueses, por sua vez, pelas crueldades do Capitão-Mor Francisco Caldeira Castelo Branco (1566 - 1619). Fatos que provocaram conflitos entre capuchinhos e o dito Capitão-Mor.

A intensificada movimentação entre São Luís e Belém; a dificuldade de contato com a Bahia, capital do Brasil; a facilidade da navegação entre a Europa e o litoral Norte do Brasil; serviram de argumentos para que o rei Filipe II (1598-1621), por Carta Régia, de 20 de junho de 1618, criasse no Norte do Brasil o estado do Maranhão, tendo São Luís como capital (Mapa 2).

**Mapa 2: Estado do Maranhão e Grão-Pará desmembrado do Estado do Brasil<sup>80</sup>**



Fonte: Sousa (2021).

Em 1622, pelo alvará expedido pelo rei Filipe III (1605-1665) incumbiu-se a Província de Santo Antônio de Portugal de intensificar as missões na Amazônia, em particular no Maranhão. O rei criou, então, a Custódia de Santo Antônio do Maranhão, sufragânea da Província de Santo Antônio de Portugal. A vinda dos franciscanos para a Custódia de Santo Antônio do Maranhão se fazia necessária para que introduzissem “os bons costumes e

<sup>80</sup> Leitura/Interpretação do mapa: cada estado tem sua sigla. O Estado do Grão Pará e Maranhão está com a área delimitada e de cor cinza, identificado na legenda. O Estado do Brasil corresponde a área branca com listras. Os países vizinhos estão descritos no próprio mapa.

doutrina cristã entre os gentios naturais da terra com seu bom exemplo, encaminharem os novos povoadores do dito Estado na veneração do cultivo divino” (AMORIM, 2005, p. 234).

Para a instalação do estado do Maranhão, foi nomeado primeiro Governador e Capitão General Francisco Coelho de Carvalho (? -1648) e a Província de Santo Antônio de Portugal designou frei Cristóvão de Lisboa (Cristóvão Severim de Faria - 1583-1652), primeiro Custódio do Maranhão. Ambos se dirigiram ao Maranhão para tomar posse em seus cargos em 1624. Acrescentamos que frei Cristóvão de Lisboa (1583-1652), além da incumbência de Custódio, exerceu, simultaneamente, os cargos de Visitador e Comissário do Santo Ofício.

Frei Cristóvão de Lisboa, ao chegar a São Luís, deu início à construção do Convento e da Igreja de Santa Margarida, um espaço para acolhimento de noviços e apoio dos frades que realizavam missão itinerante pelas aldeias. Depois, partiu para o Pará em visita a missão do Una. Lembramos que frei Cristóvão de Lisboa sucedeu a frei Antônio de Merceana, que era o Superior dos capuchinhos da Missão do Una e Comissário dos capuchinhos do Maranhão e Grão-Pará desde 1617.

De Belém, frei Cristóvão de Lisboa prosseguiu suas atividades missionárias. Adentrou os rios Tocantins e Araguaia “até Goiás, onde visitou aldeias e procedeu à evangelização dos naturais, inaugurando o processo de missionação sistemática dos capuchos no território” (AMORIM, 2005, p. 82).

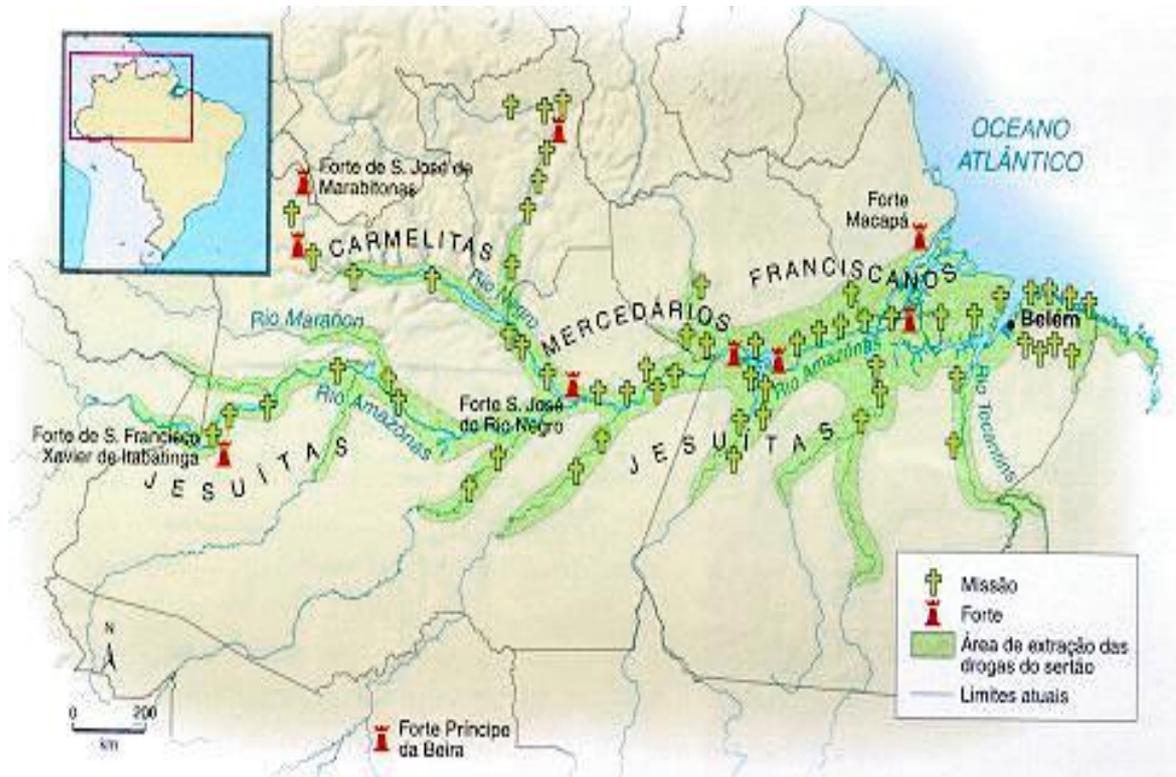
O recém-criado estado do Maranhão imprimiu um ritmo expansionista e novas capitâneas hereditárias foram surgindo, a fim de beneficiar antigos e fiéis colonizadores. A expansão trouxe, conseqüentemente, uma demanda crescente por mais mão de obra, o que serviu de argumentação para que colonos demandassem a escravização de indígenas, provocando conflitos entre colonos, administradores e missionários.

Economicamente o sistema de exploração de riqueza pelo sertão não podia dispor do escravo africano, uma vez que ele não detinha conhecimento nem da mata e nem dos rios. Para Beozo (1983, p. 28), “o expandir fronteiras e assegurar limites em regiões tão ínvias só poderia ser tarefa do militar aí enviado por dever de ofício ou do missionário por ideal de evangelização”. Para tanto, dependiam completamente do indígena para uma atividade que se tornava impossível a vigilância e o controle de fuga.

Diante de conflitos emanados dessa dinâmica, os capuchinhos sentiram-se impedidos de realizar a missão para a qual foram designados. Assim, no início da década de 1630, recolheram-se em seus conventos, prescindindo das missões nas aldeias. Três décadas depois, a administração dos indígenas da região amazônica foi redistribuída entre os vários institutos religiosos que tinham atividade missionária nesse vasto espaço: Companhia de Jesus,

Capuchos de Santo Antônio, Mercedários, Carmelitas e Franciscanos da Província da Piedade de Portugal, uma nova divisão dos capuchos (Figura 4).

**Figura 4: Ação missionária na Amazônia**



Fonte: Hugo Frago, 1982.

Os frades capuchinhos embasavam suas ações em três alicerces: a catequese, a defesa da liberdade do indígena e o seu aldeamento, estabelecendo redução para a arregimentação. As reduções eram vistas não apenas como espaço de aglutinação dos nativos, mas, necessárias à proteção dos colonos. Nas estratégias pedagógicas, enquanto atrativos para promoção da adesão de indígenas, utilizavam-se de “símbolos, sinais e rituais religiosos expressos nas cerimônias” (FRAGOSO, 1982, p. 144).

A redução configurava-se como espaço de convergência de interesses de missionários e administradores, pois facilitava o serviço tanto para instrução religiosa quanto para a administração. Sendo assim, “não teria sentido a catequese sem o aldeamento, isto é, a segregação do gentio domesticado, para que vivesse cristãmente a vigiada liberdade” (CALMON, 1963, p. 336).

Esse era o espaço onde o missionário se tornava responsável pela inserção do indígena na sociedade, na ordem jurídica e moral, forçando, muitas vezes, que se submetesse ao trabalho a serviço do colono. Para Beozzo (1983, p. 23), “nas reduções os índios estavam pacificados e sob administração temporal e religiosa dos frades, quando não da vara civil, o que lhes garantia o direito de cuidar das suas roças e de assegurar a sua liberdade”.

Para o indígena reduzido, a liberdade era o prêmio que lhe fazia jus. Nesse sentido, a redução opunha-se ao desejo do colono de escravizar e dispor da mão de obra do indígena nos serviços da Casa Grande ou na Senzala.

Quanto à evangelização, os capuchinhos imprimiram o ensino da doutrina, com a repetição de fórmulas e ritos, primando por um discurso persuasivo, com o intento de incutir no indígena os preceitos que deveria guardar, bem como convencê-lo a abandonar ritos e práticas gentílicas.

O canto era um meio de evangelizar principalmente as crianças e os jovens. Era o principal instrumento para o envolvimento dessa geração. Tal era sua importância que a presença de um irmão corista, encarregado dos cantos, era integrante indispensável da missão: a “práxis missionária consistia na máxima adaptação possível ao habitat e condições de vida dos índios a eles confiados” (SOUSA, 2007, p. 145).

Contudo, a Custódia de Santo Antônio do Maranhão encontrava-se em um processo de decadência, agravado no contexto das reformas implantadas por Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), Marquês de Pombal e Conde de Oeiras, que havia transferido a capital do estado de São Luís para Belém do Pará.

As reformas pombalinas transformaram as missões com mais de 150 habitantes em Vilas, enquanto que as demais foram denominadas simplesmente de lugar para efeito civil; em relação à jurisdição eclesiástica foram erigidas as freguesias. Porém, as Ordens religiosas foram proibidas de receberem noviços, contribuindo para suas decadências.

Mesmo após a extinção do Diretório de Pombal<sup>81</sup>, tornou-se frequente a solicitação, por autoridades civis constituídas, de religiosos para atuarem em aldeamentos, devido ao clima de tensão vivido na província, em função do comportamento de indígenas atacando fazendas. Assim, a Assembleia Legislativa Provincial do Maranhão, por meio da Lei Provincial nº 85, de 2 de julho 1839 regulou a criação e administração de missões<sup>82</sup>, também

---

<sup>81</sup> Lei que dispunha sobre os aldeamentos indígenas, elaborada em 1755, mas, publicada em 1757, por D. José I, rei de Portugal. Por meio do ministro, Marquês de Pombal. Revogada em 1798.

<sup>82</sup> MARANHÃO. **Coleção de leis da província. 1835 – 1889**. Arquivo Público do Estado do Maranhão-APEM. Biblioteca Pública Benedito Leite-BPBL. Disponível em: < <http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/>

designadas de colônias indígenas, possibilitando, assim, a administração civil criar os presídios militares, externos e contíguos às áreas das missões.

A Lei nº 85, de 2 de julho 1839, autorizou a criação de duas colônias indígenas: uma no alto rio Mearim e outra no alto rio Grajaú. No entanto, a primeira a ser implantada de fato foi uma no rio Pindaré, em 1840, denominada de Colônia de São Pedro do Pindaré, cuja administração foi entregue em 1871 ao frei Peregrino de Pesaro<sup>83</sup>. Contudo, ele deixou o Maranhão em 1876. Conseqüentemente, a colônia extinguiu-se em 1881 (MEIRELES, 1977, p. 263).

Outras colônias indígenas foram criadas. A Colônia Palmeira Torta à margem do rio Grajaú, em 1850. Esta, inicialmente, foi designada de diretoria parcial e, em 1870, passou a colônia. Duas outras foram criadas em 1854: a Colônia Leopoldina à margem do rio Mearim e a Colônia Januária à margem do rio Pindaré, na confluência com o rio Caru. Em 1873 foi criada a Colônia Nova Olinda a margem do rio Corda para os indígenas Kanela/Timbira, e, em 1874, a Colônia Dois Braços para os indígenas Tenetehara/Guajajara, à margem direita do rio Mearim, oito léguas acima de Barra do Corda.

Frei José Maria de Loro Piceno, capuchinho missionário italiano, por diversas vezes exerceu a função de diretor nessas colônias, juntamente com outros frades, também, italianos. Eles se revezavam ora numa ora noutra colônia. Foram essas as primeiras iniciativas de estabelecimento de missões capuchinhas italianas em solo do alto sertão maranhense. Os capuchinhos traziam na bagagem o ideário de evangelização por meio de missões junto aos povos nativos (CUSTÓDIO, 2014).

Provavelmente, foram experiências como as do frei José Maria de Loro Piceno, do frei Pelegrino de Pesaro e outros, que alimentaram e influíram na opção de frei Carlos de São Martinho Olearo (1852-1931) para vir ao Brasil e fundar a Missão do Maranhão.

### **2.3 Província de São Carlos e o alto sertão maranhense: um espaço a ser evangelizado**

Conscientes de novas perspectivas advindas pela República, a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos instituiu o Estatuto das Missões<sup>84</sup> aprovado, provisoriamente, em 1887 e,

---

sgc\_bpbl/acervo\_digital/arq\_ad/201408272225061409189106\_72971409189106\_7297.pdf>. Acesso em: 19.fev.2021. pp. 8-12.

<sup>83</sup> Jornal Publicador Maranhense. Anno XXXV. Número 29. Domingo, 6 de fevereiro de 1876. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/720089/per720089\\_1876\\_00029.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/720089/per720089_1876_00029.pdf)>. Acesso em: 19.fev.2021.

<sup>84</sup> “O Estatuto, aprovado provisoriamente em 25 de julho de 1877 e definitivamente em 17 de julho de 1893, baseia-se sobre os seguintes princípios fundamentais; a) colocar a atividade missionária sob a autoridade da Ordem, que cuida em organizá-la mediante próprio Secretariado ligado diretamente ao Ministro Geral; b)

definitivamente em 1893. Nesse contexto, a cada Província Capuchinha foi confiada ter sua própria Frente Missionária, sob o comando de um Superior Regular, que representava o Ministro provincial. A Província, por sua vez, deveria assumir a responsabilidade pelo trabalho missionário, como também as despesas do envio e do sustento dos missionários (ZAGONEL, 2001).

A Igreja Católica e o Estado tinham interesses distintos. A Igreja objetivava a romanização, para isso teriam que alcançar a todos, especificamente cristianizar e civilizar indígenas. Para o Estado importava a expansão territorial. A Ordem Capuchinha, por sua vez, atendia tanto a um quanto ao outro.

Interpelada pela Santa Sé, a Província de Milão dos Capuchinhos, em Definitório<sup>85</sup> Geral, assumiu compromisso para fundar uma frente missionária para indígenas na região da Amazônia, tendo por base e ponto de apoio as Obras Missionárias da Prefeitura Apostólica de Pernambuco. A Província de Milão teve essa frente missionária aprovada em 12 de janeiro de 1892 (CARVALHO, 2017).

A referida frente missionária foi denominada de Missões Capuchinhas do Norte do Brasil. Os missionários capuchinhos assumiram uma atuação pastoral junto a Prefeitura Apostólica de Pernambuco e deram início ao aprimoramento no aprendizado da língua; no conhecimento da história, dos costumes, da realidade socioeconômica e pastoral do Brasil. Tempo, também, para adaptação ao clima equatorial e para um estágio da ação pastoral missionária capuchinha na pregação das missões populares e de aproximação da realidade indígena, por meio da atuação no Instituto Colônia Santa Isabel<sup>86</sup>, que funcionava em regime de internato para meninos e filhos de indígenas.

---

responsabilizar diretamente as Províncias da Ordem; a orientação adotada, com efeito, é a de confiar cada 'missão' a determinada Província, que se compromete em provê-la de pessoal e recursos. O Ministro provincial torna-se assim o responsável direto do trabalho missionário naquela área, trabalho que dirige por meio do Superior Regular que o representa 'in loco'. Dessa maneira a Ordem envolve-se ainda mais na atividade missionária porque agora todos se sentem diretamente empenhados na dimensão missionária: o governo central, as diversas Províncias, os próprios frades" (CUTER, 1993, p. 58).

<sup>85</sup> "Conselho consultivo e deliberativo, mas que não delibera sobre tudo. Há questões outras que não são definidas pelo Definitório" (CARVALHO, 2017, p. 289).

<sup>86</sup> "Os capuchinhos montaram dois colégios em Pernambuco no século passado: o Instituto Bom Conselho, em Papacaça, fundado por frei Caetano de Messina, em 1853, e o Instituto Colônia Santa Isabel, de 1873 [...]. O Instituto Bom Conselho era administrado pela Congregação das Religiosas de Nossa Senhora de Bom Conselho. Constituíam-se num internato dirigido a meninas abandonadas ou indígenas e tinha capacidade para mais de 200 crianças [...]. O Instituto Colônia Santa Isabel seria o complemento do anterior, já que dedicado exclusivamente à educação dos meninos. Dava-se preferência aos órfãos do interior da província, mas havia cotas dedicadas aos meninos indígenas das etnias Guajajara, Xerente, Apinagé, Kaiapó e outras. A instituição era financiada pelo governo, que também fornecia um funcionário. A responsabilidade administrativa estava a cargo dos capuchinhos. Seu fundador, frei Fidele de Fognano, permaneceu na direção até 1891, quando foi substituído por outro missionário, que atuou por dois anos, até a laicização da instituição com a República" (AMOROSO, 1998, p. 11).

O grupo prosseguiu no exercício ministerial na Prefeitura, mas frei Carlos de São Martinho Olearo (1852-1931), inconformado por não agir pastoralmente junto aos indígenas, secretamente<sup>87</sup>, tomou a iniciativa de trocar correspondência com o Bispo do Maranhão, Dom Antônio Cândido de Alvarenga (1836-1903), com o objetivo de instituir uma Missão. Solicitou ao bispo a fixação de residência na diocese, uma base de apoio e de partida para uma ação pastoral entre indígenas e população não indígena dispersa pelo alto sertão maranhense.

Após as tratativas entre frei Carlos de São Martinho Olearo (1852-1931) e o bispo de São Luís, Dom Antônio Cândido de Alvarenga (1836-1903), juntaram-se a frei Carlos em São Luís, frei Afonso de Castel de Lecco (1854-1909) e o irmão leigo frei Daniel de Clusone (1876-1924), embora estes dois últimos divergissem quanto à ideia de missões com indígenas, pois, comungavam da ideia de colaboração pastoral com as missões populares urbanas (CARVALHO, 2017).

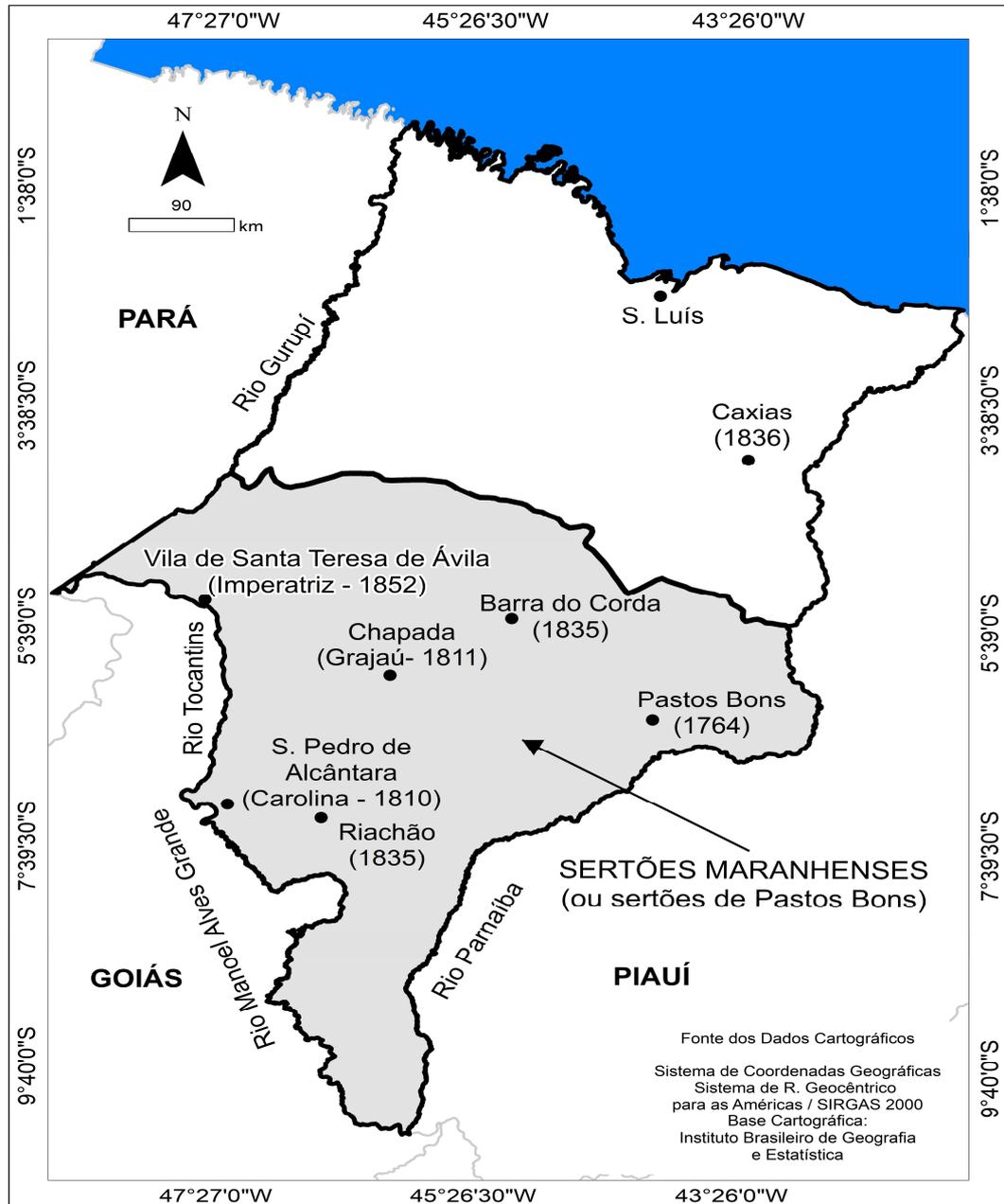
Frei Carlos (1852-1931), gradualmente, vai conduzindo o grupo de irmãos missionários capuchinhos ao ministério das missões itinerantes<sup>88</sup>. Assumiram o apostolado junto ao povo do sertão. Alcançaram o alto sertão maranhense (Mapa 3) percorrendo os canais naturais que favoreciam a navegação: os rios Itapecuru, Monim, Parnaíba, Mearim e Pindaré.

---

<sup>87</sup> Carta do Secretário Geral das Missões ao Ministro Provincial. Datada de 31 de julho de 1893. Que se encontra no Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: A-II-1, 2l. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>88</sup> “Visita de um ou mais sacerdotes que por vários dias pregam, confessam e administram os Sacramentos, quer nas paróquias, quer nas capelas e nos núcleos cristãos que nem sequer possuem algum edifício aberto ao culto” (BELTRAMI, 1994, p. 232).

**Mapa 3: Linha imaginária que separava a região norte da região dos sertões de Pastos Bons e suas principais povoações no século XIX**



Fonte: Sousa (2021) com adaptações de Franklin (2005, p.13).

Dentre as paróquias visitadas, ressaltamos as cidades de constituição mais antigas: Pastos Bons (fundada em 1764), São Pedro de Alcântara/Carolina (fundada em 1810), Grajaú (fundada em 1811), Riachão (fundada em 1835), Barra do Corda (fundada em 1835) e Imperatriz (fundada em 1852). Nas sedes das cidades, os missionários exerceram o múnus sacerdotal com assistência religiosa por meio das missões populares. No sertão, por meio das

desobrigas<sup>89</sup>. O objetivo era estabelecer os primeiros contatos tanto com indígenas, como, também, com os poucos moradores cristãos que residiam em habitações isoladas espalhadas sertão adentro. Também, e, principalmente, a catequese para civilização civil e religiosa de indígenas.

A Missão do Maranhão assumiu a Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda, onde fundou uma fraternidade capuchinha. Barra do Corda tornou-se um centro fecundo de evangelização irradiado para toda a região do alto sertão maranhense<sup>90</sup>.

Frei Carlos (1852-1931), depois de ter realizado missões itinerantes pelas aldeias nas redondezas, retornou à residência de Barra do Corda trazendo consigo cinco meninos indígenas. Os meninos foram o embrião que originou o Instituto Indígena masculino. Um internato para filhos de indígenas em Barra do Corda. Nesta cidade, foi construído o Colégio, cuja inauguração ocorreu em julho de 1895. Posteriormente, um complexo de edificações se fez notar na cidade: o convento da fraternidade, o Colégio, o Instituto Indígena masculino e a Capela de Santo Antônio<sup>91</sup>.

No ano de 1896 foi inaugurada a Colônia Indígena de São José da Providência, em Alto Alegre, onde se fixou outra residência capuchinha. Segundo Zannoni (1999, p. 102), da Colônia era esperado que se transformasse num centro de produção agrícola de “arroz, milho, amendoim, feijão, cana-de-açúcar, batata doce, mandioca e árvores frutíferas”, podendo alimentar toda a Colônia e, com a produção excedente, obter uma fonte de entrada de recursos financeiros para fazer frente a outras despesas.

Nos primeiros anos de implantação da Missão do Maranhão<sup>92</sup>, Frei Carlos (1852-1931) cuidou de estendê-la. Enviou frades em missão às comunidades de Axixá, Barreirinhas, Chapada, Chapadinha, Coroatá, Cururupu, Grajaú, Guimarães, Icatu, Itapecuru, Loreto, Monção, Penalva, Pinheiro, Pombinhos, Riachão, Santa Quitéria, Turiaçu e Tutóia, além de

---

<sup>89</sup> “Nas desobrigas o trabalho missionário consistia sobretudo na administração dos sacramentos. Durante esse trabalho, os missionários saíam geralmente no lombo de burros, em direção a diversos lugarejos. E chegando, reuniam a população de toda redondeza para cumprir as *obrigações religiosas*: a comunhão e a confissão anual, crisma, casamentos, regularização das uniões *de fato*. Quando necessário, levavam também a Unção dos Enfermos. A passagem do sacerdote missionário era muito esperada pelo povo, pois a passagem do missionário era uma oportunidade de ficar em paz com as obrigações religiosas, visto que, em muitos casos, teriam outra oportunidade somente vários anos depois. Normalmente, a diocese era dividida por zonas, e de quatro em quatro anos o pregador percorria cidade por cidade, aldeia por aldeia” (SANTOS, 1996, p. 98-99).

<sup>90</sup> Relatório da Missão do Maranhão encaminhado à Roma e Milão em 12-06-1895. Transcrito no Livro de tombo da Missão do Maranhão. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. A-I-1, fl 22-34. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>91</sup> Relatório da visita realizada na Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda. Transcrito no Livro de tombo da Missão do Maranhão. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. A-I-1, fl 55-57. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>92</sup> Livro de tombo da Missão do Maranhão. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. A-I-1, fl 6-7. Convento do Carmo. São Luís-MA.

comunidades do Piauí. Assim, percorreram toda a Diocese, incluindo a região do alto sertão maranhense (sertão dos Pastos Bons).

Nessa dinâmica, a Missão do Maranhão foi convidada pelo Bispo de Fortaleza, Dom Joaquim José Vieira (1836-1917), e, também, pelo Governador do Pará, José Paes de Carvalho (1850-1943), para estender sua assistência religiosa até esses estados. No entanto, desentendimentos de frei Carlos (1852-1931) com os Superiores de Milão, originados devido alguns equívocos não esclarecidos entre a Missão do Maranhão, a Prefeitura Apostólica de Pernambuco e a Província de Milão<sup>93</sup>, retardaram uma resposta àquelas demandas.

Frei Rinaldo de Paullo<sup>94</sup> foi eleito em 1896 para Superior Regular da Missão do Maranhão em substituição a frei Carlos (1850-1943). Segundo frei Cuter (1993, p. 63), frei Rinaldo de Paullo assumiu, mas manteve frei Carlos (1850-1943) ao seu lado como colaborador ou conselheiro. Uma vez que as demandas dos estados do Ceará e Pará careciam de anuência da Província de Milão, frei Rinaldo, em 24 de março de 1896, decidiu ir à Itália para conferenciar com os Superiores da Província.

Aparte as questões administrativas, o ritmo dos missionários capuchinhos permaneceu e foram se embrenhando pelo alto sertão maranhense. Em face disso, tornaram-se conhecedores da vasta extensão territorial e da realidade social, econômica e política do sertanejo. Diante da incapacidade de fixar residências em todas as áreas que demandavam sacerdote, não restou outra opção senão intensificar as missões itinerantes.

Enquanto isso, no Maranhão, a Colônia de São José da Providência em Alto Alegre avançava com a construção dos edifícios que abrigaram o colégio, o templo e as residências, inclusive as de indígenas que decidissem morar na mesma; bem como com a preparação dos campos para produção agrícola.

O prédio do colégio foi projetado para receber o Educandário, contendo as estruturas para salas de aula, como também, espaços apropriados para acolher as meninas indígenas, em regime de internato e, ainda, as freiras regulares da congregação das Irmãs Terceiras Capuchinhas de Madre Rubatto<sup>95</sup> que assumiram a missão de dirigir a escola. Da mesma

---

<sup>93</sup> Carta de frei Gaetano de Messina, Prefeito Apostólico de Pernambuco, encaminhada ao Provincial de Milão e seu Definitório. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. A-II-1, 2n. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>94</sup> Livro de tombo da Missão do Maranhão. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. A-I-1, fl. 156-157. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>95</sup> Família religiosa instituída em 23 de janeiro de 1885. Inicialmente foi denominada de Irmãs Terciárias Capuchinhas de Loano, depois chamada de Irmãs Capuchinhas de Madre Rubatto (Homenagem à mãe fundadora Ana Maria Rubatto). Após disseminar-se pela Itália, atravessou o oceano e estabeleceu-se na Argentina e Uruguai.

forma, a construção do templo dispunha, além do espaço para as celebrações, anexos para residência dos frades.

Segundo Merlatti (2001, p. 21-22), “a proposta de colaboração com os capuchinhos [Maranhão] chegou às mãos de Madre Francisca diretamente do Ministro Geral da Ordem, Pe. Bernardo de Andermatt, em abril de 1898”. Nessa data, a Madre Fundadora e Superiora Geral da Congregação das Irmãs Terceiras Capuchinhas encontrava-se em Montevidéu. Então, “ela mesma, partiu de Montevidéu à frente do grupo de seis religiosas que, voluntariamente, aceitaram vir trabalhar nas selvas brasileiras” (CONGREGAÇÃO, 1976, p. 90).

Merece salientar que a proposta para ambos os internatos, o de Barra do Corda e o de Alto Alegre, centrava a formação em um modelo importado do Norte da Itália, com base no ensino da doutrina cristã, de leitura, aritmética, ortografia e caligrafia, geografia e história. Completava o currículo, a frequência às oficinas de sapataria, serralheria, carpintaria, alfaiataria e música para os meninos, enquanto para as meninas, oficina de música, de corte e costura e de prendas domésticas (CARVALHO, 2017).

Em 1900, frei Carlos (1852-1931) foi eleito Superior da Missão e retornou ao comando: um novo século, novos horizontes, novos planos para o apostolado. A Missão do Maranhão encontrava-se bem estruturada e definida quanto ao trabalho pastoral, com ações paroquiais, missões populares, desobrigas, escolas e colégios; quanto à pastoral indígena, com os colégios de Barra do Corda, o da Colônia de São José da Providência, em Alto Alegre, e o da Colônia de Santo Antônio do Prata, no Pará; quanto às frentes de expansão: com residências fixas no Maranhão, em São Luís, Barra do Corda e Alto Alegre; no Pará, em Santo Antônio do Prata e Belém; e, no Ceará, em Canindé.

Não obstante as dificuldades provenientes da escassez de meios e de pessoal, a Missão do Maranhão continuava a se desenvolver. Contudo, em 1901, no dia 13 de março, os indígenas guajajara, principalmente, se rebelaram contra os frades capuchinhos. Crônicas e correspondências da Missão do Maranhão apontam as motivações abaixo elencadas como causadoras do acontecimento que ficou conhecido como ‘massacre de Alto Alegre’.

- 1 – O ódio de homens ímpios que açulavam os índios contra os missionários;
- 2 – A vida escandalosa destes mesmos maus cristãos, profligada na pregação evangélica;
- 3 – O prejuízo pecuniário de pessoas, que pagando o trabalho dos índios com enganos e cachaça, ficaram privados de trabalhadores que, em Alto Alegre, recebiam justa remuneração do trabalho;
- 4 – O temor de que os missionários viessem a ter preponderância em Barra do Corda e Grajaú;

5 – A ignorância maliciosa dos índios e o desejo de pilhagem da parte dos mesmos, excitados pela aguardente<sup>96</sup>.

Mais recentemente, alguns estudiosos desse acontecimento adicionam outros comportamentos que podem, também, ter influído. Segundo Maria Goretti Cavalcante de Carvalho

Neste sentido, as eventuais considerações são tecidas sobre as implicações desta presença na decorrência do massacre, em virtude do embate com latifundiários, nas frentes de ocupação das terras indígenas, numa “resistência” indígena e nas políticas civilizatórias do governo (CARVALHO, 2017, p.29).

A nosso ver, o que aconteceu na Colônia São José da Providência para os frades capuchinhos foi uma rebelião de indígenas. Para os Guajajara, porém, foi um ato de resistência, devido as imposições culturais e cristãs. Aqui, não é nosso propósito aprofundarmos nessa questão. Mencionamos pelo fato desse acontecimento mudar profundamente a missão capuchinha nas questões referentes à conversão por meio da educação de crianças indígenas.

Passado um mês do massacre, isto é, em abril de 1901, frei Carlos (1852-1931), Superior Regular, foi a Alto Alegre para recolher os corpos dos martirizados. Ao retornar a Barra do Corda recebeu um telegrama com uma informação de que, também, na Colônia de Santo Antônio do Prata, no Pará, os indígenas tinham se rebelado. Embora a informação não tenha sido confirmada posteriormente, frei Carlos (1852-1931) não suportou um destino sequer jamais pensado e nem imaginado, entrou em estado de choque emocional, do qual não mais se recuperou completamente.

Frei João Pedro (1868-1913) mostrou-se o líder certo para organizar e conduzir firme, prudente e vigorosamente a Missão do Maranhão rumo à superação do estonteante massacre de Alto Alegre, redirecionando a Missão do Maranhão para uma ação pastoral missionária embasada no paróquiato<sup>97</sup> e na cooperação com o clero. Frei João Pedro recebeu apoio e simpatia da Ordem e da Província de Milão, demonstrados com o envio de mais missionários capuchinhos para a Missão do Maranhão, em substituição aos que tombaram.

---

<sup>96</sup> Carta enviada ao Exmo e Revmo Monsenhor Filippe Cortesi, M. D. Auditor da Nunciatura Apostólica e Encarregado de Negócios da Santa Sé. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. B-IV-15, 1f, p.7. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>97</sup> É o período em que um padre administra uma paróquia. Tempo definido pelo bispo em provisão.

## **2.4 Missão do Maranhão após o massacre de Alto Alegre: missões populares e desobrigas no alto sertão maranhense**

O doloroso acontecimento de Alto Alegre impôs aos frades capuchinhos lombardos centralizarem a ação apostólica por meio de missões populares itinerantes entre as populações urbanas e desobrigas pelo sertão. Prosseguiram no acompanhamento do Bispo em visitas pastorais, como também, na assistência aos doentes e moribundos. Permaneceram com assistência religiosa nas capelania, em casas religiosas e leprosários. Buscaram motivação para práticas piedosas e de confrarias religiosas. E, de maneira tímida, atuação na pastoral indígena.

Os frades capuchinhos da Missão do Maranhão revelaram-se exímios pregadores, o que contribuiu para que intensificassem a ação apostólica com mais frequência na realização de missões populares junto ao povo. Neste ponto, mantiveram um programa semelhante ao aplicado pelos capuchinhos no nordeste brasileiro. Em conformidade com narrativa de Luís da Câmara Cascudo, os frades evangelizavam

construindo igrejas e cemitérios, riscando estradas, plantando cruzeiros, os capuchinhos ensinavam o catecismo, o simples, o lógico, o indispensável catecismo, divulgando orações singelas e cantos corais, de ampla e estupenda eficácia psicológica, tendo a intuição completa dos mistérios intelectuais do canto coletivo como liame de solidariedade moral. Os capuchinhos deram ao sertão os “benditos” cantados uníssono, por homens e mulheres antes e depois das pregações [...] Os capuchinhos faziam cantar [...] A eloquência capuchinha era uma palavra ardente e rude, arrebatadora e feroz, queimante como a brasa e alta como nota de clarim (CASCUDO 1959, p. 12).

Complementarmente à plataforma das ações pastorais, foram acrescentadas a fundação de associações, confrarias religiosas e obras de assistência social humanitária e cultural; também, a edificação de centros catequéticos. Realidade um tanto quanto controversa, pois, ao mesmo tempo em que ampliava o alcance da ação pastoral capuchinha, tornava-se recorrente em relatórios dos frades à Província o problema estruturante da falta de meios e de clero, limitando a ação pastoral.

Apesar das limitações, num período de quinze anos, a Missão do Maranhão avançou e atingiu o quantitativo de dezessete paróquias assumidas, nove Colégios implantados e quatro escolas de artes e ofício. Em Fortaleza, Ceará, destacou-se a escola primária Pio X. Em Belém, Pará, a escola Bento XV.

Quanto ao social, para fazer frente à evolução do pensamento marxista ou capitalista, os frades criaram os Círculos Operários Católicos em Belém, São Luís e Fortaleza. Em São Luís, frei Marcelino de Milão (1882-1940) fundou, em 1918, a União Operária Maranhense. Duas tipografias foram inauguradas, uma na Colônia de Santo Antônio do Prata, Pará, e outra em Canindé, Ceará, merece menção os periódicos impressos nas tipografias, veículo de difusão da Ordem dos franciscanos (CORONINI, 1993).

As paróquias eram detentoras de vastíssima área jurisdicional, ocasionando percursos que totalizavam 3.500 km a 4.000 km excursionados ao final de uma jornada. “Uma jornada itinerante quer de desobriga ou missão, geralmente durava dos meses de abril ou maio a dezembro, que era o período sem chuvas” (CORONINI, 1993, p. 44).

Em decorrência dessa realidade estruturante de indisponibilidade de meios e de clero, somada as distâncias da capital para as paróquias na vastidão de sertão e, ainda, da ausência de estradas, da dificuldade de comunicação, das despesas ingentes e de outros empecilhos que lhes eram naturalmente impostos, a Missão do Maranhão teve de repensar uma melhor organização das obras missionárias, não apenas em função de maior concentração dos missionários, mas, também em novas formas de apostolado.

Circunstâncias que se somaram para que houvesse a convergência de pensamentos quanto à necessidade de limitar uma área territorial menor para atuação da Missão do Maranhão. Assim, na perspectiva da redução do espaço geográfico, foi visualizada a possibilidade de ser instituída uma Prefeitura Apostólica<sup>98</sup> ou uma Prelazia<sup>99</sup> autônoma. Ideia incorporada, amadurecida e assumida pelos superiores da Província.

A eleição de frei Roberto de Castelanza para Superior Regular da Missão do Maranhão, em substituição a frei Alfredo de Martinengo, no ano de 1918, coincidiu com a morte do Bispo de São Luís, Dom Francisco de Paula e Silva (1866-1918).

A nomeação de um novo bispo para a Diocese de São Luís, Dom Helvécio Gomes de Oliveira (1876-1960), foi a oportunidade para que o Superior Regular da Missão do Maranhão reavivasse a esperança de ver reduzida a área de atuação dos capuchinhos, com a criação de uma nova circunscrição eclesiástica no Maranhão, desmembrada de São Luís e confiada à Missão do Maranhão, isto é, aos capuchinhos de Milão.

---

<sup>98</sup> “O vicariato apostólico ou a prefeitura apostólica é uma porção do povo de Deus que, em virtude de circunstâncias peculiares, não foi ainda constituída em diocese, e que para ser apascentada se confia a um Vigário apostólico ou Prefeito apostólico, que a governa em nome do Sumo Pontífice” (Cod. Dir. Can.: Cân. 371, §1).

<sup>99</sup> “A prelatura territorial ou a abadia territorial é uma porção do povo de Deus, circunscrita territorialmente, cujo cuidado pastoral, em virtude de circunstâncias especiais, é cometido a um Prelado ou Abade, que a governa como seu pastor próprio, à maneira de Bispo diocesano” (Cod. Dir. Can.: Cân. 370).

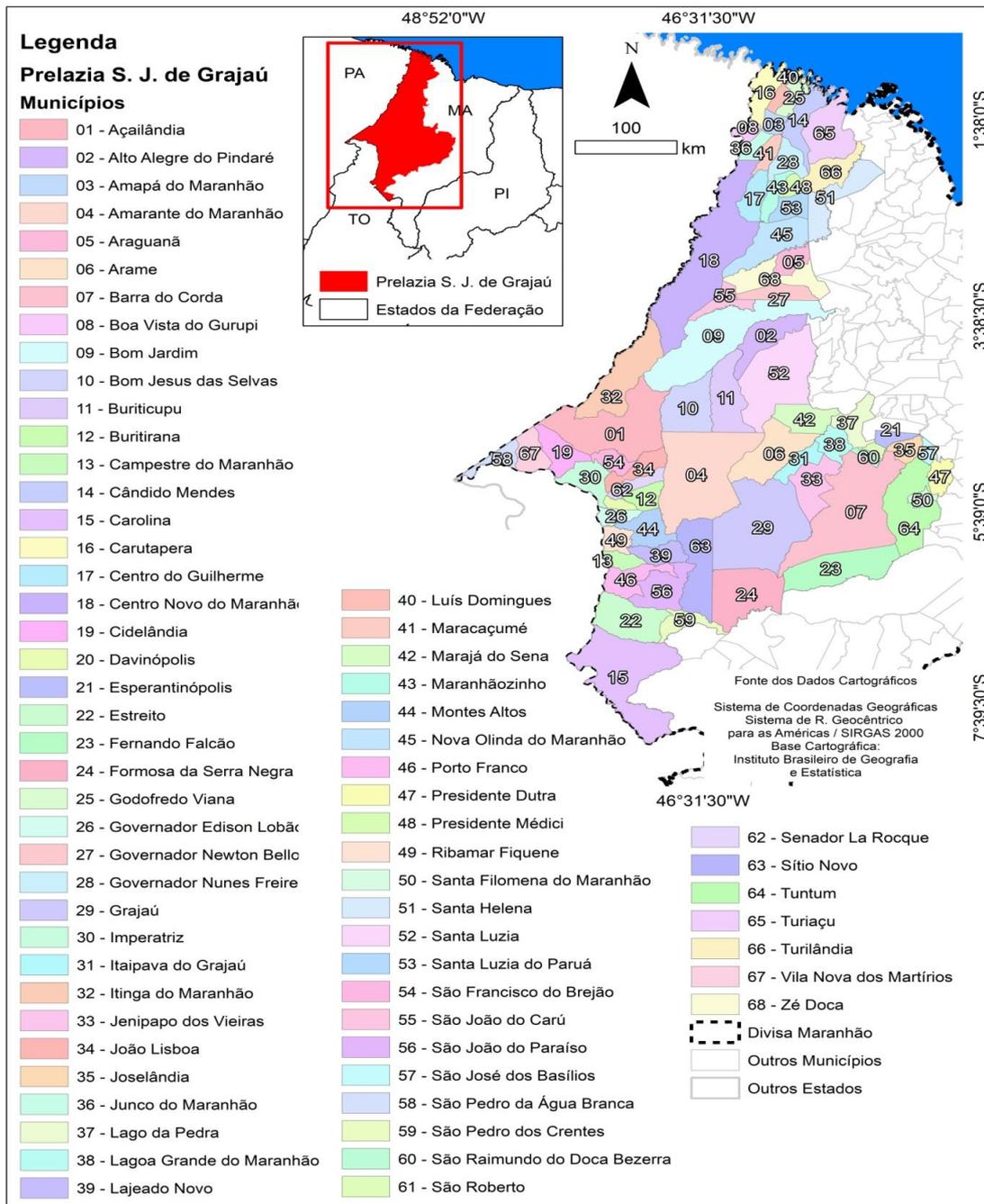
O Bispo Dom Helvécio Gomes de Oliveira (1876-1960), da Diocese de São Luís, era declaradamente admirador da obra dos capuchinhos. Acolheu a ideia da criação de uma nova circunscrição no Maranhão desmembrada de São Luís.

Assim, após as tratativas necessárias, o Bispo de São Luís, Dom Helvécio Gomes de Oliveira (1876-1960), apresentou à Santa Sé o pedido para a constituição de uma Prelazia autônoma no interior do Maranhão, com sede em Grajaú e sob a proteção de São José. O intento foi atendido pela Santa Sé em 10 de fevereiro de 1922. O Papa Pio XI (1857 – 1939) publicou a *bula Rationi congruit et convenit honestati*<sup>100</sup> elevando a Diocese de São Luís à categoria de Arquidiocese e sede da Província Eclesiástica do Maranhão e erigindo a Prelazia de São José de Grajaú (Mapa 4), desmembrada da Arquidiocese de São Luís e confiada à Província Capuchinha de Milão.

---

<sup>100</sup> Acta Apostolicae Sedis. pp. 331-334. Disponível em: <<http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-14-1922-ocr.pdf>>. Acesso em: 30.jan.2021.

Mapa 4: Prelazia de São José de Grajaú (1922)<sup>101</sup>



Fonte: Sousa (2021).

A Prelazia de São José de Grajaú abarcou uma superfície de mais de um terço do território maranhense, tendo incorporado as áreas das paróquias de São Francisco Xavier de

<sup>101</sup> Leitura/Interpretação do mapa: Os números em cada município representam na legenda o nome correspondente. Na parte superior, foi colocada uma figura da região mapeada dentro do estado do Maranhão.

Turiaçu e Santa Tereza d'Ávila de Imperatriz e Porto Franco, a oeste; Santa Cruz da Barra do Corda e Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú, ao centro; e São Pedro de Alcântara de Carolina, ao sul.

Nesse Mapa 4 tomamos por base a localização dos municípios constitutivos da Prelazia de São José de Grajaú, apresentado por Nembro (1955, p 162). Utilizamos a linha divisória dos territórios dos municípios originários, cuja área geográfica foi desmembrada desses municípios, para, então, mapeamos um total de 68 (sessenta e oito) municípios, no presente.

A maioria deles foram povoações fundadas a partir da ação pastoral dos frades capuchinhos, que percorreram a vasta região em missão itinerante ou desobriga. Em suas andanças iam constituindo comunidades e edificando capelas para melhor pastorear o rebanho, ao redor das capelas iam se multiplicando as moradias. Conforme Neris (2014, p. 103), “nas regiões do interior do estado onde a presença clerical sempre foi mais restrita, a figura do padre em exercício que se impôs foi aquela do religioso itinerante, encarregado de realizar visitas em momentos precisos e regulares a diversas comunidades”.

## **2.5 Custódia Provincial do Maranhão e Pará na instituição e edificação de Igrejas Particulares no alto sertão maranhense**

Ereta a Prelazia de São José de Grajaú, a mesma foi confiada à Província de São Carlos (Província Capuchinha de Milão). Esta aceitou e indicou para administrador Apostólico frei Roberto Júlio Colombo (1870-1927). O administrador imprimiu novos métodos e novas ações pastorais.

As capelas foram se multiplicando pela floresta e sertão. Eram palhoças (Figura 5) que serviam de templo e onde a presença do missionário, embora rara, se tornava um acontecimento marcante para as redondezas. Eram nessas choupanas que aconteciam as rezas e as missas e onde se celebravam os sacramentos, quando dispunham da presença do vigário itinerante. Também eram nelas que se distribuíam os santinhos, as medalhas benzidas e alguns poucos livretos, pois a população, na grande maioria, não sabia ler.

**Figura 5: Igreja Matriz de São Pedro de Alcântara de Carolina (1923)**



Fonte: Livro de tomo da Missão do Maranhão. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-III-13, p.13. Convento do Carmo. São Luís-MA.

Um programa de edificações de igrejas nas paróquias objetivou estruturar adequadamente os espaços para assistência aos fiéis (Fotografia 3). Até então, apenas a paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda dispunha de estrutura física e organização adequadas para assistência religiosa.

**Fotografia 3: Igreja Matriz de São Pedro de Alcântara de Carolina (2021)**



Fonte: Arquivo pessoal de Dom Francisco Lima Soares. Bispo de Carolina.

Entretanto, as longas distâncias a serem percorridas e o reduzido número de frades, manteve o agir pastoral nas sedes das paróquias subsidiado nas missões itinerantes, enquanto que nas matas e no sertão se fez por meio das desobrigas.

Em março de 1923 a Prelazia de São José de Grajaú recebeu vinte e dois religiosos, enviados pelo Superior da Província de São Carlos. O Prelado cuidou de distribuir os coirmãos, de forma que pudesse garantir, em cada paróquia, no mínimo um padre que se encarregaria da sede e, mais um ou dois missionários cooperadores, que cuidariam da desobriga pelo interior. Evidente que as dificuldades, os obstáculos e as asperezas de espírito

persistiram, entretanto, os missionários perseveraram e o trabalho frutificou, desenhando outro escopo para Prelazia de São José de Grajaú.

A sensibilidade e o zelo apostólico dos frades os conduziram a outros cuidados para com os fiéis e, com apoio da Província de São Carlos, puderam se dedicar a abertura de escolas, dispondo das Irmãs Missionárias Capuchinhas do Brasil na direção. Então, além de ampliar as instalações do colégio que já existia em Barra do Corda, mais três foram abertos: em Grajaú, onde as Irmãs chegaram em 1922; em Turiaçu, com a presença das Irmãs a partir de 1923 e, em Imperatriz, cuja presença das Irmãs iniciou-se em 1926. Deve-se salientar que já existiam escolas estaduais na região, porém, insuficientes diante da demanda (CARVALHO, 2017).

Objetivando uma ação evangelizadora cristã católica nas escolas públicas, o Prelado empreendeu, junto aos governantes, que o ensino religioso fosse ministrado nas mesmas. Alcançou que fosse inserido obrigatoriamente nas escolas primárias e de modo facultativo nas demais.

A ação pastoral de missionários para povos indígenas tornou-se mais cautelosa e contida. Os missionários traziam impregnada a ideia equivocada de que esses eram ‘selvagens’, bárbaros, cruéis e desumanos, inclusive, os temiam, pois esses tinham habilidade no manuseio do arco e flecha, que a disparava quando se sentiam ameaçados. Como predominou na relação interétnica, o colonizador sempre viu o colonizado como aquele que não tem fé nem lei (ABBEVILLE, 1995).

Assim, os indígenas passaram a ser assistidos em suas enfermidades, alimentados e vestidos quando se deslocavam até a cidade. As visitas nas aldeias ficaram reduzidas apenas quando da passagem do vigário missionário itinerante em desobriga.

Frei Roberto Colombo<sup>102</sup> (1870-1927) foi eleito Bispo em 18 de dezembro de 1924, dois anos após ter tomado posse como administrador. Então, dirigiu-se para São Luís, onde foi consagrado na Catedral Nossa Senhora da Vitória, no dia 3 de maio de 1925. A primeira ordenação presbiteral no Maranhão, portanto, há de se inferir o quanto foi prestigiada com a presença dos fiéis e autoridades civis.

No entanto, Dom Roberto Colombo ficou impossibilitado de retornar à sede da Prelazia (Grajaú), devido à presença dos revoltosos tenentistas de Copacabana e de São Paulo na região. Esse estado de temor contribuiu para que muitos sertanejos abandonassem as

---

<sup>102</sup> Diocese de Grajaú. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: <<http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dgraj.html>>. Acesso em: 02.fev.2021.

povoações e se embrenhassem mata adentro, provocando uma interrupção brusca no trabalho intenso de evangelização de anos anteriores.

Findada as tormentas, finalmente ele pode retornar à Grajaú e dar continuidade ao seu pastoreio. Dom Roberto Colombo (1870-1927) realizou, pessoalmente, em todas as sedes das paróquias cursos de missões, essa era uma estratégia para tornar a reagrupar os fiéis. Mas, adoentado e fragilizado, o físico já não aguentava muito mais andar no lombo de um cavalo, tanto que, ao retornar para Grajaú de uma de suas visitas apostólicas à Imperatriz, nas imediações da povoação de Montes Altos, uma súbita crise de nefrite o obrigou a suspender a empreitada. Dom Roberto Colombo faleceu em 8 de novembro de 1927, interrompendo seu programa de trabalho apostólico que tão generosa e zelosamente empreendia.

Devido às grandes distâncias e outras dificuldades para reunir os conselheiros da Prelazia, o Arcebispo Metropolitano de São Luís, Dom Otaviano Pereira de Albuquerque (1866-1949), providenciou a nomeação do missionário capuchinho frei Emiliano Lonati de Brescia (1886-1971) para Vigário Capitular.

Frei Emiliano Lonati de Brescia (1886-1971) foi eleito Bispo titular de Epifania<sup>103</sup> na Cilícia e Prelado da Prelazia de São José de Grajaú em 10 de janeiro de 1930. O bispo manteve, dentre suas preocupações, a pastoral indígena. Por isso, logo em 1932 solicitou relatório das paróquias a fim de se abastecer de informações mais detalhadas e atualizadas, para melhor programar ações evangelizadoras junto aos povos nativos.

Também, designou alguns missionários para que se dedicassem a essa pastoral: frei Lourenço de Alcântara (1873-1942) na paróquia de Imperatriz até o Gurupi; frei Adriano de Zanica com o trabalho pastoral nas aldeias da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda e frei Josué de Monza (1879-1959), que, com a colaboração do frei Tomé de Stezzano, assumiu os indígenas do entorno de Grajaú. Frei Aristides, como veremos mais adiante, escolheu essa região para atuar pastoralmente como vigário itinerante responsável pela catequese dos indígenas.

Dom Emiliano Lonati (1886-1971) estabeleceu em seu programa ações para sedimentação da Prelazia de São José de Grajaú e sua inserção na vida católica brasileira e universal. Imprimiu um ritmo de visitas pastorais frequentes e cuidou de unificar suas diretrizes por meio da emissão de cartas, buscando dar unidade na ação pastoral. Na sua gestão não passou despercebido o método da desobriga, que se renovou tanto na

---

<sup>103</sup> Epifania na Sicília, Itália. Quando um bispo não tinha uma sede territorial, dava-se o título de uma antiga sede (já existente no passado). Assim, em teoria, cada bispo tinha sempre a sua sede.

intensificação das visitas, quanto na assistência aos fiéis, incluindo as aldeias dos indígenas<sup>104</sup>.

Um ambicioso programa de edificações de templos religiosos e residências para assistência religiosa foi implantado por Dom Emiliano Lonati (1886-1971). Em Imperatriz foi edificada a Igreja Matriz de Santa Teresa d'Ávila (Fotografia 4) e o Colégio Santa Teresinha, cuja direção foi entregue às Irmãs Missionárias Capuchinhas do Brasil.

**Fotografia 4: Igreja Matriz de Santa Tereza d'Ávila de Imperatriz/MA**



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

Carolina teve sua Igreja Matriz São Pedro de Alcântara reestruturada e ampliada; a cidade recebeu ainda as Irmãs Missionárias Capuchinhas do Brasil para dirigir o colégio. As estruturas existentes em Barra do Corda foram reformadas e ampliadas. Grajaú recebeu uma ampla e imponente Catedral (Fotografia 5). Outras edificações nas comunidades foram erigidas para abrigar as capelas.

---

<sup>104</sup> Livro de tomo da Missão do Maranhão. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: A-I-6, p. 145. Convento do Carmo. São Luís-MA.

**Fotografia 5: Igreja Matriz de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú/MA**



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

Os missionários da prelazia de São José de Grajaú encheram-se de ânimo e entusiasmo. O zelo do Pastor, além de reformas físicas e de novas edificações, inundou o espírito das comunidades da sede e do interior, fazendo brotar obras apostólicas como: escola catequética, Ordem Terceira, Apostolado da Oração, Filhas de Maria, Cruzadas Eucarísticas, Conferências de Vicentinos, bandas de música, bibliotecas paroquiais, companhias de dramaturgia e teatro, centros juvenis, impressão de periódicos e outras mais expressões de fé<sup>105</sup>.

---

<sup>105</sup> Expressões de fé se referem às diferentes experiências religiosas, ao modo como as pessoas vivem, se expressam e agem dentro da religião que professam, considerando-se tanto a linguagem, como também, os símbolos e ritos religiosos constituintes da história daquela religião (RIBEIRO, 2018).

Todavia, as dificuldades estruturais de sempre permaneciam: a escassez de recursos financeiros e o reduzido número de missionários, que eram limitadores da ação pastoral na Prelazia. Então, a orientação de Dom Emiliano Lonati (1886-1971) para assistência às populações do sertão recaiu na ação da desobriga, devido à imensidão territorial das paróquias e à dispersão das residências pelo interior, o que tornava o ministério árduo e bastante cansativo, mas necessário. Neris (2014, p. 111) afirma que “Sozinhos ou acompanhando bispos, com suas vestes religiosas castanhas, capuzes curtos e cordões brancos de três nós, esses religiosos representavam a presença da Igreja em todos os sentidos”.

Devemos salientar que a missão era ingente, árdua e extasiante, mesmo porque a delimitação espacial abrigava uma área vasta, enorme, em que as distâncias a serem percorridas da sede da Prelazia na cidade de Grajaú, região centro-sul até Turiaçu, situado no extremo norte do estado do Maranhão, junto ao Oceano Atlântico, na região leste, era de 660 a 840 km, a depender da rota escolhida. Dessa forma, o desmembramento de uma área para criação de outra jurisdição eclesiástica, objetivando dar maior eficiência na assistência religiosa da população, era assunto que unificava os pensamentos dos missionários capuchinhos (CORONINI, 1993).

Paralelamente, a Ordem dos Capuchinhos buscava uma melhor e mais eficiente organização da presença capuchinha no Brasil. Então, objetivando conceder maior autonomia para a Missão do Maranhão, por decreto de 26 de agosto de 1937, esta foi elevada à categoria de Custódia Provincial do Maranhão e Pará<sup>106</sup>, um degrau acima no caminho de uma independência. Teve por primeiro Custódio frei Gaudêncio de Rescalda (1889-1944).

Corroborando com a ideia de redução do espaço geográfico da Custódia, frei Gaudêncio de Rescalda (1889-1944) priorizou a ideia da criação de outra jurisdição eclesiástica no Maranhão, desmembrada da Prelazia de São José de Grajaú.

Chegada a hora, transcorridas as tratativas necessárias, o Papa Pio XII (1876-1958), em 22 de julho de 1939, fez publicar a bula *Ad maius Christifidelium bonum*, criando a

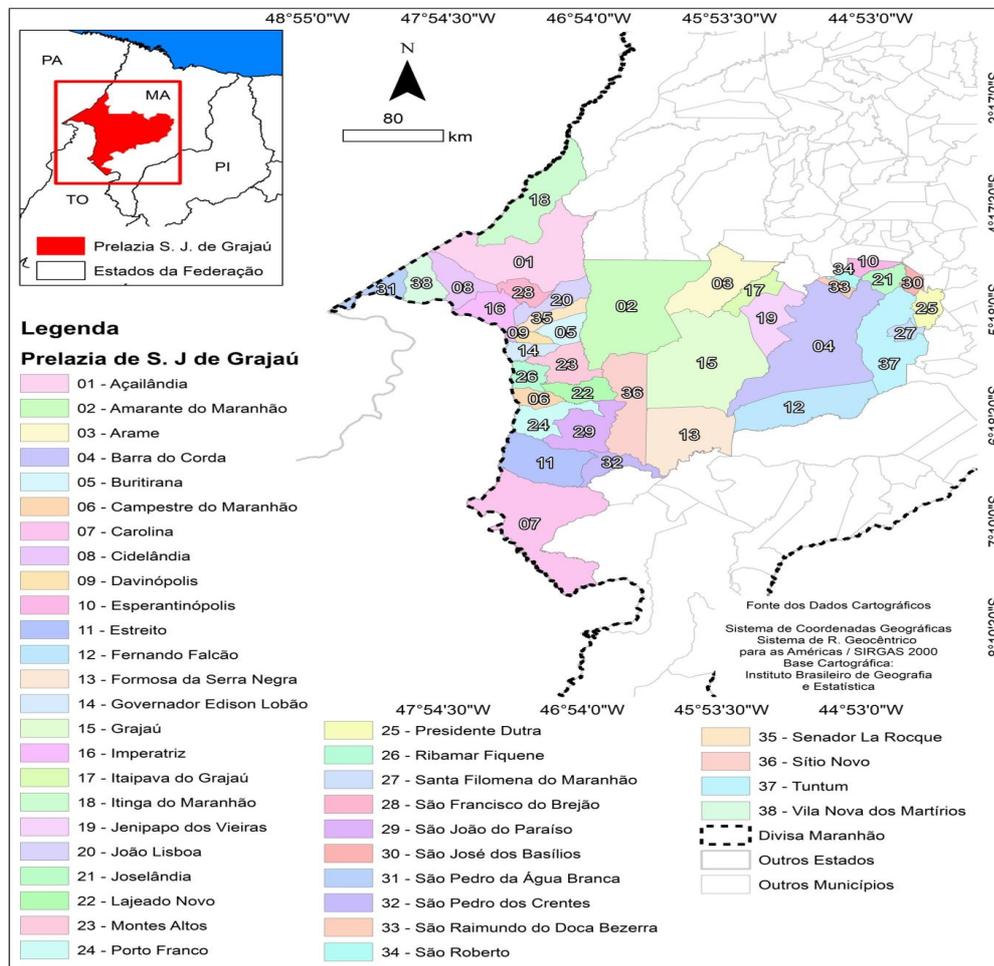
---

<sup>106</sup> “A Custódia é uma parte da Ordem em que os frades, postos a serviço das Igrejas e de seus pastores na obra evangelizadora, gradualmente desenvolvem a presença da vida consagrada mediante o empenho pela implantação da Ordem [*implantatio Ordinis*]. É governada pelo custódio, que tem poder ordinário vicário”. “Os frades das custódias elejam os próprios delegados e seus substitutos”. “Feita a eleição ou a nomeação do ministro provincial e dos conselheiros, os frades continuam a exercer os seus cargos até que seja disposto diversamente. Essa norma, com as devidas diferenças, vale também para as custódias”. “Pertencem à custódia todos os frades que foram agregados a ela, ou que foram enviados para lá por determinado tempo pela autoridade competente, e os frades que nela emitiram a profissão, mesmo se, devido à formação ou a outros motivos, vivem em outro lugar” (CONSTITUIÇÕES DA ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS E ORDENAÇÕES DOS CAPÍTULOS GERAIS, 2014, 118-7; 131-2; 132-6; 138-1).

Prelazia de Pinheiro<sup>107</sup>, sufragânea da Arquidiocese de São Luís e constituída dos municípios de Pinheiro, Alcântara, Cururupu, Turiaçu, Carutapera e Guimarães, todos desmembrados da Prelazia de São José de Grajaú. A nova Prelazia foi confiada aos missionários do Sagrado Coração de Jesus.

A nova configuração geográfica da Prelazia de São José de Grajaú (Mapa 5) compreendeu as Paróquias de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú, Santa Cruz da Barra do Corda, Santa Teresa d'Ávila de Imperatriz e Porto Franco e São Pedro de Alcântara de Carolina.

**Mapa 5: Prelazia de São José de Grajaú após 1939<sup>108</sup>**



Fonte: Sousa (2021).

<sup>107</sup> Diocese de Pinheiro. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: <<http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dpinh.html>>. Acesso em: 02.fev.2021.

<sup>108</sup> Leitura/Interpretação do mapa: Os números em cada município representam na legenda o nome correspondente. Na parte superior foi colocada uma figura da região mapeada dentro do estado do Maranhão.

No delineamento do Mapa 5, estabelecemos um paralelo tomando por base os espaços territoriais dos municípios constituídos na atualidade, cuja área geográfica foi desmembrada daqueles que originalmente constituíram a Prelazia de São José de Grajaú, após desmembramento da nova circunscrição eclesiástica. Dessa forma, nesse contexto atualizado, o pastoreio dos missionários capuchinhos compreendeu um território que totaliza na atualidade 38 (trinta e oito) municípios.

Mesmo com a divisão territorial, ainda restou uma área imensa para o pastoreio dos poucos missionários da Prelazia de São José de Grajaú. Contudo, a notícia da criação da Prelazia de Pinheiro foi bem recebida pelos católicos em ambas as territorialidades. Na Prelazia de São José de Grajaú reacenderam-se as esperanças de uma ação pastoral mais homogênea e duradoura. Além das sedes das paróquias, existiam cinquenta e quatro capelas e sessenta e um centros de catequese, sem contar a quantidade de cruzeiros<sup>109</sup> cravados onde não era possível erguer capelas (CORONINI, 1993).

Na Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda foi edificada uma nova Matriz (Fotografia 6), uma homenagem aos mártires de Alto Alegre. Inaugurada por ocasião das comemorações dos 50 anos do trágico acontecimento. Estava superior da fraternidade de Barra do Corda frei Epifânio da Badia. A edificação ficou ao encargo do engenheiro italiano frei Francisco de Chiaravalle OFM Cap. Ele já havia projetado e construído as igrejas matrizes de Grajaú, Carolina e de Imperatriz. Na Itália frei Aristides havia sido ordenado padre no ano anterior (25 de junho de 1950). Embora recém-ordenado, participou das comemorações, presidindo na Itália, uma Missa em sufrágio das almas dos que tombaram no massacre de Alto Alegre<sup>110</sup>.

---

<sup>109</sup> Fincar um cruzeiro (grande cruz) em solo “é uma tradição religiosa herdada do colonizador português, que já adotava esse costume na Europa, ora simplesmente indicando ser aquele prédio um templo religioso, ora marcando a passagem periódica das missões” (BATISTA; BATISTA, 2020, p. 59).

<sup>110</sup> Cf. Livro 1 - Registro privado das Santas Missas de frei Aristides (1950 – 1959). Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA.

**Fotografia 6: Matriz da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda, monumento aos mártires do massacre de Alto Alegre**

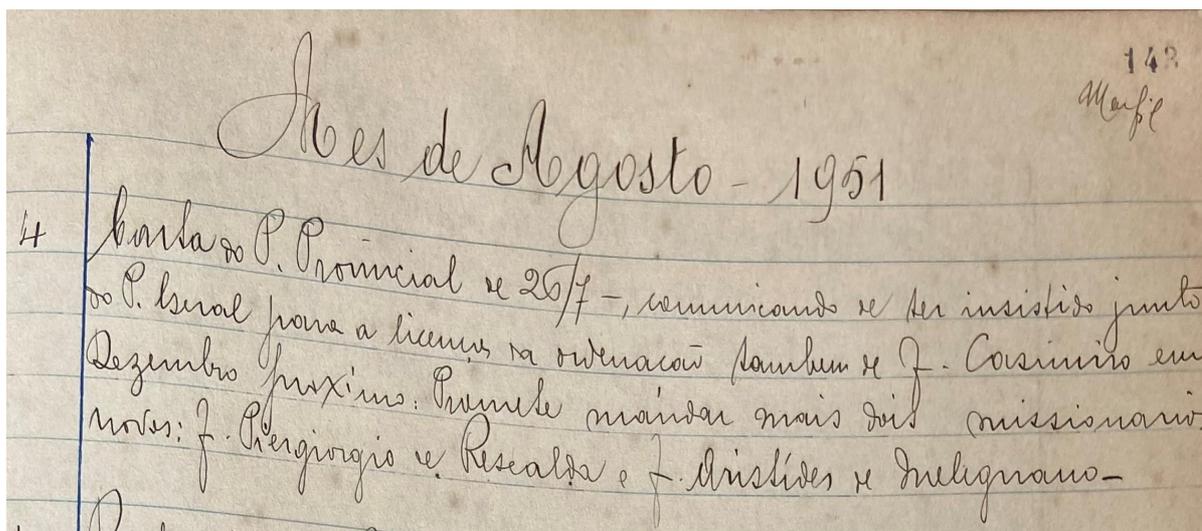


Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

A região centro-sul do Maranhão tornava-se cada vez mais atraente para populações do Nordeste do Brasil, promovendo o surgimento de novas povoações e novas comunidades eclesiais, geralmente pobres e carentes, o que demandava mais missionários e uma atenção especial da Igreja particular de Grajaú para uma ação pastoral caritativa mais efetiva. Em socorro a essas comunidades necessitadas ou acometidas por algum infortúnio, inclusive comunidades de indígenas, novos missionários italianos foram enviados, dentre os quais frei Aristides de Melegnano. Uma carta do Provincial datada de 4 de agosto de 1951, trouxe o comunicado. Vejamos: “Carta do P. Provincial de 26/7, comunicando de ter insistido junto ao

P. Geral para a licença da ordenação também de f. Casimiro em dezembro próximo. Promete mandar mais dois missionários novos: f. Piergiorgio de Rescalda e f. Aristides de Melegnano” (Figura 6).

**Figura 6: Recorte do livro de tomo da Missão do Maranhão. Comunicado do envio de mais missionários para a Custódia do Maranhão-Pará, dentre os quais, frei Aristides**



Fonte: Livro de tomo da Missão do Maranhão. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: A-I-6. Convento do Carmo. São Luís-MA.

Frei Aristides deixou anotado, no seu primeiro livro de registro privado das Santas Missas por ele presididas, sua partida com destino ao Brasil no dia 14 de novembro de 1951, desembarcando em São Luís, sede da Custódia Provincial do Maranhão e Pará, quase um mês depois<sup>111</sup>.

A atuação pastoral dos missionários fez surgir obras assistenciais vinculadas às paróquias como: distribuição do Pão de Santo Antônio, instituição da Caixa dos Pobres, Serviço Central da Malária. Eram centros de distribuição de medicamentos, alimentos e até recurso financeiro, em praticamente todas as paróquias, que socorriam quase toda a população, indistintamente de *status* social ou religião. Ressaltamos que essas obras de caridade acolhiam não somente moradores das cidades sedes, mas, também, populações esparramadas pelas comunidades interioranas e indígenas.

<sup>111</sup> Livro 1 - Registro privado das Santas Missas de frei Aristides (1950 – 1959). Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO B.

Para uma assistência religiosa mais próxima dessas populações, novas paróquias foram sendo criadas, objetivando delimitar um espaço geográfico reduzido para ação pastoral paroquial. Na Prelazia de São José de Grajaú, muitos missionários enveredaram em busca de formação de nível superior na área da saúde: como enfermeiros, médicos cirurgiões, dentistas, sem contar aqueles que se dedicaram ao estudo pessoal, tornando-se autodidatas ou práticos.

Com o aporte de mais sacerdotes enviados para Prelazia de São José de Grajaú, novas fraternidades capuchinhas foram sendo fundadas: João Lisboa em 1963, Coquelândia em 1968, Nossa Senhora de Fátima de Imperatriz em 1969, Mucuíba em 1969 (atual Senador La Rocque), Açailândia em 1970, Buritirana em 1970 e Cidelândia em 1977. Também, em 1970, a Custódia foi elevada à categoria de Vice-Província do Maranhão e Pará<sup>112</sup>.

Nesse contexto, a Região Tocantina maranhense sofreu grande impacto pelo inchaço populacional e o repentino surgimento de várias pequenas povoações. Os frades capuchinhos sentiram-se interpelados a intensificar a assistência domiciliar. Mas, diante do limitador crônico da falta de clero e da imensa extensão territorial da Prelazia de São José de Grajaú, pouco se podia realizar. Então, novamente, tornou-se intensificado e unificado o ideal de redução da área de abrangência para uma ação eclesial eficiente por meio da criação de uma nova jurisdição eclesiástica, desmembrada, mais uma vez, da Prelazia de São José de Grajaú.

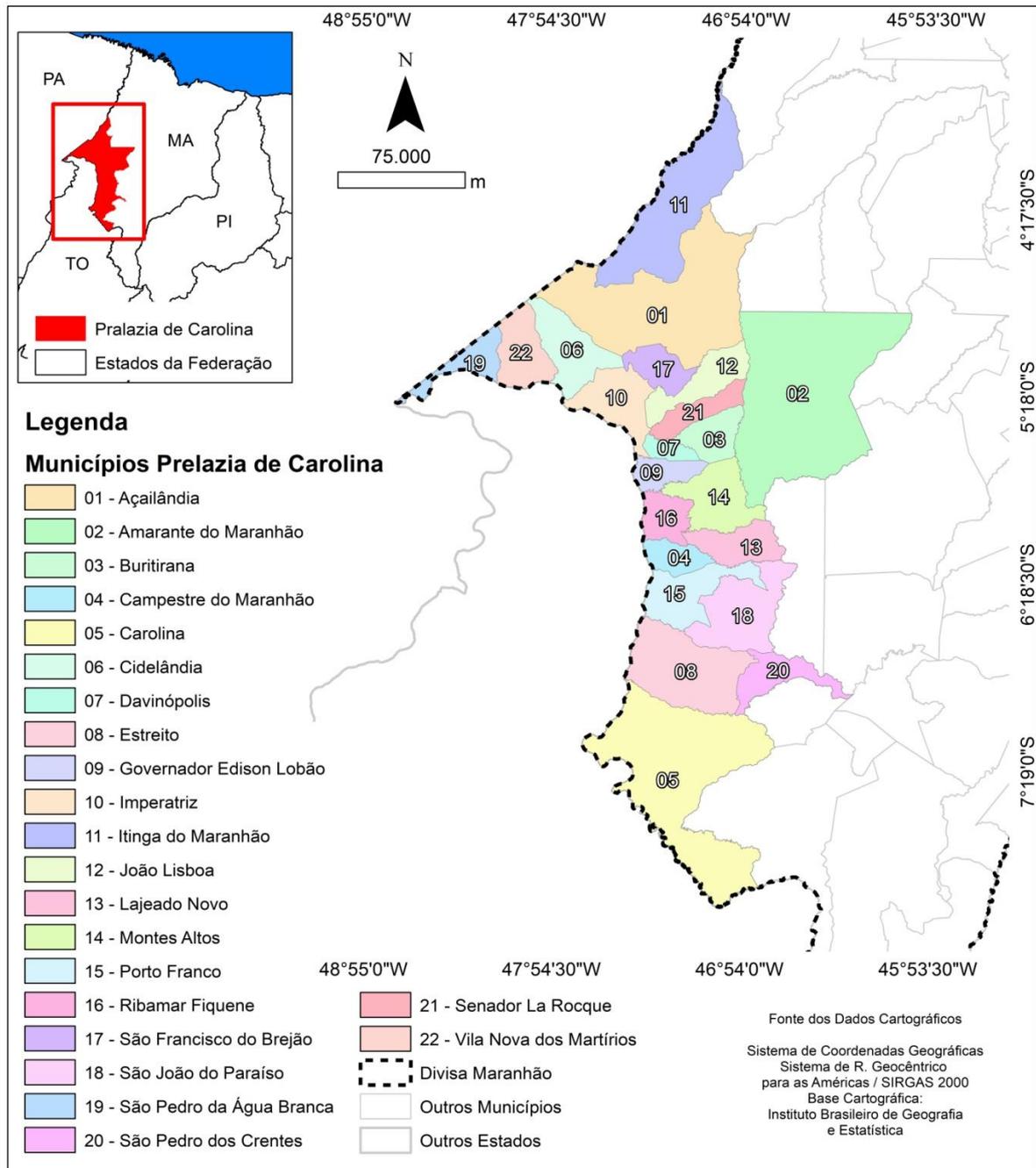
Amadurecido o ideal, Dom Emiliano Lonati (1886-1971) apresentou o pedido, em 1957, para a criação da nova jurisdição eclesiástica autônoma, cuja sede deveria ficar em Carolina. Então, pela bula *Qui Aeque ac S. Petrus*<sup>113</sup>, de 14 de janeiro de 1958, o Papa Pio XII (1939 – 1958) erigiu a Prelazia de Nossa Senhora da Conceição de Carolina (Mapa 6), constituída, então, com os municípios e respectivas paróquias de Amarante do Maranhão (Sagrado Coração de Jesus), Carolina (São Pedro de Alcântara), Estreito (São Sebastião), Imperatriz (Santa Teresa d'Ávila), Montes Altos (Santa Ana) e Porto Franco (Nossa Senhora da Imaculada Conceição), confiada aos padres capuchinhos lombardos.

---

<sup>112</sup> “Províncias e custódias são juridicamente equiparadas, exceto quando pareça diversamente pela natureza das coisas e pelo texto e contexto” (CONSTITUIÇÕES DA ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS E ORDENAÇÕES DOS CAPÍTULOS GERAIS, 2014, 118-10).

<sup>113</sup> Acta Apostolicae Sedis. Vol. L, n. 11, pp. 615-617. 1958. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/pius-xii/la/apost\\_constitutions/documents/hf\\_p-xii\\_apc\\_19580114\\_s-iosephi-de-grajau.html](http://www.vatican.va/content/pius-xii/la/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19580114_s-iosephi-de-grajau.html)>. Acesso em: 05.fev.2021.

**Mapa 6: Prelazia de Nossa Senhora da Conceição de Carolina<sup>114</sup>**



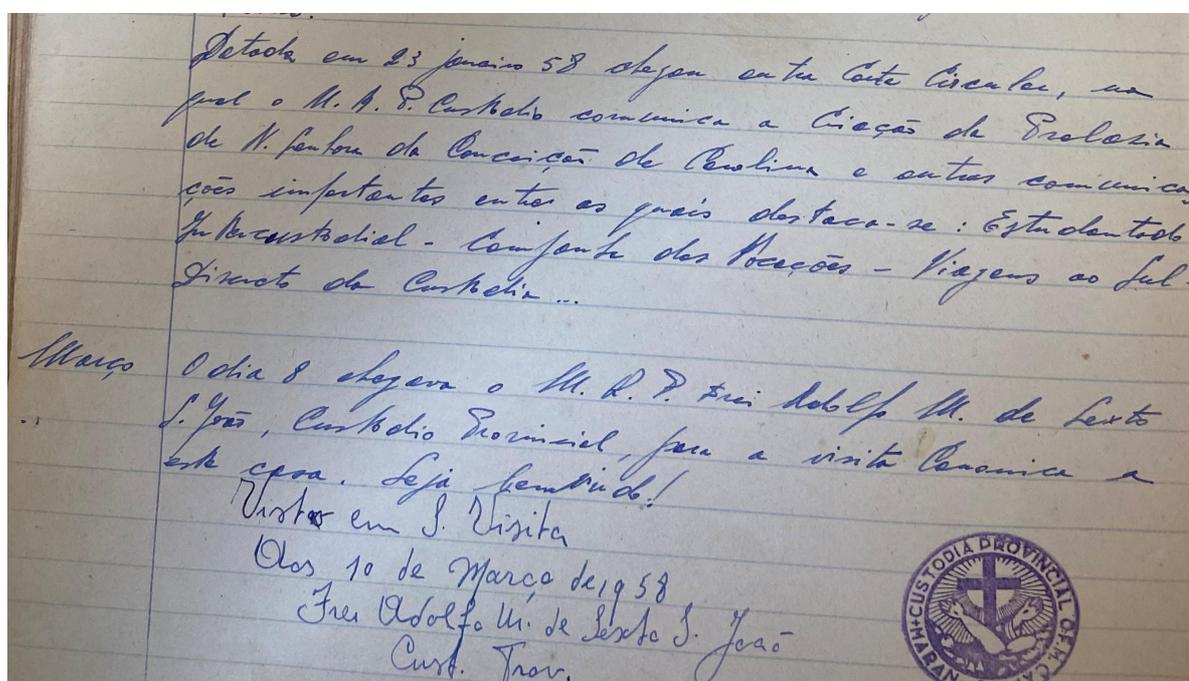
Fonte: Sousa (2021).

Neste Mapa 6, recorreremos à mesma metodologia dos anteriores. Estabelecemos um paralelo referente ao espaço geográfico que, num contexto atualizado, corresponde ao pastoreio dos territórios de 22 (vinte e dois) municípios. Pela relevância do acontecimento, o

<sup>114</sup> Leitura/interpretação do mapa: Os números em cada município representam na legenda o nome correspondente. Na parte superior foi colocada uma figura da região mapeada dentro do estado do Maranhão.

comunicado endereçado à Prelazia de São José de Grajaú foi narrado, dois meses depois, pelo cronista no livro de tombo da Paróquia de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú, nos seguintes termos: “Datada de 23 de janeiro de 1958 chegou ontem Carta Circular na qual o M. R. P. Custódio comunica a criação da Prelazia de Nossa Senhora da Conceição de Carolina e outras comunicações importantes” (Figura 7).

**Figura 7: Recorte do livro de tombo da Paróquia de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú, com o registro do comunicando da criação da Prelazia de Nossa Senhora da Conceição de Carolina**



Fonte: Livro de tombo da Paróquia de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú (1922-1960). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-IV-3, p. 147-B. Convento do Carmo. São Luís-MA.

Convém ressaltar que no espaço territorial de jurisdição da Prelazia de São José do Grajaú, bem como, da recém-criada Prelazia de Nossa Senhora da Conceição de Carolina, a Igreja Particular do Maranhão não dispunha de um só sacerdote do clero diocesano. Então, o novo Prelado de Carolina estabeleceu, dentre as prioridades, trabalhar em colaboração com a Igreja do Brasil para estruturação da Igreja local.

Os anos sessenta e setenta marcaram profundamente a Igreja e essa região com transformações estruturais. Em nível eclesial universal, com a realização do Concílio Vaticano II e, em nível regional, com a criação da Custódia Geral de São Francisco de Assis do Ceará e Piauí, em 16 de novembro de 1966, desmembrada da Custódia Provincial do

Maranhão e Pará e, ainda, a elevação desta à categoria de Vice-Província Capuchinha do Maranhão-Pará, no Capítulo Geral de 17 de junho de 1970. Mencionamos, ainda, em nível nacional, o acontecimento de 1964, em que os militares assumem o comando político no Brasil.

Com a criação da Custódia Geral de São Francisco de Assis do Ceará e Piauí, numa dinâmica própria, que objetivava sanar divergências internas, deliberou-se pela permanência dos frades franciscanos brasileiros na Custódia recém-criada, ao passo que os frades italianos deveriam permanecer na Custódia do Maranhão e Pará. Foi a oportunidade para frei Aristides retornar à região oeste do Maranhão, para o desenvolvimento do seu múnus sacerdotal na recém-criada Prelazia de Nossa Senhora da Conceição de Carolina. Desta vez, fixando residência na Paróquia de Santa Ana de Montes Altos, inicialmente como vigário cooperador, no auxílio de frei Epifânio da Badia, e, concomitantemente, encarregado da catequese de indígenas da Prelazia.

Essa temporada oportunizou a frei Aristides percorrer, em missão, muitas outras paróquias dessa região em cooperação com as fraternidades instituídas. No entanto, pouco tempo permaneceu como cooperador, dois anos depois, ele foi nomeado, mesmo sem ser consultado, vigário da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos (paróquia sob a jurisdição da Diocese de Carolina).

Frei Aristides foi firme em seus posicionamentos em defesa de seus votos de pobreza, obediência e castidade. Dessa forma, tornou-se querido por uns e desagradável para outros. Contudo, seu legado permanece vivo na memória daqueles que testemunharam suas ações, independentemente de laços afetivos.

### **3 FREI ARISTIDES NA CUSTÓDIA PROVINCIAL DO MARANHÃO E PARÁ: de Melegnano (IT) para o Brasil em busca do sonho de ser missionário**

Objetivamos, neste capítulo, uma breve narrativa sobre a trajetória e os rastros do frei Aristides na Custódia Provincial do Maranhão e Pará, responsabilizada da instituição e edificação da Igreja Particular do Maranhão na região do alto sertão maranhense, como encaminhamento para o próximo capítulo.

Iniciamos pelo contexto histórico da sua opção de tornar-se um frade capuchinho e da influência da Ordem franciscana em sua formação religiosa e intelectual. Fizemos um recorte temporal para trazeremos pontos importantes que implicaram na criação da Prelazia de São José de Grajaú, onde frei Aristides primeiro atuou como vigário cooperador.

Assim, no próximo capítulo, apresentamos um panorama sobre o múnus sacerdotal do frei Aristides, destacando a sua atuação na Prelazia de Carolina, na Estação Missionária de Montes Altos, onde agiu religiosa e politicamente por mais de 33 anos, inclusive na sua atuação pastoral junto aos indígenas krikati.

Para isso, utilizamos como guia suas anotações nos três cadernos de registro privado das santas missas por ele presididas, desde sua ordenação na Itália (25/07/1950) até sua morte no Brasil (5/08/1995). Guiamo-nos, também, pelo seu livro publicado em 1993 para comemorar os cem anos de presença dos missionários capuchinhos milaneses no Maranhão<sup>115</sup> e que é uma síntese de suas anotações no livro de tombo da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos.

Outras documentações que encontramos nos Arquivos da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará, no Convento do Carmo em São Luís, subsidiaram, ainda, os fatos aqui narrados. Destacamos que as documentações referentes ao frei Aristides provavelmente, pelo curto tempo que lá chegaram, ainda não foram catalogadas. Encontram-se dentro de pastas, em gavetas de armários de aço, com a designação de ‘Arquivo Confidencial’, sendo, dessa forma, citado como fonte.

Ao acessar os dados provenientes dessas documentações, fizemos o papel do recordador. Segundo Eclea Bosi (1994, p. 30), “o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e como lembra, faz com que fique o que signifique”.

---

<sup>115</sup> ARIOLI, Frei Aristides O.F.M. Cap. **Livro de tombo**: estação missionária de Montes Altos. Montes Altos-MA: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 1993.

Nesse entendimento, podemos desvelar acontecimentos importantes de ordem política e social que implicaram na atuação desse frei, indo ao encontro da tese de que o frei Aristides, por meio de sua atuação religiosa e política, contribui significativamente com o município de Montes Altos por intermédio de suas ações no campo religioso, social e, ainda, as edificações na efetivação dos direitos à saúde, à educação e ao lazer.

Por outro lado, tomamos como importante trazer o número de missas celebradas pelo frei Aristides, pois “é bom lembrar que o estipêndio das missas e sacramentos de cada padre era a principal fonte de sustentação econômica da Fraternidade” (LAZZAROTTO, 1981, p. 48). Considerando, ainda, que a jornada de trabalho de um padre se divide entre orações e as funções do seu ofício relacionado ao ensino: pastoral paroquial e celebração de missas.

Todas as suas presidências de missas foram somadas, ano a ano, e apresentadas em tabela<sup>116</sup>, contudo, fizemos a opção por trazer apenas uma inserida nesta parte do trabalho, objetivando não sobrecarregar e também facilitar a leitura e análise. Ocupamo-nos, nessa tabela, analisar a ação sacerdotal do frei junto aos indígenas da região. Quanto a outros dados relacionados a realização de missa, traremos em forma de texto, à medida que se fizerem necessários.

Atentamos para o que diz Farge (2009, p. 71), quando enfatiza que na coleta e na classificação dos dados existentes podem estar escondidas as “armadilhas e tentações” que derivam do “estar absorvido pelo arquivo a ponto de nem saber mais interrogá-lo”. Assim nos adiantamos para esclarecer que há uma divergência nos números por nós apurados das celebrações presididas por frei Aristides em relação às suas anotações. Pensamos que o motivo se deve ao cansaço ou, quem sabe, desatenção em relação às anotações anteriores, pois, em sua anotação do dia 12 de janeiro de 1953 escreveu a missa de número 1.046, na verdade deveria ter escrito a de número 1.056. Esse fato interfere nas anotações posteriores. Portanto, deve-se acrescentar mais 10 (dez) missas aos números das celebrações, em todas as anotações que se seguem.

Também, encontramos outra subnotação na contagem de missas presididas por frei Aristides na anotação do dia 21 de janeiro de 1959. O frei registrou a missa de número 3.300, número que fora atingido no dia 23 de outubro de 1958. Na realidade, o frei deveria ter anotado a missa de número 3.410, neste caso, devendo ser adicionadas mais 110 (cento e dez) presidências de missas na contagem que se segue.

---

<sup>116</sup> Cf. Apêndice A.

Ao pontuarmos, neste capítulo, ainda que resumidamente, os passos percorridos por frei Aristides na sua trajetória de formação eclesial, evidenciamos ele como sujeito que testemunha seu tempo e o desenvolvimento da missão dos capuchinhos no Maranhão. Nesse aspecto, analisamos que a memória individual desse frei alimenta a memória coletiva, pois ela se desenvolve a partir de laços de convivências na família, na escola e na Ordem Capuchinha que atam a memória de seus membros, acrescentam, unificam, diferenciam, corrigem e passam a limpo o passado.

### **3.1 Frei Aristides: mobilidade e protagonismo de uma Igreja missionária em ação pastoral de conservação na Custódia Provincial do Maranhão e Pará**

A história do frei Aristides não é só dele, mas também da Ordem a qual ele pertenceu. Ele teve sua vocação missionária motivada quando ainda frequentava a escola em sua terra natal, provavelmente, ao ouvir narrativas sobre seu conterrâneo frei Rinaldo de Paullo (? – 1901), que “tinha sacrificado sua vida num gesto de imensa caridade por Cristo e pelos silvícolas” (BELTRAMI, 1995, p, 5).

As narrativas sobre frei Rinaldo de Paullo, que está entre os mártires do massacre de Alto Alegre, em Barra do Corda, Maranhão, possivelmente, motivaram frei Aristides a sonhar em realizar missões no Brasil. Nesse sentido, quando ainda estava no seminário, frei Aristides filiou-se à Associação Missionária ‘A Divina Pastora’, em 6 de novembro de 1940 (Figura 8).

Figura 8: Cartão de identidade de associado à Associação Missionária Divina Pastora

ASSOCIAZIONE MISSIONARIA „LA DIVINA PASTORA“	
	
<p><i>La Divina Pastora delle anime, Protettrice delle Missioni Cappuccine.</i></p>	
Nome	<i>F. Aristides - D.H.</i>
Luogo di nascita	<i>Itapetininga</i>
Data d'iscrizione	<i>5-11-40</i>
<p>IL PRESIDENTE <i>F. Galvão</i></p>	
Oremus	
<p>Deus, qui universum mundum ineffabili providentia regis atque gubernas: presta nobis famulis tuis; ut intercedente beata Maria semper Virgine quae vigili custodia nos pascit ab hostibus defensi et fructus tui dulcedine satiati, ad coelestem patriam securi perducamur. Per Dominum nostrum.</p>	
f. Federico O. M. C. Censor Eccl. Trento, 13 - XII - 1933	<p>Imprimatur Tridenti 18 Dicembre 1933 Bortolini Vic. Gen.</p>
<p><b>FINE DELL' ASSOCIAZIONE</b></p>	
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Pregare per tutte le Missioni affidate al nostro Ordine, e in special modo per quelle della nostra Provincia.</li> <li>2. Fomentare e coltivare lo spirito e le vocazioni Missionarie.</li> <li>3. Promuovere il Culto della Divina Pastora Protettrice di tutte le nostre Missioni e Ausiliatrice speciale nelle conversioni di infedeli eretici e peccatori.</li> </ol>	
<p><b>DOVERI</b></p>	
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Una Comunione mensile.</li> <li>2. Una breve preghiera quotidiana.</li> </ol>	
<p><b>DATE MEMORANDE</b></p>	
<p>Ammesso nel Seminario Serafico <i>-28-5-1936</i></p>	
<p>» al Noviziato . . . <i>-13-7-1942</i></p>	
<p>Professò solennemente . . . <i>-14-7-1946</i></p>	
<p>Ordinazione Sacerdotale . . . <i>-25-6-1950</i></p>	
<p>Partenza per le Missioni . . . <i>-14-11-1951</i></p>	

Fonte: Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA.

Aos 20 anos de idade, em 13 de julho de 1942, frei Aristides fez sua vestição em Lovere (IT), rito de admissão no noviciado. Um ano depois, no dia 14 de julho de 1943, após ter cursado o seminário menor entre Varese (IT) e Lovere (IT), proferiu sua primeira profissão religiosa. Deveria ter cursado filosofia em Cerro Maggiore (IT), no entanto, o estado de guerra (Segunda Guerra Mundial) não permitiu o deslocamento dos estudantes, por isso, permaneceu na casa de noviciado onde concluiu o curso de filosofia.

Terminado o armistício, frei Aristides foi encaminhado para Cremona (IT), onde realizou sua profissão perpétua em 14 de julho de 1946. Os estudos teológicos foram feitos parte em Bergano (IT) e outra em Milão (IT), no período de 1946 a 1950, onde foi ordenado presbítero no dia 25 de junho na Basílica de Santo Stefano Maggiore. Cerimônia presidida pelo Cardeal Dom Alfredo Schuster e Alaphride Hildephonsus.

Após sua ordenação, firme na vocação missionária para uma ação evangelizadora junto aos povos indígenas na Custódia Provincial do Maranhão e Pará, frei Aristides principiou, por iniciativa própria, instruir-se em assuntos referentes ao Brasil, também, em antropologia e indiologia. Além do Italiano, sua língua materna, adquiriu domínio do português e desenvolveu competências para compreender a leitura nas línguas espanhola e francesa<sup>117</sup>.

Frei Aristides exerceu seu ministério sacerdotal na Itália durante um ano e meio, aproximadamente, em paróquias/comunidades da região da Lombardia onde presidiu missas e promoveu assistência espiritual. De suas anotações no primeiro livro de registros privados das Santas Missas extraímos, que, após sua ordenação em 25 de junho de 1950 presidiu três missas assistido por Pe. Norb, Pe. Angelo e Pe. Geminni, para então celebrar sozinho sua primeira missa em 29 de junho de 1950 na Paróquia de Melegnano (IT), sua cidade natal.

Algumas localidades contaram com uma assistência espiritual mais intensiva, devido à presença do frei ser mais frequente: Figino onde presidiu 79 missas, V. Elba com 65 e Melegnano, sua cidade natal, com 41 missas presididas. Totalizamos 598 missas presididas por frei Aristides até o seu desembarque no Brasil, em 26 de novembro de 1951. Desse total, 20 missas cantadas em rito ambrosiano. Frei Aristides era um amante da arte da música, tocava piano, inclusive.

Frei Aristides foi designado para a Custódia<sup>118</sup> Provincial do Maranhão e Pará. Então, iniciou sua viagem ao encontro dos seus sonhos. Desembarcou no dia 27 de novembro de 1951 no Rio de Janeiro, onde permaneceu por uma semana. Depois, dirigiu-se para Fortaleza (CE), desembarcando em 5 de dezembro de 1951. Permaneceu na capital cearense por 12 dias, para, finalmente, desembarcar em São Luís em 17 de dezembro do mesmo ano, cidade sede da Custódia Provincial do Maranhão e Pará. Estava Custódio Provincial frei Cesário Minale (1946-1952).

---

<sup>117</sup> Ficha de Cadastro do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais. Informações do frei Aristides. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO C.

<sup>118</sup> “A Custódia é uma parte da Ordem em que os frades, postos a serviço das Igrejas e de seus pastores na obra evangelizadora, gradualmente, desenvolvem a presença da vida consagrada mediante o empenho pela implantação da Ordem [*implantatio Ordinis*]. É governada pelo custódio, que tem poder ordinário vicário”. “Os frades das custódias elejam os próprios delegados e seus substitutos”. “Feita a eleição ou a nomeação do ministro provincial e dos conselheiros, os frades continuam a exercer os seus cargos até que seja disposto diversamente. Essa norma, com as devidas diferenças, vale também para as custódias”. “Pertencem à custódia todos os frades que foram agregados a ela, ou que foram enviados para lá por determinado tempo pela autoridade competente, e os frades que nela emitiram a profissão, mesmo se, devido à formação ou a outros motivos, vivem em outro lugar” (CONSTITUIÇÕES DA ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS E ORDENAÇÕES DOS CAPÍTULOS GERAIS, 2014, 118-7; 131-2; 132-6; 138-1).

Por um ano, frei Aristides exerceu seu múnus sacerdotal circulando entre as comunidades do Maranhão e do Pará. Período suficiente para aclimação, aprendizagem dos costumes, apreensão de hábitos culturais brasileiros e, também, para conhecimento da área geográfica de jurisdição da Custódia Provincial do Maranhão e Pará.

Nessa temporada, trinta e uma paróquias/comunidades da Custódia Provincial do Maranhão e Pará foram assistidas por frei Aristides, com missas e celebrações dos Sacramentos, interagindo com os fiéis e, ao mesmo tempo, buscando compreender os costumes, atitudes, comportamentos e diferenças entre maranhenses e paraenses.

No Capítulo<sup>119</sup> realizado em 17 de outubro de 1952 no Convento do Carmo, em São Luís do Maranhão, foram aprovadas as mudanças de transferências. Frei Aristides, então, foi designado vigário cooperador no exercício do seu ministério sacerdotal na Fraternidade de Barra do Corda<sup>120</sup>. A Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda pertencia à Prelazia de São José de Grajaú.

O cronista deixou escrito no livro de tombo da Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda que a chegada do frei Aristides de avião àquela Fraternidade foi imprevista, embora tenha sido uma decisão do Capítulo da Custódia. Frei Aristides desembarcou na sede da paróquia em 12 de dezembro de 1952, para o exercício de seu ministério pastoral como cooperador e desobrigante. Ainda, segundo o narrador, “o sorriso que iluminava seus lábios e o contente que brilhava em sua frente, revelavam sua alma de jovem ardente animado de boa vontade e disposto a tudo a fim de realizar os nobres e sublimes ideais de missionário<sup>121</sup>”.

Segundo frei Rogério Beltrami (1995, p, 5), frei Aristides “ao entrar no Convento, com entusiasmo começou a beijar aqueles muros idealizados por muitos anos”. Na Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda, ele exerceu seu múnus sacerdotal até 5 de dezembro de 1956, somando um total de 4 anos.

A Paróquia de Santa Crus da Barra do Corda estava dividida em quatro setores<sup>122</sup>, com um cronograma estabelecido para desobrigas: o primeiro setor englobava a região do sertão; o

---

<sup>119</sup> “No Capítulo geral, tanto ordinário como extraordinário, seja tratado tudo que se refere à fidelidade a nossas sãs tradições, à renovação de nossa forma de vida, ao desenvolvimento da atividade apostólica, e ainda outros temas de grande importância para a vida da Ordem, a respeito dos quais todos os frades devem ser previamente consultados” (CONSTITUIÇÕES DA ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS E ORDENAÇÕES DOS CAPÍTULOS GERAIS, 2014, 125-1).

<sup>120</sup> Livro de tombo da Paróquia de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú (1922-1960). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-IV-3, p. 139-A. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>121</sup> Cf. Livro de tombo da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda (1948-1982). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: C-I-39, p. 20-B. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>122</sup> Desobriga do frei Aristides nos quatro setores da paróquia de Barra do Corda. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO D.

segundo, as comunidades religiosas do baixão; o terceiro, designado por Japão, e o quarto, a área do Mearim.

O número de comunidades católicas a serem visitadas em cada desobriga eram 35, 19, 31 e 25, respectivamente por setor (acima mencionada). As distâncias a percorrer, em cada setor e a cada desobriga, compreendiam 76, 41, 50 e 60 léguas (uma légua corresponde à 5 km, aproximadamente)<sup>123</sup> respectivamente.

A passagem do frei Aristides se repetia algumas vezes em desobriga na mesma comunidade religiosa. É o que podemos supor embasado nas suas anotações, considerando o número de comunidades e o de sermões. Assim, proferiu 102 sermões em desobriga no primeiro setor, realizada anualmente, no período de 1 de junho a 5 de julho.

Se ponderarmos que são 35 comunidades no setor e que foram 4 anos de permanência na paróquia, poderíamos imaginar um sermão a cada desobriga, totalizando, assim, 140. Entretanto, apenas 102 foram registrados por frei Aristides. Deduzimos, então, que nem todas as comunidades foram visitadas assiduamente a cada ano ou, se foram visitadas, não foi celebrada missa.

Também, o mesmo podemos afirmar em relação aos outros três setores, pois foram proferidos apenas 38 sermões nos baixões, cuja desobriga acontecia entre os dias 25 de julho a 20 de agosto; 62 no setor do Japão, que tinha itinerância agendada entre os dias 5 de setembro a 4 de outubro; e 50 na região do Mearim, do dia 25 de outubro a 7 de dezembro.

No período compreendido entre os dias 2 de junho e 8 de julho de 1953, o cronista deixou registrado que frei Aristides empreendeu sua primeira viagem em desobriga na Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda. Pela empolgação com que desembarcou naquela estação missionária, podemos imaginar o quanto estava ansioso e cheio de expectativas para esse momento.

O narrador fez questão de anotar a satisfação do frei Aristides ao retornar dessa sua primeira aproximação com as comunidades indígenas e sertanejas. Pela data, 2 de junho de 1953 e 8 de julho de 1953, supomos que tenha realizado desobriga na região do sertão da Barra do Corda<sup>124</sup>.

---

<sup>123</sup> Cf: Decreto de 2 de maio de 1855 do Ministério das Obras Públicas. Diário Oficial da União nº 110. Disponível em: <<https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/30/108/p130>>. Acesso em: 19.dez.2021.

<sup>124</sup> Livro de tomo da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda (1948-1982). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: C-I-39, p. 22-A. Convento do Carmo. São Luís-MA.

Segundo suas anotações<sup>125</sup>, frei Aristides embrenhou-se pelo sertão da Barra do Corda com a incumbência de missionar por 35 comunidades, embora somente estejam relacionadas 33, provavelmente, alguma delas deveria contar com mais de uma visita do vigário nesse período. Duas comunidades eram de indígenas: aldeia do Ponto e aldeia dos Porquinhos. Ainda, extraímos que apenas três delas dispunham de capelas: Papagaio (Capela do Bom Jesus da Lapa), Aterer (Capela de Santa Verônica Juliana) e Leandro (não traz a anotação do orago protetor da capela).

Após seu retorno, mantendo o cronograma estabelecido, frei Aristides permaneceu na cidade sede por aproximadamente um mês, para, então, em 20 de agosto de 1953, empreender sua segunda desobriga, desta vez, para a região dos baixões. O Baixão era o setor que ficava mais próximo da cidade da Barra do Corda, estava constituído com o menor número de comunidades interioranas, apenas 19 nas anotações do frei Aristides, entretanto, somente 14 foram listadas. Seguindo a mesma linha de raciocínio anterior, talvez algumas delas recebessem mais de uma visita na temporada. Duas aldeias também são relacionadas nesse setor: a de São Pedro e a Cana Brava. Nenhuma capela aparece listada<sup>126</sup>.

Nesse propósito evangelizador, frei Aristides prosseguiu em seu múnus sacerdotal e em ação pastoral, empreendeu muitas outras viagens em desobrigas. Ressaltamos aqui que as itinerâncias também promoviam o cansaço. É o que o relator fez questão de deixar nas escrituras. Em um retorno de desobriga, diz o narrador, frei Aristides chegou repleto de satisfação, mas, também, com expressão de cansaço<sup>127</sup>.

Pelos registros que analisamos, podemos afirmar que era uma constante nessas longas viagens, devido ao transporte (lombo de animais), local de acomodação sem nenhum conforto, umidade das florestas, tipo e preparo das alimentações. Conforme pudemos observar no cronograma<sup>128</sup> do frei Aristides, a depender do setor, essas viagens missionárias poderiam durar meses.

Frei Mateus de Basci (1495 – 1552)<sup>129</sup> assegurava que o missionário tinha que dispor obrigatoriamente de dois momentos, indispensáveis e complementares na missão: a

---

<sup>125</sup> Desobriga do frei Aristides nos quatro setores da paróquia de Barra do Corda. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO D.

<sup>126</sup> Livro de tombo da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda (1948-1982). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: C-I-39, p. 22-B. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>127</sup> Livro de tombo da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda (1948-1982). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: C-I-39, p. 32-B. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>128</sup> Desobriga do frei Aristides nos quatro setores da paróquia de Barra do Corda. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-II-46, 2a. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO D.

<sup>129</sup> Fundador da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Entrou para a Ordem dos Franciscanos por volta de 1511 no convento de Montefalcone (Diocese de Fermo) e foi ordenado padre em 1520.

evangelização no meio do povo e o retiro. Este, por sua vez, em lugar afastado e silencioso (CHÂTELLIER, 1995, p. 22).

O momento de retiro servia para o abastecimento e fortalecimento espiritual para estar no meio do povo. O retiro foi um acontecimento frequente na vida do frei Aristides. Encontramos várias anotações que narram sua participação, ora como ouvinte, outras como ministrante. A título de ilustração, frei Aristides viajou em 27 de abril de 1955 para a sede da Prelazia de São José de Grajaú para participar de mais um retiro espiritual<sup>130</sup>.

Além das obrigações religiosas do múnus sacerdotal, frei Aristides encontrava tempo e disposição para participar de eventos sociais e festivos da Prelazia de São José de Grajaú. Veremos mais adiante, que, em Montes Altos, frei Aristides foi promotor de momentos para confraternização e socialização. Construiu, inclusive, um clube paroquial para realização de eventos sociais.

Nesse propósito, frei Aristides viajou à cidade de Grajaú em 1 maio de 1954, representando a Fraternidade da Barra do Corda, por ocasião das festas comemorativas das Bodas de Ouro de vida religiosa do Bispo. Ao retornar para Barra do Corda, frei Aristides imprimiu, imediatamente, seu ritmo das viagens itinerantes em desobriga. No entanto, o cronista, mais uma vez, deixando transparecer a realidade do dia a dia de um missionário, registrou, que, dessa vez, frei Aristides retornou adoentado<sup>131</sup>.

A ação evangelizadora dos capuchinhos era realizada por meio da desobriga, como também, por santas missões. Boa Esperança é um exemplo de povoação que se tornou palco de ambas: desobriga e santas missões. É uma das comunidades pertencentes ao setor do baixo Mearim, onde a desobriga ocorria, anualmente, no período de 25 de outubro a 7 de dezembro. Entretanto, encontramos registro (26 de junho de 1954) de que por ocasião das festas em honra do padroeiro daquela comunidade, frei Aristides se fez presente nas festividades e, ainda, aproveitou do ensejo para organizar com lideranças da própria comunidade e, de outras circunvizinhas, a realização de santas missões no setor<sup>132</sup>.

Um fato que demonstra a importância do trabalho pastoral do frei Aristides reside na presença do bispo em uma das santas missões, por ele organizada. Encontramos a narrativa de uma das santas missões populares, em 5 de julho de 1956, nas Comunidades Leandro e Jenipapo, que contou com a participação do bispo e outros coirmãos: Rev. Pe. Adolfo de Sisto

---

<sup>130</sup> Livro de tomo da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda (1948-1982). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: C-I-39, p. 31-A. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>131</sup> Livro de tomo da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda (1948-1982). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: C-I-39, p. 25-A. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>132</sup> Livro de tomo da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda (1948-1982). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: C-I-39, p. 25-A. Convento do Carmo. São Luís-MA.

São João, Rev. Pe. Inocêncio, Rev. Pe. Frei Aristides, Irmã Judite, Irmã Praxede, acompanhados por Sua Excia. Dom Emiliano. O que demonstra o nível de importância que um evento dessa natureza representava na evangelização da região<sup>133</sup>.

Ora em desobrigas, ora em santas missões, frei Aristides percorreu a Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda em todas as direções (setores)<sup>134</sup>. Fechando um ciclo e recomeçando outro a cada ano. Ao analisarmos alguns registros, observamos que seu trabalho missionário, cuja estratégia se fundamentava na desobriga, tinha como foco as aldeias e comunidades interioranas.

Percebemos, ainda, que o trabalho do vigário missionário desobrigante, na maior parte do tempo, era solitário e isolado, embora fosse prática corriqueira a presença de alguém conhecedor da região que o acompanhava como guia. Pudemos visualizar algumas dificuldades, como o acesso às comunidades, que era precário devido a inexistência de estradas e as longas distâncias a serem percorridas, por áreas inabitadas entre uma comunidade e outra. Pelos registros de diversos narradores, detectamos que eram viagens exaustivas, percorridas no lombo de animais, realizadas no período do verão (não chuvoso), com um sol escaldante e muito calor.

Adicionada a carência de padres, a desobriga dispunha de roteiro que contemplava a passagem de um sacerdote nas comunidades do interior apenas uma vez a cada ano, quando era possível, ocasião em que se rezava missa, além de praticar a catequese para depois ministrar os sacramentos.

Diferente eram as santas missões, realizadas geralmente nas cidades, mas, alcançava também as aldeias, vilas e pequenas povoações, conforme pudemos observar acima. Essas, na maioria das vezes, realizadas em coletividade, com a presença de outros missionários e missionárias e, dependendo da relevância atribuída ao evento, com a presença do bispo. Para Zagonel (2001, p. 219) “as missões populares são a melhor contribuição dos missionários capuchinhos”.

Independentemente, a passagem do sacerdote nas localidades, quer em desobriga ou santas missões, era sempre um acontecimento que gerava expectativas e mudava a rotina diária no pacato lugarejo, rompendo “com a monotonia dos dias, suscitando aquela mescla entre festa e expiação, sagrado e profano” (NERIS, 2014, 102).

---

<sup>133</sup> Livro de tomo da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda (1948-1982). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: C-I-39, p. 38-A. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>134</sup> Desobriga do frei Aristides nos quatro setores da paróquia de Barra do Corda. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-II-46, 2a. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO D.

Anunciada, normalmente, com muitos dias de antecedência, o acontecimento envolvia algumas pessoas da comunidade nos preparativos, pois era necessário organizar os espaços para recepcionar e acolher tanto o missionário quanto os visitantes que para lá se deslocavam “das comunidades afastadas, além de permitir a realização de casamentos, confissões, comunhões, extremas-unções etc” (NERIS, 2014, p. 102).

Ressaltamos que a Igreja Católica se encontrava em processo de romanização, “depreende-se o processo de centralização do poder eclesiástico na figura do papa, o qual organiza e ordena um programa de reformas que afeta a estrutura da Igreja Universal e as manifestações locais” (MARCHI, 1989, p. 11).

Dessa forma, essas estratégias evangelizadoras encontravam-se inseridas nesse contexto, implicando, gradativamente, que as transformações afetavam à Igreja Católica e, também, os fiéis. As práticas dos missionários, ao atuarem pastoralmente junto das comunidades, transformavam desde a estrutura física das igrejas e capelas, passando pela compra de novos equipamentos para atender espiritualmente os fiéis até a forma de realização das santas missões.

Os resultados espirituais poderiam ser mensurados nos números de missas, batizados, confissões e comunhões distribuídas. Também, no número dos sermões, pelos quais o povo era instruído nas verdades da fé, por meio de penitências e dos sacramentos e, ainda, no número de pessoas que compareciam às festividades religiosas.

Frei Aristides, no decorrer de 45 anos e dois meses de exercício do ministério sacerdotal, presidiu 17.897 missas<sup>135</sup>. Isto nos remete a uma média anual de aproximadamente 389 missas e uma média mensal de 33 celebrações. Notamos, também, que em 23, dos 45 anos, o número de missas presididas por frei Aristides ultrapassou a cifra de 400, refletindo a média de mais de uma por dia (1,1).

Há, ainda, os resultados materiais mensurados nas obras comunitárias e nas esmolas angariadas; nas edificações ou consertos de cemitérios, igrejas, capelas e cruzeiros levantados ao final de uma jornada missionária.

Frei Aristides revelou-se um capuchinho incansável no exercício do seu múnus sacerdotal, nas mais diversas dimensões do sacerdócio: na ação pastoral, indo ao encontro das urgências onde o clero secular não se fazia presente; nas desobrigas e santas missões itinerantes, métodos mais apropriados para assistência aos fiéis. O frei estava sempre disponível para o serviço da evangelização. “Estas visitas sacerdotais, quase sempre feitas por

---

<sup>135</sup> Número de missas presididas por frei Aristides de sua ordenação (25/07/1950) até sua morte 05/08/1995. APÊNDICE A.

Religiosos, principalmente em localidades privadas de Pastores, ou acéfalas por falta de Clero, são verdadeiras bênçãos do céu” (CASCUDO, 1954, p. 14).

Desobriga ou santas missões itinerantes interferiam, igualmente, no modo de ser cristão, com a proposição de novas maneiras de sociabilidade e de convivência familiar e comunitária. Nesse sentido, analisamos a atuação pastoral do frei Aristides e dos fiéis sob o olhar atento de Michel de Certeau (2015, p. 127), quando nos afirma que “fazer história é estabelecer uma relação com o tempo”.

Frei Aristides inscreveu-se nesse tempo em que a Igreja Católica se encontrava em processo de romanização. Entretanto, sua atuação pastoral vai além do que ele representa enquanto membro integrante dessa Igreja institucional hierárquica. Frei Aristides, inserido na vida diária das comunidades que assistia, vivenciou os costumes, ensinou os sacramentos e instruiu os fiéis no catolicismo romano, ao mesmo tempo que aprendia a língua portuguesa e dos indígenas, incorporando hábitos e costumes das localidades que frequentava.

Contudo, frei Aristides foi além, em comunidades onde o poder público não desempenhava suas funções a contento, suas obras de misericórdia materiais foram estratégias não apenas de extirpação dos pecados, como também de promoção da melhoria de condições para sobrevivência do sertanejo. Na narrativa do cronista encontramos frei Aristides participando em 26 de fevereiro de 1956 da inauguração do Ginásio Nossa Senhora de Fátima da Barra do Corda<sup>136</sup>.

Esse ginásio permanece presente na cidade, sede do município, sob a gestão da Província Capuchinha Nossa Senhora do Carmo. A construção de uma escola torna-se relevante para a população da região, contribuindo para formação pessoal e profissional dos seus egressos, bem como, influenciando na edificação do caráter e da cultura regional. “Participando no sistema educativo e na gênese de políticas educacionais, engajando-se em missões, [...] e diversas obras sociais, sacerdotes se tornaram então atores importantes da história cultural e política da região” (NERIS, 2014, p.62).

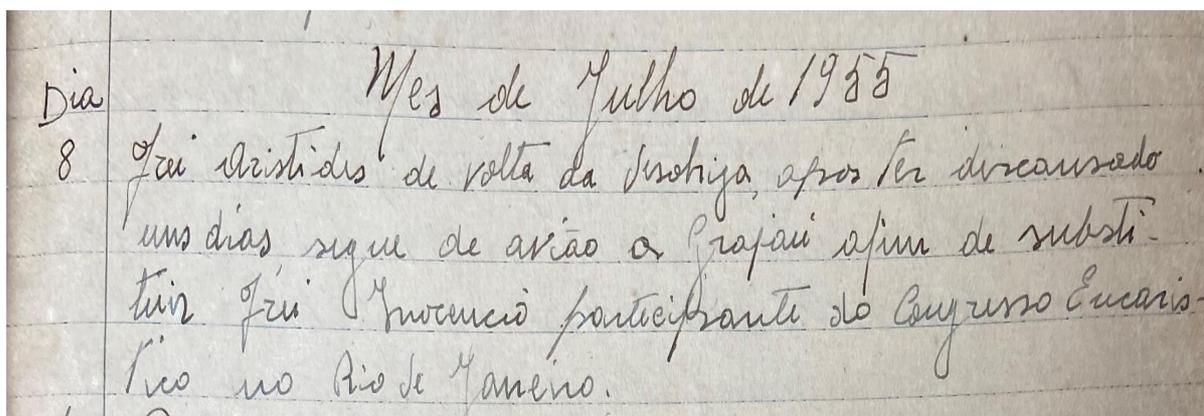
A solidariedade entre os frades se revelou em muitas anotações as quais tivemos a oportunidade de ler nos registros pesquisados. Exemplificamos com uma das viagens empreendida por frei Aristides à cidade de Grajaú em 8 de julho de 1955, com intuito de assistir à Paróquia de Nosso Senhor do Bom Fim, em substituição ao Superior daquela Fraternidade, que havia sido designado representante da Prelazia de São José de Grajaú no Congresso Eucarístico daquele ano, na cidade do Rio de Janeiro. O registro foi escrito com o

---

<sup>136</sup> Livro de tomo da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda (1948-1982). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: C-I-39, p. 36-A. Convento do Carmo. São Luís-MA.

seguinte texto: “Frei Aristides de volta da desobriga, após ter descansado uns dias, segue de avião à Grajaú, a fim de substituir frei Inocêncio, participante do Congresso Eucarístico no Rio de Janeiro” (Figura 9),

**FIGURA 9: Recorte do livro de tomo da Paróquia Santa Cruz de Barra do Corda com o registro da ida do frei Aristides à Grajaú para substituir frei Inocêncio**



Fonte: Livro de tomo da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda (1948-1982). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: C-I-39, p. 32-A. Convento do Carmo. São Luís-MA.

Frei Aristides residiu na Fraternidade da Barra do Corda de 13 de dezembro de 1952 a 5 de novembro de 1956. Nessa temporada, no exercício do seu múnus religioso, frei Aristides presidiu 1.460 missas. Notamos que auxiliou a Paróquia de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú, sede da Prelazia de São José de Grajaú, onde esteve por diversas vezes, presidindo 54 celebrações. Essa solidariedade tornou-se uma característica na trajetória do frei Aristides. Isto é, ele circulou com frequência por outras paróquias da Prelazia, da Custódia e até de outros estados para auxiliar na missão.

Porém, a sede da Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda foi beneficiária de maior assistência, o que, também, passou a ser uma constância da ação pastoral do frei Aristides. Na cidade de Barra do Corda presidiu 781 celebrações. Por outro lado, encontramos comunidades do sertão quase que completamente desassistidas. Neste aspecto, com apenas uma celebração na temporada dos quatro anos, totalizamos 30 comunidades. Com duas celebrações foram 14. Com três apenas 12 e com quatro 28 comunidades contempladas. Isto nos conduz a imaginar que apenas essas 28 comunidades foram palco de desobriga anual realizada por esse frei.

Frei Aristides foi transferido de Barra do Corda para Porto Franco em 5 de novembro de 1956. Conforme registro: “neste mesmo dia viajou pelo avião da Aeronorte, o Rev. Pe. frei Aristides de Melegnano, destinado como desobrigante na Paróquia de Porto Franco. Votos de copiosos frutos no nosso campo de apostolado<sup>137</sup>”. Nesta comunidade ele permaneceu pouco tempo, somente até 12 de maio de 1957. Quando, então, foi enviado para Abaetetuba no Pará.

A temporada de frei Aristides em Abaetetuba (PA) também foi curta. Havia um diálogo da Província de Milão em torno do desmembramento da Prelazia de São José de Grajaú no Maranhão para a criação de outra jurisdição eclesiástica, cuja gestão seria confiada aos capuchinhos. Assim, em função da carência de recursos e de padres, a decisão foi abdicar da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Abaetetuba.

Após a entrega da paróquia de Abaetetuba, frei Aristides foi encaminhado para Juazeiro do Norte (CE), onde enfrentou outros tipos de dificuldades como a seca e péssimas condições das estradas. No período de 1 a 7 de março de 1961 ele pôde desfrutar da companhia do irmão Luciano Arioli<sup>138</sup>. Em 16 de abril de 1961 presidiu uma celebração em ação de graças pelos seus 10 anos de missão<sup>139</sup>.

Ainda em Juazeiro do Norte recebeu a nomeação para dirigir a paróquia, mas, em ato contínuo, renunciou ao mandato. Conforme podemos observar no texto telegrafado com o seguinte teor: “CHEGOU LISTA ONTEM. NÃO ACEITO SER VIGÁRIO. AGRADEÇO SINCERIDADE E LEALDADE VOSSA PATERNIDADE. VAI RENÚNCIA. ARISTIDES” (Figura 10).

---

<sup>137</sup> Livro de tomo da Paróquia de Santa Cruz de Barra do Corda (1948-1982). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: C-I-39, p. 38-B. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>138</sup> Cf. Livro 2 - Registro privado das Santas Missas de frei Aristides (1960 – 1979). Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO P.

<sup>139</sup> Livro 2 - Registro privado das Santas Missas de frei Aristides (1960 – 1979). Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO E.

**Figura 10: Frei Aristides renuncia a designação de vigário em Juazeiro do Norte (CE)**



Fonte: Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA.

No Ceará, como no Maranhão, frei Aristides vivenciou uma dificuldade de precariedade de transporte, tendo que realizar os deslocamentos montado no lombo de cavalo ou jumento, quando não a pé. Precariedade da comunicação com a maioria dos povoados e cidades de circunscrição das paróquias. Somadas às péssimas condições de vida dos moradores e de acomodações nada confortáveis. Dificuldades que tornaram cansativa a vida do missionário, exigindo dele muita resistência.

Para Certeau (2014), a ideia de ‘resistências’ e de ‘maneiras de fazer’, acontecem a partir da subversão da ordem, em que ‘homens ordinários’ inventam o cotidiano com suas astúcias e táticas sutis. Dessa forma, esses ‘atores sociais’ reapropriam-se dos espaços e de um *modus operandi* próprio na difícil tarefa de enfrentar a realidade que se apresenta.

Consideramos, particularmente, a figura do frei Aristides, que distante de sua terra natal foi capaz de se reinventar e adaptar-se às realidades diversas (Maranhão, Pará e Ceará). A partir de suas astúcias e táticas empreendeu um apostolado de missionário itinerante evangelizador em variadas e diversificadas localidades e circunstâncias.

Frei Aristides, enquanto ‘ator social’, inseriu-se no cotidiano das comunidades as quais assistiu espiritual e materialmente por meio dos Sacramentos, homilias e em ações solidárias, estas através de obras comunitárias. Em Juazeiro do Norte ele presidiu 1.404 missas. Com um amplo trabalho apostólico ele ultrapassou os limites do estado do Ceará e da

Custódia Provincial do Maranhão e Pará, inclusive, promovendo assistência religiosa e espiritual a residentes nos estados da Bahia e Pernambuco.

O missionário frei Aristides, como tantos outros missionários lombardos, trouxe a missão de converter uma população tida por pecadora. Para tanto, já no Sacramento da Confissão exortava cada cristão à penitência e, na hora da missa, no sermão, toda a comunidade era conclamada a acreditar na interseção da virgem Imaculada, bem como, alimentar o espírito com a comunhão, sob a justificativa, que, “alimentando o espírito”, também fortalecia-se a fé.

Em 28 de fevereiro de 1962, frei Aristides foi transferido para a Estação Missionária de Montes Altos. Essa comunidade católica tinha sido elevada à categoria de paróquia em 1 de janeiro de 1957, pelo então bispo da Prelazia de São José de Grajaú, Dom Emiliano Lonati.

A paróquia recebeu por orago, a mãe de Maria Santíssima, Santa Ana. Frei Aristides desembarcou em Montes Altos no dia 18 de março de 1962. Nesse momento, a Paróquia de Santa Ana de Montes Altos havia passado para a jurisdição da Prelazia de Carolina, criada e desmembrada da Prelazia de Grajaú em 14 de janeiro de 1958<sup>140</sup>.

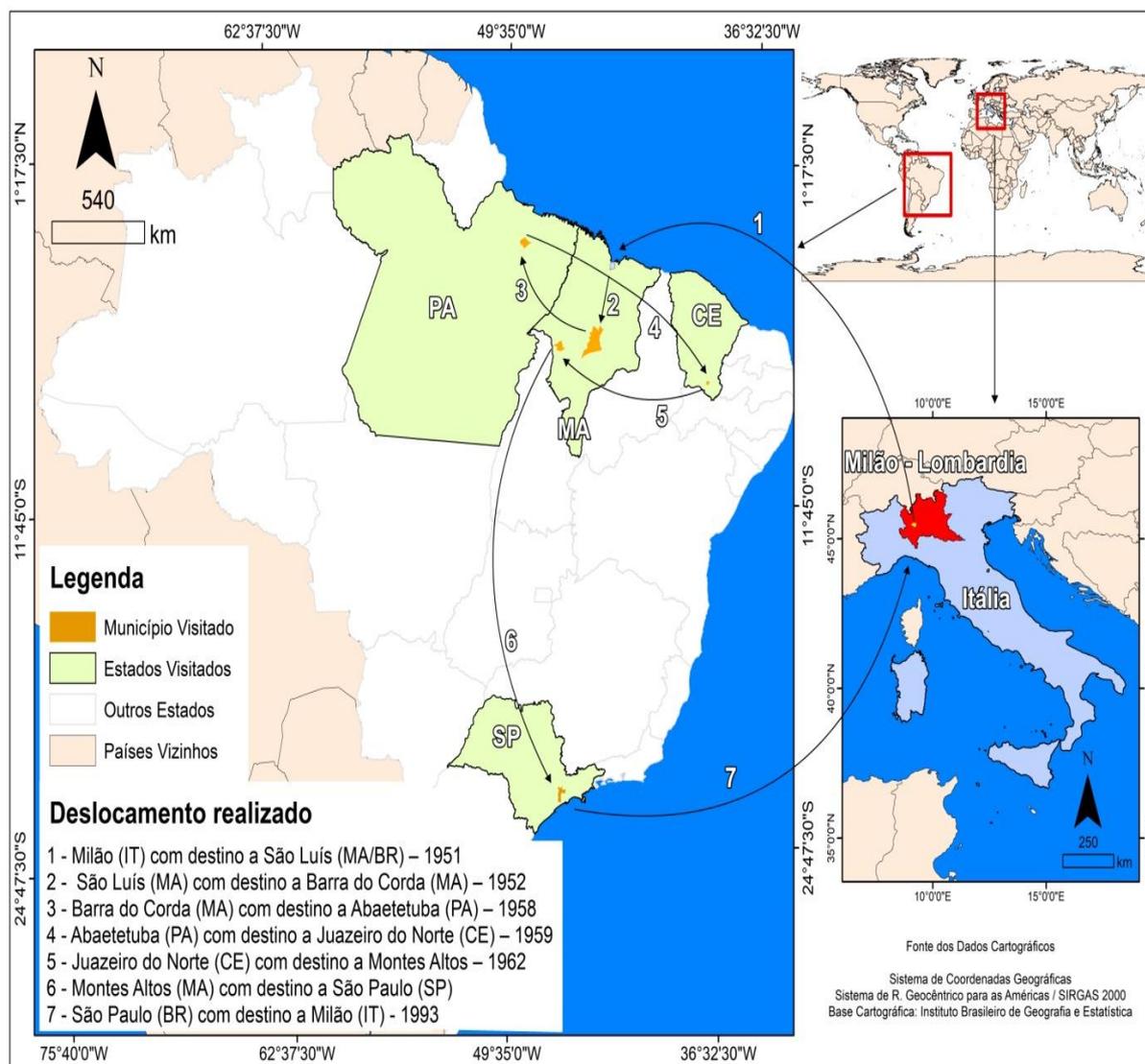
Em síntese, frei Aristides partiu de Milão, Itália, no ano de 1951 para o Brasil, chegando a São Luís (Maranhão) no mesmo ano. Após um breve período de adaptação, ele foi designado vigário cooperador da Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda (1952-1956), região centro-sul do Maranhão. Em seguida, frei Aristides foi transferido para Porto Franco, por uma curtíssima temporada.

Ato contínuo, foi enviado para o estado do Pará, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Abaeté do Tocantins (Abaetetuba/PA, 1956-1957). Sua estação missionária seguinte foi a de São Francisco das Chagas em Juazeiro do Norte no Ceará (1957-1962). Em 1962, frei Aristides foi enviado para a Estação Missionária de Montes Altos, onde residiu até 1995, ano de sua morte. Após seu falecimento, Frei Aristides retornou a sua cidade natal, Melegnano (IT), onde reside seu túmulo (Mapa 7).

---

<sup>140</sup> Pela bula *Qui Aeque ac S. Petrus*<sup>140</sup> de 14 de janeiro de 1958, o Papa Pio XII (1939 – 1958) erigiu a Prelazia de Nossa Senhora da Conceição de Carolina (Mapa 6) constituída, então, com os municípios e respectivas paróquias de Amarante do Maranhão (Sagrado Coração de Jesus), Carolina (São Pedro de Alcântara), Estreito (São Sebastião), Imperatriz (Santa Teresa d'Ávila), Montes Altos (Santa Ana) e Porto Franco (Nossa Senhora da Imaculada Conceição) confiadas aos padres capuchinhos lombardos.

**Mapa 7: Trajetória de frei Aristides: Milão (Melegnano-IT-1951) / São Luís-MA / Barra do Corda-MA / Abaetetuba-PA / Juazeiro do Norte-CE / Montes Altos (MA) / Milão (Melegnano-IT-1995)<sup>141</sup>**



Fonte: Sousa (2021).

Frei Aristides, na observância de seu múnus sacerdotal, no início do seu ministério, raramente ficava um dia sem presidir uma celebração da Santa Missa, comportamento que vai esvaecendo-se com o passar do tempo. Quase sempre, ele anotava o motivo da não celebração. No entanto, depois de alguns anos no exercício do ministério sacerdotal,

<sup>141</sup> Leitura/interpretação do mapa: As siglas identificam os estados. Os números representam os trajetos descritos na legenda. Os municípios estão na cor laranja. É possível saber o nome do município vendo o trajeto na legenda. Isto é, de onde partiu e para onde foi.

negligenciou e nem sempre justificou as razões. Frei Aristides, em conformidade com as fontes analisadas, foi cuidadoso em não deixar despercebidas datas que se lhes tornaram relevantes: a do seu natalício e da sua ordenação; a do falecimento de sua mãe e do seu irmão. Essas passaram a fazer parte, anualmente, das intenções em suas celebrações.

#### **4 FREI ARISTIDES: trajetória e rastros de uma Igreja missionária em ação pastoral para conversão na Estação Missionária de Montes Altos**

Neste capítulo, trazemos a trajetória e os rastros do frei Aristides na Estação Missionária de Montes Altos, no período compreendido de 1962 a 1995. Destacamos suas ações pastorais para a conversão das comunidades. Isto é, uma ação pastoral que “exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAp, 2007, nº 370, p. 169).

Concomitantemente, analisamos como a população montesaltense assistida por frei Aristides agia e participava do seu múnus sacerdotal. E mais, como frei Aristides contribuiu com o povo Krikati no acesso à saúde, à educação escolar e a terra e, como os indígenas memorizam a sua atuação.

Antes mesmo de adentrarmos no conteúdo deste capítulo, retomemos a metodologia da história do tempo presente. Para Silva (2018), o passado, embora não retorne mais, aponta elementos importantes para analisarmos os acontecimentos presentes, pois é a partir do presente que se lembra do passado. Por meio da memória dos interlocutores envolvidos nesse estudo, a partir dos seus depoimentos, acessamos aspectos pretéritos da história de vida de frei Aristides. Para Fenelon (2000, p. 29), é uma possibilidade de “valorização da memória [...] é trazer à tona outras histórias e outros olhares sobre o passado”.

Essa região do alto sertão maranhense durante muito tempo foi tida pelos frades capuchinhos como a “Sibéria Maranhense”, devido ao seu isolamento em relação a capital do estado do Maranhão, São Luís. Foi uma região que recebeu migrantes provenientes do próprio estado e de outros da federação brasileira, principalmente da Bahia, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Ceará.

Eram aventureiros das novas conquistas, que, para escapar da miséria e das secas, migraram em busca de lugares com melhores condições para se viver, sendo, então, atraídos por uma economia regional embasada na riqueza natural, aonde fixaram residência nesse vasto território maranhense.

O fluxo migratório rumo ao alto sertão maranhense foi constituído de quatro frentes expansionistas (Mapa 8): a frente de expansão litorânea, a frente pastoril nordestina, a frente de ocupação goiana e a frente colonizadora do Pará (FRANKLIN, 2005, p. 32-33).



líquidas (PRADO JÚNIOR, 1994), vias de comunicação natural que serviram de caminhos, os rios Itapecuru, Munim, Mearim, Pindaré e Grajaú. Entretanto, esses canais possuíam seus entraves ao avanço dos desbravadores: a própria topografia que apresentava trechos com sensíveis ondulações, bloqueando a passagem. Isso favoreceu o adensamento populacional maior em áreas da baixada mais próximas da foz.

Pelo lado do leste, veio a frente pastoril nordestina. Esta se constituiu de ‘entradas’ que partiram, principalmente, da Casa da Torre<sup>144</sup> na Bahia, atravessaram o rio São Francisco, penetraram o interior do estado do Piauí, cruzaram o rio Parnaíba e adentraram ao Maranhão. Para Marques (2008, p. 39), em “terrenos excessivamente pródigo na sua vegetação, os seus campos nutridores, a doçura do ar, preciosas águas, grande fertilidade seguida ao mais pequeno cultivo, a sua, nunca interrompida verdura, não por todas estas circunstâncias apelidaram o território” de pastos bons (Mapa 3, p. 64, desta tese).

Essa frente era constituída de sertanejos brasileiros: baianos e pernambucanos, principalmente, acostumados com a refrega do sertão. Antes mesmo de fundar qualquer povoação, eles assentavam seu gado e levantavam uma casa de palha, onde era fixada a residência do vaqueiro, que cuidava logo em plantar sua roça de mandioca ou ainda uma plantação de cana. Assim, os primeiros moradores dos pastos bons fixaram-se na região na segunda metade do século XVIII. Edificaram a povoação de Pastos Bons, a qual se tornou uma porta de entrada para toda a região do alto sertão maranhense.

Da povoação de Pastos Bons, guiado pelos rastros do gado, o sertanejo avançou sobre terras devolutas, embora habitadas pela nação indígena Timbira. A esta restou prosseguir no seu recuo e afugentar-se até alcançar às ribanceiras do rio Tocantins, esbarrando-se nos limites do Maranhão com o Goiás (atual Tocantins) e o Pará.

A criação do gado, de forma extensiva, foi abrindo novos caminhos e promovendo, concomitantemente, a penetração da população sertaneja que cuidou logo de estabelecer

---

<sup>143</sup> Eram investidas contra o desconhecido. Visavam, principalmente, descobertas de minas e terrenos sobre os quais se originaram lendas e vagos roteiros, tentadores, porém, à ganância dos ambiciosos (COELHO NETTO, 1979, p. 24).

<sup>144</sup> “Mansão senhorial erguida por Garcia d’Ávila na capitania da Bahia, a partir de 1551, para sede dos seus domínios. Um complexo composto de moradias e defensas, capela e um baluarte vigilante onde ardião, em circunstâncias especiais, fogos sinaleiros. A Casa da Torre foi pioneira na pecuária na região. Cumprindo ordens do Governador Afonso Furtado, Francisco Dias d’Ávila, em 1673, faz expansão territorial, dando logo entrada ao amplo sertão entre o baixo São Francisco, o Maranhão e as serras de Goiás” (COELHO NETTO, 1979, p. 19). “Grosso modo, as terras que possivelmente eram integrantes do patrimônio da Casa da Torre eram sesmarias que se estendiam por vários dos atuais estados do Nordeste, compreendendo áreas na Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí, englobando largas extensões nos rios Itapecuru, São Francisco, Real, Parnaíba, entre outros de importância capital para a economia da região. Isso leva a existência de um sem-número de referências à ação dos Ávila na historiografia desses estados, buscando compreender a ação da Casa da Torre na construção de sua história” (PESSOA, 2003, p. 87).

comunicação e transação comercial entre os núcleos habitacionais formados nos pontos de interrupção dos rios, constituídos a partir da frente de expansão litorânea. Essa dinâmica transformou fazendas, que, uma vez fortalecidas nas atividades comerciais, religiosas e de segurança, transformaram-se em entrepostos ou pontos de contatos com outras regiões e até com outros estados.

Da comunicação da frente pastoril nordestina com a frente de expansão litorânea surgiu, cravado no centro-sul do Maranhão, um povoado denominado de São Paulo do Norte. Povoação que foi fundada em 11 de março de 1811 pelo navegador e alferes Antônio Francisco dos Reis, à margem leste do rio Grajaú, na localidade denominada de Porto da Chapada. Acrescentamos que a margem oeste desse rio era habitada por indígenas das nações Timbira e Piocobijé (DINO, 1985).

Então, em 1817, o Governador do Maranhão criou a Colônia Leopoldina nas imediações da povoação, para segurança de sua população. A Lei Provincial nº 13/1835 elevou a povoação à categoria de Distrito, com a denominação de Chapada e subordinando-o ao município de Pastos Bons. O Distrito tornou-se Vila por meio da Lei Provincial n.º 7 de 29 de abril de 1835, sendo desmembrada de Pastos Bons e, na sequência, pela Lei Provincial nº 1.225 de 7 de abril de 1881, a Vila foi elevada à categoria de cidade de Grajaú (DINO, 1985). Em 1922, essa cidade tornou-se sede da Prelazia de São José de Grajaú (Mapa 4, p. 72, desta tese), sob o comando dos capuchinhos lombardos no Maranhão.

Do Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, veio a frente de ocupação goiana, constituída por colonos, paulistas e goianos que partiram de São Paulo em busca de ouro e de outras riquezas, como terra para criação de gado e a abertura de uma rota para comercialização com o Pará. Tendo atingido a região Centro Oeste, ainda na segunda metade do século XVII, avançaram pelas margens dos rios Tocantins e Araguaia, da cabeceira rumo à foz, até alcançarem o sul do Maranhão nas confluências com o Goiás (atual Tocantins) e o Pará.

Da confluência da frente pastoril nordestina com a frente de ocupação goiana surgiu, no sul do Maranhão, uma contenda entre os estados na definição de seus limites, até que o Decreto nº 773 de 23 de agosto de 1854 definiu pertencer ao Maranhão a margem direita do rio Tocantins, desde a junção do rio Araguaia até a do rio Manoel Alves Grande (RIBEIRO, 2010).

Dessa forma, passou a pertencer ao Maranhão o lugar às margens do rio Tocantins, cuja origem remonta ao ano de 1809. Povoação de São Pedro de Alcântara, elevada à

categoria de Vila de Carolina em 25 de outubro de 1831<sup>145</sup>. Em 1958, Carolina tornou-se sede da Prelazia de Carolina (Mapa 6, p. 86, desta tese). A Paróquia de Santa Ana de Montes Altos foi transferida para jurisdição da Prelazia de Nossa Senhora da Conceição de Carolina. Foi esta paróquia que frei Aristides escolheu para seu último abrigo missionário.

A frente colonizadora do Pará teve origem pelo lado Oeste. Esta foi patrocinada pelo governo paraense, que desde o século XVII bancava despesas de expedições que saíam de Belém (PA) pela foz do rio Tocantins. Um dos objetivos era instalar missões religiosas para catequizar os indígenas. Essas missões religiosas, em conformidade com Neris (2014, p.8), eram “como um lugar de interpenetração de histórias, de recomposição identitária e de reinvenção prática do instituído”.

Outra finalidade da frente colonizadora do Pará era fundar povoações e fortificações militares, pequenas unidades administrativas constituídas de alguns homens e poucas peças de artilharia utilizadas na defesa da posse. Essas fortificações serviriam de estação para repouso de viajantes e ponto de partida para continuidade de viagens (SANCHES, 2003).

Instigado pelo Império e objetivando ampliar as relações comerciais com o Goiás e o Maranhão, a Província do Pará organizou a quinta expedição denominada de Missão do Alto Tocantins, chefiada por Jerônimo Francisco Coelho, Presidente da Província do Pará, sob o comando do tenente coronel João Roberto Ayres Carneiro e tendo por capelão frei Manoel Procópio do Coração de Maria, frade da Ordem do Carmo (SANCHES, 2003).

A ordem do governo do Pará era fundar uma nova colônia em São João do Araguaia. No entanto, em 16 de julho de 1852, após três anos de sua partida de Belém, frei Manoel Procópio fundou a Colônia Militar de Santa Tereza do Tocantins, elevada pela Lei nº 398 de 27 de agosto de 1856 à categoria de Vila da Imperatriz e tornada cidade em 22 de abril de 1924, pela Lei nº 1.179 (FRANKLIN, 2005). Imperatriz, em meados da década de 1980, tornou-se sede da Diocese de Imperatriz, desmembrada da Diocese de Carolina.

A Missão do Maranhão, oficialmente instituída em 1893, marcou o início de uma atuação sistemática da Igreja Católica, por intermédio dos capuchinhos lombardos na região centro-oeste do Maranhão. A Missão do Maranhão se propunha ao exercício da catequese junto aos povos indígenas do Amazonas e a colaboração com o clero. Segundo Coronini (1993, p. 43), a catequese dos indígenas foi assumida como “continuação do apostolado entre os índios, realizado por numerosos Capuchinhos no Maranhão, e se tornou quase uma característica da nossa Ordem neste Estado brasileiro”.

---

<sup>145</sup> IBGE, Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/carolina/historico>>. Acesso em: 10.Jun.2020.

Segundo Neris (2014), um dos fatores macrossociais que afetou a organização institucional da Igreja na região centro-sul do Maranhão foi a migração. Migrantes que se deslocavam de estados nordestinos para o Maranhão e, com destino, geralmente para as sedes de pequenos municípios.

Esses migrantes dedicavam-se à criação extensiva de gado e à agricultura de subsistência, com predomínio do latifúndio e da utilização da tração animal para o auxílio nos engenhos. A ocupação territorial provocou desentendimentos com os nativos, que reagiram contra a invasão de seus domínios, pois eram espaços de onde retiravam seu sustento por meio da coleta e da imensa quantidade de caça e pesca.

Fruto dessa dinâmica migratória, da coragem e da força do braço de um casal de migrantes retirantes, o senhor Quintiliano José Tavares da Silva e sua esposa Dionísia Tavares Ribeiro, brotou, em 1898, uma povoação cravada no sertão do município de Imperatriz, posteriormente elevada à categoria de município de Montes Altos. Para frei Aristides Arioli (1993, p. 42) “seu nascer e seu crescer foi espontâneo, sem plano e sem querer de ninguém”.

#### **4.1 Nasce uma nova estação missionária: de Alto Bonito a Estação Missionária de Montes Altos**

O lócus principal da nossa pesquisa é o município de Montes Altos, que, como quase todos os núcleos urbanos elevados a essa categoria no alto sertão maranhense, surgiu espontaneamente. Não houve qualquer iniciativa intencional de intervenção organizacional por parte de órgãos quer da administração pública, privada ou religiosa.

Esse aglomerado urbano surgiu por ação involuntária de um sertanejo nordestino retirante, Quintiliano José Tavares da Silva, que, no ano de 1898, ao se deslocar de Nova Iorque<sup>146</sup> com destino à Imperatriz<sup>147</sup>, pela estrada que ligava Grajaú<sup>148</sup> a Pastos Bons<sup>149</sup>,

---

<sup>146</sup> Nova Iorque foi elevada à Vila pela Lei Provincial nº 1.382 de 11 de maio de 1.886, cujo território fora desmembrado de Pastos Bons. A Vila de Nova Iorque transformou-se em cidade pela Lei Estadual nº 833, de 20 de março de 1919, possui uma área de 976,629 km<sup>2</sup> (IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/nova-iorque/historico>>. Acesso em 10.Jun.2020).

<sup>147</sup> Imperatriz foi fundada por iniciativa do Governo do Pará, pelo frade carmelita frei Manoel Procópio do Coração de Maria, capelão da expedição, em 16 de julho de 1852, com o nome de Colônia Militar de Santa Teresa do Tocantins. A Colônia foi elevada à categoria de Vila Nova da Imperatriz, pela Lei nº 398, de 27 de agosto de 1856, que se transformou em cidade de Imperatriz, por meio da Lei Estadual nº 1.179, de 22 de abril de 1924 (IBGE. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/maranhao/imperatriz.pdf>>. Acesso em 10.Jun.2020).

<sup>148</sup> Cidade cravada no centro-sul do estado do Maranhão, fundada em 29 de abril de 1811, pelo alferes Antônio Francisco dos Reis, à margem leste do rio homônimo, com a denominação de Porto da Chapada. Local que abrigou a Colônia Leopoldina, criada pelo governo estadual em 1817, elevada à categoria de Vila da Chapada, pela Lei Provincial nº 7, 29 de abril de 1835, desmembrada de Pastos Bons, da qual brotou, pela Lei Provincial

decidiu fixar raízes em um lugar alto e de bela visão dos arredores de Imperatriz, que era seu destino final. A esse lugar chamou Alto Bonito.

Alto Bonito não era um local tão isolado, havia em seus arredores indígenas e antigos lavradores e criadores de gado, cuja produção de carne e de couro abastecia os mercados das proximidades: Grajaú, Imperatriz, Porto Franco e Carolina. Essa produção também era destinada ao abastecimento de Belém, primeiramente via rio Tocantins, depois, por terra, via picadas feitas a braços de homens. Era uma estrada carroçal que conduzia ao Engenho Central (atual cidade de Pindaré). Do Engenho Central, os produtos eram enviados para Belém do Pará, ao norte e São Luís do Maranhão ao leste (MORAES, 2013).

Quintiliano, vulgo Sabugosa, atento ao fluxo das boiadas, construiu um rodeador para acomodar o gado e um galpão para os boiadeiros, o que fez de Alto Bonito um ponto de apoio para os transeuntes em seus deslocamentos. Atraindo, inclusive, aqueles que se deslocavam em busca do enriquecimento rápido (ouro nas margens do rio Tocantins) ou daqueles que vindos do Ceará, Piauí ou Bahia se dirigiam ao Pará, atraídos pela exploração da borracha.

A frequência constante de boiadeiros, fazendeiros e outros, aliada à venda e ao consumo de cachaça, atraiu a atenção de “mulheres livres”, prostituídas, originárias de Grajaú ou Imperatriz. Iniciou-se uma tímida vida noturna nas proximidades do lugarejo. Os moradores começaram a promover competições equestres em pista de vaquejada improvisada, lazer que se mantém até o presente (FIALHO, 1998).

Alto Bonito transformou-se num recanto de recreio para a vizinhança. Uma pequena povoação localizada no sertão, zona de pastoreio mais intensa de Imperatriz. Essa movimentação trouxe os primeiros compradores de rapadura, tijolo e cachaça, transformando Alto Bonito em exportador desses produtos, adicionados à venda de cereais, muito gado e muita carne (MORAES, 2013).

O governo do Maranhão, percebendo a necessidade de integrar essa região à capital, em parceria com o governo da federação, em 1908, determinou a construção de uma linha telegráfica, objetivando estabelecer comunicação entre São Luís e as cidades sertanejas do alto sertão maranhense. A linha telegráfica tinha seu traçado com origem no Engenho Central

---

nº 1.225, de 7 de abril de 1881, a cidade de Grajaú (IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/grajau/historico>>. Acesso em 10.Jun.2020).

<sup>149</sup> Povoação fundada por migrantes baianos e pernambucanos, criadores de gado, que adentraram a região do alto sertão maranhense, atravessando o rio Parnaíba por volta de 1764. Esta denominação estendeu-se a toda a região ao Norte, até São José dos Matões, e a Oeste, até as ribanceiras do rio Tocantins e, ao Sul, até às cabeceiras do rio Paratinga (atual Manoel Alves Grande) e as do rio Parnaíba. Antes de 1779, a povoação já havia sido constituída Distrito de Patos Bons, que foi elevado à categoria de Vila de Pastos Bons, por Alvará de 29 de janeiro de 1820, desmembrada da Caxias (IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/pastos-bons/historico>>. Acesso em: 10.Jun.2020).

(atual cidade de Pindaré), passando por Grajaú, para, finalmente, chegar a Imperatriz (IBGE, 2017).

Alto Bonito foi escolhido para um ponto de bifurcação dos fios, dando origem a um ramal telegráfico para Carolina, outro para Porto Franco e um terceiro para Imperatriz, o que demandou a construção de um Posto Telegráfico no lugarejo, cuja inauguração ocorreu em 28 de outubro de 1912. Logo o Posto Telegráfico foi chamado de Estação do Monte Alto. Depois, pluralizado pela quantidade de montanhas e morros que circundam a localidade, passando a chamar-se Estação de Montes Altos (MORAES, 2013).

O Posto telegráfico foi um incentivo extraordinário que fez suscitar nos habitantes o desejo de verem aquele nascente aglomerado de pessoas tornar-se vila. Embora o contingente populacional fosse pouquíssimo e aumentasse muito lentamente, de forma natural, com a chegada de novos migrantes e, ainda, com a chegada de fazendeiros das cercanias fixando residências na sede.

Na década de 1930, a povoação de Montes Altos foi agraciada com uma Agência dos Correios, atraindo mais migrantes. Os carteiros percorriam o trajeto Imperatriz-Montes Altos-Grajaú e vice-versa a pé, cerca de 180 km, uma longa e penosa viagem que durava aproximadamente 36 horas (MORAES, 2013).

Mais pessoas chegando e fixando residência na povoação de Montes Altos. Segundo frei Aristides Arioli (1993, p. 43), chegaram também os “politiqueiros, homens só de conversa”. Numa dinâmica de alianças, proprietários de terras e comerciantes uniram-se e assumiram o controle político local. Segundo Neris (2014, p. 122), uniões favorecidas pela própria estrutura social regional, “caracterizada pela forte monopolização de capitais políticos e culturais em torno de um núcleo bem restrito (proprietários de terra, empresários, políticos profissionais liberais, elites do estado, comerciantes etc)”.

Um dos fazendeiros dos arredores da povoação a fixar residência na sede foi Fabrício Ferraz, posteriormente eleito vice-prefeito na chapa com o comerciante e farmacêutico Euclides Neiva, por ocasião do primeiro pleito eleitoral após a emancipação do município. Frei Aristides fez oposição a esse grupo político que manteve o comando do município até às eleições municipais de 1988.

Em Montes Altos, aliaram-se para impor suas vontades aos mais humildes, menos favorecidos e em estado de pobreza, reduzindo, inclusive, a influência do fundador da povoação no comando político e nas decisões afetas ao destino do lugar (GALBRAITH, 1999).

Para frei Aristides Arioli (1993, 49), que missionava no Maranhão desde 1952, quando chegou da Itália, “O povo é levado num regime aviltante de escravidão. O pobre é encurralado num caminho de miséria sem saída”. O próprio Quintiliano Tavares<sup>150</sup>, fundador da povoação, chegou à velhice sentindo-se abandonado. Morreu com aproximadamente 70 anos, em 1940.

Sua morte pôs fim ao primeiro período da história de uma liderança política em Montes Altos. Este período da história montesaltense foi denominado de quitilianismo. Tempo que se caracterizou pela união de esforços na fundação da povoação e na estruturação de sua função urbana (MORAES, 2013).

A pequena povoação dispunha de lideranças atuantes na política partidária do município (Imperatriz). Por isso, desde o pleito eleitoral de 1922 (ano de criação da Prelazia de São José de Grajaú), Montes Altos ocupou em torno de três a quatro cadeiras com representação na Câmara Municipal de Vereadores de Imperatriz.

Assim, foi-se intensificando uma campanha para elevação da povoação à categoria de cidade. O primeiro passo rumo à emancipação foi galgado por meio da Lei Estadual n.º 269, de 31 de dezembro de 1948. Esta lei criou o Distrito de Montes Altos, anexado ao Município de Imperatriz. Embora, por não ser de interesse de mandatários políticos municipais, o Distrito nunca tenha sido implantado (IBGE, 2017).

Contudo, deduzimos que por articulação política dos vereadores, finalmente, o prefeito municipal de Imperatriz, Urbano Rocha (1951-1953), voltou seu olhar para o Distrito de Montes Altos, inaugurando, em 1951, o primeiro sistema público de abastecimento de água potável em Montes Altos: um poço edificado rudimentarmente, cavado em círculo, revestido de alvenarias, com uma casa ladrilhada na parte interna. A gestão foi entregue ao aliado político Agente Distrital Jonas Gomes de Sousa (MORAES, 2013).

Em 1953, o prefeito municipal de Imperatriz, Simplício Moreira (1953-1956), determinou a abertura, por braços humanos, de uma estrada carroçal ligando Imperatriz, Montes Altos, Sítio Novo e Amarante do Maranhão a Grajaú, possibilitando, assim, chegar-se à Barra do Corda e, de lá, até a capital do estado, São Luís. O objetivo era tirar do isolamento terrestre a cidade de Imperatriz e, ao mesmo tempo, favorecer o acesso a Montes Altos, (MOREIRA, 1997).

A ligação entre Imperatriz e Grajaú, até então, tinha seu percurso realizado por trilhas de boiadeiros. Dessa forma,

---

<sup>150</sup> Natural de Nova Iorque (MA) casou com Dionísia Tavares Ribeiro em 1894. Quatro anos depois (1898) partiram em busca de dias melhores. O destino era as imediações de Imperatriz. Fixou-se na área que daria origem à cidade de Montes Altos, sede do município homônimo, tornando-se seu fundador.

Essa estrada foi também um marco no desenvolvimento comercial da cidade [Imperatriz], porque os empresários passaram a fazer compras de mercadorias em Recife, 25% mais baratas que Belém, e tinham ainda a vantagem de serem transportadas em caminhão, bem mais rápidos que os barcos (MOREIRA, 1997, p. 150).

A estrada foi uma porta para a entrada de migrantes vindos dos estados nordestinos e de outras regiões do próprio Maranhão. Eles chegaram, ocuparam terras, plantaram principalmente arroz. Conseqüentemente, transformaram a região numa das maiores produtoras desse grão no país.

No ano seguinte (1954), o Prefeito Municipal de Imperatriz autorizou a construção de uma pista de pouso para avião de pequeno porte (teco-teco) em Montes Altos. Frei Aristides criticou o uso que se fez da referida pista. Observou ele que a mesma se tornou um instrumento de privilégios, revelando, ao mesmo tempo, o fosso da desigualdade social no município, entre “duas classes de pessoas: a dos fazendeiros e comerciantes, e a dos humildes trabalhadores de roça” (ARIOLI, 1993, p. 80).

Ao trabalhador de roça, em caso de adoecimento, restava-lhe permanecer em mísera casa, envolto em sua pobreza e, frequentemente, morrer à mingua. Enquanto isso, o fazendeiro, o comerciante ou alguém da família, por sua vez, determinava a ida de um portador até Imperatriz que contratava um táxi aéreo para apanhar o doente e levar para um lugar mais adiantado, onde houvesse hospital e médico.

A esse estado de abandono e após presenciar muitas mortes à mingua, a sensibilidade de frei Aristides o conduziu à ideia da construção de um hospital no município de Montes Altos, assunto que tratamos mais adiante. Segundo Neris (2014, p. 66), “a Igreja Católica era a principal instância supletiva das carências da potência pública, estando presente em praticamente todos os atos da vida pública e da coletividade”.

Aos poucos, Montes Altos foi se firmando no cenário político municipal. A luta pela emancipação prosseguiu e o intento fora alcançado pela Lei Estadual nº 1.354 de 8 de setembro de 1955<sup>151</sup>. Essa lei elevou Montes Altos à categoria de município, com o desmembramento de uma área de 3.866,5 km<sup>2</sup> do território de Imperatriz (Mapa 9). A instalação de Montes Altos aconteceu em 22 de dezembro de 1955<sup>152</sup>.

---

<sup>151</sup> Cópia do Diário Oficial do Estado do Maranhão com a lei de criação do município de Montes Altos-MA. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO G.

<sup>152</sup> Cópia da Ata de Implantação do Município de Montes Altos-MA. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO H.





Coincidência ou não, no ano da morte de Quintiliano, em 1940, Euclides Carneiro Neiva chegou a Montes Altos. Também, nesse mesmo ano, nasceu Antônio Vanderly Ferraz de Souza<sup>155</sup>. Euclides Carneiro Neiva, diante do vácuo deixado pelo líder Quintiliano, assumiu a regência política sobre Montes Altos até sua morte (1965), não sem antes preparar seus fiéis asseclas. Antônio Vanderly Ferraz de Souza o sucedera assumindo a liderança e o comando do cenário político em Montes Altos no período de 1966-1988.

O ano de 1965 marcou, então, o fim do segundo período da história política do município de Montes Altos, o euclidismo, que se caracterizou pela soma de forças sociais e políticas canalizadas para a elevação da povoação à categoria de município, marca, ainda, o início do terceiro período, o vanderlinismo (MORAES, 2013).

Segundo frei Aristides (1993, p. 52), na década de 1970, mesmo após dez anos que o mesmo havia chegado em Montes Altos, “[...] instalar-se aqui uma pessoa malfazeja [...] era coisa fácil. Uma vez se situado, o valentão queria ser o dono do lugar e mandar em todo mundo, num regime de escravidão”. Acrescentamos que no pleito eleitoral de 1988, o candidato a prefeito que fez oposição ao vanderlinismo, Nelson Ricardino Castilho, contou com apoio expresso e incondicional do frei Aristides. Mal sabia frei Aristides que foi mais um forasteiro, que depois de ter realizado seu intento, saqueou os cofres públicos e debandou-se do município.

Era um tempo em que as principais vias de comunicação na região se limitavam aos caminhos deixados pelos rastros do gado; uma estrada carroçal que ligava Imperatriz a Grajaú, passando por Montes Altos; o rio Tocantins e uma rede telegráfica com tripla bifurcação em Montes Altos, onde ficava a estação central, que contava com um aparelho Morse a manivela.

As viagens dos frades, entre as paróquias da região, quando eram transferidos, ou em desobriga pelo sertão, aconteciam à base de montaria em lombos de burros, constituindo-se em verdadeiras aventuras bastante cansativas e demoradas. Assim foi a viagem de Imperatriz para Montes Altos realizada por frei Aristides na companhia de frei Epifânio<sup>156</sup>. Ambos

---

<sup>155</sup> Antônio Vanderly Ferraz de Sousa é filho de Venâncio Gomes de Souza e de Maria do Espírito Santo Ferraz de Souza. Nasceu no dia 23 de outubro de 1940. Cursou as duas primeiras séries do ginásio em Carolina, depois foi transferido para Grajaú, onde concluiu o ginásio. Em Imperatriz cursou o Segundo Grau e o curso superior de Estudos Sociais na Federação das Escolas Superiores do Maranhão (Atual UEMASUL), depois, fez Direito no Campus II da Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz. Foi eleito prefeito do município de Montes Altos por dois mandatos, o primeiro de 1973 a 1976 e o segundo de 1983 a 1988. Elegeu-se presidente da Associação dos Prefeitos da Região Tocantina no biênio 1987/1988. Foi Diretor de Administração do Maranhão no governo de João Castelo Ribeiro Gonçalves (1979-1982). Faleceu no dia 07 de maio de 1995, vítima de infarto.

<sup>156</sup> Frei Epifânio da Badia Calavena nasceu no dia 15 de dezembro de 1916 na cidade italiana de Badia Calavena. Seus pais eram Taioli Giuseppe e Maria Consolaro, que, na pia batismal, lhe deram o nome de Taioli Giuseppe

montados, cada um no lombo de um burro, mais outro animal encangalhado com a carga de malas do frei Aristides. A jornada demorou dois dias. Era inverno na região, tempo de maior precipitação de chuvas intensas, diárias, duradouras, abundantes e constantes; com dias inteiros nublados e impregnados de umidade. Frei Aristides chegou em Montes Altos no dia 18 de março de 1962.

#### **4.2 Frei Aristides desembarca na Estação Missionária de Montes Altos**

O município de Montes Altos tinha somente quatro anos de independência política. A Paróquia de Montes Altos, também havia sido criada recentemente, no dia 1 de janeiro de 1957, por Dom Emiliano Lonati (1930-1966)<sup>157</sup>, então Bispo da Prelazia de São José de Grajaú<sup>158</sup>. O missionário capuchinho frei Aristides chegou à Estação Missionária de Montes Altos nos últimos anos do euclidismo (Período político que teve início com a emancipação política do município e durou até 1966, ano da morte de Euclides Neiva)<sup>159</sup>.

A Paróquia de Santa Ana de Montes Altos estava com seu primeiro vigário, frei Epifânio da Badia Calavena. Ao tomar posse na Paróquia de Santa Ana de Montes Altos em 20 de fevereiro de 1957, frei Epifânio encontrou uma humilde, pequenina e modesta capela, cuja edificação havia se dado por iniciativa do padre Superior da Freguesia de Santa Tereza d'Ávila de Imperatriz, frei Cezário Maria de Livorno (FIALHO, 1998).

Frei Epifânio dispunha de um vigário cooperador, responsável pelas itinerâncias das desobrigas pelo sertão montesaltense, frei Narno de Gorlago. A Paróquia de Santa Ana de Montes Altos, nesse momento, recebeu frei Aristides que desembarcou trazendo na bagagem

---

Gino. Foi ordenado sacerdote no dia 25 de julho de 1942. Nessa mesma data enviou carta ao provincial de Milão, pedindo que seu ministério fosse exercido em missão. Chegou ao Brasil em 27 de novembro de 1947. Após uma temporada no estado do Ceará, veio para o Maranhão, inicialmente para Prelazia de São José de Grajaú, na Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda. Teve passagem na Paróquia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Porto Franco, Paróquia Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú, Paróquia de Santa Ana e Paróquia de Santa Teresa d'Ávila de Imperatriz. Amante do futebol, incentivou o esporte por onde passou. Em Imperatriz deu nome ao Estádio Municipal Frei Epifânio. Faleceu em Imperatriz no dia 8 de fevereiro de 1983, seu túmulo encontra-se no Cemitério Campo da Saudade de Imperatriz.

<sup>157</sup> Diocese de Grajaú. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: <<http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dgraj.html>>. Acesso em: 02.fev.2021.

<sup>158</sup> Primeiro livro de tombo da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos (1958-1966). Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO J.

<sup>159</sup> Estava prefeito de Montes Altos o senhor Josino Gomes Bandeira, aliado que sucedeu Euclides Carneiro Neiva, primeiro prefeito eleito. Josino Gomes, no pleito eleitoral seguinte, transmitiu o cargo de prefeito ao também aliado político, Venâncio Gomes de Souza. Este era o pai de Vanderly Ferraz, que assumiu a regência do grupo e deu nome ao terceiro período da história política de Montes Altos, o vanderlinismo. Foi a esse grupo político que frei Aristides fez oposição, até destituí-lo democraticamente do comando político do município de Montes Altos (MORAES, 2013).

a designação pelo Bispo da Prelazia de Carolina, Dom Cesário Alexandre Minali (1958-1969)<sup>160</sup>, de padre encarregado da catequese para indígenas dos municípios de Montes Altos e de Amarante do Maranhão.

Frei Aristides observou que Montes Altos era um “lugar sem conforto, sem estrada, sem energia elétrica. Lugar de gente boa, mas refratária a uma prática religiosa assídua, constante, a uma religião que chegue a mexer um pouquinho na vida prática da gente” (ARIOLI, 1993, p. 62).

Frei Epifânio e frei Aristides ao chegarem à Praça Santa Ana de Montes Altos, posicionados ao lado da capela homônima, localizada no centro da praça, desenvolveram espontaneamente o seguinte diálogo: “Frei Epifânio: Que tal Montes Altos, frei Aristides, é bonito? Frei Aristides: Não é bonito [...] é ideal! Vi a pobreza extrema da igreja e quanto era insuficiente para acolher o povo nos domingos e dias santos” (ARIOLI, 1993, p.57).

Na capela, frei Aristides presidiu sua primeira missa em solo montesaltense. Da condição da igreja, que havia sido edificada por iniciativa de missionários desobrigantes que se deslocavam de Imperatriz, ele assim a descreve:

de taipa e a frente, de adobão, coberta de telhas chatonas e desiguais, infestadas de morcegos [...] com a imagem da santa padroeira, de madeira, é da altura de um palmo [...]. Na calçada da capela, ao lado direito, havia uma peça de aroeira de três metros de altura, mais ou menos, que sustentava a campainha, de uns vinte centímetros de diâmetro. [...] mas o povo entendia bem quando era chamada para a santa missa, ou quando tratava-se de repiques de finados (ARIOLI, 1993, pp. 40-41).

Se tomarmos por base o censo de 1960, o município de Montes Altos, que se apresentou a frei Aristides, tinha uma população total de 8.788 habitantes. Uma densidade demográfica igual a 2,63 hab/km<sup>2</sup> e com 669 (7,61%) habitantes residindo na área urbana e 8.123 (92,39%) na rural, com uma taxa de urbanização de 7,64 (IBGE,1960).

Podemos inferir que Montes Altos tinha uma economia predominantemente embasada no Setor Primário, pois concentrava na área rural a maior parte da sua população. Para frei Aristides (1993, p. 38) “uma cidade pequena, mas simpática e muito cobiçada a sua administração”.

A casa paroquial havia sido doada<sup>161</sup>. Quanto à igreja, por iniciativa do vigário frei Epifânio, um empreendimento para a construção de uma nova já estava em andamento. Bem

---

<sup>160</sup> Diocese de Carolina. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: <<https://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dcrln.html>>. Acesso em: 02.fev.2021.

mais ampla, com três naves, bem alta e imponente, cujo desafio da edificação havia sido lançado ao povo que abraçou a ideia. Entretanto, devido à pobreza econômica das pessoas, os recursos financeiros eram angariados apenas por ocasião do festejo anual. Assim, o prédio se arrastava há cinco anos.

Na paróquia frei Epifânio se ocupava das atribuições paroquiais e da construção da igreja e frei Narno com as desobrigas. Frei Aristides, após as rotinas iniciais de praxe para acomodação e adaptação, principiou sua missão, a qual caracterizou de ‘minha grande paixão’, para a qual havia sido designado, isto é, implantar uma catequese organizada para os indígenas. “Empreender longas viagens de primeiro contato com os índios, para tomar conhecimento da situação real do mundo indígena: quantas tribos e quantas aldeias existiam aqui!” (ARIOLI, 1993, p. 66), palavras do frei diante do vastíssimo campo para ação catequética junto aos indígenas.

### **4.3 Frei Aristides em ação pastoral missionária de conversão para autonomia do povo indígena Krikati**

Frei Aristides, segundo relata o cronista, era apaixonado e verdadeiro apóstolo da catequese para indígenas. Assim, como ele dispunha de algum dinheiro conseguido na Itália, cuidou de adquirir nas oficinas da fraternidade de Barra do Corda 80 m<sup>2</sup> de mosaico e levou de caminhão da Prelazia para Montes Altos, para utilizá-los no prédio-escola-capela que estava construindo para os indígenas<sup>162</sup>.

Em Montes Altos, frei Aristides articulou uma visita de uma caravana missionária das Obras da Santa Infância à aldeia. Essa caravana demorou de 19 a 21 de setembro de 1962. O objetivo era fotografar indígenas em seu estado natural para uma propaganda, com o fim de desenvolver uma campanha para angariar recursos financeiros para a catequese e civilização dos indígenas. A caravana não atingiu seu intento completamente, sentindo-se frustrada na empreitada. Segundo registro, “se tivessem ficado uns meses lá dentro da mata, talvez conseguiriam”<sup>163</sup>.

No intento de sensibilizar pessoas para colaborar nas obras da catequese para indígenas, frei Aristides viajou, na companhia de alguns indígenas, em novembro de 1962 à

---

<sup>161</sup> Jornal: Montes Altos em Evidência. Foto da casa paroquial de Montes Altos – 1962. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO K.

<sup>162</sup> Livro de tomo da Paróquia de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-I-11, p. 7. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>163</sup> Livro de tomo da Paróquia de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-I-11, p. 7. Convento do Carmo. São Luís-MA.

Juazeiro do Norte, Ceará, a fim de dar representações folcloristas dos costumes deles, sendo eles mesmos os principais atores, em campanha experimental para arrecadação de fundos em prol dos indígenas. Segundo o cronista, “é a primeira vez que um missionário Capuchinho Lombardo experimenta este plano de ação”<sup>164</sup>.

Por meio de um folheto intitulado ‘DIA MISSIONÁRIO’<sup>165</sup>, constatamos que a referida campanha aconteceu em 18 de novembro de 1962. Podemos deduzir que frei Aristides, em conformidade com o panfleto, tinha uma visão tradicional em relação à catequese para os indígenas. Segundo Carvalho (2017, p. 120), “preferiam rejeitar o modelo missional fixo, optando pelo mais tradicional da Ordem Capuchinha, qual o das *missões populares* nas vilas e vilarejos maranhenses”. Nesse caso, missão ambulante e popular em outra fraternidade da Custódia.

Frei Aristides empreendeu sua viagem missionária de retorno de Juazeiro do Norte na companhia do Superior da Fraternidade de Sobral no Ceará. Segundo relatou o cronista, “F. Aristides, de volta de sua excursão propagandista. [...] nos referiu que sua 1ª tentativa deu ótimos resultados e que para o ano irá de novo, ampliando o seu programa”<sup>166</sup>.

No entanto, a transferência do frei Epifânio da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos e a designação do frei Aristides vigário paroquial o fez arrefecer. Frei Aristides sentiu sobre seus ombros o peso da paróquia. Teve, então, que abdicar de sua “grande paixão”, para se dedicar ao trabalho paroquial.

Na área de jurisdição da Prelazia de Carolina, frei Aristides empreendeu esparsas visitas às aldeias do município de Amarante do Maranhão<sup>167</sup>. Assim, procuramos nos limitar nas ações pastorais missionárias de frei Aristides com o povo indígena Krikati na Prelazia de Carolina, onde agiu mais sistematicamente.

O povo Krikati reside em área de jurisdição da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos, nas proximidades da cidade sede do município. Esse povo se autodenomina de *Krĩcatijê*, que significa “aqueles da aldeia grande”. Tem modo de vida e visão de mundo dos demais povos da família dos Timbira (*Pukopjê*). Por sua vez, designam o povo Krikati de

<sup>164</sup> Livro de tomo da Paróquia de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú (1960-1983). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-IV-4. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>165</sup> Panfleto ‘Dia Missionário com frei Aristides e indígenas krikati, em Juazeiro do Norte, Ceará. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO L.

<sup>166</sup> Livro de tomo da Paróquia de Nosso Senhor do Bom Fim de Grajaú (1960-1983). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-IV-4. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>167</sup> Governador, Riachinho e Rubiaça, do povo Timbira; Arariboia, Funil, Borge, Guarimão, Bacabal, Coco, Canudal, Guaruru, Cabeceira, Buritirana, Presídio, Vamos Ver, Cururu, Tiririca, Tatu, Lago Branco, todas em terras do povo Guajajara, estigmatizados pelo massacre de Alto Alegre (ARIOLI, 1993).

*Põcatêgê*, com a significação: “os que dominam a chapada”. No início do século XIX, o total da população dos dois grupos (*Krĩcatijê* e *Pukopjê*) foi estimado por Francisco Paula Ribeiro em mais ou menos 2.000 indígenas. O Serviço de Proteção ao Índio (SPI) apontou uma população de 273 indígenas krikati, em 1919, distribuídos nas aldeias Engenho Novo e Canto da Aldeia<sup>168</sup>.

Ao situarmos no contexto das visitas na região, o próprio frei Aristides (1993, p. 69) narra que foram viagens inesquecíveis pela exuberância da natureza. “Florestas virgens, sertões imensos, rios e córregos saudáveis; pequenos lagos que constituem verdadeiros oásis. Quanta caça, quantas riquezas naturais nesta reserva indígena guajajara onde, naquele tempo, viviam 2.329 índios”.

Após ter sido designado vigário da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos, frei Aristides passou a desempenhar o seu múnus sacerdotal limitado à sede e, quando lhe sobrava algum tempo viajava em desobriga pelo sertão, promovendo assistência às capelas em povoados distantes e dispersos e, raramente, visitava as aldeias. Segundo Jairo Sebastião Soeiro Casanova<sup>169</sup>, os deslocamentos de frei Aristides ocorriam “de 3 em 3 meses uma visita as comunidades e aos fazendeiros, levando sua comitiva pronta para eventos, levando a palavra de Deus em suas missas e reuniões. Essas visitas se chamavam desobriga” (CASANOVA, 2021).

Conforme o indígena krikati Herculano Borges Milhomem<sup>170</sup>, frei Aristides visitava a aldeia apenas em desobriga uma vez por ano. “Todos os anos ele fazia a missa de São Pedro” (CACRÿ, 2016). Assim, a festividade em honra ao santo da Igreja Católica foi incorporada à cultura krikati. A festa junina de São Pedro é realizada anualmente na aldeia São José. No final do mês de junho, por ocasião do dia de São Pedro, conforme o calendário da Igreja Católica. Momento de lazer aguardado ansiosamente pelo povo, principalmente pela juventude.

O povo Krikati pertence ao povo indígena Timbira Oriental, do tronco linguístico Macro-jê, que se situa no lado maranhense, isto é, à margem direita do rio Tocantins, nos municípios de Amarante do Maranhão, Lajeado Novo, Montes Altos, Ribamar Fiquene e Sítio Novo. Indígenas cujo habitat natural são as chapadas do alto sertão maranhense, terras com predomínio de vegetação rasteira e árvores de pequeno porte e de florestas úmidas da

---

<sup>168</sup> Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krikat% C3%AD](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krikat%C3%AD)>. Acesso em: 07/maio/2020.

<sup>169</sup> Entrevista com Jairo Sebastião Soeiro Casanova. Concedida em 22.jul.2021. Em Imperatriz, à Kleber Alberto Lopes de Sousa. ANEXO M.

<sup>170</sup> Cf. Entrevista com o indígena krikati Herculano Borges Milhomem. Concedida em 16 de fevereiro de 2016. Na Aldeia Jerusalém, ao grupo de professores da FEST. ANEXO A.

Amazônia. Sua existência se deve a grande capacidade de resistir às incursões dos expedicionários, bem como a sua localização mais ao interior, o que retardou o contato imediato com o invasor. O CIMI-MA classifica o povo indígena no Maranhão em

orientais e ocidentais. Os orientais estão situados à margem direita do rio Tocantins: Gavião Parakateyê no Pará; Gavião Pukobyê, Krikati, Canela Rankokamekrá e Canela Apaniékrá no Maranhão; e os Krahô no Goiás [Tocantins]. Os ocidentais encontram-se na margem esquerda do rio Tocantins, sendo eles os Apinajé no norte de Goiás [Tocantins] (1988, p. 39).

As frentes expansionistas invasoras, sob a proteção do Estado e as bênçãos da Igreja, adentraram as terras do alto sertão maranhense com o firme propósito de povoar e explorar seu potencial econômico e catequizar e civilizar o indígena, não obstante soubessem que ditas terras não se encontravam disponíveis em sua totalidade, pois eram habitadas por indígenas, que resistiram bravamente, ainda que muitos tenham sucumbido.

Uma vez conquistado o espaço, exercido o domínio sobre o território, um novo desafio se apresentou: a necessidade de mão-de-obra para explorar a terra conquistada. Se os índios ofereceram resistência, vencê-los significou, ao mesmo tempo, ocupar a terra e obter mão-de-obra (CABRAL, 1992, p.64).

Sucessivos conflitos foram originários do avanço invasor violento de criadores de gado sobre o território do alto sertão maranhense, provocando, gradualmente, o recuo dos indígenas até as margens do rio Tocantins. Exatamente onde foram encontrados por frei Manoel Procópio do Coração de Maria quando da fundação da cidade de Imperatriz. Em conformidade com Eldevira Marques de Moraes Barros,

Os primeiros índios com quem tratou [frei Manoel Procópio] foram os Apinajés, que receosos, se rebelaram, abandonaram o local e embrenharam-se na mata. Dirigiu-se então nosso frei às ribeiras do Tocantins, conseguindo chegar às malocas dos Krikatis, Krikatis-gês e Gaviões e com eles teve mais sucesso. O padre então subiu o rio procurando lugar propício e outro não lhe pareceu melhor que o nosso belo campinho, ainda mais por estarem aqui localizadas três aldeias de Caracati-gês, bem próximas umas das outras (BARROS, 1993, p. 17).

Progressivamente, esse espaço foi sendo ocupado por “espertalhões”, num processo sempre marcado por conflitos e violência pelo domínio e posse das terras. À medida que “começaram a tornar-se donos das terras melhores, muitas vezes, sem olhar se eram terras

avulsas do patrimônio do Estado, terras documentadas de ausentes ou o *habitat* legítimo dos índios Krikatis” (ARIOLI, 1993, p. 44).

Começaram cercar as terras com arame farpado. As tensões foram se tornando mais frequentes. Às vezes mais violentas, à medida que o latifúndio foi se fortalecendo, o desmatamento aumentando, as chuvas desaparecendo, os riachos e brejos secando e o deserto avançando. Para Cabral (1992, p. 119), “a expansão da pecuária pelo alto sertão maranhense foi um movimento caracterizado pela violência”.

Alguns episódios foram registrados na memória tanto das populações indígenas quanto dos não indígenas, entre esses, mencionamos o da Serra da Desordem, fato que qualificou como tentativa fracassada da parte do Serviço de Proteção Indígena (SPI) no traslado dos indígenas de Montes Altos para a cidade de Barra do Corda.

O conflito da Serra da Desordem aconteceu entre indígenas e proprietários de fazendas, quando os nativos, em meio a divergências, foram entrincheirados no topo de uma serra e passaram a confrontar-se com os fazendeiros imprimindo resistência à apropriação de suas terras, provocando mortes em ambos os lados, finalizando com o recuo dos fazendeiros (FRANKLIN, 2005, p. 30).

Entre os indígenas, episódios dessa natureza foram transmitidos às novas gerações como forma de resistência e de orgulho, como demonstração de força e poder de seus antecessores. Por parte dos não indígenas, na tentativa de justificar abusos cometidos contra os nativos relatam para os seus descendentes que os indígenas representam, ainda hoje, um perigo iminente.

Embora os indígenas não tenham conseguido estancar a invasão de seu território, não significa dizer que o processo não tenha se dado sem antes manifestar suas reações contrárias às pretensões dos fazendeiros, numa dinâmica de ora inimigos ora aliados. O povo Krikati, embora disperso, ameaçado, pressionado e apossado por fazendeiros, ao mesmo tempo, lutou abnegadamente ao presenciar seu espaço minguar-se ao ponto de não ser mais possível sobreviver da natureza e manter um íntimo contato com ela.

Frei Aristides empreendeu sua primeira viagem à aldeia Baixa Funda do povo Krikati, a mais próxima de Montes Altos. Deparou-se com uma situação muito deplorável, pois os indígenas estavam aglomerados em “choupanas velhas [...] rodeadas de montes de lixo e completamente infestado de formigas-de-fogo. [...] mais sério era que naquela aldeia faltava a água, [...] estavam com os olhos doentes, remelados, disputados e assaltados por uma nuvem de mosquitos” (ARIOLI, 1993, p. 66).

Diante da situação em que se encontravam os indígenas da aldeia Baixa Funda, frei Aristides envidou esforços para convencer os anciãos de que deveriam abandonar aquela localidade e erguerem uma aldeia em outro espaço mais limpo e saudável, preferencialmente numa área elevada e ventilada, com água suficiente para atender às necessidades básicas.

O Prefeito Municipal, Josino Gomes Bandeira (1959-1963), provocado pelos fazendeiros, convocou, para prefeitura municipal, uma reunião, na qual a autoridade eclesial frei Aristides teve participação, com o objetivo de reunir todo o povo Krikati em um único espaço. Argumentaram a possibilidade de maior proteção aos indígenas e menos conflitos com os fazendeiros, que reclamavam de terem seu gado morto por indígenas.

Percebemos, aqui, mais uma vez, que as autoridades constituídas recorreram a antigas práticas do aldeamento e redução, concentrando todos os indígenas krikati que viviam dispersos pelo território em quatro aldeias (Baixa Funda, Cabeceira das Cabras, Bateia e São José), em um único local, na atual Aldeia São José. Para Carvalho (2017, p. 100), “a ação missionária ajudava a sujeição dos indígenas tanto do ponto de vista religioso quanto civilizatório”.

Essa prática confronta a dinâmica natural da expansão territorial do povo Timbira, cuja família pertence o povo Krikati. Segundo Azanha (1984), a cisão de uma aldeia se processa naturalmente em função de diferenciação de grupos locais. Também, é uma maneira de ganho de território.

Frei Aristides, quando se aliou ao prefeito e aos fazendeiros numa estratégia de unificação das várias aldeias, praticou uma ação recorrente na história de ocupação de territórios dos povos indígenas pela sociedade envolvente. De acordo com Carvalho (2017, p. 109), “Os missionários sentiam-se autorizados a destruir as *superstições*, as tradições culturais e religiosas dos indígenas que não considerassem evangélicas”.

Outro intento, foi a contração territorial de domínio indígena, acarretando concentração de grupos diversos e, conseqüentemente, dificultando a manutenção do território anteriormente utilizado frente ao não indígena. Dinâmica que ocasionou perda de autonomia e incorporação de um grupo a outro, embora, aqui se trate de um único povo.

Para a utilização de tal estratégia, além dos argumentos já mencionados, acenaram também, que, se o povo indígena estivesse concentrado em uma única aldeia, facilitaria para uma assistência mais intensiva do poder público municipal e poderia, mais facilmente, dispor

da colaboração dos fazendeiros. Segundo Herculano<sup>171</sup>, com a doação de três bois de quatrocentos a quinhentos quilos por ano aos indígenas.

Outro argumento foi o acesso à educação, por meio da fundação de uma escola na aldeia, cujo intento fora logrado. Com a iniciativa de implantação de uma escola, Herculano<sup>172</sup> afirma que “por causa do colégio, meu tio Francisco chamou os caciques e juntaram todas as aldeias e fizeram só uma aldeia do povo Krikati, nessa época eu não me lembro da data, mas foi mais ou menos em 1964, só tinha 68 krikati, contando com as crianças” (CACRÿ, 2016).

Assim, migraram os indígenas das aldeias Baixa Funda, Cabeceira das Cabras, São Gregório, Bateia e da antiga São José para o espaço geográfico em que se localiza a atual aldeia São José. Cuidou-se logo de destituir todos os chefes das aldeias para que um cacique único fosse elevado ao cargo. Dessa feita, é claro, um que fosse de confiança do prefeito.

A título de reconhecimento do empenho do frei Aristides, uma área foi destinada para que fossem edificadas a igreja, a casa paroquial e uma escola para catequese, que contava com o auxílio do irmão missionário frei Antônio. “Fiquei contente; empreitei com uns índios meu casarão de palha; levei, com um carro de boi, mesa, quadro-negro, pratos, panela, pote, e até um gaiolão com umas galinhas. E comecei minha vida” (ARIOLI, 1993, p. 67).

Escolheram, ainda, um indígena com a função de fiscal da criação. Herculano afirma que

meu tio Francisco em sessenta e quatro, dia 15 de maio, os brancos o colocaram para fiscalização das criações. [...] Os índios faziam a roça no chão, cercava com madeira, mas o gado invadia a roça. O dono da roça não achava bom porque o índio matava o gado. Por causa dessas coisas colocaram ele [tio Francisco] como fiscal e passou quase três anos trabalhando<sup>173</sup> (CACRÿ, 2016).

Podemos inferir, a partir das palavras desse interlocutor, que a intenção objetiva e implícita em toda essa trama era reduzir o território de usufruto dos indígenas para que fosse facilitada a ocupação pelos “espertalhões”.

Ainda segundo Herculano<sup>174</sup>,

Frei Aristides foi a primeira pessoa que chegou lá na aldeia em sessenta e quatro [1964]. Fez a missa e batizou o povo indígena com a escolha de

<sup>171</sup> Entrevista com o indígena krikati Herculano Borges Milhomem. Concedida em 16 de fevereiro de 2016. Na Aldeia Jerusalém, ao grupo de professores da FEST. ANEXO A.

<sup>172</sup> Idem.

<sup>173</sup> Idem.

<sup>174</sup> Idem.

padrinhos e madrinhas. Eu ficava sempre prestando atenção. Por isso ele gostava de mim. Então, toda vez que ele [frei Aristides] chegava na aldeia, ele [frei Aristides] me chamava” (CACRÿ, 2016).

Por essa aproximação, coube à autoridade eclesiástica a tarefa de implantar uma escola primária na aldeia São José. Segundo Herculano<sup>175</sup>, “frei Aristides foi pedir ao meu tio Francisco que era cacique para abrir um colégio dentro da aldeia São José e ele aceitou” (CACRÿ, 2016).

Instalado o colégio, frei Aristides contratou um professor, pois “em vista de ter que empreender longas viagens para visitar outras aldeias distantes, coloquei um amigo, o senhor Milton Rodrigues, como professor pago, para dar um pouco de aula a todos os meninos da aldeia” (ARIOLI, 1993, p. 67-68).

O colégio, porém, teve existência efêmera, pois segundo Herculano<sup>176</sup> o professor era de idade avançada, “tinha uns oitenta ou noventa e poucos anos e ensinava na língua portuguesa” (CACRÿ, 2016). Com a idade avançada, “nosso professor morreu, só trabalhou três meses de aula e morreu, adoeceu e morreu” (CACRÿ, 2016). Assim que o professor faleceu o colégio sucumbiu.

Para frei Aristides essa foi uma temporada de aprendizado, ele afirma que “essa foi uma experiência boa, mas difícil: os meninos índios não progrediam nada: era sempre o primeiro dia de aula” (ARIOLI, 1993, p. 68). Contudo, a iniciativa da implantação da primeira escola na aldeia não caiu no vazio, foi um despertar do povo Krikati para a necessidade de um ensino formal para as crianças indígenas. Embora a escola dentro da aldeia não tenha prosperado nesse primeiro momento, durou o suficiente para que o povo adquirisse uma consciência de que o ensino formal poderia auxiliar na relação com a sociedade envolvente.

Então, de acordo com Herculano<sup>177</sup>, incentivados, apoiados e, muitas vezes, financiados por frei Aristides, o cacique adquiriu uma residência na sede do município em Montes Altos para onde principiaram encaminhar jovens krikati para estudar<sup>178</sup>.

Quanto aos conflitos com fazendeiros, os indígenas persistem até o presente, embora já estejam com o território demarcado. Outro exemplo, a título de ilustração de conflito entre

---

<sup>175</sup> Idem.

<sup>176</sup> Idem.

<sup>177</sup> Idem.

<sup>178</sup> Fruto dessa iniciativa de frei Aristides e da consciência adquirida pelos indígenas, que com muita luta desse povo, atualmente, toda educação básica é ofertada em escolas indígenas públicas instaladas dentro do Território Indígena Krikati. Os professores, quase na sua totalidade, são indígenas portadores de diploma de graduação. A maioria com licenciatura intercultural indígena, alguns com outras habilitações.

indígenas e fazendeiros, em certa ocasião, na aldeia São José foi realizada uma reunião para deliberar sobre a denúncia de um fazendeiro de que indígenas krikati persistiam matando e comendo seu gado. Nessa reunião estavam presentes: o Prefeito Municipal, Gustavo Gomes de Moraes (1977-1982); um representante do governo federal, vindo de Brasília (DF), general Bandeira; o fazendeiro reclamante, senhor Catoné, acompanhado de outros; o vigário paroquial, frei Aristides, e lideranças indígenas. Ao final do referido encontro, segundo relato do frei Aristides, foi proclamada pelo general Bandeira a seguinte sentença:

A roça tem muitos pés: de mandioca, de milho, de arroz etc. Porém ela não caminha; mas sim é a vaca que caminha e anda aonde não deve. E o senhor, que é o dono da vaca, deve prendê-la, para que ela não dê prejuízo aos outros em nome do dono dela (ARIOLI, 1993, p. 47).

Por trás da reclamação havia um processo de intimidação e pressão imposta pelos fazendeiros aos indígenas. Segundo frei Aristides, uma inversão de valores, pois se criou a cultura a “qual não é o fazendeiro ou dono do gado que deve prendê-lo para que não invada e não destrua as roças dos pobres, mas, sim, é o pobre que deve cercar fortemente seus cultivos, para defendê-los do gado” (ARIOLI, 1993, p. 46).

Percebemos, também, intimidação na fala do indígena Herculano<sup>179</sup>, quando afirma que diálogos entre lideranças krikati chegaram a ser estabelecidos com o seguinte teor: “vamos largar de pegar esse gado. [...] qualquer coisa os fazendeiros atacam a gente. Nós somos poucos. Então vamos largar de mão, deixa o gado deles e vamos cuidar só de nós” (CACRÿ, 2016).

Ainda, quando o mesmo interlocutor relata que nessas relações, após sentirem-se bastante pressionados, foi realizada troca de cacique na aldeia sob influência externa, por outro mais amigável para com os fazendeiros, a exemplo da escolha do cacique, quando da unificação das aldeias.

Contudo, as lideranças indígenas não fraquejaram e não se subjugaram. Após séculos de resistência, o povo Krikati decidiu empreender a luta pela demarcação de seu território, para que fosse possível vivenciar sua cultura e seus costumes, embora após centenas de anos estabelecendo relações com a sociedade envolvente, muitos hábitos dessa sociedade tenham sido introduzidos em seus costumes.

---

<sup>179</sup> Entrevista com o indígena krikati Herculano Borges Milhomem. Concedida em 16 de fevereiro de 2016. Na Aldeia Jerusalém, ao grupo de professores da Fest. ANEXO A.

Abrimos um parêntese para destacar que povo Krikati é tido pela história como guerreiro. Um povo que mantém viva sua língua nativa, que muito contribui para manutenção da cultura, bem como da coesão da comunidade indígena com o intento de preservar suas tradições e perseverar no firme propósito de resistência contra o fim físico e cultural da sua gente. Ressaltamos, ainda, que é um povo bilíngue, pois fala também o português. língua com a qual estabelece comunicação com os não indígenas e também com outros povos indígenas de língua distinta.

Retomando a questão do Território Indígena Krikati, encarregado da catequese para indígenas e conhecedor da área devido suas andanças nas desobrigas, frei Aristides foi convidado pelo Ministério do Interior a deslocar-se até o Distrito Federal, Brasília, para participar de uma reunião cuja pauta era a definição do tamanho da área que deveria ser demarcada para o povo Krikati, como também seus limites. No entanto, frei Aristides posicionou-se favorável ao deslocamento de uma equipe de profissionais do ministério até a aldeia para realização de um estudo *in loco*.

Em uma carta datada de 20 de janeiro de 1970, do agrimensor Quintino Ferreira de Carvalho<sup>180</sup>, endereçado ao missionário Stanley Pries, a temática da demarcação do Território Indígena Krikati foi abordada. Assim, inferimos que a reunião, a qual a carta se reporta, com a participação de indígenas, fazendeiros, o missionário norte americano da “Novas Tribos do Brasil”, Stanley Pries, e o agrimensor Quintino, possa ter acontecido no final dos anos de 1960. Supomos, também, que o referido missionário assessorava os indígenas krikati quando se tratava de requerer direitos legalmente adquiridos.

Percebemos por meio da carta do indígena krikati Capitão Francisco<sup>181</sup>, que o desfecho da reunião foi do desagrado para os fazendeiros e, também, para os indígenas. Assim, por um lado, os indígenas prosseguiram em suas articulações. Os fazendeiros, por outro, continuaram em sua movimentação em torno da demarcação da área para os indígenas krikati.

O missionário Stanley Pries confirmou em carta<sup>182</sup>, que na reunião com o agrimensor Quintino Ferreira de Carvalho, nem ele e nem os indígenas aceitaram a proposta descrita na carta do agrimensor. Mesmo assim, uma correspondência do Ministério do Interior expedida em 1 de março de 1970, assinada por Antônio Cotrim Soares<sup>183</sup>, solicitou ao missionário

---

<sup>180</sup> Carta de Quintino Ferreira de Carvalho Neto ao missionário Stanley Pries (Estevão). ANEXO N.

<sup>181</sup> Carta do indígena krikati Capitão Francisco para o Ministro do Interior. ANEXO O.

<sup>182</sup> Carta do missionário Stanley Pires para Kleber Alberto. ANEXO P.

<sup>183</sup> Correspondência do Ministério do Interior encaminhada ao missionário Stanley Pries, solicitando os marcos definidos para delimitação do Território Indígena Krikati. ANEXO Q.



Fazendeiros constituíram uma comissão e buscaram o apoio do frei Aristides, para que colocasse sua assinatura em um abaixo-assinado contra a demarcação da área. Buscando manter-se indiferente, frei Aristides argumentou: “sendo eu vigário dos índios e dos brancos, não acho prudente entrar na briga e que, portanto, fico neutro, por fora. Então, o senhor Catoné, que era o mais sabido da turma, sentenciou: - E o senhor não ensina na igreja ‘quem não é conosco é contra nós?’” (ARIOLI, 1993, p. 70).

Em 1971, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) implantou um Posto Indígena Krikati na aldeia São José. Essa ação contribuiu para unir o povo Krikati em torno da bandeira de um firme propósito de terem seu território demarcado. Nesse sentido, o indígena Herculano<sup>184</sup> afirma que frei Aristides “sempre ficava a nosso favor” (CACRÿ, 2016).

Então, a antropóloga Dolores Newton pela FUNAI, juntamente com lideranças do povo Krikati, iniciaram um estudo para delimitação do território reivindicado para ser demarcado. Ladeira (1989, p. 85) narra que no dia 25 de setembro de 1975 “a antropóloga Dolores Newton leva, à consideração da FUNAI em Brasília, uma carta dos índios onde estabelecem pontos fundamentais de seus territórios que gostariam de ver assegurados por uma demarcação”. Documento que seis anos depois deu origem a abertura do Processo nº 1875/1981.

Entre avanços e retrocessos, levantamentos técnicos diversos, pareceres antropológicos variados, decretos e portarias diversas, sob protestos de fazendeiros por um lado e, de indígenas de outro, mediante um clima constantemente conflituoso entre as partes envolvidas e a população montesaltense, as propostas para o tamanho da área variaram de 1.000 ha a 146.000 ha.

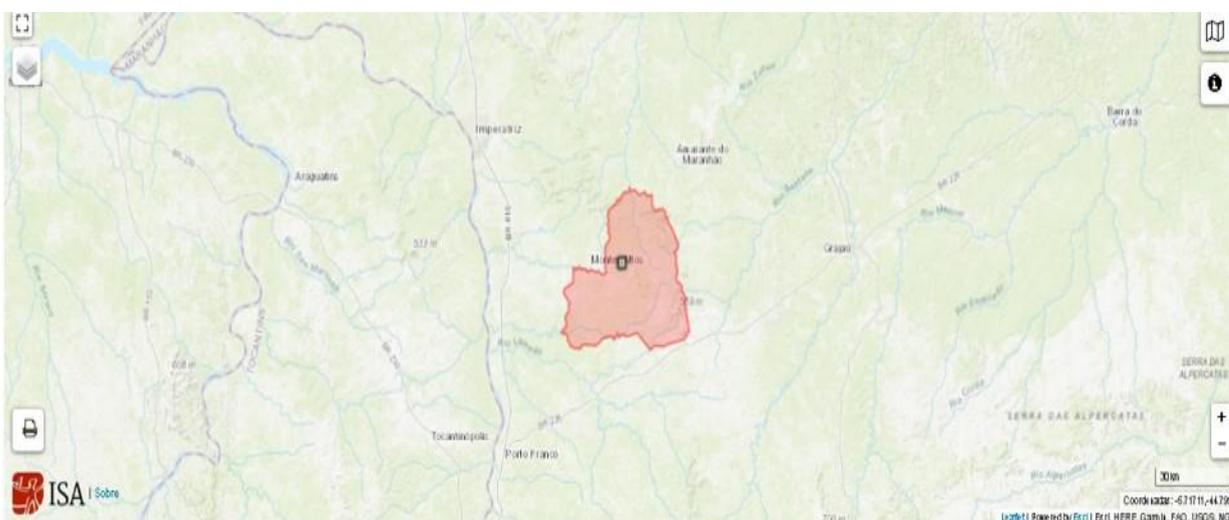
Pela Portaria Ministerial nº 328/MJ/92<sup>185</sup>, de 7 de julho de 1992, o povo indígena Krikati teve declarado de posse permanente o Território Indígena Krikati (Figura 12). A FUNAI foi responsabilizada pela demarcação da área, com uma extensão de 145 mil hectares.

---

<sup>184</sup> Cf. Entrevista com o indígena krikati Herculano Borges Milhomem. Concedida em 16 de fevereiro de 2016 na Aldeia Jerusalém ao grupo de professores da Fest. ANEXO A.

<sup>185</sup> Disponível em: <<https://www.ibama.gov.br/component/legislacao/?view=legislacao&legislacao=95715>>. Acesso em: 11.mar.2021.

**Figura 12: Território Indígena Krikati (TI)**



Fonte: Instituto Socioambiental (ISA).

O TI está localizado no estado do Maranhão, numa abrangência que inclui espaços geográficos pertencentes aos seguintes municípios: Amarante do Maranhão com 29.099,98 ha, o que corresponde a 20,10% da área total de município; Lajeado Novo com 23.887,83 ha, igual a 16,5% da área municipal; Montes Altos com 85.102,64 ha, 58,78% do espaço territorial do município; Ribamar Fiquene com 7.717,00 ha, 5,33% do território municipal e Sítio Novo com 7.042,58 ha, 4,86% do território do município (ISA, 2020).

Entre pausas e retomadas, os trabalhos de demarcação se estenderam até 2004, quando o governo federal homologou, finalmente, o Território Indígena Krikati (Decreto s/n, 28/10/2004), declarando-o de posse indígena permanente. Antigamente,

seu território era mais extenso, compreendendo as cabeceiras do rio Pindaré, a Serra da Desordem, o rio Lajeado, o rio Santa Ana e a margem esquerda do rio Tocantins, abrangendo as terras ocupadas pelas cidades de Montes Altos e Imperatriz (CIMI-MA, 1988, p. 88).

Para a demarcação do Território Indígena Krikati levou-se em consideração uma extensão onde o povo pudesse reorganizar sua cultura, num processo conciliatório entre o novo e o tradicional. Entretanto, até sua efetivação total, vários embaraços foram sendo interposto pelos fazendeiros inconformados com a decisão, retardando o processo de

desintrusão<sup>186</sup> total da área, procedimento ainda não cumprido na sua integralidade até o presente.

Complementarmente, a região ainda foi impactada pela construção das rodovias federais BR-010, a BR-226 e a rodovia estadual MA-280. Também com a implantação de grandes projetos na região, como o de mineração, Projeto Carajás; o de celulose, Projeto CELMAR; a instalação de torres da rede de transmissão de energia elétrica da Eletronorte do eixo Norte-Nordeste e os postes da Companhia Energética do Maranhão (CEMAR/Equatorial). Os dois últimos passando dentro do TI.

#### **4.4 Frei Aristides em ação pastoral missionária de conversão para a alternância do poder político em Montes Altos**

A relação estabelecida entre frei Aristides e os “espertalhões” (fazendeiros, comerciantes, politiquieiros), embora cordial de ambas as partes, processava-se de forma reservada e, costumeiramente, frei Aristides era incompreendido.

O próprio frei Aristides nos revelou seu posicionamento frente a tantas práticas incoerentes. Um dos exemplos ocorreu quando um fazendeiro, com propriedade nas proximidades da aldeia São José do povo Krikati, foi enaltecer-se para frei Aristides por ter conseguido bancar sua prole nos estudos: médico, engenheiro agrônomo, advogado e outras habilitações, o que oportunizou o diálogo a seguir:

[Frei Aristides] - Mas, como o senhor conseguiu isso?

[Fazendeiro] – Ora frei ... da fazenda, do gado. Este crescia, engordava, eu o vendia, ganhava dinheiro ... e pronto! Sustentava todos meus filhos no estudo, até que se formaram.

[Frei Aristides] – Muito bem; parabéns! Mas, me diga, e seu vaqueiro que lhe fez todo o trabalho e lhe conseguiu todo esse benefício: Ele ganhou alguma coisa, no fim? ... Eu o conheço bem: ele começou trabalhar com o senhor sendo pobre, e terminou miserável. É justo isso?

O tal senhor fazendeiro baixou a cabeça. Certamente não ficou satisfeito com minha observação (ARIOLI, 1993, p. 45-46).

A trajetória de frei Aristides na Estação Missionária de Montes Altos esteve marcada por polêmicas e oposição a esse grupo de “espertalhões”, que se aliaram para manter o

<sup>186</sup> “*Desintrusão* é a retirada do que é intruso. É o “ato ou efeito de retirar de um imóvel quem dele se apossou ilegalmente ou sem autorização do proprietário. Frequentemente, o termo se refere à retirada de ocupantes ilegais de áreas reconhecidas e regularizadas como sendo terras indígenas, reservas ambientais, territórios quilombolas ou de outros povos e populações tradicionais” (BRASIL. MPF, 2019). Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr6/documentos-e-publicacoes/manual-de-atuacao/manual-de-jurisprudencia-dos-direitos-indigenas.pdf>>. Acesso em: 10.jun.2020.

comando do poder político. Frei Aristides fez oposição ao vanderlinismo, cuja liderança principal o apelidou de “Innominato”<sup>187</sup> (ARIOLI, 1993, p. 52).

O grupo era liderado por políticos sem escrúpulo, sem nenhum amor ao bem comum, cuja cobiça sucedeu-se, não com objetivo de promover o bem estar coletivo, pois esses administradores ao assumirem o comando se “apropriaram abusivamente do perímetro de terras existentes em redor da cidade, de uso de toda a comunidade. [...] essas terras existiam livres quando eu cheguei em 1962” (ARIOLI, 1993, p. 44). Por muitos anos desfrutaram das benesses do poder político municipal, mantendo escravizado o homem do sertão, que é simples, espontâneo, lento, fácil, material e muito imediatista.

Numa paróquia é natural que o padre seja a maior autoridade. Frei Aristides, desde sua chegada à Paróquia de Santa Ana de Montes Altos, sentiu-se incomodado com o fato de que frei Epifânio estava ameaçado de morte, porque não se submeteu e, também, denunciava os crimes do chefe ‘Innominato’ de Montes Altos. Além disso, muitos dos asseclas do “Innominato” buscavam a igreja com pretensão de “subornar e instrumentalizar o padre, a devoção, a igreja, a religião, a serviço de interesses egoísticos” (ARIOLI, 1993, p.52).

Numa perspectiva política, frei Aristides começou a fazer uso do altar para uma homilia esclarecedora da relação entre a vida e a religião. Uma religião com implicações práticas na vida das pessoas. Isso mexeu na consciência dos interesseiros egoísticos que, não aguentando mais as homilias que denunciavam as incoerências praticadas, constituíram um grupo de puxa-sacos e de espíões que tentavam alimentar uma situação venenosa.

Segundo Itamar Dias Fernandes<sup>188</sup>, frei Aristides tinha uma personalidade muito forte, de temperamento impulsivo, rigoroso, perfeccionista, genioso, franco, sincero e impulsivo. Qualidades que lhe renderam, no decorrer do tempo, o surgimento de opositores ao seu pastoreio.

Corroborando com esse perfil de personalidade atribuído ao frei Aristides, podemos nos basear na carta convite de frei Aristides<sup>189</sup>, datada de 18 de março de 1992, por ocasião da

---

<sup>187</sup> “O **Innominato** é um personagem histórico do *I promessi sposi* de Alessandro Manzoni, assim chamado pela impossibilidade de citar seu nome. Figura má, ele é um poderoso cavalheiro. Apresenta vontade indomável, desejo e busca da solidão, orgulho e amor à independência, maldade por arrogância e orgulho, mas nasce da indignação e da inveja pelas tantas arrogâncias que testemunha. Ele não tem prazer na maldade e tiraniza para não ser tiranizado” (CANTÙ, 1832, pp. 63-98, 328-384).

<sup>188</sup> Frei Aristides Arioli: nosso pároco, antropólogo, artista, eterno e verdadeiro amigo de Montes Altos. Texto de Itamar Dias Fernandes, afilhado de Consagração de frei Aristides. Publicado em 28/julho/2017. ANEXO R.

<sup>189</sup> Convite do frei Aristides aos paroquianos para comemoração dos seus trinta anos de presença missionária em Montes Altos. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO S.

celebração pelos seus trinta anos de residência na Estação Missionária de Montes Altos, em paralelo com uma carta anônima de agradecimento ao convite<sup>190</sup>.

Percebemos que frei Aristides, logo no início do seu convite, considera esses trinta anos como um tempo de reclusão. “Esta festa, deve ser de toda a população que se anima como uma grande família, celebrando os trinta anos de minha reclusão voluntária”.

Nesse sentido, a Ir. Anna Maria Pastorelli<sup>191</sup> (2020) afirma que frei Aristides era um “isolado na Diocese...havia um jeito individualista e pouco participava da vida da igreja particular de Imperatriz”. Paralelamente, com um tom meio que jocoso, na carta anônima está anotado um pedido de desculpa pela ingratidão da população montesaltense, em impor tal “Reclusão Voluntária”.

Na continuidade, frei Aristides se queixa de nunca ter sido ajudado pelas autoridades constituídas e nunca ter tido seu trabalho reconhecido em Montes Altos, a exceção de pessoas humildes. Na carta anônima, igualmente, há certo cinismo quando elenca as obras construídas por frei Aristides e, ao mesmo tempo, levanta uma ofensa, ao afirmar que o frei vendia amostras grátis de remédios ou distribuía remédios vencidos trazidos da Itália.

Frei Aristides parece insinuar que a classe mandatária sente inveja de um estrangeiro edificar tantas obras em Montes Altos, enquanto os filhos da cidade nada fazem. Nesse ponto, também a carta anônima se contrapõe, afirmando que todo o complexo de edificações erguido pelo frei Aristides não está à disposição da comunidade, mas dele mesmo.

No seu convite, frei Aristides persiste nos louros do reconhecimento dos seus feitos, citando, inclusive, outros coirmãos laureados em seus municípios, enquanto para ele em Montes Altos nada é feito. A carta anônima busca as Escrituras Sagradas para se embasar de que a vida do cristão é essa mesma: “Não veja a tua mão esquerda o que faz a tua direita”.

---

<sup>190</sup> Carta anônima de agradecimento ao convite do frei Aristides, para comemorar seus trinta anos de presença missionária em Montes Altos. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO T.

<sup>191</sup> Transcrição da mensagem encaminhada pela Ir. Anna Maria, via WhatsApp, para o autor em 18 de fevereiro de 2020. “Caríssimo Kleber, bom dia! Você já me pediu informações e lhe dei uma resposta ... eu estou me recuperando na saúde para poder viajar dia 4 próximo. Hoje saí pela terceira vez, depois de quase oito meses de impossibilidade de caminhar. Aqui em casa, posso, somente, ver no meu arquivo se tenho fotos de quando eu e frei defendente passávamos de viagem para Imperatriz ... na verdade nunca tive interesse para com ele, porque era um “isolado” na diocese ... havia um jeito individualista e pouco participava da vida da igreja particular de Imperatriz ... então, não tenho alegria de escrever verdades ... que não edificam nossa igreja ... Mas, se encontrar alguma foto, posso lhe passar ... agora estou com poucos dias para minha viagem ... correria para resolver problemas de oito meses que fiquei parada ... e, como você sabe, tenho compromisso com a celebração do centenário de Dom Marcelino Bicego e o livro que deve ser colocado na tipografia ... e, falando disso, deixei esperançosa o espaço para teu depoimento e do Prof. Toinho e fique triste, pois não deu tempo de chagar até lá na Fest ... Mas, vocês entraram com fotos do lançamento do livro sobre Dom Marcelino que foi feito anteriormente. Um abraço de paz e bem”!

Partindo para o desfecho final do convite, frei Aristides afirma ter certeza de que no dia das comemorações irá ouvir o “muito obrigado” da população, por ele ter deixado sua terra natal e ter vindo fixar residência nesse rincão do Maranhão. A isso, a carta anônima, também, contra argumenta, afirmando que não há mais necessidade de se fazer agradecimentos, pois o próprio frei Aristides se encarrega de fazê-lo.

Ao longo das pesquisas pudemos perceber que em sua ação pastoral e em sua missão sacerdotal, ao menos no princípio, frei Aristides demonstrou a existência de uma prática imparcial, de neutralidade e sem partido. Nesse sentido, o médico Jairo Sebastião Soeiro Casanova<sup>192</sup> afirma nunca ter tido conhecimento do envolvimento do padre em campanhas eleitorais no município.

Ressaltamos, nesse ponto, que consideramos a atuação política do frei Aristides numa visão ampliada do fenômeno político. Assim, elegemos a definição de Neris (2014, p. 36), que “considera como políticos os interesses, as atitudes e práticas situadas para além da esfera política especializada”.

Com o passar dos anos, o mesmo frei Aristides afirma ter feito do altar um palanque para proferir um discurso (homilia) parcial, em detrimento do grupo político sob a liderança de Vanderly Ferraz, por ocasião do pleito eleitoral de 1988. A este grupo, chamava de “grande saca de diabos” (ARIOLI, 1993, p. 52).

A data apropriada para esse acontecimento foi 13 de maio de 1988, por ocasião da comemoração dos cem anos da declaração de extinção da escravidão no Brasil. O próprio frei Aristides narra que

Naquela ocasião eu fiz ao povo de Montes Altos uma ampla explanação sobre o significado de escravidão e sobre as inúmeras formas de escravidão existentes na vida: escravidão física, moral, escravidão de um vício e **escravidão política** [grifo nosso]. O nosso povo entendeu bem a lição. Nas eleições municipais sucessivas, o povo de Montes Altos se livrou democraticamente dos que há muitos anos cominavam no município, como se fosse um feudo particular deles (ARIOLI, 1993, p. 71).

A partir do texto acima e do resultado das eleições, podemos inferir que essa homilia foi um cheque mate para o vanderlinismo, grupo detentor do poder político no município desde a chegada de frei Aristides à Estação Missionária de Montes Altos. Notamos, assim, a disposição de frei Aristides em legitimar ‘no altar’ o grupo político da oposição, liderado por Nelson Ricardino Castilho, que foi eleito prefeito municipal de Montes Altos no pleito

---

<sup>192</sup> Entrevista com Jairo Sebastião Soeiro Casanova concedida em 22 jul. de 2021 em Imperatriz. ANEXO M.

eleitoral de 1988. Nelson Castilho foi gestor de 1989 a 1991. Mesmo não sendo mais prefeito, manteve-se no comando político dos seus asseclas até o pleito eleitoral de 2008, quando o candidato da oposição Valdivino Rocha Silva (2009-2012) foi eleito prefeito municipal de Montes Altos. O período (1989-2008) foi caracterizado de castilhismo (MORAES, 2013).

Após a entrega da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos para a Diocese de Carolina, frei Aristides foi vinculado à fraternidade de Imperatriz, mas continuou residindo na casa paroquial em Montes Altos, pois permaneceu na direção do hospital Casa Pontificia Alívio do Sofrimento Dr. Piero Saroni.

Além do engajamento na luta pela demarcação da TI Krikati, frei Aristides participou das articulações para emancipação dos municípios de Sumaúma e Lajeado Novo. Como visto anteriormente, frei Aristides vivenciou todo o segundo fluxo migratório intensificado para a região, principalmente na década de 1970. Conseqüentemente, presenciou o crescimento da população nas pequenas comunidades, ao mesmo tempo em que testemunhou o surgimento de novas no espaço territorial da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos.

A povoação de Sumaúma<sup>193</sup> era uma pequenina e jovem comunidade quando frei Aristides desembarcou na Estação Missionária de Montes Altos. Situada às margens da BR-010. Sumaúma teve sua origem em 1955, nas proximidades do riacho homônimo. Portanto, ao chegar no município de Montes Altos, essa era uma das comunidades visitadas em desobriga por frei Aristides com frequência assídua.

Sumaúma foi elevada à categoria de município pela Lei Estadual nº 6.131, de 10 de novembro de 1994, com a denominação de Ribamar Fiquene<sup>194</sup>, em homenagem ao governador do Maranhão da época, tendo seu território desmembrado totalmente do município de Montes Altos. Com uma área de 876,0 km<sup>2</sup>, o município faz limite ao norte com os municípios de Governador Edison Lobão e Montes Altos; a leste com os municípios de Montes Altos e Lajeado Novo; a oeste com o estado do Tocantins e ao sul com o município de Campestre do Maranhão.

Lajeado II foi uma comunidade a qual frei Aristides vivenciou seu surgimento. Sua origem data o início da década de 1970, a partir dos trabalhos para o encascalhamento da BR-226, no trecho entre Grajaú e Porto Franco. O Batalhão de Engenharia Civil (BEC), do Exército Brasileiro, encarregado dos trabalhos, decidiu montar um acampamento à margem

---

<sup>193</sup> Árvore amazônica (Ceiba pentandra), da ordem Malvales e da família Malvaceae.

<sup>194</sup> BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades:** Ribamar Fiquene. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/ribamar-fiquene/historico>>. Acesso em: 10.Jun.2020.

do rio Lajeado para servir de base de apoio aos trabalhadores da obra e, também, de espaço para guardar os maquinários, uma vez que uma ponte seria edificada naquela localidade.

A movimentação das pessoas encorajou proprietários de terras das imediações, bem como moradores de cidades vizinhas, ao fixarem residência na localidade, objetivando atender necessidades básicas dos trabalhadores. Assim, iniciaram a construção de estruturas domésticas rústicas, inicialmente de taipa e cobertura de palhas, para serviços que iam desde alimentação até pousada para pernoite (MORAES, 2013, p.31).

A emancipação chegou pela Lei Estadual nº 6.195, de 10 de novembro de 1994, que criou o município com a denominação de Lajeado Novo<sup>195</sup>, com sede no povoado homônimo, desmembrado exclusivamente de Montes Altos, com uma área de 1.047,7 Km<sup>2</sup>. O mesmo limita-se ao norte com o município de Montes Altos e a leste com o de Sítio Novo, a oeste com o de Ribamar Fiquene e ao sul com os municípios de Porto Franco, São João do Paraíso e Campestre.

O núcleo urbano de Montes Altos guardou características bucólicas, bem como econômico e social, tendo a maioria da sua população formada por migrantes. Mesmo após os desmembramentos, o município manteve a característica de duas classes sociais: a do latifundiário, também conhecido pela alcunha de fazendeiro, que além de ter o controle da propriedade da terra no campo, ainda detinham a propriedade dos estabelecimentos comerciais da cidade; e a do trabalhador da roça, muitas vezes meeiro, pois cultivava na terra do fazendeiro ou vaqueiro que fica encarregado de cuidar do gado do fazendeiro, tendo como remuneração uma parte da cria, geralmente numa proporção de uma para quatro rezes.

Por outro lado, sabemos que o desequilíbrio estrutural entre área urbana e rural pela ausência de uma eficiente malha viária, capaz de estabelecer uma conexão eficiente e eficaz entre ambos, impossibilita o setor primário de oferecer estímulo ao crescimento dos demais setores, provocando um ciclo desagregador da economia municipal.

Desequilíbrio refletido nos dados dos censos dos anos de 1970 e 1980. Estes censos captaram mudanças no contingente da população de Montes Altos, cujo total alterou para 11.849 habitantes em 1970 e 15.753 habitantes em 1980. A densidade demográfica aumentou para 3,56 hab/km<sup>2</sup> e 4,74 hab/km<sup>2</sup>, respectivamente. Quanto à distribuição da população por zona, em 1970 subiu para 1.266 (10,68%) habitantes residindo na área urbana e 10.583 (89,32%) em área rural. Em 1980, foi elevada para 1.988 (12,62%) na zona urbana e 13.765 (87,38%) na zona rural. No entanto, mesmo com esse incremento na população urbana,

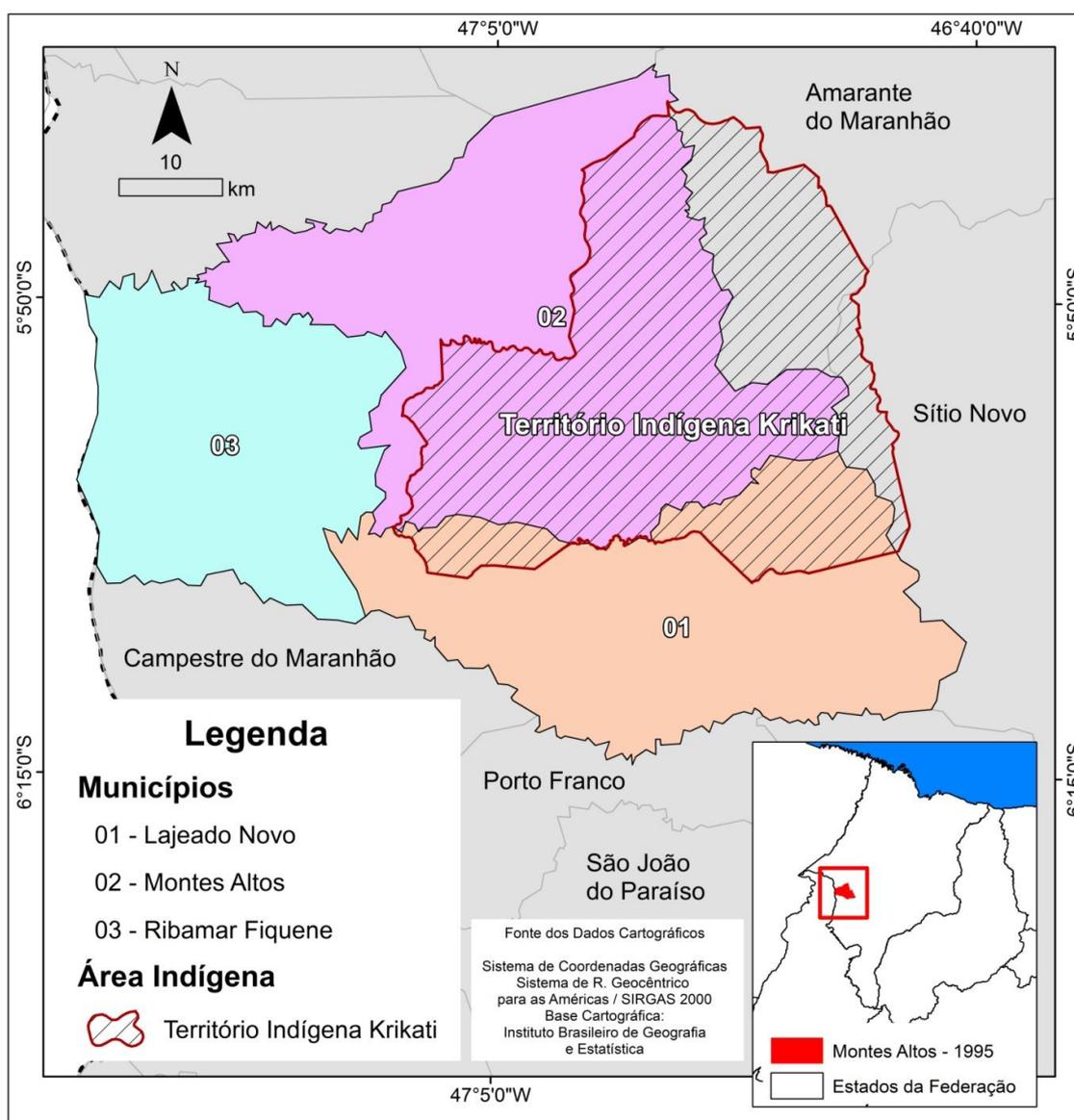
---

<sup>195</sup> BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades**. Lajeado Novo. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/lajeado-novo/historico>>. Acesso em: 10.Jun.2020.

Montes Altos manteve sua característica econômica baseada no setor primário. Isto se deve a uma combinação de fatores, como: expansão rodoviária, expansão de fronteira agrícola, prestação de serviços médico-sanitários e outros (IBGE, 1970; 1980).

A perda de área geográfica do município de Montes Altos para a criação dos municípios de Ribamar Fiquene e Lajeado Novo, bem como, a homologação do TI Krikati, trouxe ao município de origem uma nova configuração em termo espacial, reduzindo de uma área de 3.866,5 km<sup>2</sup> para 1.338 km<sup>2</sup> (Mapa 10).

**Mapa 10: Território de Montes Altos após desmembramento de Ribamar Fiquene, Lajeado Novo e da demarcação do TI Krikati**



Fonte: Sousa (2021).

#### **4.5 Frei Aristides em ação pastoral missionária de conversão para o fortalecimento da relação prática da religião com a vida em Montes Altos**

Desde cedo, o sertanejo montesaltense aprendeu com os pais o temor a Deus e a aceitação do catolicismo, abraçando o orago protetor da família. Esse costume disseminou a prática da reza do terço em família e o culto ao santo protetor (MORAES, 2013, p.92).

Era uma forma de manter a religiosidade, uma vez que, em Montes Altos, a presença de um padre era algo muito raro, apenas uma vez ao ano, “quando ele vinha de longe, ‘amontado’, para a desobriga, passando de lugarejo em lugarejo, de fazenda em fazenda” (ARIOLI, 1993, p. 49).

Com a presença do padre era realizada a catequese. Era nesse momento que os cristãos católicos procuravam aproveitar o dia de desobriga para assistir a santa missa, confessar-se, batizar as crianças, crismá-las e celebrar os casamentos dos jovens. Excepcionalmente, a pedido de gente muito influente, muitas vezes às pressas, acontecia uma celebração de casamento urgente e importante.

Os novenários eram momentos de renovação e fortalecimento da fé, além de confraternização com a vizinhança que se deslocava de longe para prestigiar o acontecimento que, quase sempre, terminava com uma grande festa. Assim, os fazendeiros foram impondo seus oragos e da religiosidade popular deles brotaram os primeiros centros de culto.

Manoel Soares de Araújo e sua esposa Tomázia Gomes de Jesus, um dos casais de fazendeiros do entorno de Montes Altos que foram atraídos para a povoação, era devoto de Santa Ana. Então, residindo na sede da povoação, o casal deu sequência na realização de novenários em intenção à santa de sua devoção. A reza era realizada no período de 17 a 26 de julho. As festividades foram estruturadas e passaram a contar com a participação de padres da Paróquia de Santa Tereza d’Ávila de Imperatriz, cuja jurisdição pertencia à Montes Altos (MORAES, 2013, p. 93).

Em 1937, numa temporada de festejo, frei Cezário Maria de Livorno foi para as festividades da Santa Ana acompanhado de um amigo construtor, Gustavo Bernardino de Oliveira Fialho. Durante as festividades ficou decidido que ‘com o resultado das rendas dos leilões e outras oferendas’ uma igreja seria edificada, onde fosse possível venerar e festejar Santa Ana (FIALHO, 1998, p.10).

Fundaram, assim, a Associação Católica Pró-Construção da Igreja de Santa Ana de Montes Altos, objetivando arrecadar fundos para a edificação da igreja. Então, sob orientação

de frei Sigismundo, três anos depois, foi concluída a igrejinha descrita por frei Aristides anteriormente. Ela foi construída de tijolos e coberta com telhas cerâmicas de fabricação doméstica no centro da praça, em frente à Estação Telegráfica e a Escola Municipal. Doravante, os festejos passaram a ser realizados ali, sempre com a participação de um padre que vinha da Paróquia de Santa Tereza d'Ávila de Imperatriz (FIALHO, 1998).

Paralelamente aos novenários, outras festas se popularizaram em Montes Altos: a festa do Divino Espírito Santo, a do Santo Reis e a junina. Para frei Aristides são “as mais fortes expressões de religião popular aqui no nosso Maranhão” (ARIOLI, 1993, p. 50).

Pela tradição, as duas primeiras tiveram início a partir de uma promessa realizada pelas promotoras dos eventos, que, em momento de aflição, se comprometeram em realizar a festa por um determinado período de tempo, mas pela aceitação da comunidade se alongou até o limite de suas forças físicas, quando, então, outra pessoa da família assumiu o compromisso para dar prosseguimento à realização da festa (MORAES, 2013).

A Festa do Divino Espírito Santo “é uma profissão de fé no mistério da Santíssima Trindade e no poder do Espírito Santo” (ARIOLI, 1993, p.50). Ritualiza-se a partir de uma caixa de madeira e couro, uma bandeira colorida e uma pomba simbolizando o Divino Espírito Santo. Um terceto formado pelo promotor da festa, quem fez a promessa, um batedor da caixa e um porta bandeira. Começa uma peregrinação de casa em casa pela cidade e sertão em busca de arrecadar esmolas para a culminância do evento.

A Festa do Santo Reis assemelha-se a do Divino. Teve, também, sua promoção a partir de uma promessa realizada em momento de aflição. Dar-se início com a “tiração” de esmolas na sede e no interior, de casa em casa, cantando nas madrugadas. Ao invés do tocador da caixa da festa do Divino, aqui, é um sanfoneiro, acompanhado da promotora e seus familiares, colaboradores e simpatizantes. A peregrinação acontece logo após o Natal e tem como culminância a festa do dia 6 de janeiro, data em que a promotora recebe, em sua casa, os convidados e também os ‘penetras’ para um farto café da manhã. É um dia agradável e de muita alegria e confraternizações (MORAES, 2013).

As festas juninas se espalham com fogueiras à frente das casas, enchendo de alegria as ruas onde acontecem a “padrinhagem” ao sabor de batata-doce assada nas fogueiras. Organiza-se, também, uma “quadrilha” (grupo de dança) com a participação indistinta de ricos e pobres juntos, uma vez que as vestimentas remetem ao matuto, ao sertanejo.

Esses momentos de festividades, muitas vezes, são as únicas oportunidades para confraternização, divertimento e descanso. São, ainda, as oportunidades para conagração dos parentes, que em virtude das tarefas do dia a dia raramente se encontram. Também, são

momentos de devoção aos santos, com fartura de comida e muita bebida. Acrescentamos que são momentos cíclicos incorporados à rotina das comunidades.

A festa abriga dimensões de tempo, tem duração. Tem o antes, o durante e o depois. Nas sociedades mais simples a centralidade da festa manifestando-se como direção e sentido de atos, relações, decisões, em suma, de práticas, de políticas, deriva do fato de que tais comunidades administram seu tempo. Fazem-no, certamente, conforme prescrições do mundo ao qual pertencem guardando certa institucionalidade, seja religiosa, seja estatal, mas a comunidade enquanto tal, dona do seu tempo. O tempo é presente – prático; é disto que deriva a centralidade da festa (SANTOS, 2008, p. 21).

Há, ainda, aqueles momentos que não marcam o tempo cíclico. São as festividades aleatórias, batizados, casamentos, aniversários, as rezas e outros. Oportunidades, muitas vezes seguida de bailes ou forrós. Como podemos observar no convite de frei Aristides para celebração dos seus 30 anos de permanência missionária em Montes Altos<sup>196</sup>, cujo encerramento ao final do dia se deu com um forró.

Esses momentos festivos, ao mesmo tempo que reforçam laços familiares e de parentesco, servem, também, para reinventar as tradições e repassá-las de geração para geração. Nesse sentido,

Além de parentes e amigos convidados [...] entende-se que o lugar da festa é aberto a todos [...] Mesmo em casa de pobre, a comida deve ser servida com fartura [...] As mulheres cozinham em grandes panelas as mesmas comidas de todo dia, acrescidas, às vezes, de uma sopa muito quente, quando a dança é no tempo de frio, de maio a setembro, justamente quando as funções são mais frequentes, porque “não se dança para o santo durante a Quaresma e a Semana Santa” e porque ela rareia nos meses “das águas” (BRANDÃO, 2007, p. 312-313).

Em outro contexto, objetivando satisfazer os desejos da comunidade montesaltense e acatando informações positivas de padres das desobrigas, Dom Emiliano Lonati de Brescia (1886-1971), Bispo de Grajaú, elevou o Distrito de Montes Altos à categoria de Paróquia, em 1 de janeiro de 1957, sob a proteção de Santa Ana. O bispo designou o primeiro pároco, frei Epifânio da Badia Calavena (1916-1983) e como cooperador frei Narno da Golargo. Frei Epifânio tomou posse em 20 de fevereiro de 1957 até 12 de fevereiro de 1964<sup>197</sup>.

<sup>196</sup> Convite do frei Aristides aos paroquianos para comemoração dos seus trinta anos de presença missionária em Montes Altos. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO S.

<sup>197</sup> Primeiro livro de tombo da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos (1958-1966) – Primeiros vigários nomeados. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO U.

O primeiro vigário da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos, frei Epifânio (1957-1964), exerceu seu múnus sacerdotal com zelo e dedicação, não se limitou a celebração da santa missa. Dedicou-se, também, a assistir aos doentes em suas residências; motivou a formação de grupos de jovens; associações para mulheres, homens, idosos inclusive; a formação de corais e outras. Tornou-se testemunho vivo do amor do Pai. Fortaleceu o festejo à padroeira do recém-criado município, que cresceu e avolumou-se, atraindo os filhos da cidade residentes em diferentes partes do país (MORAES, 2013).

Percebendo o envolvimento crescente da comunidade nas ações empreendidas e a sua disposição em realizar mais, frei Epifânio (1916-1983) lançou o desafio da construção de uma nova igreja, em substituição a igreja, para abrigar a Matriz. Proposição que foi abraçada pelos paroquianos, dando início à edificação da igreja em outubro de 1958, em forma de mutirão, com a participação da população e sem distinção alguma (FIALHO, 1998).

Como dependia das ofertas e doações voluntárias da comunidade durante o festejo anual, a obra prosseguia a passos lentos. Frei Epifânio era um frade muito humilde e desprovido de posses, assim, sem abandonar sua dedicação ao próximo, sem esquecer-se do ambiente sadio e agradável que o lazer proporcionaria ao jovem, entre serventes e pedreiros, ele se fazia presente a empunhar a colher e aprumar o fio do prumo (MORAES, 2013).

Já havia se passado cinco anos de trabalho exaustivo na construção da Igreja Matriz de Montes Altos. Frei Epifânio muito econômico, somando-se às dificuldades das atribuições pastorais, a construção não chegava ao fim. Frei Aristides, que tinha chegado na paróquia em 1962, observou que a construção continha falhas estruturais e alertou ao frei Epifânio de que a edificação poderia ruir. Então, ele decidiu ajudá-lo financeiramente com um pouco de dinheiro que trazia da Itália, adquirido com a venda do seu primeiro livro sobre os índios Canelas de Barra do Corda.

Com o aporte financeiro de frei Aristides, finalmente a construção fora coberta. Porém, muito pouco tempo durou o contentamento do frei Epifânio. Quem sabe pelo desconhecimento seu de engenharia, a igreja levantada de tijolos e coberta com telhas de cerâmica, estruturada para ser a Igreja Matriz de Montes Altos, foi ao chão. Desmoronou junto todo um trabalho comunitário que calejou ombros e mãos durante muitos dias e muitas noites. Era dia 22 de dezembro de 1963, quando “desencadeou sobre Montes Altos um grande temporal, com vento forte. [...] Em certo momento, com um ruído espantoso como o de um terremoto [...] a igreja desmoronou completamente, desabando toda por dentro até o baldrame” (ARIOLI, 1993, p. 59).

Frei Epifânio abateu-se completamente ao visualizar o desastre. Frei Aristides buscou reanimá-lo. Mas, para quem sonhou com a construção daquela igreja e pôs as mãos na massa para edificá-la, é compreensível o estado de tristeza e abatimento que tomou conta do frei.

Transcorridos um mês do acontecimento desastroso, mas que provocou apenas danos materiais, frei Epifânio foi transferido. Assumiu a Paróquia de Santa Ana de Montes Altos frei Eliezer M. de Morazzone, por curto período de tempo, de 29 de fevereiro de 1964 a 15 de fevereiro de 1965<sup>198</sup>. Depois, sem que tenha sido consultado, o bispo nomeou frei Aristides vigário da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos.

Frei Aristides voltou-se à rotina de visitas aos doentes em domicílio; incentivo à piedade entre o povo, ensino do catecismo, preparação dos coroinhas, constituição de associações: cruzadinhos, filhas de Maria e apostolado da oração, retiros espirituais e outras.

Dessa forma, a ação pastoral do frei voltou-se para uma pastoral de conservação, segundo o Documento de Medellín (Med 6,1) e Aparecida (Dap 370), são ações que trazem as características de centralidade no padre e na paróquia. Uma ação pastoral na qual a prática da fé tem cunho devocional, cuja vivência cristã gira em torno do padre para recepção dos sacramentos e observância dos mandamentos da Igreja. O âmbito eclesial é o espaço sagrado e, no seio deste, está a matriz.

Afirma Itamar Dias Fernandes<sup>199</sup>, que,

desde sua posse [frei Aristides] não parou mais de trabalhar em prol de nossa cidade. O seu temperamento, muitas vezes mal compreendido por muitos, não o impediu de buscar tudo aquilo que fosse importante para amenizar o sofrimento de nossa população, inclusive à população indígena (FERNANDES, 2017).

Frei Aristides era um daqueles que no dito popular não levava desaforo para casa. “No cumprimento de suas obrigações religiosas foi irrepreensível. Sua reclusão em claustro, porém, o impediu de adotar o catecismo local como elemento ordenador da sociedade” (MORAES, 2013, p. 100).

Assim, em resposta a uma recomendação do bispo da Prelazia de Carolina para que reconstruísse a igreja de Montes Altos respondeu, solicitando que o bispo lhe mandasse, desenhos e cálculos completos, elaborados por um engenheiro, e, para começar, alguns

---

<sup>198</sup> Primeiro livro de tomo da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos (1958-1966) – Primeiros vigários nomeados. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO U.

<sup>199</sup> Frei Aristides Arioli: nosso pároco, antropólogo, artista, eterno e verdadeiro amigo de Montes Altos. Texto de Itamar Dias Fernandes, afilhado de Consagração de frei Aristides. Publicado em 28/julho/2017. ANEXO R.

milhões. O bispo silenciou e frei Aristides prosseguiu em seu pastoreio, dedicando-se a uma ação apostólica focada mais no trabalho espiritual, sem se quer imaginar que se confrontaria, no meio de tanta gente boa e amiga, com a presença de uma “grande saca de diabos” (ARIOLI, 1993, p. 57).

Tendo suas atribuições ampliadas na missão do pastoreio do povo de Deus e sentindo-se sobrecarregado e sem padre cooperador, frei Aristides foi queixar-se ao bispo, afirmando que sozinho não seria capaz de dar assistência aos indígenas, paróquia, desobrigas e construção da igreja. O bispo, na ocasião, a respeito dos indígenas lhe respondeu: “- isso é só pra constar! Não sei, talvez diante da Conferência ou da prestação de conta *ad limina*” (ARIOLI, 1993, p. 69).

Sentindo-se acuado e de mãos atadas diante da pobreza e da miséria que viviam muitos dos montesaltenses e, diante de uma crescente demanda de assistência aos paroquianos, frei Aristides organizou em 1964 o Instituto das Irmãs Missionárias Voluntárias. “Fui buscá-las no Ceará, usufruindo de velhas amizades; foram as primeiras: a irmã Francisca, a irmã Lúcia e a irmã Jacinta” (ARIOLI, 1993, p. 64).

As Irmãs Missionárias Voluntárias dedicaram-se a visitar as famílias montesaltense, utilizando como método de trabalho o da Legião de Maria. Ainda, auxiliavam o vigário no zelo e na limpeza da igreja e dos espaços paroquiais, bem como na organização de celebrações solenes.

Valendo-se dessa exitosa experiência, frei Ângelo Fornasiero, superior e vigário da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus de Amarante do Maranhão, solicitou a frei Aristides empenho e providências para o envio de três Irmãs Missionárias Voluntárias para sua paróquia. Assim, no último dia do ano de 1964, frei Aristides e a Superiora das Irmãs Missionárias Voluntárias visitaram frei Ângelo para tratativas da abertura de uma casa do Instituto. As atribuições pastorais se voltariam ao acolhimento de doentes e cuidados com a Escola Paroquial<sup>200</sup>.

Após consentimento do Bispo da Prelazia de Carolina, bem como a edificação de espaços físicos para receber as Irmãs Missionárias Voluntárias, frei Aristides tomou do ensejo de uma viagem que realizou para a inauguração do Seminário e retornou no dia 27 de março de 1965, trazendo três Irmãs Missionárias Voluntárias para Amarante do Maranhão. Ressaltamos que nesse mês de março a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus de Amarante

---

<sup>200</sup> Cf. Livro de tomo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus de Amarante do Maranhão (1954-1985). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-II-27, p.72. Convento do Carmo. São Luís-MA.

do Maranhão e a Paróquia de Santa Ana de Montes Altos receberam frei Ambrósio, missionário Cooperador e desobrigante<sup>201</sup>.

Frei Aristides demonstrou-se atencioso para com as Irmãs Missionárias Voluntárias. Assim, em maio de 1965, aproximadamente dois meses após terem sido instaladas em Amarante do Maranhão, o frei foi visitá-las. Segundo frei Ângelo, acontecimento que as deixou revigoradas para a missão<sup>202</sup>.

Frei Aristides, articulou, ainda, para que a Paróquia de Santa Ana de Montes Altos servisse de espaço de encontro e de socialização das experiências para as Irmãs Missionárias Voluntárias. Dessa forma, as Irmãs Missionárias Voluntárias de Amarante do Maranhão passaram quinze dias de suas férias junto com as de Montes Altos. Segundo o cronista, retornando revigoradas para os trabalhos paroquiais<sup>203</sup>.

Atento aos trabalhos desenvolvidos pelas Irmãs Missionárias Voluntárias, o bispo da Prelazia de Carolina requereu outras três para auxiliá-lo no seminário e no abrigo dos velhos na cidade de Carolina. Dessa forma, procedeu-se a abertura de mais outra casa do Instituto das Irmãs Missionárias Voluntárias. Todas com a interveniência de frei Aristides.

Em Montes Altos, as Irmãs Missionárias Voluntárias passaram a fazer desobrigas pelo sertão, às vezes acompanhando frei Aristides, outras sem o padre. Isso tornou a passagem do frei nas comunidades mais bem planejada e organizada, com um belíssimo altar, cânticos ensaiados com antecedência e prévias instruções para recepção dos sacramentos (ARIOLI, 1993, p. 147).

Quanto às desobrigas, merece abirmos um parágrafo para narrar uma experiência de frei Aristides. Pensamos que com essa narrativa tenhamos uma noção do quanto era extasiante a vida de um padre em desobriga por esse sertão montesaltense. Era um período invernos, mês de dezembro, que pelo acúmulo de trabalho ministerial frei Aristides sentiu-se compelido a sair em desobriga.

Já estava há duas semanas em viagem e faltavam dois dias para o Natal. Encontravam-se bem distante da sede da paróquia quando o tempo fechou e caiu uma chuva insistente o dia inteiro. Obrigado, frei Aristides e seu sacristão tiveram de abrigar-se em uma residência no sertão. Porém, com agenda marcada para outra localidade, com a intensidade da chuva diminuída, frei Aristides determinou: “agora o chuvisco é fino. ‘Vamos embora’” (ARIOLI,

---

<sup>201</sup> Cf. Livro de tomo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus de Amarante do Maranhão (1954-1985). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-II-27, p. 73. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>202</sup> Livro de tomo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus de Amarante do Maranhão (1954-1985). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-II-27, p.74. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>203</sup> Cf. Livro de tomo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus de Amarante do Maranhão (1954-1985). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: B-II-27, p. 75. Convento do Carmo. São Luís-MA.

1993, 72). Partiram seguindo, como de costume, um guia que tinha vindo apanhá-los para conduzi-los ao novo destino.

Após aproximadamente uma hora de andança pelas veredas abertas no sertão, a escuridão da noite se aproximou. Deveriam atravessar o Brejo Seco, corriqueiramente estreito e raso, mas devido às chuvas, agigantou-se em largura e profundidade. Mesmo assim, encorajados pelo guia, que tomou a frente do cortejo para indicar o caminho, aventuraram-se na travessia. No entanto, pela inexperiência e falta de traquejo com o animal, este cai num buraco e frei Aristides foi lançado nas águas, o mesmo ocorrendo com o sacristão.

Felizmente consigo agarrar-me à raiz de uma grande árvore, e fico gritando, esperando que viessem ajudar-me a sair. [...] Eu grito, mas as águas impetuosas e barulhentas me impedem de ser ouvido. Estou somente com a cabeça para fora, numa escuridão absoluta. A sela, a bagagem, quem sabe, toda molhada ou perdida, talvez levada pela correnteza. O meu sacristão também está ancorado pouco distante, em uns galhos de árvores dobrados; me chama e espera também socorro (ARIOLI, 1993, pp. 73-74).

O socorro veio até eles e conseguiram chegar ao destino. Devido a esse acontecimento, demorou pouco tempo e frei Aristides adquiriu um jipe para paróquia. Assim, as desobrigas passaram a ser realizadas com veículo motorizado, encurtando o tempo nos deslocamentos, nem por isso menos desafiadoras as andanças pelo interior em desobriga, devido à ausência de estradas. Ressaltamos que “frei Aristides possuía um carisma totalmente diferente ao de frei Epifânio<sup>204</sup>” (MORAES, 2013, p. 97).

Frei Aristides tinha sua origem em uma família europeia estruturada economicamente, que muito o auxiliou, não apenas em assuntos de finanças. Sua família colaborou para formação de uma ampliada rede de contatos na Europa, tornando frei Aristides um homem “ladeado de personalidades do mundo da cultura, da religião e das finanças” (MORAES, 2013, p. 97).

Ao contrário do seu antecessor, na Estação Missionária de Montes Altos, em sua prática pastoral, abdicou dos mutirões e voluntariados quando o assunto foi edificações. “Frei Aristides foi, por um lado, orgulhoso, arrogante e portador de falsa modéstia e pelo outro um verdadeiro João de Barro, um autêntico servidor de Cristo” (MORAES, 2013, p. 97).

Frei Aristides era, em algumas situações, de fato intempestivo. Certa ocasião começou a preparar uma área atrás da Igreja Matriz de Santa Ana de Montes Altos. Segundo Itamar

---

<sup>204</sup> Frei Aristides Arioli: nosso pároco, antropólogo, artista, eterno e verdadeiro amigo de Montes Altos. Texto de Itamar Dias Fernandes, afilhado de Consagração de frei Aristides. Publicado em 28/julho/2017. ANEXO R.

Dias Fernandes<sup>205</sup>, objetivando “retirar todos os nossos mortos de suas catacumbas e enterrá-los” nesse novo espaço (FERNANDES, 2017). Não se sabe se foi uma ideia do padre ou do cidadão Aristides, sabemos que quando a comunidade tomou conhecimento da intencionalidade de transladação dos seus mortos foi um alvoroço.

Ainda, Itamar Dias<sup>206</sup> afirma que “Essa sua ideia lhe rendera muita revolta por parte da maioria da população, naquela época. [...] Muitas lideranças locais foram radicalmente contra” (FERNANDES, 2017).

Não satisfeito com o posicionamento da comunidade, “frei Aristides colocou um pano preto em sinal de luto na porta da Igreja”<sup>207</sup> (FERNANDES, 2017). Então, revoltado, furioso e vociferante sumiu. Viajou para Itália, ausentando-se da paróquia por alguns meses. Deixou a paróquia desassistida, assim: “Vez por outra, é que vinha um Frei Franciscano ministrar a Santa Missa para os paroquianos de Santa Ana”<sup>208</sup> (FERNANDES, 2017).

Entre encontros e desencontros, e, ainda, sentindo-se pressionado por tantas demandas que ordenavam recursos financeiros, frei Aristides começou a realizar curtas temporadas na Europa, junto aos familiares. Evento que o auxiliava no restabelecimento do vigor missionário, bem como o fortalecia no combate a “grande saca de diabos” (ARIOLI, 1993, p. 52).

Esse frei, em cada viagem, aproveitava para viabilizar o envio de recursos financeiros para a Paróquia de Santa Ana de Montes Altos. “Se eu não me ajudasse com parentes e benfeitores de além-oceano, aqui eu não teria nem para tomar o café amargo da manhã. Montes Altos, por falta de indústria e de agricultura mecanizada, é a paróquia mais pobre de toda a nossa Missão” (ARIOLI, 1993, p. 109).

Foi assim que frei Aristides coletou esmolas e empreendeu a limpeza dos entulhos da construção tombada. Comprou uma área em frente à Praça de Santa Ana, encomendou na Itália um projeto para a Igreja Matriz de Santa Ana<sup>209</sup>. Depois, para certificar-se de que a construção transcorreria conforme projetada, trouxe para Montes Altos o missionário voluntário, engenheiro Dr. Vittorio Grignani de Melegnano, quem projetou o templo para cuidar dos trabalhos da edificação da Igreja Matriz de Santa Ana de Montes Altos.

A ideia era uma igreja com uma planta arquitetônica diferente das que existiam na região. Ao mesmo tempo, um prédio que representasse o sertanejo e o indígena. “Decidiu-se

---

<sup>205</sup> Idem.

<sup>206</sup> Idem.

<sup>207</sup> Idem.

<sup>208</sup> Idem

<sup>209</sup> Rascunho do projeto arquitetônico do prédio para abrigar a igreja matriz da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos. Arquivo Paroquial. ANEXO V.

pelo projeto da Cabana de Deus, ampla, aberta, simples, com teto e colunas e madeiras nobres da floresta, como aroeira e ipê” (O Progresso, 12/03/2013).

Dois anos se passaram para a edificação da igreja, o primeiro foi dedicado à retirada dos entulhos e limpeza da área, realização da fundação, escolha da madeira, talha e trato das tesouras que sustentam o teto. Trabalho acompanhado pessoalmente pelo engenheiro Vittorio Grignani, que pode contar com um marceneiro de Imperatriz e um pedreiro, encarregado de levantar as paredes laterais da nave principal, da fachada e da parte externa.

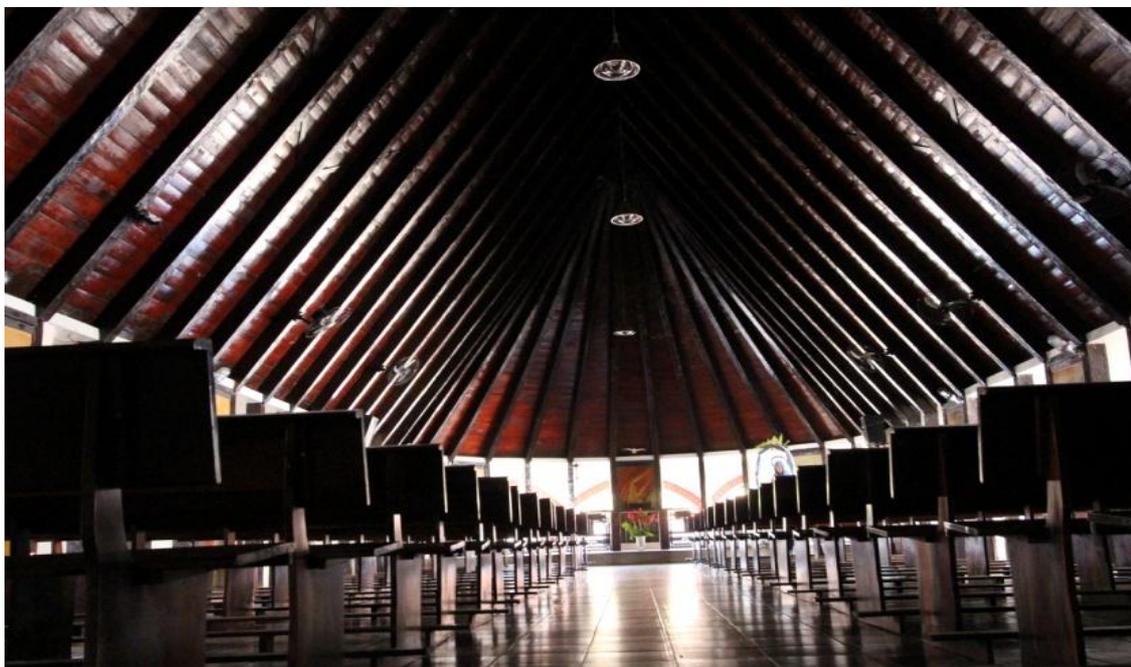
A igreja tem o teto em forma de ‘V’ invertido (Fotografias 7 e 8). Coberta de tábuas, sustentadas por colunas de madeira de lei. Segundo a mesma reportagem do Jornal, O Progresso, de 12 de março de 2013, “a igreja é exemplar único no mundo”.

#### **Fotografia 7: Vista externa da frente da Igreja Matriz de Santa Ana de Montes Altos**



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

### Fotografia 8: Vista interna da Igreja Matriz de Santa Ana de Montes Altos



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

Em conformidade com Itamar Dias<sup>210</sup>: “Diga-se de passagem, uma verdadeira obra de arte, num estilo renascentista, em pleno sertão maranhense. Com um detalhe: sem nenhum custo aos seus paroquianos” (FERNANDES, 2017).

Frei Aristides estampou todo seu capricho artístico, tanto na arquitetura quanto na decoração, não poupou recursos para construir um templo arquitetonicamente bastante original para a região, fugindo totalmente de planta padrão que se tinha na Prelazia de Carolina. Ainda, uma igreja segura e confortável que motiva os fiéis a frequentar aquele espaço de celebrações, bem como atrai turistas.

Frei Aristides edificou, também, a residência paroquial (Fotografias 9 e 10). Um prédio com um piso superior que dispõe de quartos para abrigar até vinte pessoas. Na parte inferior, uma ampla sala de estar, com lareira; cozinha e amplos espaços que abrigam os departamentos de gestão da paróquia<sup>211</sup>. Acrescentamos que esta estrutura acompanhou as mesmas características arquitetônicas que se fizeram marca do frei Aristides, ou seja, um *design* que manifesta modernidade, tornando-se um atrativo, turístico inclusive. Um edifício

<sup>210</sup> Frei Aristides Arioli: nosso pároco, antropólogo, artista, eterno e verdadeiro amigo de Montes Altos. Texto de Itamar Dias Fernandes, afilhado de Consagração de frei Aristides. Publicado em 28/julho/2017. ANEXO R.

<sup>211</sup> Rascunho do projeto arquitetônico do prédio para abrigar a casa paroquial na travessa da praça da matriz da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos. Arquivo Paroquial. ANEXO W.

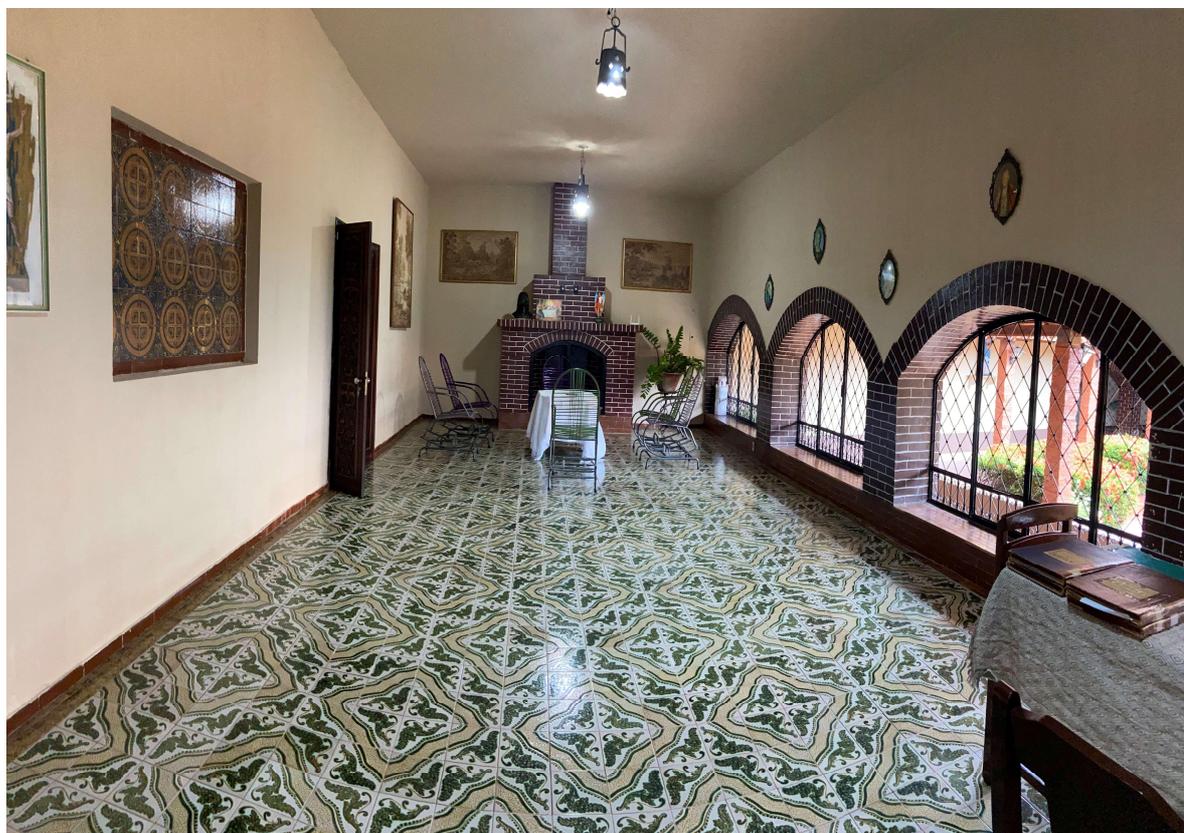
confortável, artisticamente decorado com obras de arte e seguro: “sempre gostei muito da música e da poesia e de todas as artes belas. Agradeço a Deus que me fez assim. Sempre fui mecenas, e quantas coisas lindas consegui fazer protegendo pequenos artistas aqui no meu sertão” (ARIOLI, 1993, p. 108).

**Fotografia 9: Vista externa da frente da Casa Paroquial, ao lado da Igreja Matriz de Santa Ana de Montes Altos**



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

**Fotografia 10: Vista interna da sala de estar da Casa Paroquial, ao lado da Igreja Matriz de Santa Ana de Montes Altos**



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

Salientamos que frei Aristides desembarcou na Estação Missionária de Montes Altos, quando essa região, oeste do Maranhão, passava por significativas mudanças, com abertura de rodovias como: BR-010, ligando Brasília a Belém; BR-226, ligando-se a BR-010 na cidade de Porto Franco, ao nordeste oriental, passando por Grajaú e Barra do Corda; BR-153, que na cidade de Pastos Bons cruza com a BR-230, esta liga-se a BR-010 na cidade de Estreito. Também, a implantação da rodovia MA-280 que interliga a BR-010 a BR-226, cruzando o município de Montes Altos.

Uma região em plena explosão demográfica onde crescia nas comunidades a demanda por assistência religiosa e social. Sentindo-se cada vez mais atarefado, frei Aristides apropriou-se do Concílio Vaticano Segundo, em seu Cânon nº 686, para constituir em 1977 um núcleo postulante à criação de uma fraternidade franciscana secular para auxiliá-lo nas ações rotineiras internas da paróquia e, também, na assistência aos paroquianos, contribuindo para minorar as agruras da árdua tarefa de ser padre numa pequena cidade interiorana do

Maranhão, em quem se depositam todas as esperanças de resoluções para todas as mazelas sociais locais.

Com esse intento, o Padre Assistente Regional realizou uma visita em 1978<sup>212</sup>, no período de 27 a 30 de abril, e culminou com a admissão ao noviciado de 15 postulantes. Em nova visita em 1979 ficou acertado que fosse prolongado o período do noviciado e que frei Aristides solicitasse junto ao Bispo da Prelazia de Carolina, Dom Marcelino Sérgio Bicego OFM Cap (1971-1980), a permissão para criação da Fraternidade da Terceira Ordem Franciscana, que no Brasil recebe a denominação de Ordem Franciscana Secular (OFS).

Então, em 04 de setembro de 1979 foi realizado o pedido<sup>213</sup> para ereção da Fraternidade de Santa Ana, com sede na Igreja Matriz da Paróquia de Santa Ana em Montes Altos. Após os trâmites regulares e autorização episcopal, em uma nova visita, no período de 20 a 23 de setembro de 1980, foi criada a Fraternidade de Santa Ana<sup>214</sup> no dia 23 e, no mesmo dia, durante a Santa Missa, foram admitidas a profissão temporânea de 8 noviças<sup>215</sup>.

Outro núcleo recebeu a primeira visita do Padre Assistente Regional de 4 a 7 de outubro de 1978 para admissão das postulantes ao noviciado<sup>216</sup>. Em 22 de março de 1979 foi solicitada a criação da Fraternidade de São Sebastião de Sumaúma<sup>217</sup>, com sede na capela de São Sebastião no povoado de Sumaúma, situado às margens da BR-010, município de Montes Altos. Após os trâmites regulares e autorização episcopal, em nova visita, ao final de um retiro espiritual, no período de 8 a 10 de outubro de 1979, foi erguida a Fraternidade São Sebastião de Sumaúma<sup>218</sup>.

Frei Aristides dispunha, então, de mais agentes de pastoral zelosas e dedicadas para auxiliá-lo no pastoreio das ovelhas. No entanto, na gestão da paróquia e do hospital, ambos

---

<sup>212</sup> Cronograma de instituição da Fraternidade de Santa Ana. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO X.

<sup>213</sup> Requerimento para ereção da Fraternidade da Terceira Ordem Franciscana Secular – Fraternidade de Santa Ana. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO Y.

<sup>214</sup> Ato de ereção da Fraternidade da Terceira Ordem Franciscana Secular – Fraternidade de Santa Ana. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO Z.

<sup>215</sup> Estatuto das Missionárias Voluntárias Seculares da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AA.

<sup>216</sup> Cronograma de instituição da Fraternidade de São Sebastião de Sumaúma. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AB.

<sup>217</sup> Requerimento para ereção da Fraternidade da Terceira Ordem Franciscana Secular – Fraternidade de São Sebastião de Sumaúma. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AC.

<sup>218</sup> Ato de ereção da Fraternidade da Terceira Ordem Franciscana Secular – Fraternidade São Sebastião de Sumaúma. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AD.

sem receita para custear suas despesas, demandavam, cada vez mais, que ele viajasse com frequência à Itália em busca de ‘Providência’.

Convém ressaltar as alternativas encontradas pelo missionário frei Aristides para o desenvolvimento de programas sociais de ampla capilaridade com finalidade religiosa, numa região onde o poder público pouco se fazia presença. Assim, embora as comunidades estivessem geograficamente dispersas no espaço paroquial, a ação missionária estabeleceu “as bases de uma rede escolar e social que exerceu um papel importante no avanço da escolarização, como também favoreceu os contatos, a integração e circulação entre essas diferentes comunidades” (NERIS, 2014, p. 111).

Em 1 de janeiro de 1980, uma carta do Ministro Geral, frei Pascoal Rywalski OFMCap, informa à frei Aristides da disposição da Província em transferi-lo e solicita que se dispusesse a aceitar a decisão. O Ministro Geral assim se reporta: “Agradeço e louvo por todo o trabalho que realizou nesse lugar, mas espero que demonstre ser um bom capuchinho, esquecendo os problemas do passado e procurando integrar-se plenamente em uma de nossas fraternidades<sup>219</sup>”.

Em 24 de janeiro de 1982, os coirmãos radicados na sede da Diocese de Carolina foram comunicados da decisão em Conselho, em acordo com Dom Alcimar Caldas Magalhães<sup>220</sup>, bispo diocesano de Carolina, de entregarem a paróquia e o seminário. Essa decisão vai implicar na desvinculação de frei Aristides da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos.

Portanto, frei Aristides foi desvinculado da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos em 08 de julho de 1993, e a paróquia foi devolvida à Diocese de Carolina, mas lhe foi permitido continuar na gestão do hospital e residir em Montes Altos, contudo, sua fraternidade de vínculo passou a ser a de Imperatriz<sup>221</sup>.

---

<sup>219</sup> Carta do Ministro Geral, frei Pascoal Rywalski, comunicando à frei Aristides da disposição da província em transferi-lo. Arquivo confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AE.

<sup>220</sup> Carta do Vice Provincial, frei Pascoal Rota OFMCap, comunicando aos coirmãos da Diocese de Carolina da decisão em Conselho, em acordo com o Bispo, de entregar a paróquia e o seminário para a diocese. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AF.

<sup>221</sup> Carta do Ministro Vice-Provincial, frei Franco Cuter OFMCap, comunicando à frei Aristides da sua desvinculação da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AG.

#### **4.6 Frei Aristides em ação pastoral missionária de conversão para promoção da saúde em Montes Altos**

Por décadas, a população montesaltense viveu sem a presença de profissionais da saúde com credenciais da teoria e da prática médica. A assistência à saúde era realizada, tendo por base a medicina tradicional, com apoio de remédios extraídos da natureza, beberagens, chás e garrafadas, com fórmulas que foram transmitidas de uma geração a outra, ou, ainda, por autodidatas, transformados em pessoas enobrecidas e referências na região.

Quando não conseguiam a cura, a solução estava em retirar o doente para Grajaú, Imperatriz ou outro centro mais avançado. Para a locomoção dos enfermos utilizava-se, muitas vezes, a rede para todo cidadão. Depois, com a construção de uma pista para pouso de avião teco-teco, os endinheirados passaram a dispor dessa alternativa. Dessa forma, aos pobres, a grande maioria, restava a rede ou a morte à míngua.

Na década de 1930, ingressou na povoação de Montes Altos medicamentos para dor de cabeça, febre e gripe. Os remédios eram trazidos por ambulantes solitários que se aventuravam pelas trilhas. Algum tempo depois, veio fixar residência na sede da povoação em 1940, o ambulante graduado Euclides Neiva. Sua chegada deu início a uma nova etapa para a saúde da gente dispersa pelas fazendas e residentes na sede da povoação de Montes Altos. Euclides Neiva, percebendo a carência da população, aproveitou do ensejo e impôs sua liderança em articulações políticas. Registramos que Euclides Neiva foi o primeiro prefeito eleito em Montes Altos (MORAES, 2013).

Nessa mesma década, passou pela povoação de Montes Altos o pessoal da Companhia Nacional de Malária (CNM). Em seguida, chegaram os homens do Departamento Nacional de Endemias Rural (DENERU). Em 1973, a Companhia Nacional de Malária (CEM) passou a chamar-se de Superintendência de Campanha de Saúde Pública (SUCAM). Nos anos de 1990, o órgão foi renomeado para Fundação Nacional de Saúde (FNS). Logo depois, a sigla foi alterada para FUNASA, quando os agentes ganharam o status de Guardas de Epidemiologia (GEPs) (MORAES, 2013).

Frei Aristides, após anos anunciando no repique do sino o falecimento de seus paroquianos, edificou um anexo à casa paroquial constituído de um salão/farmácia para atendimento aos doentes e outro espaço para serviços de pronto-socorro. O intento foi minimizar o sofrimento por falta de assistência hospitalar, na maioria das vezes, eram mulheres parturientes. Muitas vezes, frei Aristides foi chamado a assistir alguma sem nada poder fazer para socorrê-la e evitar sua morte.

Sempre que viajava para Europa, frei Aristides trazia na bagagem muitos medicamentos (amostras grátis) que distribuía ao povo. Entretanto, essa atitude lhe rendeu alguns comentários de asseclas da ‘grande saca de diabos’. Segundo Itamar Dias<sup>222</sup>: “Lamento dizer que, por diversas vezes, ainda criança, tive de rebater as críticas peçonhentas de determinadas pessoas, quando diziam que ele vendia amostras grátis. A ingratidão humana é um verdadeiro câncer” (FERNANDES, 2017).

Para melhor assistir, principalmente as mulheres em trabalho de parto, frei Aristides tomou a “decisão de acompanhar duas das nossas missionárias voluntárias seculares, a irmã Francisca e a irmã Ritaci, até São Paulo, ao hospital Matarazzo, para que fizessem prática como parteiras, sendo de máxima necessidade para a nossa comunidade” (ARIOLI, 1993, pp. 83-84).

Frei Aristides, ao longo do exercício do seu múnus sacerdotal na Paróquia de Santa Ana de Montes Altos, vivenciou experiências muito desagradáveis com paroquianos que se dirigiam à sua residência em busca de solução para seus males: materiais e espirituais. Frei Aristides se fez familiar de leprosos e tuberculosos, que a população rejeitou no fim da vida. Pessoas esfaqueadas, mordidas de cobra, que chegavam à busca de auxílio, quase sempre, quando já estavam em estado terminal.

Chamado como sacerdote à cabeceira dos doentes, eu vi cada coisa... Situações suficientes para entristecer e levar até ao desespero quem não tivesse muita fé e muito domínio de si. Naturalmente a gente procurava fazer todo o possível com os meios disponíveis, mas a miséria era extrema (ARIOLI, 1993, p. 80).

Embora fatos como esses entristecessem e sensibilizassem frei Aristides, não o abateram nem o desvaneceram da missão, ao contrário, “isso aumentava sempre mais em mim o desejo de construir um hospital para socorrer estes nossos pobres irmãos” (ARIOLI, 1993, p.84).

Frei Aristides tornou-se disposto a abandonar sua vocação primeira e abraçar a saúde dos mais necessitados, com o propósito de construir um hospital filantrópico. Nem mesmo a falta de recursos financeiros o esvaeceu. Encheu-se de coragem e se dispôs ao sacrifício.

Estava vivendo tempo de contradições, de sofrimento, de grandes incompreensões, depois do meu grande sacrifício de ter renunciado ao meu

---

<sup>222</sup> Frei Aristides Arioli: nosso pároco, antropólogo, artista, eterno e verdadeiro amigo de Montes Altos. Texto de Itamar Dias Fernandes, afilhado de Consagração de frei Aristides. Publicado em 28 de julho de 2017. ANEXO R.

apostolado missionário de preferência – os índios, minha paixão incontida, reprimida, quando me mandaram como pregador ao Ceará e depois sufocada e cortada, pelas exigências dos superiores, quando me deixaram sozinho em Montes Altos. Agora estava de coração e braços abertos a qualquer ideal, disposto a entrar em outro caminho, visto estar ainda novo (ARIOLI, 1993, p. 86).

Devido uma doença contraída por frei Aristides no estômago, seus superiores permitiram que ele viajasse para a Europa, com suas expensas ou de seus familiares, objetivando o tratamento, uma vez que aqui no Brasil todas as tentativas haviam sido frustradas: “Chego na Itália. Clínica *Fate Bene Fratelli*, em Milano. Enfermaria dos capuchinhos, em Bergamo. Melegnano, em família. São as etapas obrigatórias” (ARIOLI, 1993, p. 87).

Frei Aristides buscou a casa dos seus pais na Itália para curar-se de uma úlcera que o incomodava. Buscou médicos especialistas e iniciou o tratamento tradicional, mas foi a uma experiência mística vivida no encontro com frei Pio da Petralcina, no convento dos Capuchinhos em São Giovanni Rotondo na Itália, que frei Aristides atribuiu a cura da sua úlcera.

Após rezarem juntos um terço em oferenda a Nossa Senhora, frei Aristides conversou sobre a intenção sua de aliviar o sofrimento do povo na Estação Missionária de Montes Altos, por meio da construção de um hospital filantrópico, ao que frei Pio respondeu: “Vai, volta a tua missão, faz o hospital e verás que a Providência nunca te faltará” (ARIOLI, 1993, p. 91).

Para frei Aristides, a úlcera no estômago foi o sinal do qual Deus se valeu para conduzi-lo até frei Pio. Após este encontro, sentiu-se imensamente motivado para retomar a missão em Montes Altos. Também se sentiu completamente curado de sua úlcera e fortalecido no seu ideal de construir um hospital filantrópico. O sinal que frei Aristides buscou para redirecionar sua opção vocacional, seu ideal missionário se materializou.

Ainda na Itália, frei Aristides estabeleceu os primeiros contatos com o amigo engenheiro e arquiteto Gian Luigi Sala, de Melegnano, que o presenteou com o projeto arquitetônico, bem como com os cálculos estruturais e um orçamento para a edificação que ocuparia uma superfície coberta de 1.740m<sup>2</sup>, numa superfície edificada de 3.480m<sup>2</sup>, com uma altura média do andar de 3,80m e uma cubagem com 13.224m<sup>3</sup> (ARIOLI, 1993).

Apenas recursos próprios e o apoio financeiro de familiares não foram suficientes para fazer frente às despesas da construção do hospital. Então, no início do ano de 1970, frei Aristides empreendeu uma viagem à Itália para contatos necessários à edificação do hospital.

Encontrou o Dr. Piero Saronio que lhe garantiu o orçamento necessário para a obra. Suas viagens para Itália tornaram-se mais frequentes, onde permanecia por volta de três semanas.

Frei Aristides buscava na Itália não somente financiamento para suas obras de caridade como também o aconchego dos familiares e amigos; sem levar na bagagem o pensamento de abandonar a missão. Apenas um tempo de reflexão e replanejamento das ações pastorais, na esperança de fazer da Estação Missionária de Montes Altos um espaço de vivência do reino dos céus.

Finalmente, após ultimar os detalhes com os financiadores do empreendimento, objetivando assegurar suas presenças, frei Aristides presidiu no dia 26 de julho de 1974 a missa em ação de graças pela inauguração do hospital Casa Pontifícia Alívio do Sofrimento Dr. Piero Saronio (Fotografia 11).

**Fotografia 11: Vistas da frente do Hospital Casa Pontifícia Alívio do Sofrimento Dr. Piero Saronio em Montes Altos**



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

No seu discurso de inauguração do hospital, frei Aristides desabafou:

Eu confio que um dia, como já meus bispos, também meus coirmãos capuchinhos brasileiros, se não os velhos italianos que desaparecem, ficarão muito contentes em receber como herança essa minha obra modesta, mas que opera tanta caridade, alivia tantos sofrimentos dos pobres doentes. Dessa caridade que é extremamente necessária para lavar algumas páginas da história inglória, no meio de tantas páginas gloriosas de nossa missão centenária no norte do Brasil (ARIOLI, 1993, p. 108).

O hospital filantrópico: Casa Pontifícia Alivio do Sofrimento Dr. Piero Saronio é um edifício em uma grande área para posteriores ampliações. Quanto ao nome Dr. Piero Saronio, o intuito foi homenagear e agradecer à família benfeitora, grande patrocinadora do hospital filantrópico.

A inauguração do hospital filantrópico não bastou para que as dificuldades desaparecessem, ao contrário, continuaram os tempos de sacrifícios e tribulações. Além das despesas de manutenção, agora, fazia-se necessária a aquisição dos aparelhos indispensáveis para o bom funcionamento. Para isso, frei Aristides conseguiu junto ao Estado um convênio com o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS).

Eu nunca duvidei em continuar a acolher todos os doentes de forma completamente gratuita. A Divina Providência certamente continuará com a sua assistência. O tempo passa: as primeiras dificuldades são superadas, especialmente pela disposição e boa vontade de todo o pessoal. Quantos doentes de todo tipo recorrem a este nosso hospital (ARIOLI, 1993, p. 114).

Ao mesmo tempo, jornais de âmbito regional e estadual noticiaram a grandeza da obra do hospital. No dia 4 de março de 1974, foi o jornal de circulação diária O Progresso<sup>223</sup> que enalteceu a beleza e dimensão dessa obra. Em Março de 1975, foi o jornal diário de circulação estadual: o Imparcial<sup>224</sup>; em 26 de julho de 1975 foi o jornal, também diário de circulação estadual: O Estado do Maranhão; e, em julho de 1975, o jornal diário de Imperatriz, de

---

<sup>223</sup> Recorte de matéria sobre o hospital de Montes Altos publicada no jornal O PROGRESSO. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AH.

<sup>224</sup> Recorte de matéria sobre o hospital de Montes Altos publicada no jornal O IMPARCIAL. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AI.

circulação regional: O Progresso,<sup>225</sup> apresentou as obras benfazejas do hospital filantrópico Casa Pontificia Alívio do Sofrimento Dr. Carlos Saronio.

Ressaltamos que esse mesmo hospital foi notícia no dia 29 de agosto de 1996 no jornal O Progresso<sup>226</sup>, aproximadamente um ano após a morte do frei. A matéria ressaltou as dificuldades enfrentadas por sua administração para mantê-lo em funcionamento. Em 18 de março de 2011, o jornal *on line* Ucho.Info<sup>227</sup>, mais uma vez relata o estado de abandono e denuncia o fechamento daquela casa de saúde de Montes Altos, numa região pobre do Maranhão, onde maior assistência deveria ser prestada aos cidadãos.

Alívio do Sofrimento foi para homenagear a frei Pio, que, também, com muito esforço havia construído na Itália um hospital que denominou *Casa Sollievo della Sofferenza* (Casa Alívio do Sofrimento). Assim, em agradecimento pelas palavras que animaram frei Aristides para um novo ideal, foi edificado um monumento na frente da Igreja de Santa Ana de Montes Altos, ao lado esquerdo da porta de entrada, com uma estátua em bronze em memória de frei Pio da Pietrelcina (Fotografias 12 e 13).

---

<sup>225</sup> Recorte de matéria sobre o hospital de Montes Altos publicada no jornal O PROGRESSO. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AJ.

<sup>226</sup> Recorte de matéria sobre o hospital de Montes Altos publicada no jornal O PROGRESSO. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO BR.

<sup>227</sup> Cf. Ucho.Info. Disponível em: <<https://ucho.info/2011/03/18/igreja-abandona-hospital-de-100-leitos-no-estado-mais-pobre-do-brasil/>>. Acesso em: 06.jan.2022.

**Fotografia 12: Vista de frente da Igreja Matriz de Santa Ana, com monumento posicionado na lateral esquerda em homenagem a frei Pio**



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

**Fotografia 13: Vista lateral do monumento com a estátua em bronze de frei Pio**



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

#### **4.7 Frei Aristides em ação pastoral missionária de conversão para promoção da educação e do lazer em Montes Altos**

Era comum a criação de escolas no interior. Os fazendeiros vizinhos se cotizavam para pagar o professor. Então, na residência de um dos fazendeiros contribuintes era abrigado o estabelecimento de ensino, para onde os filhos dos demais se deslocavam diariamente. A fazenda sede da escola era, também, responsabilizada pelo alojamento e alimentação do profissional do ensino, geralmente alguém da própria família.

A fazenda Campo Alegre, situada a 10 km da nascente povoação de Montes Altos, no cinturão protetor, foi pioneira em projetos da educação. Campo Alegre foi fundada por Veríssimo Ferreira Soares e Francisca Gouveia. A fazenda viveu seus dias de glória com o casal Mundico Milhomem e Apollônia. Em Campo Alegre nasceu, em 1926/1927, a primeira escola, com o membro da família, professor Newton. Essa escola foi honrada em acolher a escritora Carlota Carvalho como professora em 1931 (FIALHO, 1998).

A fazenda Campo Alegre também registrou muitos e constantes conflitos com a população indígena. Leon-Délix, egresso dessa escola, em conjunto com outros fazendeiros moveram a Ação de Demarcação nº 1875/1981, contra a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Essa Ação questionou o direito dos indígenas a terra. Dessa forma, Leon-Délix fez oposição ferrenha a homologação e demarcação do Território Indígena Krikati.

Com o crescimento da povoação, surgiu a necessidade de uma escola primária na sede, cuja dinâmica de implantação assemelhou-se a das escolas rurais. Assim, a partir de iniciativa dos moradores, acompanhando a mesma sistemática colaborativa, foi implantada uma escola em caráter particular em Montes Altos.

Atendendo pedidos de lideranças de Montes Altos, essa escola foi integrada ao patrimônio público municipal pelo prefeito de Imperatriz, Simplício Alves Moreira, em 1950. O prefeito autorizou a construção de um prédio para abrigá-la, com a denominação de Escola Reunida de Montes Altos, cujas professoras Benedita Carvalho e Júlia Luz e Silva foram incorporadas pelo município (FIALHO, 1998).

Nas escolas, na sede ou no interior de Montes Altos, ministrava-se o ensino das primeiras letras. Concluída essa etapa, a juventude se deslocava para as cidades de Grajaú, Imperatriz ou Carolina para a etapa seguinte, devendo, antes, passar no Exame de Admissão para cursar o ginásial. Aqueles cujos pais tinham melhor situação financeira se deslocavam, a maioria, para as capitais: Belém, São Luís ou Recife para um curso superior.

Frei Aristides percebeu a carência de escola-creche na Estação Missionária de Montes Altos, então, fundou um espaço onde as crianças foram acolhidas em tempo integral. Ali, as crianças recebiam desde o café da manhã até o lanche da tarde, quando retornavam as suas residências.

Em 1971, o Prefeito Municipal, Gustavo Gomes de Moraes (1969-1973), implantou na sede do município o curso ginásial em parceria com o Governador do Estado, Pedro Neiva de Santa Ana (1971-1975), por meio da implantação do Ginásio Bandeirante.

Em 1976, foi implantado no povoado Quiosque, com recurso da União e com a interveniência do Cacique Herculano Cacrỹ da Aldeia São José, do Povo Krikati, o Projeto 'João de Barro', cuja proposta educacional estava voltada para alfabetização de adultos, por meio de um processo de educação integral em nível elementar.

Segundo Herculano Cacrỹ<sup>228</sup>,

---

<sup>228</sup> Entrevista com o indígena krikati Herculano Borges Milhomem. Concedida em 16 de fevereiro de 2016. Na Aldeia Jerusalém, ao grupo de professores da FEST. ANEXO A.

quando foi em 1976 eu fui a Brasília. Finado Vanderli Ferraz, que era prefeito de Montes Altos, me deu um documento e eu fui apresentar lá em Brasília. [...] Lá mandou recursos para o prefeito de Montes Altos tomar conta e fazer colégio, que se chama 'João de Barro' naquele tempo (HERCULANO, 2016).

Para isso, foi contratado pelo poder público municipal o professor Paulo Roberto, que, auxiliou frei Aristides assumindo a catequese no entorno do Quiosque, com preparação aos sacramentos. Posteriormente, o Projeto 'João de Barro' foi encerrado e teve início o Movimento Brasileiro de Alfabetização de Adultos (MOBRAL).

O lazer fazia parte das preocupações do frei Aristides, principalmente voltado para a juventude. "O frei tinha tanta preocupação com os jovens, que mandava buscar freiras italianas, para trabalhar com os jovens e ajudar a comunidade a resolver problemas sociais característicos de cidades pobres do Maranhão"<sup>229</sup> (CASANOVA, 2021).

Objetivando manter viva a memória de frei Epifânio na Estação Missionária de Montes Altos, frei Aristides buscou o prefeito municipal para uma parceria para construção de um estádio de futebol. No entanto, não obteve êxito. Mesmo assim, motivou a juventude à prática de lazer saudável. "Preocupado com a formação social e religiosa dos jovens, promoveu momentos de lazer para a comunidade. Frei Aristides foi um grande formador na personalidade da juventude montesaltense"<sup>230</sup> (CASANOVA, 2021).

Quando os jovens precisavam deslocar-se para jogar em outra cidade circunvizinha, frei Aristide, além de financiar as despesas nos deslocamentos, acompanhava a juventude nas viagens. Um desses deslocamentos foi assentado no livro de tombo da paróquia de Montes Altos. Conforme consta no relato da viagem que aconteceu no dia 29 de outubro de 1964<sup>231</sup>.

Não encontrando parceria para edificação do estádio de futebol em Montes Altos, frei Aristides "preocupado com a falta de um local digno para solenidades de natureza familiar, social, religiosa, política, conferências públicas, festas dançantes"<sup>232</sup> edificou o Clube Paroquial Luciano Arioli (Fotografia 14).

---

<sup>229</sup> Entrevista com Jairo Sebastião Soeiro Casanova. Concedida em 22.jul.2021 em Imperatriz. ANEXO M.

<sup>230</sup> Idem.

<sup>231</sup> Livro de tombo da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos (1958-1966). Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará: p.21. Convento do Carmo. São Luís-MA.

<sup>232</sup> Frei Aristides Arioli: nosso pároco, antropólogo, artista, eterno e verdadeiro amigo de Montes Altos. Texto de Itamar Dias Fernandes, afilhado de Consagração de frei Aristides. Publicado em 28/julho/2017. ANEXO R.

**Fotografia 14: Vista do portão de entrada do Clube Paroquial Luciano Arioli**



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

O objetivo foi oferecer opção de lazer para a população montesaltense. Um espaço para animação de ações comunitárias para realização de eventos solenes e socialização dos paroquianos, propiciando vivências ligadas aos diversos conteúdos culturais. O nome Luciano Arioli (Fotografia 15) foi uma homenagem ao seu irmão falecido em 31 de agosto de 1980. O Clube Luciano Arioli tem sido local apropriado para muitas realizações de eventos festivos e sociais.

### Fotografia 15: Vista interna do Clube Paroquial Luciano Arioli



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

Frei Aristides era incansável, em matéria de edificações. Quando se pensava que o frei não dispunha de mais projetos para edificações, eis que, pela passagem das comemorações dos cem anos de presença capuchinha no norte do Brasil, teve a inspiração, mais uma de suas ideias ousadas, “sua genialidade poética, artística e religiosa nos presenteia com a construção de uma réplica da Torre de Pisa [...] Segundo o programa “O Fantástico” das Organizações Globo, é a única existente em nosso planeta”<sup>233</sup>.

Cravada bem no sertão do Maranhão, na Estação Missionária de Montes Altos, foi erguida uma réplica da Torre de Pisa em tamanho reduzido, objetivando “construir um monumento solene, imponente que, desafiando o tempo, ficasse lembrando o acontecimento histórico e especialmente o glorioso manípulo de heróis que por aqui passaram durante cem anos evangelizando o nosso Maranhão” (ARIOLI, 1995, p. 1).

Mais uma vez, de forma solitária, frei Aristides iniciou os trabalhos sem ajuda dos paroquianos, dos governantes do município, do Estado ou da União; sem recursos vindos da Diocese de Carolina; nem dos coirmãos: individualmente ou da Vice-Província. Segundo a Irmã Franciscana Terciária Anna Maria Pastorelli<sup>234</sup>, frei Aristides “era um “isolado” na

<sup>233</sup> Frei Aristides Arioli: nosso pároco, antropólogo, artista, eterno e verdadeiro amigo de Montes Altos. Texto de Itamar Dias Fernandes, afilhado de Consagração de frei Aristides. Publicado em 28/julho/2017. ANEXO R.

<sup>234</sup> Depoimento adquirido por WhatsApp. A mesma encontra-se residindo na Itália.

Diocese [...]. Tinha um jeito individualista e pouco participativo na vida da igreja particular de Imperatriz”.

A Torre de Montes Altos (Fotografia 16) foi inaugurada em 18 de março de 1995<sup>235</sup>, acreditamos ter sido intencional, para coincidir com a data da chegada do frei Aristides a Montes Altos (18/03/1962). Algumas curiosidades marcam sua história. Esta foi construída com 33 metros de altura, em 33 semanas, com 333 sacos de cimento, ao custo de R\$ 33.000,00 (trinta e três mil reais). Número simbólico para frei Aristides, referindo-se aos seus 33 anos de ação pastoral na Estação Missionária de Montes Altos.

### Fotografia 16: Torre de Montes Altos



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

---

<sup>235</sup> Convite para inauguração da Torre de Montes Altos. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AK.

Em síntese, a estrutura da Torre de Montes Altos<sup>236</sup> está edificada sobre 144 elegantes colunas brancas relembrando a multidão de missionários vivos e defuntos que trabalham e trabalharam no Maranhão. O pedestal está constituído de oito pilares e oito arcos em sexto agudo, objetivando memorar alguns missionários: Um, ao frei Carlos de S. Martino Olearo; Quatro pilares com arcos ao frei Reinaldo de Paullo e aos três coirmãos capuchinhos martirizados com ele em Alto Alegre. Os outros três dedicou aos servos de Deus: frei Daniel da Saramate, frei Ignazio da Ispra e frei Marcelino de Cusano Milanino.

A semelhança da Torre de Pisa italiana, a Torre de Montes Altos se eleva em seis andares, rodeados por espessas e esbeltas colunas, formando seis bonitas varandas circulares. A Torre de Montes Altos traz, em sua base, uma lápide de mármore (Fotografia 17), esclarecendo as motivações que incentivaram frei Aristides a sua edificação. Em seu campanário está um sino com 1.200kg. Segundo frei Aristides, com o propósito de que ao toque do sino todos sejam despertados na fé.

**Fotografia 17: Lápide de mármore ao pé da Torre de Montes Altos**



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

<sup>236</sup> Laudo descritivo da Torre de Montes Altos. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AL.

A história do frei Aristides Arioli OFM<sup>Cap</sup>, missionário da Vice-Província do Maranhão e Pará nas terras do Montes Altos, foi interrompida abruptamente em uma queda banal sofrida em sua residência, situada à Praça de Santa Ana, s/n, casa paroquial da igreja de Santa Ana no centro de Montes Altos.

O acidente ocorreu no dia 05 de agosto de 1995, por volta das 21:30 horas. O frei foi socorrido por seus colaboradores leigos e, imediatamente, encaminhado para um hospital na cidade de Imperatriz, onde foi submetido a uma cirurgia, objetivando aliviar a pressão cerebral, para, em seguida, ser encaminhado a um centro com mais recursos.

Mesmo após o procedimento cirúrgico, a pressão no cérebro não cedeu e frei Aristides entrou em coma. Ainda assim, seu deslocamento para São Paulo foi providenciado num avião UTI aérea. Foi transferido para o Hospital Israelita Albert Einstein no dia 06 de agosto de 1995. Neste hospital, um novo procedimento cirúrgico foi realizado na cabeça no dia 07 de agosto. Tentativa inútil, no dia 08 de agosto<sup>237</sup>, por volta da 20:15 horas, frei Aristides foi a óbito, aos 73 anos. Em seu atestado de óbito consta que a causa da morte foi traumatismo crânio-encefálico.

Por questão de logística, não foi possível realizar o velório e a missa de corpo presente na igreja Matriz de Montes Altos, por ele edificada, como gostariam os paroquianos. Então, acompanhado do vice provincial, o corpo do frei Aristides foi embarcado para Melegnano na Itália no dia 15 de agosto<sup>238</sup>, deixando para sempre o solo brasileiro onde exerceu seu múnus sacerdotal por mais de 44 anos.

Embora a vida de frei Aristides tenha sido interrompida abruptamente, seus feitos perdurarão na história dos capuchinhos lombardos no Brasil e, também, na memória dos que conviveram com ele. Suas obras são visíveis no município, tanto no complexo arquitetônico que edificou (Fotografia 18), quanto na formação da personalidade e do caráter de muitos com quem esteve no agir da sua missão sacerdotal.

Seu posicionamento firme e determinado agradou a muitos e desagradou a alguns. Circula, inclusive, em pequenas rodas de conversas que o acidente que sofreu não foi involuntário, mas provocado. Algumas circunstâncias em torno do acontecimento não foram esclarecidas e, talvez, jamais serão<sup>239</sup>.

---

<sup>237</sup> Atestado do hospital Albert Einstein da causa da morte do frei Aristides Arioli. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AM.

<sup>238</sup> Passagem para o embarque do corpo do frei Aristides Arioli para a Itália em companhia de frei Alberto Gianellini. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AP.

<sup>239</sup> Depoimento do frei João Franco Frambini sobre as circunstâncias do acidente que originou a morte do frei Aristides Arioli. Arquivo pessoal de Kleber Alberto Lopes de Sousa. ANEXO AN.

**Fotografia 18: Vista superior do complexo de edificações realizado por frei Aristides em sua permanência na Estação Missionária de Montes Altos**



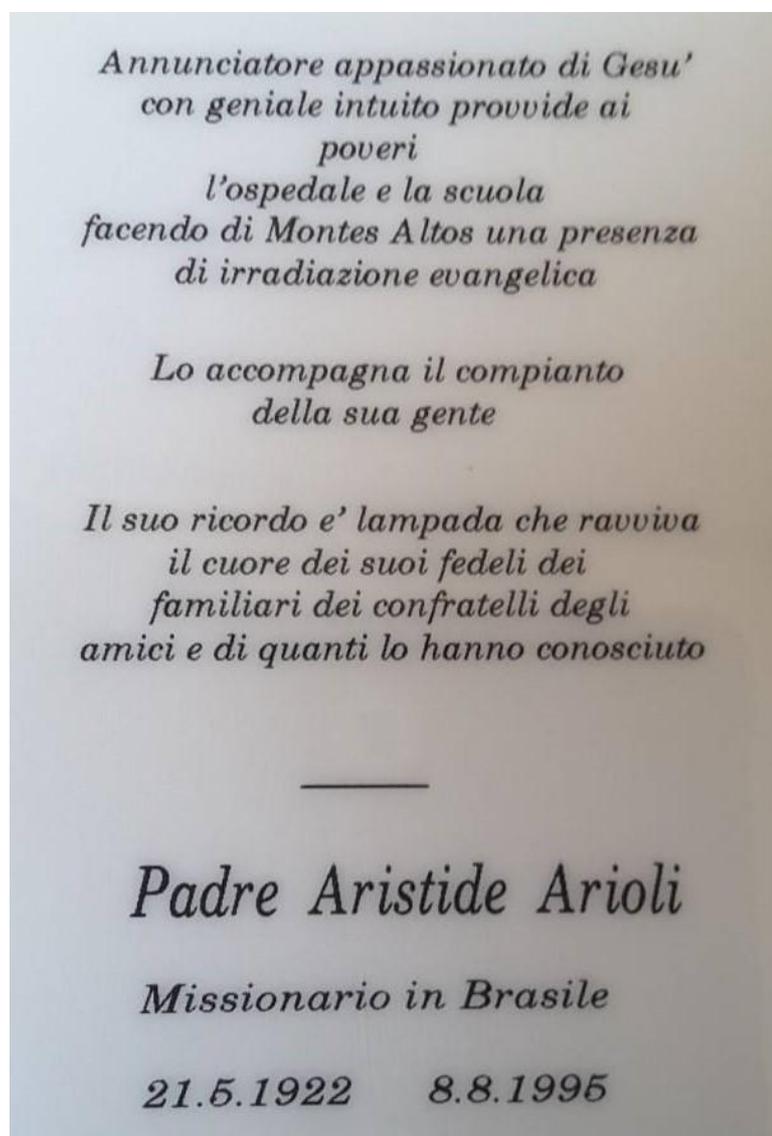
Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

O corpo de frei Aristides foi conduzido para Melegnano<sup>240</sup> na Itália, sua terra natal, onde foi sepultado. Em seu túmulo consta uma lápide com o epíteto de que em Montes Altos foi uma presença de irradiação evangélica (Fotografia 19).

---

<sup>240</sup> Declaração do prefeito de Melegnano (IT) autorizando o sepultamento de frei Aristides Arioli no cemitério da cidade. Arquivo Confidencial. Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA. ANEXO AO.

**Fotografia 19: Lápide no túmulo de frei Aristides, Melegnano (IT)**



Fonte: Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA.

Um Museu foi criado no Convento do Carmo, objetivando proteger e garantir memória e história cultural da Igreja do Maranhão e da presença da Ordem e da Província Capuchinha no Norte e Nordeste do Brasil. Assim, de forma a cultivar lembranças do passado e afirmar a presença missionária, uma lápide contendo nomes de frades capuchinhos falecidos na missão foi afixada em uma das paredes dos corredores do Museu da Província Capuchinha de Nossa Senhora do Carmo, dentre tantos nomes destacamos o de frei Aristides (Fotografia 20).

Fotografia 20: Lápide erguida no Convento do Carmo em memória dos frades capuchinhos missionários já falecidos



Fonte: Acervo fotográfico de Kleber Alberto Lopes de Sousa.

Também, o município de Montes Altos, por intermédio de seu gestor, buscou homenagear frei Aristides, que deu nome a um dos centros de saúde de atenção básica municipal: Unidade Básica de Saúde frei Aristides Arioli. Esta Unidade está localizada no

bairro Vila João Alberto, responsabilizando-se pela execução de serviços de pré-natal (parto e nascimento), tratamento da tuberculose, saúde da família, clínica geral e ginecologia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos nos debruçar sobre uma temática ainda muito pouca explorada na historiografia brasileira e maranhense. Desde o princípio, levantamos a tese de que frei Aristides Maria de Melegnano OFMCap, por meio de sua atuação religiosa e política em Montes Altos, no período compreendido de 1962 a 1995, contribuiu significativamente para o desenvolvimento do município por meio de suas ações pastorais sociais e edificações na efetivação do direito à saúde, à educação e ao lazer. E, particularmente, com o povo Krikati, assegurando o acesso à saúde, à educação escolar e a terra, sendo, esta, preponderante para o desenvolvimento da diversidade étnica e cultural.

Estabelecemos o objetivo de analisar as contribuições do frei Aristides para o desenvolvimento do município de Montes Altos, considerando sua atuação religiosa e política no período acima especificado. Para tanto, nos imputamos a proposição de abordar os acontecimentos, mesmo que de forma resumida, como produto ou processo, sem, contudo, limitá-los a interpretações.

Consideramos, então, ser uma história do tempo presente, pois traz para discussão nuances de acontecimentos não tão distantes. Ainda, para obtermos momentos ou informações adicionais dispersas ou esquecidas, recorreremos a pessoas que, em determinados momentos de suas vidas, desfrutaram da convivência com frei Aristides.

A princípio, elaboramos uma narrativa da origem do franciscanismo, para em seguida discorrermos sobre a expansão da Ordem dos Franciscanos para além da Europa, seu território de origem. Pensamos que São Francisco de Assis não poderia ter imaginado, na origem do seu movimento, que aquele mundo em transformação conduziria o franciscanismo a marcar a ação e o pensamento cristão e católico até o presente.

Podemos concluir que foi o avivamento da mensagem evangélica de Jesus de Nazaré, materializado no despojamento, no martírio e na prática de uma espiritualidade de vocação-missão como menor e servo, que motivou tantos jovens a abandonar suas vidas e ingressar na Ordem dos Franciscanos, embarcando numa cruzada de expansão da Fé e do Império, em uma associação da religião oficial e do poder político do Estado.

Foi nessa cruzada da fé, utilizando-se do formato de missão itinerante, que, em 1543, os frades franciscanos fundaram em Olinda, Pernambuco, o primeiro convento em solo brasileiro. Desde então, os franciscanos, no exercício do seu múnus sacerdotal, disseminaram a mensagem do evangelho de Jesus Cristo, utilizando-se da estratégia evangélica da realização de obras de misericórdia espirituais e materiais.

Nesse contexto, analisamos a presença dos franciscanos no Estado brasileiro, mas de modo particular, dos capuchinhos italianos da Província de São Carlos. Foram eles, com suas experiências de vocação-missão, que, no final do século XIX, assumiram o compromisso de evangelização de uma vasta região do alto sertão maranhense carente de padres.

Sob o comando de frei Carlos de São Martinho Olearo foi fundada a Missão do Maranhão com sede na capital maranhense, dando início a ação sistemática dos frades na região Centro-sul maranhense. Do Convento de Nossa Senhora do Carmo, em São Luís, frei Carlos enviava capuchinhos missionários com a dupla orientação de colaborar com o clero e catequizar indígenas. As ações pastorais dos capuchinhos lombardos não apenas contribuíram para expansão do catolicismo doutrinal, nessa região, como também promoveram mudanças sociais significativas. As estratégias em obras de misericórdia espirituais e materiais iam ao encontro das necessidades de uma população de novos brasileiros moldada pela miscigenação entre indígenas, negros, brancos e mestiços.

Objetivando estar mais próximo de populações indígenas, os capuchinhos lombardos desembarcaram e assumiram, a partir de 1895, a Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda, cravada na região Central do Maranhão no alto sertão maranhense. Espaço geográfico constituído por uma imensidão de terras, habitadas por vários povos indígenas que tinham a liberdade por princípio fundamental.

Contudo, a violenta ocupação do alto sertão maranhense, pelos novos brasileiros, produziu a dizimação de muitos desses povos indígenas e de suas culturas. Aos sobreviventes restou o deslocamento para variados lugares. Acontecimentos que provocaram desestabilização na região em relação ao que era antes da chegada da civilização cristianizada.

De Barra do Corda os capuchinhos lombardos expandiram as ações pastorais da Missão do Maranhão até as ribeiras do Tocantins, abrangendo essa vasta região que recebeu a designação de Sibéria da Missão, pelas distâncias até a capital São Luís e pelo abandono e isolamento a que estava renegada pelas autoridades civis constituídas.

Os capuchinhos lombardos agiram comprometidos com a Igreja do Brasil para a estruturação da Igreja do Maranhão no alto sertão maranhense. Nessa atuação, fizeram brotar as igrejas particulares da Diocese de Grajaú, Diocese de Pinheiro, Diocese de Carolina e Diocese de Imperatriz, além de inúmeras paróquias e comunidades de culto sem templo administradas por eles, até que cada diocese se estruturasse para assumi-las.

Nesse torrão, a oeste do Maranhão, fruto da dinâmica expansionista dos capuchinhos lombardos, brotou a Paróquia de Santa Ana de Montes Altos, uma pequena povoação originada em 1898. O território, que atualmente compreende o município de Montes Altos,

dispunha de pastos nativos irrigados naturalmente por uma rica hidrografia, que se tornou atrativo para expansão da pecuária com a formação de grandes fazendas.

Montes Altos tornou-se independente administrativamente de Imperatriz pela Lei Estadual n.º 1.607 de 14 de junho de 1958. Para o município convergiram os frades capuchinhos, bem como correntes migratórias de novos brasileiros nordestinos. Mais notadamente baianos, cearenses, piauienses e os próprios maranhenses.

Eclesiasticamente, Montes Altos pertencia à jurisdição da Paróquia de Santa Teresa d'Ávila de Imperatriz. Esta, por sua vez, pertencente à Prelazia de São José de Grajaú, sob a gestão dos capuchinhos lombardos.

A comunidade católica de Montes Altos foi elevada à categoria de paróquia em 1957, por Dom Emiliano José Lonati OFM<sup>Cap</sup>, Bispo da Prelazia de São José de Grajaú, sob o orago de Santa Ana. No ano seguinte, por meio da bula *Qui aeque ac S. Petrus*, foi criada a Prelazia de Carolina em 14 de janeiro de 1958, pelo papa Pio XII (1939 – 1958). Então, a Paróquia de Santa Ana de Montes Altos passou à jurisdição da Prelazia de Carolina.

A criação da Prelazia de Carolina, associada ao da instituição da Custódia Geral do Piauí e Ceará, despertou em frei Aristides o desejo de desenvolver sua vocação-missão capuchinha na Paróquia de Santa Ana de Montes Altos, lugar apropriado para quem tinha como grande ideal missionar entre indígenas.

Em nossa narrativa, o foco foi perseguir a trajetória do frei Aristides e os rastros de suas ações pastorais no desenvolvimento do seu *múnus* sacerdotal. Tivemos por fio condutor sua atuação religiosa e política, sempre com o olhar direcionado para o município de Montes Altos, Maranhão, no período de 1962 a 1995. A Estação Missionária de Montes Altos foi onde frei Aristides exerceu seu *múnus* sacerdotal por mais de 33 anos.

Frei Aristides Arioli nasceu no dia 21 de maio de 1922, em Melegnano, Itália, mesmo ano da fundação da Prelazia de São José de Grajaú. Ele foi ordenado padre em 1950, em Milão na Itália. Ainda seminarista filiou-se à Associação Missionária 'A Divina Pastora'. Depois de sua ordenação, a semelhança de tantos outros missionários capuchinhos lombardos, partiu, em 1951, para o exercício do seu *múnus* sacerdotal no Maranhão (Missão Capuchinha do Norte do Brasil – 1893-1937), na Custódia Provincial do Maranhão e Pará (1937 – 1970), tornada Vice-Província do Maranhão e Pará (1970 – 1999) e, atualmente, Província Nossa Senhora do Carmo (1999).

Frei Aristides, após um breve período de adaptação, assumiu a missão de vigário missionário desobrigante na Paróquia de Santa Cruz da Barra do Corda, no Maranhão, com designação de cuidar da catequese junto aos povos indígenas (1952-1956). Depois de uma

curtíssima temporada em Porto Franco, frei Aristides foi transferido para a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Abaeté do Tocantins (Abaetetuba/PA, 1956-1957). Na sequência, foi designado para a Paróquia de São Francisco das Chagas em Juazeiro do Norte, Ceará (1957-1962). Após essa temporada no Ceará, frei Aristides retornou ao Maranhão, desembarcando na Estação Missionária de Montes Altos em 1962, onde permaneceu até 1995, ano do seu falecimento.

Na Estação Missionária de Montes Altos, sufragânea da Prelazia de Carolina, frei Aristides exerceu seu múnus sacerdotal. Inicialmente como vigário cooperador e, também, com a missão de atuar pastoralmente com a catequese junto aos povos indígenas dos municípios de Montes Altos e Amarante do Maranhão. Entretanto, por pouco tempo desempenhou essas funções, pois por decisão episcopal foi nomeado, sem consulta prévia, vigário paroquial, ficando sozinho na gestão da Paróquia de Santa Ana de Montes Altos.

Nesse espaço geográfico e temporal, buscamos desvendar as relações estabelecidas por frei Aristides com populações de indígenas, particularmente o povo Krikati; a classe política local e a sociedade evolvente; suas estratégias e astúcias no exercício de ações pastorais de conservação e conversão; e, ainda, as táticas utilizadas para consecução de recursos financeiros para as edificações e manutenção das obras caritativas na paróquia.

A Estação Missionária de Montes Altos teve na sua formação a presença de migrantes que desembarcaram nessa terra e apropriaram-se do solo, demarcaram seus domínios, formaram seus patrimônios e acurrallaram os indígenas krikati. Nesses múltiplos encontros e contatos se deram negociações e resistências, notadamente com indígenas desconfiados, tornando o conflito inevitável.

A atuação religiosa e política do frei Aristides na Estação Missionária de Montes Altos foi ao encontro das necessidades dos indígenas, tornando-se mediador entre autoridades civis constituídas no município, posseiros e o povo Krikati. Nessas relações, frei Aristides tornou possível unir e reinstalar o povo Krikati em um espaço geográfico mais salubre e saudável, onde está localizada atualmente a aldeia São José.

Frei Aristides foi também o responsável pela instalação da primeira capela/escola-catequética e da primeira escola primária para crianças indígenas dentro da aldeia. Ressaltamos que a escola primária, embora tenha tido curta duração, tornou-se uma semente que germinou e produziu bons frutos para o povo Krikati. Foi o embrião que os despertou para lutar pelo direito a uma educação pública específica e diferenciada. Muitos frutos dessa semente se revelaram nas lutas que se sucederam, podemos mencionar os atuais professores

indígenas que trabalham nas escolas das aldeias no TI Krikati, quase que em sua totalidade, com formação em nível superior.

A luta pela demarcação e homologação do Território Indígena Krikati, que teve suas terras invadidas desde o século XIX, pode, também, ser vista como semente do despertar da consciência do indígena em defesa e preservação do seu patrimônio cultural e territorial. Frei Aristides integrou-se ao movimento e sempre esteve ao lado do povo Krikati. Quando o frei foi convidado pelo Ministério do Interior a ir a Brasília para opinar sobre a área a ser demarcada, seu veredito foi que o povo indígena deveria ser consultado nas bases, pois ele conhecia sua realidade.

Frei Aristides primou pela formação de lideranças no intuito de construir e fortalecer a autonomia e direitos indígenas adquiridos. Ele morreu sem alcançar o êxtase dessa vitória, pois o Estado brasileiro reconheceu plenamente os direitos territoriais dos indígenas somente em 2004, depois de décadas de conflitos.

O missionário religioso tornou-se um agente paciente e treinado para o trato com os povos indígenas, que se opunha aos meios violentos utilizados pelas autoridades civis constituídas. Ressaltamos que frei Aristides orientou os funcionários e voluntários da paróquia, no sentido de que acolhessem com dignidade os indígenas krikati que se deslocavam para a sede do município, combatendo, na prática, a estereotipização do indígena, a partir de imagens como feroz, poligâmico, inconstante, tecnologicamente primitivo e inferior. Aliás, imagem que nunca se diluiu completamente na sociedade brasileira.

À primeira vista, frei Aristides, por meio da ação pastoral, assumiu um discurso apologético de conservação e unidade da Igreja. A catequese, então, se confundiu, mais uma vez com processo civilizador e conversão ao cristianismo católico apostólico romano, conduzindo o trabalho missionário a ser visto como caminho eficaz para a civilização. Ainda, imposição do domínio da sociedade envolvente sobre o povo indígena krikati, materializada, principalmente, na obrigatoriedade do ensino na escola da aldeia em língua portuguesa. Frei Aristides apresentou-se, então, atuando religiosa e politicamente, igual a muitos dos que o antecederam. Isto é, fazendo uso da catequese enquanto estratégia para cristianizar e civilizar os indígenas, integrando-os à sociedade envolvente.

Entretanto, percebemos que a prática percorreu o caminho da formação do indígena para sua autonomia e independência. Frei Aristides, embora recorresse às práticas pastorais de conservação, respeitou as tradições culturais e autonomia do povo Krikati em suas decisões.

Nesse sentido, frei Aristides fez oposição àqueles que pela apropriação da propriedade da terra, e, paralelamente, a implantação de uma sequência sistemática de sucessões

hereditárias de geração para geração, instalaram em Montes Altos uma elite oligárquica detentora do controle político, cujo objetivo limitou-se a manutenção de um poder impositivo e inadequadamente utilizado em benefício próprio; gerador de corrupção e violência, enquanto alimentador de autoenriquecimento.

Em Montes Altos frei Aristides combateu, diretamente, práticas políticas oligárquicas, a ponto de influir na maneira de pensar e agir da população montesaltense, promovendo, a partir das eleições municipais para prefeito e vereadores de 1988, mudança do comando político oligárquico municipal, que desde a independência administrativa do município detinha o controle do poder político. Contudo, mesmo com alternância de governantes, ainda são comuns as relações de conquista ou conservação do poder político no município.

Para as populações do sertão de Montes Altos, organizadas em comunidades dispersas, as missões itinerantes ou desobrigas foram a estratégia para resolver a carência e a ausência de padres. Ainda, uma oportunidade de solucionar, por intermédio da passagem do frei Aristides, problemas enfrentados pela população em relação à educação, saúde, infraestrutura, estradas, comunicação e outros.

O dia da missão no sertão era uma oportunidade de transformação da comunidade. Era dia de alegria, dia de festa. As pessoas tinham a oportunidade do acesso aos sacramentos e aproveitavam da oportunidade para intensificar e estreitar relações comerciais e de amizades. Enfim, regozijavam-se e sentiam-se felizes por viver. Era tempo de aprendizado para as populações de origens, como para frei Aristides. Todos se apropriavam das infinitas possibilidades nas práticas e prédicas do capuchinho.

Frei Aristides, em seus escritos, sugere ter vivenciado um profundo sentimento negativo de abandono pela Ordem e pela Vice-Província. No entanto, em meio a tantos anseios e dificuldades de uma população, na sua grande maioria despossuída de dinheiro, o missionário capuchinho encheu-se de ânimo e criatividade, atuando de forma ampla e capilar em busca de recursos financeiros para as obras de misericórdia para seus assistidos.

Filho de família estruturada economicamente, da cidade de Melegnano, Itália, frei Aristides foi muito auxiliado em relação às suas finanças. Mais ainda, sua família cooperou para o desenvolvimento de uma rede de contatos na Europa, o que possibilitou a frei Aristides, não apenas os recursos financeiros para custeá-lo, mas, também, cercar-se de personalidades do mundo da cultura, da religião e das finanças.

Dessa forma, frei Aristides, ao longo de mais de 33 anos de vivências e convivências em Montes Altos, agiu na renovação do velho e na criação do novo, edificando não somente

construções em concreto, mas, também, transformando consciências para o reconhecimento e a luta para implantação e efetivação de direitos conquistados.

Frei Aristides, em suas atuações pastorais, produziu um amplo legado de memórias, capaz de reafirmar um catolicismo local, originário da história da Igreja Católica no século XIX, cujo fundamento primário era conservar a fé e a tradição, nos novenários, rezas de terços, devoção ao santo patrono, frequência aos sacramentos e obediência aos mandamentos da Igreja. Suas práticas sociais e caritativas, religiosa e de homem influente na política partidária permanecem vivas na memória social da cidade.

Sob o olhar atento de frei Aristides e seu gosto próprio pela arte, teve edificado o prédio da Igreja Matriz de Santa Ana; foi construída a casa paroquial, o convento e o Clube Paroquial Luciano Arioli, este nome para homenagear o irmão de frei Aristides; ergueu e equipou o hospital Casa Pontifícia Alívio do Sofrimento Dr. Pierro Saronio. Por último, deixou assentada, em comemoração aos 100 anos da presença capuchinha lombarda no Maranhão e aos 33 anos de sua permanência em Montes Altos, a Torre de Montes Altos, uma réplica da Torre de Pisa italiana. No agir de frei Aristides, para firmar suas obras de misericórdia materiais, ofereceu trabalho remunerado e ocupação voluntária.

Ensejado pela interpretação do Concílio Vaticano II, frei Aristides solicitou e foi autorizada a criação do Instituto Secular de Missionárias Voluntárias em Montes Altos e em Sumaúma, reestruturando o agir pastoral da Igreja local, dispondo de mais auxílio nas ações pastorais e para as missões populares ou desobrigas.

Frei Aristides implantou escolas catequéticas, creche, escola primária e Escola de Segundo Grau Luciano Arioli; instituiu associações religiosas: Legião de Maria, Sagrado Coração de Jesus e outras.

Frei Aristides assegurou assistência social médica, escolar e lazer aos montesaltense, independentemente do nível social. Extrapolou a função evangelizadora e adentrou na solução de problemas de competência da esfera pública, contribuindo com autoridades político-administrativas civis constituídas.

Montes Altos é uma unidade administrativa brasileira marcada por uma realidade de pobreza e exclusão. Assim, uma política governamental de integração nacional, com implantação de ações públicas de governos federal ou estadual voltadas para abertura de estradas rodoviárias, resultou no favorecimento de migrações de populações de todas as regiões para o município, propiciando o inchaço da cidade sede, como também, das comunidades nas povoações e, ainda, o surgimento de novas localidades.

Com esse perfil sócio e econômico do município de Montes Altos, não podemos deixar de citar que o fazer de frei Aristides encontrou um ambiente fecundo e receptivo, propiciando a implantação de estratégias que contribuíram para uma pastoral de conservação e de conversão.

A população assistida por frei Aristides mantinha atitude de respeito ao missionário, embora este recorresse, frequentemente, a uma pedagogia do medo em suas práticas e prédicas, objetivando combater os males considerados pela Igreja Católica, a exemplo da ‘grande saca de diabos’. Contudo, a população visualizava no missionário, não apenas os ensinamentos, mas, principalmente, uma oportunidade de obter uma vida mais confortável.

Por último, frei Aristides assistiu ao desmembramento administrativo das povoações de Sumaúma e de Lajeado II, desmembradas exclusivamente do município de Montes Altos para constituírem os municípios de Ribamar Fiquene e Lajeado Novo, respectivamente.

O agir de frei Aristides tornou-se relevante na modelagem de um *modus vivendi* dos montesaltenses. O exercício do seu múnus sacerdotal nas desobrigas foi disseminando por diversas comunidades católicas espalhadas pelo sertão de Montes Altos, não apenas as obras de caridade espirituais, por meio dos batizados, confissões, unções dos enfermos e casamentos, mas complementarmente, muitas obras comunitárias.

Frei Aristides encontrou barreiras para prosseguir com o método da pastoral de conversão do povo e, de forma individualizada, das elites governamentais, isto é, o convencimento do topo da pirâmide para a base. As autoridades civis constituídas pouco manifestaram interesse, tornando-se renitentes em abandonar suas práticas culturais anteriores, tentando, inclusive, instrumentalizar a religião em seu favor. Restou a frei Aristides inverter esse modelo.

Durante todo seu ministério, frei Aristides buscou firmar uma conversão legitimada na doutrina oficial da Igreja Católica Apostólica Romana, não deixando de intervir em questões sociais, econômicas, políticas ou religiosas. Sem descumprir as normas seráficas, nem a constituição da Ordem.

Nesse contexto, frei Aristides agiu como um homem comum, inserindo-se nas realidades de suas comunidades assistidas, impulsionando uma ação transformadora no dia a dia daquelas pessoas carentes e tão necessitadas de tudo. Por outro lado, ele foi forçado a se reinventar, a adaptar-se e aprender com as populações de cada local as regras de vida para sobreviver naqueles ambientes.

Assim, nesse imenso teatro de confluência de atores diversos, com suas várias histórias familiares e individuais, as experiências foram se somando e transmutando frei

Aristides e aquelas crianças, jovens, adultos e idosos, mulheres e homens comuns que ensinavam e aprendiam. Desta forma, afirmamos que frei Aristides, por meio de sua atuação religiosa e política, contribui significativamente para o desenvolvimento do município de Montes Altos por meio de suas ações sociais e das edificações na efetivação dos direitos à saúde, à educação e ao lazer. E, especificamente com o povo Krikati, propiciando acesso desse povo à saúde, à educação escolar específica e diferenciada e a terra, sendo esta preponderante para o desenvolvimento da diversidade étnica e cultural.

Nesse percurso, frei Aristides recorreu a uma dinâmica de comunicação externa e interna impressa, cujo arquivo no Convento de Nossa Senhora do Carmo, em São Luís, guardou e tornou-se o lugar que possibilitou nossa relação com esse passado. Por intermédio de manuscritos, livros de tombo, fotografias, recortes de jornais e páginas datilografadas ou manuscritas a nos exibir uma diversa coleção de signos que podem nos revelar vários elementos e aspectos desse passado ainda recente, em que pelo muito que foi escrito nos impulsionou a continuarmos na recuperação de um tempo franciscano não tão distante.

Ainda, para obtermos momentos ou informações adicionais dispersas ou esquecidas, recorreremos a pessoas que, em determinados momentos de suas vidas, puderam desfrutar da convivência com frei Aristides.

A morte trágica do frei Aristides não põe um fim à sua existência. Assim sendo, ao nos debruçarmos na trajetória do frei Aristides, percebemos que são várias as portas que foram sendo abertas e que poderão servir de viés historiográfico para futuros trabalhos.

## REFERÊNCIAS

ABBEVILLE, Claude de. **História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas**. São Paulo: Itatiaia, 1995.

ABREU, João Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. 2.ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História: abordagens interdisciplinares**. Scielo: Vol. 12. Nº 23. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/ZZNfXJBQzb5fcD5vy8RZVFP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10.jun.2020.

AMORIM, Maria Adelina. **Os franciscanos no Maranhão e Grão-Pará: missão e cultura na primeira metade de seiscentos**. Lisboa, PT: Universidade Católica de Portugal. Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR), 2005. Disponível em: <[http://brasilhis.usal.es/sites/default/files/amorim\\_-\\_os\\_franciscanos\\_no\\_maranhao\\_e\\_grao-para\\_missao\\_e.pdf](http://brasilhis.usal.es/sites/default/files/amorim_-_os_franciscanos_no_maranhao_e_grao-para_missao_e.pdf)>. Acesso em: 10.jun.2020.

AMOROSO, Marta Rosa. **Mudança de hábito: catequese e educação para índios nos aldeamentos capuchinhos**. In. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 13 nº. 37. São Paulo: June 1998. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000200006&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200006&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 19.fev.2021.

ARIOLI, frei Aristides O.F.M. Cap. **Livro de tombo: estação missionária de Montes Altos**. Montes Altos-MA: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 1993.

ARQUIDIOCESE DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: <<https://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dsladm.html#hist>>. Acesso em: 22.dez.2020.

AZANHA, Gilberto. **A Forma Timbira: Estrutura e Resistência**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 1984. Disponível em: <[https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/wp-content/uploads/sites/5/2018/06/forma\\_timbira-1\\_3.pdf](https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/wp-content/uploads/sites/5/2018/06/forma_timbira-1_3.pdf)> Acesso em: 06.fev.2020.

BARROS, Eldevira Marques de Moraes. **História da Fundação de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 1993.

BATISTA, Célio Augusto Alves; BATISTA, Halley Guimarães. **Breve história dos municípios do Cariri cearense: fatos e dados**. Fortaleza: INESP, 2020.

BELTRAMI, frei Rogério. **Necrologia: frei Aristides Arioli**. São Luís: 1995.

\_\_\_\_\_. **Acordando palavras dormidas**. São Luís: SIOGE, 1994.

\_\_\_\_\_. Que coisa difícil e bonita falar sobre a nossa presença capuchinha. In: **Eles saíram para semear: 1º centenário da presença dos Capuchinhos Lombardos no Norte e Nordeste do Brasil – 1893-1993**. São Luís: Velar, 1993.

BEOZZO, José Oscar. **Leis e regimentos das missões: política indigenista no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. 3. ed. ampl. Uberlândia: EDUFU, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 10.Jun.2020.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades**. Carolina. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/carolina/historico>>. Acesso em: 10.Jun.2020.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades**. Grajau. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/grajau/historico>>. Acesso em: 10.Jun.2020.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades: Imperatriz**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/maranhao/imperatriz.pdf>>. Acesso em: 10.Jun.2020.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades**. Lajeado Novo. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/lajeado-novo/historico>>. Acesso em: 10.Jun.2020.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Monografias municipais. Nordeste/Maranhão. Montes Altos**. 2017. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2980/momun\\_ne\\_ma\\_montesaltos.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2980/momun_ne_ma_montesaltos.pdf)>. Acesso em: 10.Jun.2020.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades**. Montes Altos. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/montes-altos/historico>>. Acesso em: 10.Jun.2020.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades: Nova Iorque**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/nova-iorque/historico>>. Acesso em: 10.Jun.2020.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades: Pastos Bons**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/pastos-bons/historico>>. Acesso em: 10.Jun.2020.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades: Porto Franco**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/porto-franco/historico>>. Acesso em: 10.Jun.2020.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades: Ribamar Fiquene**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/ribamar-fiquene/historico>>. Acesso em: 10.Jun.2020.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/montes-altos/panorama>>. Acesso em: 20.Jan.2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Justiça e Cidadania. Fundação Nacional do Índio. **Manual de Redação Oficial da Funai**. Organizado pela Comissão Especial de Elaboração do Manual – Portaria nº. 540/2015/Pres-Funai. Brasília: Funai, 2016. Disponível em: <[http://antigo.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/Outras\\_Publicacoes/Manual\\_de\\_Redacao\\_Oficial\\_da\\_Funai/M anual%20de%20Redacao%20Oficial%20da%20Funai.pdf](http://antigo.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/Outras_Publicacoes/Manual_de_Redacao_Oficial_da_Funai/M anual%20de%20Redacao%20Oficial%20da%20Funai.pdf)>. Acesso em 03.abr.2020.

\_\_\_\_\_. **Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA)**. Portaria 328, de 07 de julho de 1992. Disponível em: <<https://www.ibama.gov.br/component/legislacao/?view=legislacao&legislacao=95715>>. Acesso em: 11.mar.2021.

\_\_\_\_\_. Ministério Público Federal (MPF). 6ª Câmara de Coordenação e Revisão. **Manual de Jurisprudência dos Direitos Indígenas. Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais**. Brasília-DF: MPF, 2019. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr6/documentos-e-publicacoes/manual-de-atuacao/manual-de-jurisprudencia-dos-direitos-indigenas.pdf>>. Acesso em: 10.jun.2020.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história**. 2.ed. rev. São Paulo. Ática. 2003.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Tradução de Denise Bottmann. 2.ed. São Paulo: Companhia das Fontes, 1989.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do gado**. Conquista e ocupação do sul do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1992.

CALMON, Pedro. **História do Brasil**. Vol. II. 2.ed. Rio de Janeiro: Liv. José Olímpio, 1963.

CANTÙ, Cesare. **Razões sobre a história da Lombardia do século XVII para comentários sobre os *Promessi Sposi* de Manzoni**. In.: *Indicatore*, vol. 11, 1832, pp. 63-98, 328-384.

CARVALHO, Maria Goretti Cavalcante de. **A missão do Maranhão (1894-1922): acontecimentos, particularidades e enredamento nos arquivos capuchinhos**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo-RS: [s.n.], 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7025>>. Acesso em: 19.fev.2021.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Os capuchinhos no Rio Grande do Norte**. Recife, 1954.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3.ed. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22.ed. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHÂTELLIER, Louis. **A Religião dos Pobres: as missões rurais na Europa e a formação do catolicismo moderno (XVI-XVII)**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

CIMI-MA. Conselho Indigenista Missionário. **Povos indígenas no Maranhão: exemplo de resistência**. São Luís: CIMI-MA, 1988.

COELHO NETO, Eloy. **História do sul do Maranhão: terra, vida, homens e acontecimentos**. São Luís: Editora São Vicente, 1979.

CONFERÊNCIA DOS CAPUCHINHOS DO BRASIL (CCB). **Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e Ordenações dos Capítulos Gerais com a Regra e o Testamento de São Francisco (CC)**. Porto Alegre: CCB, 2014. Disponível em: <<https://www.ofmcap.org/pt/documenti-ofmcap/constituicoes-ofmcap>>. Acesso em: 01.nov.2018.

\_\_\_\_\_. **História dos Capuchinhos**. Disponível em: <<http://www.capuchinhos.org.br/institucional/historia>>. Acesso em: 01.nov.2018.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. **Código de Direito Canônico**. Promulgado por S.S. Papa João Paulo II. Versão portuguesa. 4.ed. Rev. Lisboa: Lisboa Editorial Apostolado da Oração, 1983. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf)>. Acesso em: 30.jan.2021.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS CAPUCHINHAS. **Subsídios Históricos**. Fortaleza-CE: 1976.

CONSTITUIÇÕES DA ORDEM DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS E ORDENAÇÕES DOS CAPÍTULOS GERAIS COM A REGRA E O TESTEMUNHO DE SÃO FRANCISCO. Tradução oficial da Conferência dos Capuchinhos do Brasil. Porto Alegre: Estef, 2014.

CORONINI, Osvaldo. **Cem anos de diaconia dedicados ao povo**. In: **Eles saíram para semear: 1º centenário da presença dos Capuchinhos Lombardos no Norte e Nordeste do Brasil – 1893-1993**. São Luís: Velar, 1993.

CUNHA, Gaudêncio. **Álbum do Maranhão: Fotografias e composição**. Governo do Maranhão - Ex.º. Dr. Benedicto Pereira Leite, 1908.

CUSTÓDIO, Maria Aparecida Corrêa. **Da constituição de uma congregação feminina nordestina: análise de uma possível consequência sociorreligiosa da Rebelião do Alto Alegre – Maranhão**. International Studies on Law and Education 16 jan-abr 2014. CEMOrOc-Feusp/IJI-Universidade do Porto, 2014. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle16/63-76Custodio.pdf>>. Acesso em: 20.jan.2021.

CUTER, Franco. É justo e necessário louvar e agradecer. In: **Eles saíram para semear: 1º centenário da presença dos Capuchinhos Lombardos no Norte e Nordeste do Brasil – 1893-1993**. São Luís: Velar, 1993.

DIAS, João Paulo Freire. **Frei Caetano de San Léo e o Sermão sobre O Inferno (1895-1912)**. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE: UFS, 2005.

DINO, Sálvio. **Raízes históricas de Grajaú**. São Luís: SIOGE, 1985.

DIOCESE DE BELÉM (PA). Disponível em: <<https://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dbele.html>>. Acesso em: 16.jan.2021.

DIOCESE DE CAROLINA. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: <<http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dcrln.html>>. Acesso em: 22.dez.2020.

DIOCESE DE GRAJAÚ. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: <<http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dgraj.html>>. Acesso em: 22.dez.2020.

DIOCESE DE PINHEIRO. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: <<http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dpinh.html>>. Acesso em: 21.dez.2020.

DIOCESE DE SÃO LUÍS (MA). Disponível em: <<https://www.catholic-Hierarchy.org/diocese/dsldm.html#hist>>. Acesso em: 16.jan.2021.

DIOCESE DE TERESINA (PI). Disponível em: <<https://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dtere.html>>. Acesso em: 16.jan.2021.

DOCUMENTO DE APARECIDA: **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. 13-31 de maio de 2007. São Paulo: CNBB, Paulinas e Paulus, 2007.

DOMINGUES, Ângela. **Drogas do sertão**. In: Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil. Coord.: Maria Beatriz Nizza da Silva. Lisboa: Verbo, 1994.

DOSSE, Francois [1950]. **Renascimento do acontecimento**: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. Tradução de Constancia Morel. São Paulo: Unesp, 2013.

DUARTE, Cristovão Fernandes. **Asilo da mendicidade em Belém do Pará**: a pobreza urbana como contra-face da belle époque na amazônia. Belém: UFPA, 2007. In.: XIV Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ENANPUR), Vol. 14, nº 1. Disponível em: <<https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/806>>. Acesso em: 10.jun.2020.

FAMEM, **Federação dos Municípios do Estado do Maranhão**. Disponível em: <<http://famem.org.br/municipios/municipios/exibe/518>>. Acesso em 10.jun.2020.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: USP, 2009.

FENELON Déa (Org.). **Cidades. Pesquisa em História**. São Paulo: PUC, dez. 2000.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. **Os franciscanos no mundo português. Artistas e Obras**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE), 2009. Disponível em: <<file:///D:/Os%20Franciscanos%20no%20Mundo%20Portugu%C3%AAs.%20Artistas%20e%20Obras.pdf>>. Acesso em: 10.jun.2020.

FIALHO, Gustavo Bernardino de Oliveira. **Montes Altos**: sua história política. Livros Históricos. Vol. 1 – Coleção Tocantins. Nº 29. Imperatriz: Ética, 1998.

FRADES CAPUCHINHOS. **Eles saíram para semear**: 1º centenário da presença dos Capuchinhos Lombardos no Norte e Nordeste do Brasil – 1893-1993. Org. Osvaldo Coronini. São Luís: Editora VELAR, 1999.

FRAGOSO, Hugo. Os aldeamentos franciscanos do Grão-Pará. In: **Das Reduções Latino-Americanas às Lutas Indígenas Atuais**. Org. Eduardo Hoornaert. São Paulo: Paulinas, 1982. pp. 119-154.

FRANKLIN, Adalberto. **Breve Histórico de Imperatriz**. Imperatriz, MA: Ética, 2005.

GALBRAITH, John Kenneth. **Anatomia do poder**. 4. Ed. Novos Ubrais. São Paulo: Pioneira, 1999.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONÇALVES, Manuel Pereira. Os franciscanos em Portugal. In: **O franciscanismo em Portugal: actas dos I e II seminários**. Vol. 1. Lisboa: Fundação Oriente. 1996. pp. 444-447.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

ILHA, Manuel da. **Narrativa da Custódia de Santo António do Brasil, 1584 – 1621**. Petrópolis: Vozes, 1975.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Terra indígena krikati**. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3737>>. Acesso em: 07.maio.2020.

JABOATÃO, Antônio de Santa Maria. **Orbe Seráfico, Crônica dos Frades Menores da Província de Santo Antônio do Brasil**. Lisboa: Antônio Vicente da Silva, 1761.

JORNAL PUBLICADOR MARANHENSE. Anno XXXV. Número 29. Domingo, 6 de fevereiro de 1876. p. 1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/720089/per720089\\_1876\\_00029.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/720089/per720089_1876_00029.pdf)>. Acesso em: 19.fev.2021.

LACERDA, Mariana. **Um santo chamado Francisco**. Revista das religiões: o mundo da fé. São Paulo, nº 14, p. 22-29, ano: jan 2004.

LADEIRA, Maria Elisa. **Perícia antropológica referente a ação de demarcação que Leon Delix Milhomen e outros movem contra a Fundação Nacional do Índio**. Processo no. 1875/81, 1989. Disponível em: <[http://bd.trabalhoindigenista.org.br/sites/default/files/terra\\_krikati.pdf](http://bd.trabalhoindigenista.org.br/sites/default/files/terra_krikati.pdf)>. Acesso em: 03.out.2015.

LAZZAROTTO, Danilo. **Os capuchinhos na história e no desenvolvimento de Ijuí**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

LECLERC, Eloi. **Francisco de Assis. O retorno ao Evangelho**. Petrópolis: *Vozes-Cefepal*, 1983.

MARANHÃO. **Coleção de leis da província. 1835 – 1889**. Arquivo Público do Estado do Maranhão-APEM. Biblioteca Pública Benedito Leite-BPBL. Disponível em: <[http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc\\_bpbl/acervo\\_digital/arq\\_ad/201408272225061409189106\\_72971409189106\\_7297.pdf](http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/201408272225061409189106_72971409189106_7297.pdf)>. Acesso em: 19.fev.2021.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Planejamento. Convênio SUDENE/SERFHAU/SEPLAN-MA. **Diagnóstico da região de Imperatriz (1º Relatório)**. São Luís: SUDENE/SEPLAN-MA, 1972.

MARCHI, Euclides. **A Igreja e a Questão Social: o Discurso e a Práxis do Catolicismo no Brasil (1850-1915)**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

MARIN, Jerri Roberto. **História e historiografia da romanização: reflexões provisórias**. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis: UDFSC. n.30. p. 49-169. Outubro de 2001. Disponível em: <[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiotKjZqv\\_rAhWDHrkGHWJBCuQQFjAAegQIBxAB&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Frevistacfh%2Farticle%2Fdownload%2F25119%2F22130&usg=AOvVaw3kVLTP3IUh1TmiTZILeMUb](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiotKjZqv_rAhWDHrkGHWJBCuQQFjAAegQIBxAB&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Frevistacfh%2Farticle%2Fdownload%2F25119%2F22130&usg=AOvVaw3kVLTP3IUh1TmiTZILeMUb)>. Acesso em: 20.dez.2020.

MARINO, Gregório de San. **Os Capuchinhos na Bahia**. In: Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia. Volume IV. Salvador: Tipografia Beneditina, 1950.

MARQUES, César Augusto. **A Igreja no Maranhão**. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1977.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão**. 3.ed. rev. e ampl. São Luís: Edições AML, 2008. [1.ed. 1870].

MEDELLÍN (Texto Oficial): **Conclusões da Conferência de Medellín, 1968**. Edição revisada, atualizada e traduzida da edição oficial em espanhol por Fr. Manuel Jesús R. Blanco. São Paulo, Paulinas, 1998.

MEIRELES, Mário Martins. **História do Maranhão**. 5.ed. Ver. Jomar Moraes. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. **História da Arquidiocese de São Luís do Maranhão**. São Luís: Universidade do Maranhão, 1977.

MERLATTI, Graziela. **Amor e martírio em Alto Alegre: 1901-2001**. Trad.: Vito Milesi. Imperatriz: Ética, 2001.

MONTEIRO, Liliane Meneses. **Frei Fidélis e a Política em Ribeirópolis (1947-1951)**. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE: UFS, 2005.

MORAES, João Parsondas de Carvalho. **Saganossa: a história**. Imperatriz: Ética, 2013.

\_\_\_\_\_. **Lajeado Novo: sua memória, sua história**. Imperatriz: Ética, 2013.

MOREIRA, Zequinha. **Simplicio Moreira: precursor do desenvolvimento de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 1997.

MOREIRA NETO, Carlos Araújo de. **Os principais grupos missionários que atuaram na Amazônia brasileira entre 1607 e 1759**. In: História da Igreja na Amazônia. Coord.: Eduardo Hoornaert. Petrópolis: Vozes, 1992.

NEMBRO, Metódio de. **São José de Grajaú: primeira Prelazia do Maranhão**. Fortaleza, CE: Edições “A Voz de São Francisco”, 1955.

NERIS, Wheriston Silva. **Igreja e Missão: religiosos e ação política no Brasil**. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade Federal de Sergipe. 2014. Disponível em: <[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6245/1/WHERISTON\\_SILVA\\_NERIS.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6245/1/WHERISTON_SILVA_NERIS.pdf)>. Acesso em: 20.dez.2021.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Colonial II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFS, 1996.

PACHECO, Filipe Condurú. **História eclesiástica do Maranhão**. Maranhão: S.E.N.E.C. Departamento de Cultura, 1968.

PESSOA, Ângelo Emílio da. **As ruínas da tradição: a Casa da Torre de Garcia D'Ávila – família e propriedade no Nordeste colonial**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação e História Social. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03102005-103312/publico/TeseUSP.pdf>>. Acesso em: 20.fev.2021.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Associação de Pesquisa e Documentação Histórica**. São Paulo: Vértice, S/D. 1992.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRAZERES, Francisco de Nossa Senhora dos. **Paranduba Maranhense ou Relação Histórica da Província do Maranhão**. 3.ed. São Luís: Edições Acadamia Maranhense de Letras, 2012.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”. In: REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FVG, 1998.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **Dupla e múltipla pertença religiosa no Brasil**. Estudos de Religião, São Bernardo do Campo, v. 32, n. 3, p. 93-115, 2018. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/issue/view/495>>. Acesso em: 11.jan.2021.

RIBEIRO, Francisco de Paula. **Roteiro da viagem que fez o Capitão Francisco de Paula Ribeiro ás fronteiras da Capitania do Maranhão e da de Goyaz no anno de 1815 em serviço de S. M. Fidelissima**. Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo X, 1º. Trimestre de 1848, p. 5-80. Rio de Janeiro [segunda edição 1870], 2010. Disponível em: <[http://biblio.wdfiles.com/local--files/ribeiro-1848-roteiro/ribeiro\\_1848\\_roteiro.pdf](http://biblio.wdfiles.com/local--files/ribeiro-1848-roteiro/ribeiro_1848_roteiro.pdf)>. Acesso em: 06.fev.2021.

\_\_\_\_\_. **Memória sobre as Nações Gentias que presentemente habitam o continente do Maranhão**. Tomo 3º, nº 10. Rio de Janeiro: Revista do IHGB, 1841. pp. 184-197

ROCHA, Manoel Joaquim Moreira da. **Panorama artístico no século XVIII dos conventos franciscanos femininos em Braga: tópicos para uma abordagem**. In.: FERREIRA-ALVES,

Natália Marinho (org.). **Os franciscanos no mundo português: artistas e obras**. I. Porto: CEPESE, 2009. Pp. 169-176. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/79823/2/103624.pdf>>. Acesso em: 10.maio.2020.

RÖWER, Basílio. **A Ordem Franciscana no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1947.

SANCHES, Edmilson. **Enciclopédia de Imperatriz: 150 anos: 1852-2002**. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003.

SANTO, Gabriel do Espírito. **Explicação da Estampa deste Livro**. In.: Jardim da Sagrada Escritura. Frei Cristóvão de Lisboa. Lisboa: Paulo Craesbeck, 1653.

SANTOS, Edivaldo Antônio dos. **Os Dominicanos em Goiás e Tocantins (1881-1930): fundação e consolidação da Missão Dominicana no Brasil**. 1996. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/SANTOS\\_\\_Edivaldo\\_Antonio\\_dos.\\_1996.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/SANTOS__Edivaldo_Antonio_dos._1996.pdf)>. Acesso em: 26.jan.2021.

SANTOS, Roosevelt José. **Gaúchos e mineiros do cerrado: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais**. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia**. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Ilma Maria de Oliveira. **Lideranças Krikati: implicações da escola não indígena em suas trajetórias e trajetórias de vida**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, 2018.

SOUSA, Luís Filipe Marques de. **Os Capuchinhos de Santo António no Brasil (1585-1635)**. Dissertação de Mestrado em História e Cultura do Brasil. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Departamento de História. Lisboa: [s.n.], 2007.

SOUZA, Cristina Ferreira Santos de. **Piedade e Reforma Católica na Bahia: a atuação dos Frades Menores Capuchinhos (1889-1924)**. Dissertação de Mestrado (Mestra em História) – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador: BA, 2005.

SOUZA, Kátia Maria Araújo. **As missões capuchinhas no Baixo São Francisco sergipano, o altar e o trono no período colonial (séculos XVII-XVIII)**. Dissertação de Mestrado (Mestra em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE: UFS, 2004.

THOMAS, Georg. **Política Indigenista dos Portugueses no Brasil: 1500-1640**. São Paulo: Loyola, 1982.

TITTON, Gentil Avelino OFM. **A reforma da Província Franciscana da Imaculada Conceição (1738-1740)**. Revista de História, V. 41, N. 84 (307-346). São Paulo: USP, 1970. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/129535/126052>>. Acesso em: 08.jan.2021.

VALVERDE, Orlando; DIAS, Catharina Virgolino. **A Rodovia Belém-Brasília: estudo de geografia regional**. Biblioteca geográfica brasileira. Série A-Livros. Publicação nº 22. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia, 1967.

VATICANO. **Acta Apostolicae Sedis (AAS)**. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/archive/aas/index\\_sp.htm](http://www.vatican.va/archive/aas/index_sp.htm)>. Acesso em: 22.jun.2020.

\_\_\_\_\_. **Acta Apostolicae Sedis**, 1922, p. 331ss. Disponível em: <

<http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-14-1922-ocr.pdf>>. Acesso em: 22.jun.2020.

\_\_\_\_\_. **Acta Apostolicae Sedis**, 1987, p. 1.262 ss. Disponível em: <

<http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-79-1987-ocr.pdf>>. Acesso em: 22.dez.2020.

\_\_\_\_\_. **Acta Apostolicae Sedis**, 1979, p. 1.504 ss. Disponível em:

<<http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-71-1979-ocr.pdf>>. Acesso em: 22.dez.2020.

\_\_\_\_\_. **Acta Apostolicae Sedis**, 1958, p. 615 ss. Disponível em:

<<http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-50-1958-ocr.pdf>>. Acesso em: 22.dez.2020.

\_\_\_\_\_. **Acta Apostolicae Sedis**. Vol. L, n. 11, pp. 615-617. 1958. Disponível em:

<[http://www.vatican.va/content/pius-xii/la/apost\\_constitutions/documents/hf\\_p-xii\\_apc\\_19580114\\_s-iosephi-de-grajau.html](http://www.vatican.va/content/pius-xii/la/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19580114_s-iosephi-de-grajau.html)>. Acesso em: 05.fev.2021.

\_\_\_\_\_. **Acta Apostolicae Sedis (AAS)**. Disponível em: <<http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-14-1922-ocr.pdf>>. Acesso em: 30.jan.2021.

\_\_\_\_\_. **A hierarquia da Igreja Católica**. Disponível em: <<https://www.catholic-hierarchy.org/>>. Acesso em: 22.jun.2020.

\_\_\_\_\_. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Documentos do Concílio Vaticano II.

Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)>. Acesso em: 10.maio.2020.

\_\_\_\_\_. **Diocese de Pinheiro**. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: <<http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dpinh.html>>. Acesso em: 21.dez.2020.

\_\_\_\_\_. **Diocese de Carolina**. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: <http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dcln.html>. Acesso em: 22.dez.2020.

\_\_\_\_\_. **Diocese de Grajaú**. The Hierarchy of the Catholic Church: Current and historical information about its bishops and dioceses. Disponível em: <<http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dgraj.html>>. Acesso em: 22.dez.2020.

VICENTINI, Yara. **Cidade e História na Amazônia**. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. M. **Formação do Brasil colonial**. [2.reimp.1994]. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

WILLEKE, Venâncio. **Missões Franciscanas no Brasil**. [1.ed.1974] 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. **Missão do São Miguel do Uma.** Porto: Câmara Municipal do Porto, 1969.

ZAGONEL, Carlos Albino. **Capuchinhos no Brasil.** Porto Alegre: Suliani Editografia, 2001.

ZANNONI, Cláudio. O massacre de Alto Alegre na Imprensa maranhense. In. NETO, João Lima Sant'Anna; et. All. **Geografia, História e Sociologia.** São Luís: Imprensa Universitária, 1999.

**APÊNDICE A: NÚMERO DE MISSAS PRESIDIDAS POR FREI ARISTIDES DE SUA ORDENAÇÃO (25/07/1950) ATÉ SUA MORTE (5/08/1995)**

<b>ANO</b>	<b>QTD</b>	<b>ANO</b>	<b>QTD</b>	<b>ANO</b>	<b>QTD</b>
1950	222	1966	411	1981	423
1951	415	1967	443	1982	421
1952	405	1968	445	1983	414
1953	391	1969	447	1984	403
1954	378	1970	394	1985	409
1955	387	1971	399	1986	383
1956	375	1972	413	1987	402
1957	412	1973	414	1988	405
1958	404	1974	402	1989	392
1959	390	1975	397	1990	365
1960	387	1976	402	1991	355
1961	374	1977	379	1992	367
1962	373	1978	408	1993	368
1963	387	1979	428	1994	338
1964	382	1980	402	1995	183
1965	403				
<b>TOTAL</b>	<b>6.085</b>	<b>TOTAL</b>	<b>6.184</b>	<b>TOTAL</b>	<b>5.628</b>
<b>TOTAL GERAL</b>					<b>17.897</b>

Fonte: Elaborada pelo autor.

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ

HERCULANO

### Entrevista

**Pesquisadora:** Seu Herculano, considero que o senhor teve e tem uma grande importância para o povo krikatí, em vários sentidos, por exemplo seu nome tem o nome Milhomem, o senhor conheceu o frei Aristides ainda muito novo, o senhor foi liderança por muito tempo e continua sendo. Quais são as suas lembranças sobre o frei Aristides? O que ele fez de bom para o povo krikatí?

**Entrevistado:** é o seguinte, eu era jovem quando eu comecei a entender, uns treze anos, com essa idade sempre o meu povo, meus tios vem trabalhando sendo liderança do povo indígena krikatí, administrando as aldeias, e eu sempre estava perto deles para aprender alguma coisa, primeiro foi meu tio Augustão que foi cacique muito melhor para o povo indígena krikatí e para os brancos também, e sempre eles gostavam dele. Ai quando chega os brancos eles me chamam pra mim ficar perto deles, eles dizia: olha meu fia, se os branco conversa comigo, engole cuspe, você engole cuspe. Se bota cuspe no chão tu bota cuspe no chão, que quando cê crescer, quando nós morrer você vai ser o cacique melhor da aldeia, você tem rumo de aprender muita coisa pra administrar as aldeias. Eu disse é vamos tentar, e assim eu fui fazendo, quando chega uma autoridade dentro da aldeia, conversa com eles, e engole cuspe e engole cuspe, ai quando se joga cuspe no chão eu joga cuspe no chão, ai eu fui aprendendo e quando esse pessoal mais velho morreu tudo, ai meu tio Francisco em sessenta e quatro dia 15 de maio, os brancos colocaram ele como fiscalização das criação, naquele tempo tinha os criador, os índios faziam a roça no chão, com madeira, invade a roça, ai o dono da roça não acha bom vai e mata, ai por causa dessas coisas colocaram ele como fiscalização passar quase três anos trabalhando. Desses três anos, em sessenta e quatro o frei Aristide foi a primeira pessoa que chegou la na aldeia, fez a missa, batizava o povo indígena, pra ser padrinho madrinha, e sempre eu fiquei prestando atenção, e sempre gostavam mais de mim, ai me chamavam quando chegava: há vai comigo em Montes Altos. Ai eu acompanhava, passava uns dois três dias e voltava pra casa porque minha mãe não deixava, ai comecei a aprender. Ai naquele tempo...

**Pesquisadora:** o senhor aprendia o costume dos brancos para se defender?

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

**Entrevistado:** pra me defender. Sempre vem lutando os dois, ao lado dos povos indígenas e dos brancos, e venho aprendendo alguma coisa, ai foi indo e quando foi em sessenta e quatro o frei Aristide foi pedir o meu tio Francisco que é um cacique muito melhor muito grande, gastou vinte e dois anos de cacique, ai ele perdeu pra abrir um colégio dentro da aldeia do São Jose da tribo krikati, que é do grupo G, ai ele aceitou.

**Pessoa 1:** nessa época tinha aldeia São Jose e outras aldeias também?

**Entrevistado:** Tinha outras aldeias. Ai ele combinou ai chamou outros caciques do meu povo lá na baixa fundo, tem uma aldeia, a sede é São Jose, São gregorio tinha gente, e lá na mão torta tem. Ai Frei Aristide fundou o colégio, o professor já tinha uns oitenta noventa e poucos anos, mas ele veio dar aula pra gente, ele ensinava na lingua português.

**Entrevistado:** Ele veio de Montes Altos, ai por causa do colégio meu tio Francisco chamou os caciques e juntaram todas as aldeias e fizeram só uma aldeia do povo krikati, nessa época eu não lembro a data mas foi mais ou menos em 1964, só tinha 68 krikati contando com as crianças. O próprio frei Aristide fez um documento e tem no livro lá no hospital, mas os brancos não querem mostrar mas eu sei que tem livro, e vamos supor, uma banda do hospital pra lá bem na entrada é de Montes Altos outra pra cá é do povo krikati, até agora ninguém tá usando esse hospital, depois que ele morreu ninguém esta ocupando esse hospital, só eu que naquele tempo fui ocupar porque cobra mordeu minha mão, ainda hoje tem o sinal.

**Pesquisadora:** Quando Frei Aristides era vivo, priorizava os índios krikati no hospital?

**Entrevistado:** ele dava tudo, recebe tudo, que lá tem a casa hospital daqui. E vem muito recurso do exterior da terra dele do finado frei Aristide, eles mandam recurso com o nome dos índios brasileiros que é krikati, então hoje só eu sei desse problema do hospital. Quer dizer que em nome do povo krikati foi construido esse hospital e ninguém fala. Tem um documento lá que mostra os recursos. O Frei Aristides falava, e Zé do padre ainda hoje tá lá, Zé do padre sabe dessa historia ele esta com esse livro e historia do índio, esta com esse documento e ninguém quer mostrar mas eu sei, e eu estou de prova que quando

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

eu estava mordido de cobra lá, quando eu melhorei ele chegou lá e disse: meu filho tu já tá bem melhor pois vamos lá pra tu ver a parte desse hospital é de vocês. Lá tem quarto, tem banheiro, tem cozinha, tem quarto pra receber os visitantes pra ficar acompanhando os doentes, tem cama, tem rede, tem tudo. Tem dia que eu falo pro Lourenço: Lourenço se você quiser alguma coisa vamos tentar adquirir uma parte do hospital enquanto eu estou vivo, que tem dia que eu adoço mas Deus tá cooperando. E só eu que sei não tem ninguém que sabe dessa historia.

Nessa época o seu Urbano também era cacique, companheiro do meu tio Francisco no dia 15 de maio eles ganharam posse de fiscalização dos fazendeiros, eles ganharam três bois de quatrocentos quinhentos quilos, todo ano entregava a fazenda e eles entregava boi pra eles matar. Ai meu tio finado Zezinho fizeram reunião e eu estava lá porque toda reunião meu tio me chamava: um filho você tem que está lá perto para aprender alguma coisa que quando v crescer você vai ganhar posse de cacique. E eu acompanhava ficava sentado só ouvindo prestando atenção. Ai diz: "ó sobrinho vamos largar de pegar esses gado porque nós tamo é vendendo nós, qualquer coisa os fazendeiros ataca a gente, nós somos poucos, então vamos largar de mão, deixa gado deles e vamos cuidar só de nós." ai tiraram eles da fiscalização e botaram eles como cacique

**Pesquisadora:** Neste período existia a festa do ceveiro?

**Entrevistado:** sim. Eu fui preso noventa dias no ceveiro.. Já o esteirão não acompanhei não mas eu fui preso no seveiro, mas tinha também esteirão

**Pessoa 2:** o nome do senhor permitia entrar no esteirão?

**Entrevistado:** meu função que tem a familia com nome batizado de tal fulano sempre vai ser no esteirão, agora eu não pertenco a esteirão eu pertenco a seveiro. Quando completei quatorze anos ai fui preso ai eu sai ai pronto fiquei livre, já pode ate procurar a mulher pra casar que quando você sai do seveiro tá liberado. As mulheres também quando vai presa tá liberada. Então a lei do índio dentro da cultura nossa tem essa lei, então eu participei de muita coisa violento, perigoso, apanhei muito do pessoal mais velho, dizem que quando eles me surravam era pra mim crescer e ser um homem grande, mas ainda tô pequenininho

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

Entrevistado: pra me defender. Sempre vem lutando os dois, ao lado dos povos indígenas e dos brancos, e venho aprendendo alguma coisa, ai foi indo e quando foi em sessenta e quatro o frei Aristide foi pedir o meu tio Francisco que é um cacique muito melhor muito grande, gastou vinte e dois anos de cacique, ai ele pediu pra abrir um colégio dentro da aldeia do São Jose da tribo krikati, que é do grupo G, ai ele aceitou.

Pessoa 1: nessa época tinha aldeia São Jose e outras aldeias também?

Entrevistado: Tinha outras aldeias. Ai ele combinou ai chamou outros caciques do meu povo lá na baixa fundo, tem uma aldeia, a sede é São Jose, São gregorio tinha gente, e lá na mão torta tem. Ai Frei Aristide fundou o colégio, o professor já tinha uns oitenta noventa e poucos anos, mas ele veio dar aula pra gente, ele ensinava na lingua português.

Entrevistado: Ele veio de Montes Altos, ai por causa do colégio meu tio Francisco chamou os caciques e juntaram todas as aldeias e fizeram só uma aldeia do povo krikati, nessa época eu não lembro a data mas foi mais ou menos em 1964, só tinha 68 krikati contando com as crianças. O próprio frei Aristide fez um documento e tem no livro lá no hospital, mas os brancos não querem mostrar mas eu sei que tem livro, e vamos supor, uma banda do hospital pra lá bem na entrada é de Montes Altos outra pra cá é do povo krikati, até agora ninguém tá usando esse hospital, depois que ele morreu ninguém esta ocupando esse hospital, só eu que naquele tempo fui ocupar porque cobra mordeu minha mão, ainda hoje tem o sinal.

Pesquisadora: Quando Frei Aristides era vivo, priorizava os índios krikati no hospital?

Entrevistado: ele dava tudo, recebe tudo, que lá tem a casa hospital daqui. E vem muito recurso do exterior da terra dele do finado frei Aristide, eles mandam recurso com o nome dos índios brasileiros que é krikati, então hoje só eu sei desse problema do hospital. Quer dizer que em nome do povo krikati foi construido esse hospital e ninguém fala. Tem um documento lá que mostra os recursos. O Frei Aristides falava, e Zé do padre ainda hoje tá lá, Zé do padre sabe dessa historia ele esta com esse livro e historia do índio, esta com esse documento e ninguém quer mostrar mas eu sei, e eu estou de prova que quando

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

(RISOS)

Mas mesmo assim quando completei dezoito anos eu não sabia que ia ganhar a posse de cacique, e eles fizeram bola de paia de milho, um paparo muito grande, foram correr com tora, quando foi uma hora dessas assim forma jogar a bola de paia de milho que é uma tradição, cultura nossa, ai eu estava lá com meu primo João branco, ai primeiro chamaram ele e ele aceitou ser cacique, ai me chamaram e eu aceitei também. Mas ele não ficou três meses, foi beber cachaça fez alguma coisa errada e ele mesmo sai por conta dele, ai eu passei pro primeiro e botei Benjamim no meu vice e sempre vim trabalhando.

**Pesquisadora:** naquela época e hoje também o que é preciso para ser uma liderança?

**Entrevistado:** é uma pessoa que tenha experiência igual mais velho, eles fazem testes como briga de índio ai bota aquela pessoa pra resolver, se tu resolver já ganhou posse de algum emprego.

**Pesquisadora:** e tem que conhecer a cultura?

**Entrevistado:** sim, a cultura de tradição de festas indígenas eu sei de tudo, sempre a gente fica prestando atenção no que está acontecendo.

**Pesquisadora:** e por exemplo, hoje, a festa do seveiro que o senhor participou lá hoje é do mesmo jeito?

**Entrevistado:** do mesmo jeito.

**Pesquisadora:** não mudou nada?

**Entrevistado:** nada. Do jeito que nosso bisavô fez nós vem fazendo pra não perder.

**Pesquisadora:** e os cacique continuam do mesmo jeito?

**Entrevistado:** o cacique é o seguinte, eu até agora tô com 6 empregos, 6 mandatos, porque eu sou liderança mais velho, as lideranças mais velhas morreram tudo, me deram emprego de fazer casamento sou juiz, foram colocar eu no meio do par, pelo branco a lei do branco, eu trabalho pro Governo Federal, trabalho como coordenador, da polícia federal e IBAMA, só entra quando eu

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

autorizar entrar um deles, outro se chama diretoria do colégio, que depois que o frei Aristide morreu, nossa professor morreu só gastou três meses de aula e morreu, adoeceu e morreu

Pessoa 1: seu Milton?

Entrevistado: é, seu Milton. Ai largamos de estudar, ai quando foi em setenta e seis eu fui a Brasília, finado Vanderli Ferraz que era prefeito do Montes Altos me deu um documento eu fui apresentar lá em Brasília. Ai naquele tempo o presidente da FUNAI era o (não entendi) viu? Assinou, carimbou e tirou fotocopia e disse "isso aqui é seu). La mandou recursos para o prefeito do Montes Atos tomar conta e fazer colégio, que se chama Joao de Barro naquele tempo. Ai quando eu cheguei nós fomos fazer compra de material. Mandei fazer a mesa, o quadro, tudo. A primeira professora nossa foi a comadre Alderina do Sitio Novo.

Pesquisadora: ela trabalha na FUNAI?

Entrevistado: trabalha na FUNAI. Ai meu compadre Antonin é marido dela. Ai eu ganhei posse de cacique em setenta e sete. Antes de eu ganhar posse comadre Alderina chegou, aquele tempo eu não mandava nada, mas eu fiz pedido porque sempre o pessoal me considera como um administrador da aldeia, sempre tem respeito, mesmo quando eu era jovem mas eu tinha palavra que os mais velhos me respeitavam, que pra eles eu sou um grande homem, todos me respeitam e eu respeito todo mundo, trato com maior carinho, eu nunca bati em ninguém, eu nunca fiz nada.

Pesquisadora: mas os seus filhos já estudaram nessa escola?

Entrevistado: ai Lourenco começou estudar em setenta e seis pra cá. Estudou muito, estudava a noite, naquele tempo não tinha luz não tinha nada, estudava na luz da lamparina, que até naquele tempo nós usava gordura de porco fazia aquele pavio botava molhava acendia pra ficar estudando. Tem aquela vela que é de cera de abelha que faz acende. Lourenço era esforçado.

Pessoa 1: e na época da escola com frei Aristide quantas aldeias se juntaram pra vir aqui pra São José pra escola?

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

**Entrevistado:** foi a Baixa fundo, estraeira, são gregório e mão torta que ajuntaram. Meu tio Francisco chamou os caciques disse vamos fazer isso e isso...

**Pesquisadora:** e era pra diminuir o conflito entre os fazendeiros né?

**Entrevistado:** foi, naquele tempo eu vou contar, é uma história muito longa, mas acho que da pra vocês entender que é na língua de vocês, se eu falar na minha língua vocês num entende. Em sessenta e quatro, acho que foi dia 15 de maio por ai assim, ai o prefeito Geosina Gomes, que é filho do Moises Bandeira Gomes, chamou todos os cacique do baixa funda, São Jose, estraeira, são gregório, motô. Ai chamaram ele pra reunião dos posseiros, que os fazendeiros estavam querendo atacar a aldeia porque os gados do fazendeiro vai entra na roça ai os donos da roça os índios mesmo não gostavam, e naquele tempo eles num criava gado, ai foi e atirou numa vaca com fundo de panela de ferro aquele esporão de ferro ai quebrou a costela da vaca e ficou la dentro ai chegou no curral o dono matou viu aquela bala limpou botou num sacolinha velha com pedaço de pano, e amarou naquele buraco que a bala entrou. Foi apresentado la em Montes Altos pedindo pros prefeitos liberar pra eles atacar as aldeia, ai meu tio Francisco me chamou "bora meu filho pra tu acompanha". E eu era um corredor, num tenho preguiça de correr não, disse se acontecer alguma coisa tu vem embora, vem aqui e avisa pro nosso povo. Tá bom, peguei meu feixe de flecha e acompanhei. Ai chega la já tem muito fazendeiro, ai prefeito chamou os cacique foi falar primeiro com os índios como foi que aconteceu, ai ninguém sabe quem foi que atirou, era muita gente. Ai os fazendeiros tavam pedindo pra atacar a aldeia e o prefeito "não, eu não aceito". Naquele tempo os soldados do Montes Altos era só três pessoas: finado Luizim, zé guarda, finado Donélo só três soldados lá. Ai tem um homem um fazendeiro por nome Dunis Serqueira tomou umas pinga pra ter coragem pra brigar com índio, e eu estava na janela la fora e meu ti Nelto tava fora que era o cacique lá de estraido, teve bate boca lá teve empurrão, ai solda entrou pra defender pra não acontecer isso que o prefeito pediu pra não acontecer nada, ai eu fiquei la prestando atenção diante de qualquer coisa entra aqui, naquele tempo Montes Altos quase não tinha casa, eu disse eu entro por aqui vou sair lá na frente. Mas ai o prefeito combinou com ele tirou todos os caciques só botaram meu compadre Libano e meu tio Francisco

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

de fiscalização do gado, dos criador, ai eles aceitaram, e todos os anos no dia 15 de maio tem que fornecer o boi de 200 ou 400 quilos

Pessoa1: e o frei Aristides participou dessa reunião, tudo ele participou. Ele nos defendia .a língua dele é diferente, ai "não que é isso, não pode matar o índio não pode". Eles chamavam o índio e os possessão de caboco, mas caboco é quem usa chapéu de couro, vocês nunca viram índio usar chapéu de couro. Ai foi indo até quando resolveram tudo, ai nós viemos embora, e o prefeito arrumou um bagulo lá, uns café, naquele tempo não tinha açúcar era rapadura mesmo, é carne, é cabeça de gado, arrumaram e fizeram bem aqui no campo alegre onde tinha a ponta grande. Ai viemos embora, ai foi que começaram trabalhar, ai sempre meu tio Francisco me chamavam que era pra acompanhar aprender alguma coisa pra quando eu tivesse numa certa idade saber contar a historia como foi que começou...

Pessoa1: como foi que esses fazendeiros tomaram posse dessas terras que eram dos índios?

Entrevistado: há eu num sei, não sei de onde que vem esses pessoal.

Pessoa1: porque você já estava aqui?

Entrevistado: tava

Pessoa1: ai eles foram chegando tomando de conta, ai depois já queria tomar tudo?

Entrevistado: pois é, queria tudo mas sem ter razão, sabe porquê? Que nossos povos indígenas quando faz as aldeias ai quando acaba as caças, acaba as matas de fazer as roças eles vão e muda fazer outra aldeia e essa aqui não vai ser vendida, que pela lei dos brancos diz que são os primeiros habitantes do Brasil como nós, e eu sei que esses povos indígenas brasileiros já tinha antes mesmo dos brancos chegar, Pedro Alvares Cabral quando chegou é filho da Índia viúva, que naquele tempo nós somos uma família de cabaça que Deus fez nossa bisavó através de cabaça, nós somos a família de cabaça. São os primeiros habitantes do Brasil somos nós. Depois de Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil já existia indo no meio dos bichos, os bichos comia os índios e os índios matava os bicho e comia também amuquiado. Então essa história eu

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

sei tudo, que o pessoal mais velho contava eu tava ai só gravando, eu basta ouvir só uma vez que não sai da minha cabeça. Ai essa historia os mais velhos botava pra gente contar, ai fui indo ate que quando eu completei dezoito anos eles me deram esse emprego de cacique, eu gastei onze anos e meio de cacique, lutei muito, consegui demarcação dessa área, depois sai, pra descansar que é muito cansativo, e eu fiz muita coisa pela parte dos fazendeiros, consegui recursos do Banco Mundial, seiscentos e trinta e nove mil dólares para demarcação da área krikati. Naquele tempo era em oitenta e cinco mas ai o Nescartile que é prefeito veio ai queimou o carro da Eletronorte do governo Federal, e prendeu as índias que vinham da Araguaina, prenderam os caciques também, deu os passo pra eles aprender lutar enquanto eu tô vivo. Pegaram eles, prenderam nossos enfermeiros que trabalham no posto de saúde, amarraram, ai não sei quem foi dar noticia, ai foram atrás por aqui acharam tiraram as cordas, trouxeram ela. Ai o prefeito que é a Merilândia manda soltar. E quem defendeu e deu de comer pros índios que tavam presos dentro daquele banco do Brasil primeiro, finado Joao Piauí é filho do Joao Piqui, que ele fez numa índia, ai Joao piqui foi atrás dele e foi mexer com ele, que ele é metido a guerreiro...

**Pesquisadora:** seu Herculano mas quando foi em oitenta e cinco no período da demarcação tinha outras aldeias além da São José?

**Entrevistado:** não, só essa mesma já tinha sido desabitada mas tinha só o lugar. Depois que o professor Milton morreu ai a escola parou de funcionar, parou tudo, o Frei Aristides vinha só fazer a celebração, todos os anos ele fazia a missa de São Pedro, ai na missa fazia casamento, batizado e sempre procurou estar conversando com nos índios e os brancos no sentido de resolver os conflitos. Ele sempre ficava a nosso favor. nesse caso os Cartilho estavam contra, não queriam que fizesse a demarcação?

**Entrevistado:** contra, não queriam

**Pesquisadora:** porque a festa do seveiro mesmo vocês estando em outra aldeia tudo acontece na aldeia São José? Vai ter uma agora né? Todo mundo se preparando pra ir pra lá, porque é?

**Entrevistado:** é que cada tempo, todos os anos eles faz aquela prisão...

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

**Pesquisadora:** ai tem que ser tudo na São José?

**Entrevistado:** não, aqui da pra fazer, aqui já foi preso várias vezes, depois que nós mudamos já prenderam duas vezes já, cada aldeia faz sua parte. E do esteirão também a mesma coisa.

**Pesquisadora:** eu queria saber assim, o senhor disse que desde novinho ficava observando tanto os atos e os costumes dos brancos e dos mais velhos, aprendendo, viajando com eles, conhecendo a cultura profunda, defendendo seu povo em qualquer situação, e dos anos sessenta pra cá começou a surgir outros tipos de liderança que é o Lourenço por exemplo. Pro senhor, qual é a diferença da liderança tradicional, pra liderança que o Lourenço assume, ou seja dele ir lá fora buscar apresentar pro cacique, não é assim que ele faz?

**Entrevistado:** não é o seguinte, nossa cultura nossa tradição eu fui cacique já, o Lourenço ele já foi chefe de posto escolhido pela comunidade indígena e os brancos da FUNAI ele trabalhou bem uns três ou quatro anos no chefe de posto sendo empregado do Governo Federal. Ai sempre eu dou conselho a ele "é por aqui, é assim. Nem que as pessoas tenham raiva de você mas você não vai ter raiva não, pede a Deus que tudo nós somos irmão, e você tem que respeitar nosso pai do céu e pedir a Ele pra dar mais experiência e sabedoria, que eu como teu pai só estudamos três meses, não deu pra aprender nada, mas eu aprendi muita coisa andando, depois que eu casei gastei foi três anos fora, aprendendo, e hoje sou um grande homem pro pessoal.

**Pessoa1:** os três meses que o senhor estudou foi na escola que o frei Aristides fez?

**Entrevistado:** foi, que nosso professor começou trabalhar e adoeceu e morreu, ai nós paramos tudo.

**Pessoa1:** tem algum padre que andava por aqui que vocês não gostaram dele, que pediram pra ele não voltar mais, mandaram ele embora e não voltar mais aqui?

**Pessoa1:** e o Lourenço nunca foi cacique?

**Entrevistado:** nunca foi cacique mas...

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

**Pesquisadora:** mas ele é liderança

**Entrevistado:** é liderança mais forte de tudo

**Pesquisadora:** a comunidade aceita ele como liderança?

**Entrevistado:** aceita

**Pesquisadora:** porque que ele é liderança?

**Entrevistado:** porque ele é mais sabido, aí na experiência na língua indígena, no português, ele não esconde nada não tem o que guardar segredo não, mesmo comigo ele não guarda segredo não o que ele tiver dentro ele solta, não pode guardar por dentro que dói, solta que fica livre daquilo ali.

**Pesquisadora:** aí ele fala com a comunidade?

**Entrevistado:** fala, tem muita comunidade que não gosta, na aldeia grande ninguém gosta dele não. é inveja, olho grande .mesmo assim ele trabalha por eles, vai buscar os benefícios pra eles. E hoje ele é coordenador do Maranhão Brasil inteiro na saúde , educação tudo ele meche

**Pesquisadora:** e o senhor o que o senhor sente vendo seu filho que o senhor lutou tanto sendo uma liderança respeitado pela comunidade?

**Entrevistado:** dentro do meu entendimento eu peço pra ele se aquietar e trazer o caderno aí eu dou explicação na língua indígena, em português, pra ele estudar e inventar o livro respeito dos povos indígenas brasileiro. Tem muita gente que me procura no colégio os professores, "seu Herculano porque vocês não tem um livro na língua de vocês pra ensinar a sabedoria de vocês, e para as crianças aprenderem as duas línguas?". Eu sei três línguas, eu sei de várias línguas do povo indígena, tem o meu, da apinajê, caiapó, e tem do gavião e português, são cinco línguas que eu sei. Olha, lá na apinajê, no Pará esse pessoal que é do gavião, galinha eles chamam .... e nós aqui chama .... Cachorro eles chamam .... nós chama .... é muito diferente, não é todo mundo que aprende não.

**Pessoa1:** seu Herculano quando foi fazer o registro do Lourenço aí colocou o nome dele Lourenço Milhomem, porque não foi colocado krikati?

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

Entrevistado: assim eu boto a culpa na minha mãe e meu tio que eu não vi meu pai, eu era pequeno e meu pai morreu, ai só minha mãe que sabe sobrenome do meu pai, ai ela botou meu ti Francisco aceitou, botou Herculano Milhomem, ai foi passou pro Lourenço Borges Milhomem, então nós vem acompanhando essa lei do branco, meus documentos só minha mãe meu vô com nome indígena

Pessoa1: porque Milhomem era um fazendeiro aqui na área indígena?

Entrevistado: era, no campo alegre. Lá tem um por nome de Iriça por ai assim, ele que boto...

Pesquisadora: moraram muito tempo?

Entrevistado: moraram muitos anos

Pesquisadora: era muita gente dos Milhomem?

Entrevistado: muita gente, tem Milhomem de mais

Pessoa1: mas também eles que tavam no meio dos outros fazendeiros querendo tomar as terras dos índios?

Entrevistado: era

Pessoa1: e eles vieram de onde?

Entrevistado: esse veio de Carolina. O pessoal de campo alegre e de Barros veio de Carolina, veio de barra do corda que lá eles atacaram os índios canela lá por uma aldeia por nome de cinela, mataram muitos índios e mudaram pra cá com medo dos outros índios atacar. Ai fizeram essa fazenda do meio, fazenda campo alegre, e tem outra fazenda lá pro rumo da arraia do caboco velho, tem também a aristida, e só tem esse pessoal que mora, pessoal de batista lá do morro branco.

Pessoa1: e quando eles chegavam eles pediam permissão pro cacique?

Entrevistado: é, cacique que autorizava e eles fazia moradia, e são muito sabidos e pega papel limpo desenha e vai pro cartório carimbar pra dizer que a terra é deles, mas não é não, os índios não venderam a terra pra eles.

Pesquisadora: mas teve conflito entre os krikati e os Milhomem?

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

Entrevistado: teve, e são farinha tudo de um saco só, aí começaram querendo atacar. Essa história eu sei tudo que eu participo de mais.

Pessoa1: aí na época do Vanderli quando ele foi prefeito ele ajudava os índios?

Entrevistado: ajudou muito, foi um grande prefeito o finado Vanderli. Que é o seguinte o pai dele que é o Venâncio Ferraz, ele gosta muito dos índios, aí no tempo que eu era rapaz trabalhei pro pai dele, aí nós nos conhecemos, aí foi que ele cresceu, casou, teve esses filhos dele. Ainda hoje filho dele mais velho que chama Venâncinho nós somos irmãos, se considera como irmão, nós crescemos tudo junto, o pai dele gostava muito de mim.

Pesquisadora: seu Herculano e o que seu avô, seu bisavô contam dos anos trinta quando foram atacados tiveram que fugir pra barra do corda, aí queriam levar vocês pra barra do corda, eles contavam alguma coisa?

Entrevistado: eu sei tudinho.

Pesquisadora: eu venho um dia só pro senhor me contar essa história.

Entrevistado: se você quiser agora

Pesquisadora: pois conta, pode contar.

Entrevistado: antes de eu nascer minha mãe não era casada minha mãe era moça ainda ela não participou ainda não, mas os mais velhos viram que sempre minha vó contava, aí nesse tempo os mais velhos nosso bisavô veio morando por aqui lá no Amarante lá na beira do açude num tem um coca assim? Lá é lugar da aldeia do meu povo

Pesquisadora: no Amarante?

Entrevistado: no Amarante.

Pesquisadora: aí ali perto de Imperatriz morava também?

Entrevistado: morava. Lá onde tem a igreja do padre no calçadão, aquela igreja era lugar da aldeia dos índios, e tem um livro lá que não querem descobrir pra nós, eu já procurei eles não querem dar não, com medo de nós tomar a cidade. Aí vieram pra lá de Imperatriz pro rumo de Belém, em Açailândia tudo é lugar da aldeia. Aí vieram parar aqui em Imperatriz, Santa Tereza, fizeram aldeia no

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

bananal, depois mudou para Porto Franco, de lá foram pra Carolina ai voltando assim pra cá. E naquele tempo não tinha remédio e febre atacava os índios, ai mudaram com medo de morrer tudo, foram pra arrai lá em são João, lá no sucuriu, tem a bacuri,

**Pesquisadora:** canto da aldeia não é perto?

**Entrevistado:** é, canto da aldeia lá no limite canto da aldeia, tem dois pé de coco assim bem no lugar do muqui e tinha um pilão assim que é dos índios

**Pesquisadora:** no canto da aldeia?

**Entrevistado:** no canto da aldeia. Lá onde mora meu tio Vitorino, que é o branco.

**Pesquisadora:** é perto de Imperatriz?

**Entrevistado:** é

**Pessoa1:** é perto aqui de Ribamar Fiquene?

**Entrevistado:** é sim. Ai vem vindo ai chegaram aqui no centro da disordia... a história é longa.

**Pessoa1:** no centro da disordia teve uma briga?

**Entrevistado:** teve com um fazendeiro, os fazendeiros mataram oito caciques, dos oito uma mulher. Ai tem um índio que é por nome de ..... que Joãozinho tem costume de pegar os índios e as indiazinhas e vi vender no Rio de Janeiro, lá esse índio cresceu, estudou, foi servir o exército e foi ser tenente do exército, ai ficou sabendo que os fazendeiros tava querendo atacar o povo dele, ai ele veio e quando chegou lá o pessoal queria atacar e subiram na serra da disordia, ai quando esse capitão do Rio de Janeiro soube vem vindo, porque o chefe de mandar atacar os índios era um tal de Amaro e outro chama Raimundinho que fica lá na lagoa do forte, eu andei muito pra conhecer. Ai foi que esse índio chegou e o pessoal vinha vindo ai fizeram essa aldeia bem aqui no canto da aldeia ai saíram pra pescaria que todos os anos em mês de junho e julho vão pra pescaria. Ai tal de Marcelino lá do Barra do Corda trouxe dois soldados com metralhadora, é fuzil ou metralhadora. Ai chegaram lá onde os índios tavam pra pescar, e atacaram e ele lá que segurou os índios e as mulheres levaram amarradas com os braços amarrado pra trás, levaram tocando fazendo como

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

com gado, até Barra do Corda. Lá tem uma mulher, eu tenho um documento que eu guardei do registro da terra lá do rudiador, eles botaram o nome de um lugar lá por nome de rudiador que os índios foram judiados por esse Marcelino.

**Pesquisadora:** em Barra do Corda?

**Entrevistado:** Barra do Corda

**Pessoa1:** Marcelino era da FUNAI?

**Entrevistado:** Não, era particular, que não gosta dos índios. Ai lá tem uma mulher que venderam a terra doze mil equitares, ainda hoje tá lá essa aldeia lá e quem tá usando lá essa aldeia é guajajara agora do pessoal do Pompeu

**Pessoa2:** é perto ali da região dos porquinhos?

**Entrevistado:** é região dos porquinhos e Barra do Corda. Ai eles fizeram a roça e plantaram ai falaram com ele disse "olha você arruma machado, espingarda, facão, panela, que nós vamos deixar pro nosso povo e nós volta". Mas enganando eles, que ai lá quando eles tão trabalhando tem policia no redor, disse que se for pra cagar eles acompanha pra cagar. Olha dona, isso quando eu falo dói, isso dói de mais, mas Deus é bom, ninguém sabe se tá vivo porque Deus quem resolve essas coisas. Ai eles fizeram os índios voltar, chegaram aqui ai juntaram com os outros e fizeram essa aldeia lataboqui, ai nisso começaram adoecer tudo e fizeram uma ladeia lá no caldeirão, outra lá no baixa fundo, essa são José aqui, estraido e são agorimató. Cada uma familia fizeram sua aldeia.

**Pesquisadora:** tudo nessa terra aqui?

**Entrevistado:** tudo nessa terra mesmo. Olha essa aldeia aqui é só uma familia, da minha familia, dessa pare aqui até lá, que é só meus filhos, meus genros, pro lado de lá é meu primo, mas nós somos tudo irmão e primo. Cada aldeia que tão fazendo é só familia também.

**Pessoa2:** as novas né?

**Entrevistado:** as novas. Que cresceram aumentaram

**Pesquisadora:** ai fica fácil administrar né?

**Entrevistado:** é, muito fácil.

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

**Pesquisadora:** a bebida...

**Entrevistado:** bebida aqui é difícil

**Pesquisadora:** porque quando começa com a história da bebida, os fuxico ai formam as aldeias né?

**Pessoa1:** ai nessa época que eles vieram de Barra do Corda que ai fizeram as aldeias?

**Entrevistado:** no taboquim, ai lá começaram a adoecer morrer e espalharam.

**Pesquisadora:** eram uns cinco né?

**Entrevistado:** era uns dez

**Pesquisadora:** era, tinha mulheres no meio

**Entrevistado:** era, tinha mulher

**Pessoa1:** por isso também quando começaram a adoecer foi na época que o frei Aristides chegou pra cá?

**Entrevistado:** foi.

**Pessoa1:** que ai o frei Aristides vi a questão de saúde da região, ai também teve essa preocupação...

**Entrevistado:** frei Aristides começou a chegar lá no baixa fundo, na parte dos posseiro lá, ai começou conhecer os índios

**Pesquisadora:** e lá tava tudo doente quando ele chegou né?

**Entrevistado:** sim, e ele começou trazer remédio fazer alguma coisa pra ajudar o índio.

**Pesquisadora:** e foi ele que ajudou a encontrar o lugar lá na São José? Um lugar alto pra fazer as casas?

**Entrevistado:** foi, ele mesmo veio escolher pra fazer colégio, ai chamaram e meu tio Francisco mais meu compadre Urbano ganharam posse de cacique ai chamaram pessoal pra juntar todo mundo pra fazer só uma aldeia pros filhote estudar pra aprender alguma coisa, então fizeram isso.

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

Pessoa1: aí ele foi andar com seu Urbano se Francisco, gostaram desse lugar?

Entrevistado: foi

Pessoa1: porque ficava perto da água e também era alto

Entrevistado: é limpão, né sujo não, alto limpo, aí eles fizeram lá no alto mesmo, e hoje aumentaram.

Pessoa1: e todas as outras aldeias vieram pra cá?

Entrevistado: foi.

Pesquisadora: agora é assenhora também. Mesmo vocês meninos, vocês dois lembram de todo esse sacrifício de doença de perseguição dos fazendeiros, assim mesmo tinha as festas?

Entrevistado: tinha, as festas indígenas, naquele tempo o pessoal mais velho trabalhava muito, tinha fatura, batata... mas também chovia bem e hoje tá devagar, naquele tempo tinha batata, inhame, mandioca...

Pesquisadora: quais as festas que aconteciam nessa época e hoje não acontecem mais?

Entrevistada: tem várias festas que não acontecem mais, só tá acontecendo ceveiro, esteirão, só esses que acontecem, e do compadre também, de jogar bola.

Pesquisadora: e qual que não acontece?

Entrevistada: que não acontece mais é das meninas que ficam presas no ceveiro, esse que não tá acontecendo.

Pessoa1: a senhora passou pelo ceveiro também?

Entrevistada: não, eu não passei por nada.

Pessoa1: por quê?

Entrevistada: porque minha mãe mais meu pai, porque minha avó e meu avô adoeceram e meu pai tinha muita mandioca, mas tu sabe que branco não é como índio não. Meu pai é filho do branco ele é mestiço ele não pode dar as coisas pra todo mundo (risos), aí ele sovinou mandioca, que é pra fazer farinha, pra dar pros

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

outros, fazer também, ai ele não deu, e não quis me prender, ai logo arrumou Herculano nós casamos.

Pessoa2: seu Herculano, na questão no seveiro, da construção da casinha lá, quem é que faz?

Entrevistado: é a mulher. As mulheres que faz porque as mulheres tiram aquela madeira por nome de mororó, é uma madeira que corta assim desse tamanho e injerta, não quebra não e outras madeiras se botar quebra.

Pessoa2: e a palha?

Entrevistado: palha de coco mesmo, de piassabe, faz aquela casa redonda faz tudo.

Pesquisadora: e não pode ser outra palha não seu Herculano? Porque que tem que ser de piassabe?

Entrevistado: é porque a casa bem coberta porque a chuva bate e não pinga

Pesquisadora: há mas não pode ser dessa daí não?

Entrevistado: não, porque se fizer dessa aqui diz que quando a pessoa que tá lá dentro sair que adoecer morre ligeiro.

Pessoa2: sim seu Herculano mas é a mulher que constrói, e os homens?

Entrevistado: os homens carrega a madeira pra cortar a palha do bacaba ai vai ficando, tem aqueles treveça que tira assim, fazer aquele paredão lá no banheiro, ai faz tudo fechado mas lá dentro tem vaga pra gente andar.

Pessoa1: quem é que decide qual filho que vai pro seveiro ou não?

Entrevistado: depende da pessoa

Pessoa2: é o nome é?

Pessoa1: família?

Entrevistado: é, família que bota

Pessoa1: e se ele não quiser ir pro seveiro?

Entrevistado: mas pela lei vai, que quem da ordem é o cacique

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

Pesquisadora: o Lourenço passou pelo seveiro?

Entrevistado: passou

Pesquisadora: e pelo esteirão?

Entrevistado: não, só pelo seveiro

Pessoa2: mas tem quem passe tanto pelo seveiro como pelo esteirão?

Entrevistado: tem, tem nome das pessoas que vai pro seveiro e depois vai pro esteirão pra terminar e se livrar do prisão

Pessoa1: e tá pronto pra casar?

Entrevistado: é

Pessoa2: seu Herculano o senhor que passou pelo seveiro, qual o sentido pro senhor? O senhor entrou com 14 anos?

Entrevistado: foi

Pessoa2: o que significava pro senhor aquele momento que o senhor tinha que estar lá no seveiro como que era essa questão?

Entrevistado: olha, eu sofri não porque assim o pessoal mais velho quando mandava prender no seveiro aquele pessoal jovem e as moças também, e tem prazo que dar de comer com cinco dias, cinco dias e cinco noites são dez dias, sem dar nenhuma água. se adoecer o pajé cura. E eu fui preso ai veio uma vasilha ai tomaram nossa batata assada e inhame assado, lá no meio do caminho, ai quando eu cheguei com uma sede danada mas cadê a água pra beber? Eu não ia pedir agua pra minha mãe ou minha vó não, que se a gente pedir e alguém ver vai contar pro cacique ai nego apanha, apanha mesmo. Ai nos aguentemos resto da noite, resto do dia, ai no outro dia até meio dia, eu já estava para chorar com fome e sede, ai veio minha tia primeiro minha tia a Pelonha trouxe um frito uma farofa com leitoa bem preparado no coiter assim e uma cabaça com água, chegou falou com minha vó, minha vó era cega e aleijada ai ela foi disse "vó, aonde que tá os meninos, tá preso ai? Cadê o mais novo" "tá bem ai na entrada" "eu vou da conselho pra eles" "tá bom". Ela entrou disse Herculano e disse "pega isso aqui, come calado, tem água ai, eu só venho buscar

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

no outro dia". Meio dia tinha ninguém na aldeia, aí ela me deu conselho e foi embora e nós começamos, beber água, comemos aquele de comer todinho, quando passou um pedaço a minha tia Norata trouxe uma galinha bem cozinhada bem feita farofa com grolado, trouxe também com uma cabaça de água, aí procurou minha vó ela contou que eu tava bem na entrada, aí "deixa eu conversar com ele da conselho" minha vó "tá bom". Aí ela entrou disse "tá aqui, tá aqui" eu recebi. Aí começou da conselho pouquinho aí amanhã venho pegar. Aí nos guardamos pra noite, essa noite nós comimos aí eles foram embora, aí quando foi a boca da noite nós saímos pra fora e comemos e bebemos água e fomos deitar. Aí no outro dia veio três pessoas, a minha tia que é mulher do meu tio Artuzim, veio com um grolado feito de leitão farofa bem feita bem temperada, trouxe pra mim. Só por causa de mim que meu irmão tava comendo, tava passando bem, num tava passando mal não, porque no tempo que eu tava fora quando eu ando pegando flechinha aí eu ando aí pedi pra mim: "ei meu sobrinho, vem aqui, pega uma cabaça de água pra mim, fazer meu cozinhadozim, aí pega a cabaça e entra pra fonte, chega lá enche cabaça toma banho e entrego e vou embora, aí quando vou passando alguém diz: "meu sobrinho vem aqui pega um feixe de lenha pra eu botar de baixo da panela". Aí eu pego o facão vou no mato, corto trago o feixe de lenha boto aí vou embora. Essas pessoas que trouxe o de comer pra mim, que eu ajudei muito o pessoal mais velho.

**Pesquisadora:** seu Herculano eu vejo que hoje além de colocar os meninos muito cedo 9, 10, 8 anos, eles passam cinco dias sem comer hoje?

**Entrevistado:** não

**Pesquisadora:** mudou né?

**Entrevistado:** mudou tudo, naquele tempo tinha a lei, hoje num tem lei não, não tem respeito aos caciques não, quando os caciques da ordem pulam em cima da ordem, mas primeiro não era assim.

**Pessoa2:** mas quem que não obedece?

**Entrevistado:** a comunidade, os pais das crianças, hoje eles mostra até unha pros cacique, de primeiro ninguém mostrava unha pra cacique não, eu gastei

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

onze anos e meio de cacique ninguém nunca mostrou nada porque sempre eu tenho moral pra isso, eles tem respeito por mim também.

Pessoa1: sera porque que hoje ta assim?

Entrevistado: é porque hoje ta tudo misturado, sabe quem foi que tira moral e respeito? É televisão. Naquele tempo não tinha televisão, num tinha celular, num tinha radio, num tinha nada, num tinha futebol, num tinha essas coisas por isso que tinha respeito, olha tem muita gente o indio mesmo quando sai pra aprender alguma coisa só aprende coisa ruim lá na cidade, em vez de aprender alguma coisa, as mulher vem é com barriga cheia de filhote, e tem homem que vai lá aprender a fumar cocaina, droga tudo, chega faz coisa que não presta, e não obedece mais os mais velhos, não respeita mais ninguém.

Pesquisadora: isso é triste né?

Entrevistado: é triste, olha daqui dez anos ninguém fala mais na língua não, até agora até as cantorias dos povos indígenas eles não cantam, não sabe cantar não, só esse pessoal mais velho que canta, umas dez quinze pessoas canta o resto ninguém num canta.

Pesquisadora: e na escola não ensina a fazer a cantar não? Ou a escola ficou foi pior?

Entrevistado: eu acho que dentro do meu entendimento eu acho que os professores não interessa em dar aula na língua indígena, só quer dar aula em português e ai é onde tá as coisas que não prestam, em vez aprender duas linguas português e indígena pra ter duas leis respeitar mas não tá acontecendo isso. Eu tiro pela minha familia, eu tenho um meu neto que saiu foi pra Araguaína estudar quando voltou foi com barriga cheia, hoje tem um rapazinho desse tamanho lá do caixa prego que vem de lá, não sabe quem é o pai. Tem muitas mulher que sai e os homens sai pra deixar filhote pra trás. Então hoje é o seguinte, hoje não tem respeito por causa desse televisão, futebol, o pessoal mais jovem assiste aquelas novela e quer aprender negocio do filme, desse tamanho começa a jogar pezinho no outro pra chutar e quer dar murro na cara do outro.

## ANEXO A: ENTREVISTA COM O INDÍGENA KRIKATI HERCULANO BORGES MILHOMEM - CACRÝ (Cont.)

Pessoa1: então quer dizer que nesse caso ai pra o garoto ou a garota que vai pro seveiro não tem mais aquele mesmo sentido que tinha antes?

Entrevistado: tem não

Pessoa2: mas qual é o sentido que se dá, porque continuam fazendo o seveiro, agora já vai ter seveiro lá no São José, então como eles veem o seveiro nos dias de hoje?

Entrevistado: é o seguinte, hoje em dia não tem esse tal de limite de idade de comer não, assim que o filhote entra dentro do seveiro a boca da noite já levam um bandeja cheia de comer e taca de comer, diz que quer que coma e engorde pra crescer ligeiro, mas primeiro num tinha essa lei não, as pessoas que nós crescemos juntos que morreram esses foram atrás lá na minha casa que nós tava eu e meu irmão veio ainda duas vez pra buscar de comer pra comer que lá tão morrendo de fome, diz é porque vocês quando anda no terreiro quando os mais velho pedia vocês pra buscar um feixe de lenha vocês num vai, buscar um cabaço de agua vocês num vai, é por isso que eles tem raiva de vocês quando você vai pra esse seveiro você vai sofrer de fome, que um tá ajudando elas.

Pessoa2: a quantidade das comadres é de acordo com os favores que a pessoa lá de dentro fez, ai ela vai proteger ele, levar comida

Entrevistado: é, proteger

Pessoa2: olha daqui uns dias eu venho aqui conversar com o senhor só sobre seveiro, ai eu venho com meu esposo um dia de sábado trago um café pro senhor, um refrigerante ta certo?

Entrevistado: mas quando vocês quiser vem me avisa que é pra esperar vocês, eu ainda não sai pro serviço acompanhar lá os trabalhador porque vocês passaram aqui mas me avisaram to quieto.

Pesquisadora: eu venho outro dia que o Lourenço estiver aqui viu?

Entrevistado: isso

Pesquisadora: ai a gente fala sobre a ida dele pra Montes Altos

*Autografado  
20/05/2016*



ANEXO B: LIVRO 1 - REGISTRO PRIVADO DAS SANTAS MISSAS DE FREI ARISTIDES (1950 - 1959)

NOVEMBRO 19 51.					
DIA DO MÊS	LUGAR DA CELEBRAÇÃO	APLICAÇÃO DA MISSA			ANOTAÇÕES
		Numero Progressivo	Para o Convento	Livres	
+ 1	Riojoredo	70	"		
+ 2	"	71-72-73		same	et missa sup.
3	Melefnans C.	74	"		
+ 4	" Rod.	75-76	"		
5	" As. Tro.	77	"		
6	" Parr.	78	"		
7	Const.	79	"		
8	Melefnans C.	80	"		
9	"	81	"		
10	"	82	"		
+ 11	Const.	83	"		
12	Melefnans "	84	"		
13	monforte	85	"		
14	"	86	same et missa		Partausa Brasile
15	Conte Grande	87	"		
16	"	88	"		
17	"	89	"		
+ 18	"	90	"		
19	"	91	"		
20	"	92	"		
21	"	93	"		
22	"	94	"		
23	"	95	"		
24	"	96	"		
+ 25	"	97	"		
26	"	98	"		
27	Rio de Janeiro	99	"		
28	"	600	"		
29	"	1	"		
30	"	2	"		

ANEXO C: FICHA DE CADASTRO DE FREI ARISTIDES NO CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS

Ordem de Congregação \_\_\_\_\_ Nome Religioso do Sacerdote Frei Aristides Sede do Governo \_\_\_\_\_ Ano de Referência CR 22

CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS DADOS PESSOAIS DO SACERDOTE . CLERO RELIGIOSO

Departamento de Estatística Setor V

INSTRUÇÕES

O objetivo deste formulário é coletar dados pessoais do Sacerdote para fins de organização do Departamento de Estatística. As informações de caráter confidencial são reservadas somente ao CERUS e MO serão publicadas.

De preferência, preencher o questionário à máquina; ou em letra legível. Não deixar totalmente em branco quando não houver resposta, mas colocar um traço horizontal (-). Não sabendo responder determinado item, embora exista e informação pedida, colocar e sinal (...).

IDENTIFICAÇÃO

Nome do Sacerdote (por Extensão) Religioso: Frei Aristides Maria de Melegnano O.F.M. Cap.

Civil: Aristide Arioli

Data do nascimento: (dia-mês-ano): 21 de Maio de 1922

Lugar do nascimento: Localidade: Melegnano Estado: Italia Cor: branca

Se foi estrangeiro, data de chegada ao Brasil: 27 de Novembro de 1951 Zona urbana ou rural: urbana

Data: profissão temporária: 14 de Julho de 1943. Data da naturalização como brasileiro: \_\_\_\_\_

Ordenação: data: 25 de junho de 1950 Localidade: Milão Profissão peródo: 14 de julho de 1946

Tratado que o ordenou: Em. Alphrigo Hildephonsus S.R. E. Card. Schuster Município: Milão Estado: Italia País: Italia

Se pertenceu ao Clero Secular citar a Diocese de onde se ordenou: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ País: \_\_\_\_\_

em que passou para Clero Religioso: \_\_\_\_\_



ANEXO C: FICHA DE CADASTRO DE FREI ARISTIDES NO CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS (CONT.)

BRASIL				EXTERIOR			
ANO	UF	MOTIVO	TEMPO DE PERMANENCIA	ANO	PAIS	MOTIVO	TEMPO DE PERMANENCIA
1952	S. Paulo	estudo lingua Portug.	um ano	1961	Italia	ferias e public. livro	10 meses
1953-57	Prel. Grajau	cooperador, desobrigas	cinco anos	1965	Italia	publicação livro e saúde um ano	
1958	Paralba	pregando Missoes	4 meses cons				
1958	Crato. Ce.	retiros religiosos	2 semanas				
1959	Crato Ce.	retiro seminaristas	1 semana				
1959	Sarbalha Ce.	retiro P.P. Salvatorian.	1 semana				
1960	Campina Grande	retiro Irm. Maristas	1 semana				
1960	Guaramiranga	retiro novicos capuchin.	1 semana				
1960	Juazeiro do N.	Discer. Conv. e vigario	2 anos				
1961	Fortaleza Ce.	retiro Irmãs Capuchinhas	1 semana				
1962	Prelaz. Carolina	Encarr. Indios e vig. consult. da Prelazia.	cinco anos				
LIVROS, ESTUDOS OU OBRAS PUBLICADAS							
ASSUNTO				TEMPO	OBJETIVO	DATA	
"Danze Sacre nella steppa" (Tip. Lux de Cruce, Milão)				1952 - 1957	científico e vocacional	1961.	
1961: sobre os indios Canelas entre os quais trabalhava. Etinologia, coleções, língua, situação religiosa, mapa e documentação fotografica.							
"La foresta Chiama" ( Uomini Primitivi )				1962 - 1967	científico e vocacional	1966.	
Intergrafica S.R.L. - Colono. M. (Milão)							
Sobre os indios entre os quais trabalho desde 1962							
etinologia-vida-missionaria- medicina indígena.							
Movimento dos Missionarios Voluntarios- Soultares							
na Luz do Concilio Ecumenico. BSA							

ANEXO C: FICHA DE CADASTRO DE FREI ARISTIDES NO CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS (CONT.)

DATA	EXECUÇÃO	FINALIDADE	LOCALIDADE / PAÍS
8-12-1964.	Instituto de Missionarias voluntárias seculares" atualmente de âmbito diocesano, com estatuto próprio aprovado pelo Ordinário do lugar a 15 de agosto de 1965. - São Leônidas que vivem em comunidade com votos particulares. Contrato mínimo	Ajudar nas maneiras mais diferentes as estações missionárias pobres e atrasadas, não atingidas pelas Congregações religiosas, suprir a falta de sacerdotes em terra de missão.	Montes Altos (Maranhão) Centro da catequese dos índios da Prelazia de Carolina. Brasil
13-8-1966.	Movimento Missionários vol. seculares para ajudar Missões pobres na parte técnica	Sociedade pessoas organizadas para ajudar Missões pobres na parte técnica	Montes Altos (Maranhão) Prelazia de Carolina Brasil.
CARGOS EXERCITADOS PELO SACERDOTE:			
PERÍODO (datas)	CARGOS	LOCALIDADE - PAÍS	OCCORRÊNCIAS PRECISAS
1953 - 1959	Cooperador encarregado das desobediências, vigário conventual	Barra do Corda e Porto Franco Ma.	
1959 - 1961	Coop. Encarregado índios Prelazia de Carolina.	Juazeiro do Norte Ce.	
1962	vigário de Montes Altos, Centro da catequese dos índios da Prel. de Carolina.	Montes Altos Ma.	
De 1965	Consultor da Prelazia.	Montes Altos Ma.	
1967		Prelazia de Carolina Ma.	

OBSERVAÇÕES: (Registrar alguma informação complementar considerada interessante, ou outras ocorrências dignas de nota verificadas no preenchimento do questionário):

1- Opção para existência Ordenariado Nacional para os índios com pessoal (maximamente leigo), organização e meios próprios.

2- Ache urgente experiência "parcos leigos" a direita dependência de sacerdotes, a menos em terra de missão. Quanto a índios e vilas sem vigários e ecônimos...

DATA: \_\_\_\_\_

ASSINATURA DO SACERDOTE: *Frei Aristides de Melo*

O. F. M. C. A.

ANEXO D: DESOBRIGA DO FREI ARISTIDES NOS QUATRO SETORES DA PARÓQUIA DE SANTA CRUZ DA BARRA DO CORDA

PARROCCHIA DI BARRA DO CORDA 110 (2)

DISOBRIGA DELLA PARROCCHIA DI BARRA DO CORDA

LA DISOBRIGA SI DIVIDE IN QUATTRO SETTORI: A. V. P. 8 11 10 20  
M. A. - P. A.

Settori:	Luoghi	Leghe	Predicazioni
I <sup>a</sup> ) Sertão- 1 <sup>a</sup> /6 a 5/7.	N <sup>o</sup> 35.	N <sup>o</sup> 76. $\frac{127}{1062}$	N <sup>o</sup> 102.
II <sup>a</sup> ) Baixoões-25/7 a 20/8.	N <sup>o</sup> 19.	N <sup>o</sup> 41.	N <sup>o</sup> 38.
III <sup>a</sup> ) Japaõ- 5/9 a 4/10.	N <sup>o</sup> 31.	N <sup>o</sup> 50.	N <sup>o</sup> 62.
IV <sup>a</sup> ) Nearim- 25/10 a 7/12.	N <sup>o</sup> 25.	N <sup>o</sup> 60.	N <sup>o</sup> 50.

NOME DEI LUOGHI E TITOLARE DELLE CAPPELLE:

I<sup>a</sup>) Settore:

Olho d'Água do Crispiano- Brejinho- Olho d'Água do Alcides- Escondido S. José- Brejinho do José Angelo- Caitetu- Corrente- Brejo do Meio- Burity- Sussuarana- Leandro (cappella)- B. acaba- Aterer (cap. di S. Veronica Giuliani)- Pissaba- Genipapodos Resplandes- B. acury- Aldeia do Ponto- Galheiro- Rebeirão do Maltidio- Bacabal- Sitio dos Arrudas- Passagem de Pedra- Aguas Claras- Catingueiro- Aldeia dos Porquinhos- Burity Velho- Serrinha- Papagaio (cap. del Buon Gesù da Lapa)- Barreiro - S. Carlos- S. Esteao- Sujapé.

II<sup>a</sup>) Settore:

Fatima- Siridó- Cateté de Baixo- Aldeia de S. Pedro- Genipapo dos Vieiras- Aldeia da Canabrava- Cateté de Cima- Jacaré- Narú- Mamoi- S. Rosa- Lagoa Danta- Canafistula- Barro Branco- Centro dos Ramos.

III<sup>a</sup>) Settore:

Condurú - Cocalinho - F. ação - S. Bento - Ipiranga - Covo do Castro - Centro de Velho - Lagoinha (Cap. de S. Antonio -) S. Vitoria - (cap. Serraria - (capela) - Axixá - Angelim- Solta - S. Antonio- Bom Lugar - (capela di S. João Batista)- Lagoa de Tintino - Seta- Casuza (cap.) - Serra do Silvano (cap.) - Centro do Benedito (cap.) - S. José das Canas (cap. del Santo) - Tanque- Nova Vida (cap. di S. Francesco) - Centro do Roque- Anapurús de Baixo (cap.) - Anapurús de Cima (cap.) - Floresta- Carneiro- Cajaseira- Coco- Clemente- Lagoa do Honorato.

IV<sup>a</sup>) Settore:

Bôa Esperança (cap. S. Teresina)- Verdun- Palmeiral (cap.) - Bom Principio (cap.) - Atencil- Lagoa Danta (cap.) - Tres Lagoas (cap. S. João) - Lagoa Bonita (cap. S. Franc.) - Pé da Serra (cap. S. Michele) - Nova Alegria (cap. S. José) - Lago Achado (cap. del S. Cuore) - Agua Branca (cap. della Madonna del Perpetuo Soccorso) - Canabrava- Ius- Lagoinha- Centro do Meio (cap. S. Sebast.) - Lagoa do Côco (cap.) - S. Roberto (cap. di S. Ana) - Laranjal (cap. dell'Immacolata) - S. Raimondo- S. Cruz- Giquiry (cap. di Giuseppe) - Barro Vermelho- Canafistula- Centro dos Bispos.

FREI ARISTIDES DI MELEGNANO%

Altre pregazioni: 82. Alcuni luoghi più numerosi sono visitati più volte.

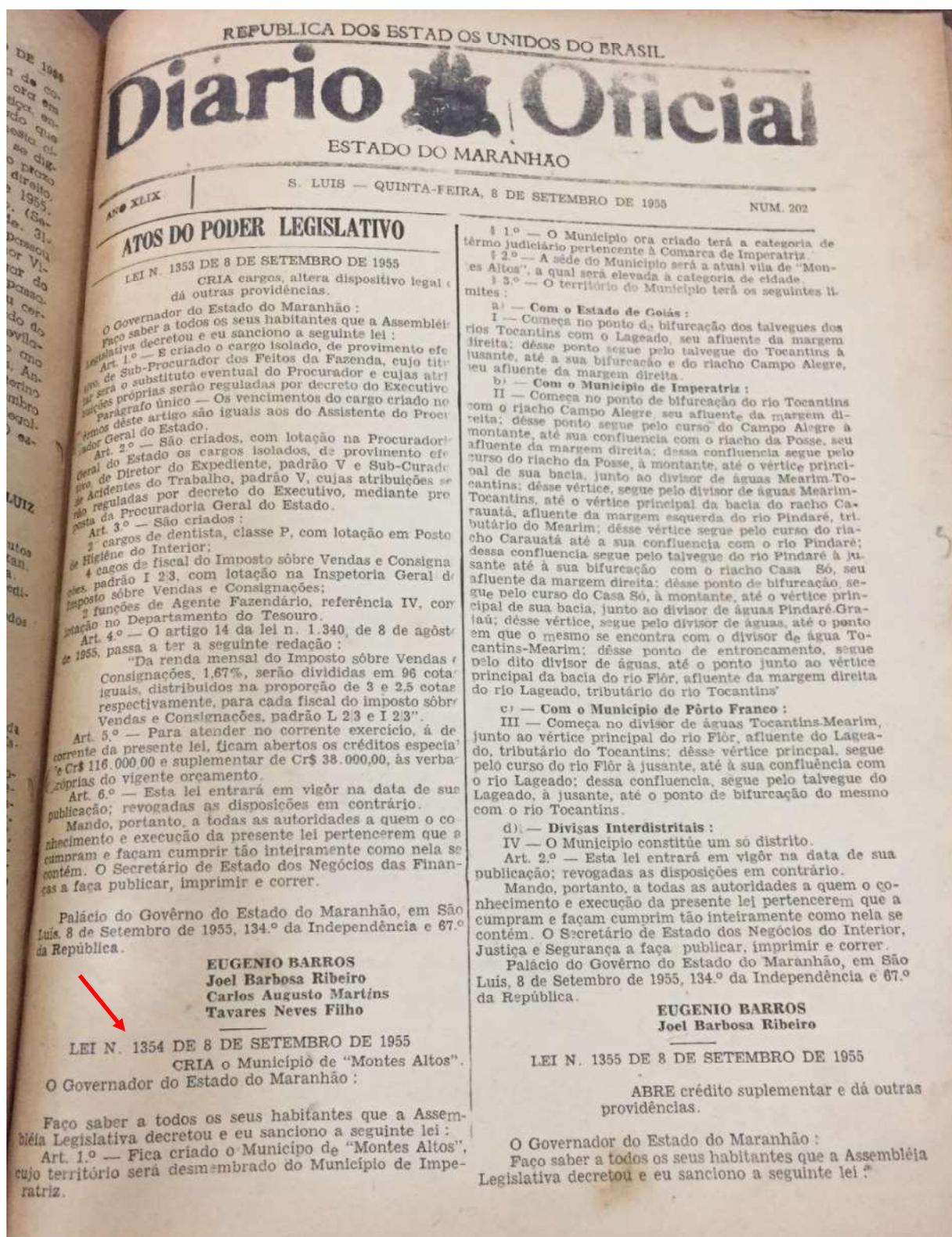
ANEXO E: LIVRO 2 - REGISTRO PRIVADO DAS SANTAS MISSAS DE FREI ARISTIDES (1960 - 1979)

MARTIUS 1961					
Dies mensis	Locus Celebrationis	APPLICATIO MISSÆ			ANNOTATIONES
		Num. progres.	Pro Cœnob.	ad Libitum	
1	Inareis	16			curato Luciano
2	"	17			
3	"	18			
4	"	19	20		
+ 5	"	20			
6	"	21			
7	"	22			curião + Luciano
8	Recife	23			
9	"	24			
10	João Pessoa	25			
11	Recife	26			
+ 12	"	27			evangelho
13	"	28			
14	"	29	30		
15	"	30			
16	"	31			
17	"	32			
18	Inareis	33			
+ 19	" " (2)	34 35			
20	"	36			
21	"	37			
22	"	38			
23	"	39	40		
24	"	40			
25	"	41			
+ 26	"	42			
27	"	43			
28	"	44			
29	"	45			
30	Com.				
31	Com.				

ANEXO F: LIVRO 2 - REGISTRO PRIVADO DAS SANTAS MISSAS DE FREI ARISTIDES (1960 - 1979)

APRILIS 19 61						MAJUS 19 61					
Dies mensis	Locus Celebrations	Num. progres.	Pro ad Cenob. Libitium	ANNOTATIONES		Dies mensis	Locus Celebrations	Num. progres.	Pro ad Cenob. Libitium	ANNOTATIONES	
1	Com. Juazeiro	46				1	Juazeiro	76	"		
2	"	47				2	"	77	"		aereo
3	"	48				3	Renfe	78	Sup.		
4	"	49	50			4	"	79	"		
5	"	50				5	"	80	"		
6	"	51				6	"	81	"		in barca - Itabira
7	"	52				7	"Santense"	82	ff. 110	Sup.	Juazeiro
8	"	53				8	"	83	"		
9	"	54				9	"	84	"		
10	"	55				10	"	85	"		
11	"	56				11	"	86	me		Oxendione
12	"	57				12	"	87	Alia	Sup.	Juazeiro
13	"	58				13	"	88	"		
14	"	59				14	"	89	"		caixa de Boston e
15	"	60				15	Fatima	90	me		Usaglia: Fatima
16	"	61				16	Lisbona	91	me		
17	"	62				17	Machuel	92	sup.		
18	"	63				18	"	93	"		
19	"	64				19	"	94	"		
20	"	65				20	— cari 1/6	95	me		caixa de medicina
21	"	66				21	Jourolas	96	me		
22	"	67				22	Gova	97	me		Amal.
23	"	68				23	Mi Lamo (Mandi)	98	Sup.		caixa de cast. 8.80
24	"	69				24	Melgumano (Gom)	99	Sup.		
25	"	70				25	"	100	Sup.		
26	"	71				26	"	1	Sup.		
27	"	72				27	"	2	Sup.		
28	"	73				28	"	3	Sup.		
29	"	74				29	"	4	Sup.		
30	"	75				30	"	5	Sup.		
31	"					31	Maf. Nuvaco	6	Sup.		

ANEXO G: CÓPIA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO MARANHÃO COM A LEI DE CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MONTES ALTOS – MA



**ANEXO H: CÓPIA DA ATA DE IMPLANTAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MONTES  
ALTOS – MA**



ESTADO DO MARANHÃO

## Prefeitura Municipal de Montes Altos

### COPIA DA ATA DA INSTAURAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MONTES ALTOS

ÀS VINTE E DOIS DIAS DO MÊS DE DEZEMBRO DO ANO DE MIL NOVECENTOS E CINCOENTA E CINCO, NO MU-  
 NÍCIO DA PREFEITURA MUNI CIPAL DESTA CIDADE, ÀS DEZ HORAS, CHEGOU PRESENTE SE ACHAVA O PROMOTOR  
 PÚBLICO DA COMARCA DE IMPERATRIZ LEVINDO DE SOUZA MILHOMEM, COMO ESCRIVÃ DE CASAMENTO DESTA  
 MUNICÍPIO, DESIGNADA PELO MESMO PROMOTOR PARA LAVRAR ESTA ATA E SALENTE ASSISTÊNCIA, PROCEDEU  
 SE A INSTAURAÇÃO DO MUNICÍPIO FEITA PELO MESMO PROMOTOR AUTORIZADO PELO SENHOR SECRETÁRIO IN-  
 TERIOR JUSTIÇA E SEGURANÇA DO ESTADO DOUTOR JOEL BARBOSA RIBEIRO EM NOME DO EXCELENTÍSSIMO S-  
 NHOR GOVERNADOR DO ESTADO CORONEL EUGÊNIO BARROS, O MESMO MUNICÍPIO CRIADO PELA LEI NÚMERO NT  
 CENTO E CINCOENTA E QUATRO, PELO PROMOTOR FOI DADA A PALAVRA A QUEM DELA QUIZESSE FAZER I-  
 DE, TERMO OCUPADO A TRINTA O CIDADÃO EUCLIDES NEIVA QUE PRODUZIU UM SUBSTANCIOSO DISCURSO  
 NO QUAL EXPRESSOU AOS NOVO MUNICÍPIOS A FINALIDADE DA CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO, CONCITANDO-OS  
 CONJUNTAMENTE OS ESFORÇOS A FIM DE QUE O MESMO PROSPERE E SEJA UM DOS MELHORES DO SERENISSIMO MARANH-  
 O, E COMO NADA MAIS HOUVESSE A TRATAR MANDOU O MESMO PROMOTOR QUE SE LAVRASSE ESTA ATA QUE  
 VAI ASSINADA PELO MESMO, COMO ESCRIVÃ, EM TEMPO, COMPARECENDO AO LOCAL O CIDADÃO PEDRO VIAN-  
 NA DE CARVALHO, QUE SAIBU O TÍTULO DE SUA NOMBAÇÃO PARA CARGO DE PREPITO, EM CARÁTER PROVL-  
 SÓRIO, FOI PELO MESMO PROMOTOR COMPROMISSADO E EMPOSSADO NAS FUNÇÕES DO DITO CARGO, EM QUINTE-  
 LA DE MORAIS GOMES ESCRIVÃ DESTES MUNICÍPIOS, LAVREI ESTA ATA SEI QUE ASSINA O PROMOTOR COMO O  
 CRIADO PELO MESMO PARA ESTE MISTER MANDOU O MESMO PROMOTOR QUE SE EXTRAISSE CÓPIA AUTENTICA  
 PARA SER REMETIDA AO SENHOR DOUTOR SECRETÁRIO DO INTERIOR E JUSTIÇA.

LEVINDO DE SOUZA MILHOMEM  
 ODINEIA DE MORAIS GOMES  
 PEDRO VIANA DE CARVALHO  
 EUCLIDES CAPEDEIRO NEIVA  
 CRISTIANO GOMES  
 RAIMUNDO RODRIGUES  
 CLODOVIO ROCHA BRITO  
 JOSÉ GOMES BARBOSA  
 BENEDITO FERREIRA DE ALBUQUERQUE  
 JERÔ FERNANDES DOS SANTOS  
 JOSÉ FELIPE ALVES  
 VILASCIOS GOMES DE SOUZA  
 JOÃO DIAS DE MORAES  
 RAIZIO GOMES DA SILVA  
 VITÓRINO DA ROCHA BARROS  
 RAIMUNDO BARROS MARINHO  
 FRI ANGELO M. DE MILHO CAPEDEIRO

MARCEL GOMES DE OLIVEIRA  
 RAIMUNDO LOPES DA SILVA

## ANEXO I: TEXTO DA LEI QUE RESTABELEU O MUNICÍPIO DE MONTES ALTOS – MA

### Lei nº 1.607 de 14 de Junho de 1958. Cria o Município de MONTES ALTOS

O Governador do Estado do Maranhão

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

**Art. 1º** - É criado o Município de Montes Altos, essa área será desmembrada do município de Imperatriz.

§1º - O Município ora criado terá a categoria de termo judiciário pertencente a comarca de Imperatriz.

§2º - A sede do município será atual Vila de Montes Altos, a qual será elevada a categoria de cidade.

§3º - O território do município terá os seguintes limites:

a) – Com o ESTADO DE GOIÁS:

I - Começa na confluência do Rio Tocantins, com seu afluente da margem direita, rio Lageado; dessa confluência segue pelo talvegue do rio Tocantins, à jusante, até a confluência do mesmo com seu afluente da margem direita - rio Campo Alegre.

b) – Com o Município de IMPERATRIZ:

II - Começa na confluência do rio Tocantins com seu afluente da margem direita – rio Campo Alegre; dessa confluência, segue pelo talvegue do Campo Alegre, à montante, até a confluência do mesmo com seu afluente da margem direita, Riacho da Posse, também conhecido por Ponte; dessa confluência, segue pelo talvegue do Riacho Posse, à montante, até o vértice principal da sua bacia; desse vértice, segue com alinhamento reto ao vértice principal do Riacho Coroatá, também conhecido por Carauá afluente da margem esquerda do Pindaré; desse vértice segue pelo curso do Coroatá, à jusante até a sua confluência com o rio Pindaré.

c) – Com o Município de AMARANTE DO MARANHÃO:

III - Começa na confluência do Riacho Coroatá com o rio Pindaré, dessa confluência segue pelo talvegue do rio Pindaré, à montante até o principal vértice de sua bacia, junto ao divisor de águas Tocantins-Mearim desse vértice, junto ao referido divisor, segue por este até o vértice principal da bacia do Riacho Batalha, afluente da margem esquerda do Rio Santa Ana, Tributário da margem esquerda do rio Grajaú.

d) – Com o Município de Grajaú:

IV - Começa no vértice principal da bacia do Riacho Batalha, afluente da margem esquerda do rio Santa Ana, tributário da margem esquerda do rio Grajaú, junto ao divisor de águas Tocantins-Mearim; desse ponto segue pelo referido divisor de águas, até o vértice do rio Flôr, afluente da margem direita do rio Lageado, tributário da margem direita do rio Tocantins.

e) – Com o Município de Porto Franco:

V - Começa no divisor de águas Tocantins-Mearim, junto ao vértice principal do rio Flôr afluente da margem direita do rio Lageado, tributário da margem direita do rio Tocantins; desse vértice segue pelo curso do rio Flôr, à jusante, até a sua confluência com o referido Lageado, dessa confluência segue pelo talvegue do Lageado, à jusante, até a sua confluência com o rio Tocantins.

**DIVISAS INTERDISTRITAIS**

VI – O Município é constituído de um só distrito.

**Art.2º** - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação; revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da presente Lei pertencerem que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O Secretário do Interior, Justiça e Segurança a faça publicar, imprimir e correr.

Palácio do Governo do Estado Do Maranhão, em São Luís, 14 de Junho de 1958, 137º da Independência e .....º da República

JOSÉ DE MATOS CARVALHO

José Ramalho Burnett da Silva

*Este texto não substitui o original publicado em imprensa oficial.*

**ANEXO J: PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS (1958-1966)**

ERECÇÃO DA PARÓQUIA DE MONTES ALTOS em 6/1/57

Por instância do Sr. Prefeito: Euclides Neiva, e demais oute-  
 ras pessoas, Sr. Excmo. Dom Emílio, criou a nova Paróquia  
 de Montes Altos com o seguinte decreto que está guardado  
 no arquivio paroquial e do qual dou fiel copia:

"Provisão da Paróquia:

"Dom Frei Amílcar José Bonati S.J. M. Cap. por mereci de"  
 "Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo Auxiliar de Epifânio"  
 "e Prelado Ordinário da Prelazia "Nullius in S. José de"  
 "Grajau - Aos que esta nossa provisão virem "laudação"  
 "e bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo."

Fazemos saber que atendendo às necessidades materiais  
 e espirituais da nossa Prelazia, e a salvação das almas  
 a nós confiadas, resolvemos por bem criar e instituir,  
 como pela presente nossa Provisão criamos e insti-  
 tuímos canonicamente na forma do direito canônico,  
 Paróquia a cidade de Montes Altos com o terri-  
 torio todo que hoje constitui o Município de Montes  
 Altos, tendo por limites os mesmos quando da  
 sua criação; declaramos outrossim que fica desmem-  
 brada da Paróquia de Santa Cruz de Imperatriz e tem  
 por Orago a denominação: Santa Ana de Montes  
 Altos - Esta nossa Provisão entrará em vigor no dia  
 Seis de janeiro de 1957 e será publicada em um  
 Domingo o dia Santo a estação da Missa Paroquial  
 para que cheque a notificação de todos sendo antes  
 registrada em nossa Câmara Cade e passada nesta  
 cidade de Grajaú sob Nosso Sinal e Selo de Nossa  
 Armas ao primeiro de janeiro de 1957.

Segue a assinatura e carimbo.

PRIMEIRO VIGARIO NOMEN-  
 MEADO em 7/1/57

O primeiro vigário nomeado foi Frei Epifânio de Bacha, então  
 vigário de Imperatriz, ao qual foi dado como coopera-  
 dor o mesmo de Imperatriz na pessoa do Páro Frei Norberto  
 de Gorkago - Frei Epifânio chegou no dia 5 de janeiro

# ANEXO K: JORNAL: MONTES ALTOS EM EVIDÊNCIA. FOTO DA CASA PAROQUIAL DE MONTES ALTOS – 1962

1956

A. V. F. B. V. 492  
M. A. P. A.

## MONTES ALTOS EM EVIDENCIA

### Uma base para a economia do Estado

Reportagem de ANTONIO PEREIRA DA SILVA

Muito embora contando com apenas dois anos de existência, o município de Montes Altos se constituiu em mais uma base para a economia do Estado.

#### HISTÓRICO DO MUNICÍPIO

Criado pela lei 1.345, de 8 de Setembro de 1955, só foi instalado no dia 22 de dezembro, sendo eleições para escolha dos Prefeito e vereadores realizadas em 10 de junho de 1956. Desde essa data, então, Montes Altos passou a integrar o regime democrático, tendo, como seu primeiro titular na Prefeitura, o nosso confrade

Euclides Neiva, homem público de reconhecida capacidade, que vem, desde o dia 14 de julho de 1956, realizando, ali, uma administração digna de encômios.

Município rico em produtos naturais, como o babaçu e a madeira de lei, cultivada, em abundância, arrôz, milho, feijão e mandioca, e possui, ainda, um grande rebanho de bo-

vinos, suínos e muars, estimado, aproximadamente, em ... 50.000 cabeças.

Com uma população que já ultrapassa a casa dos 12.000 habitantes, o município de Montes Altos tem sua sede localizada em um planalto muito elevado, desfrutando de um clima ameno e saudável.

#### EMPRÉSTIMO DE REPRODUTORES

Contando, embora, com poucos recursos, o sr. Euclides Neiva, à frente da Prefeitura de Montes Altos, tem empregado todos seus esforços no sentido de fomentar o progresso da região. Assim é que, em pouco mais de um ano, já conseguiu, para o seu município, 22 reprodutores, sendo 17 de raça "Nelori" para um posto de monta provisório do Departamento de Fomento Animal, graças à boa vontade e compreensão do dr. Francisco de Oliveira; 4 touros holandeses e 1 reprodutor de sangue inglês, estes últimos adquiridos pela municipalidade. Para melhor aproveitamento, esses reprodutores estão sendo emprestados, sem quaisquer ônus, aos criadores locais.

Pretende, além do mais, o prefeito Euclides Neiva, realizar em Montes Altos uma Exposição Agro-pecuária, para o que conta com uma dotação de Cr\$ 400.000,00, que deverá ser recebida ainda este ano.

#### RODOVIAS & CONSTRUÇÕES

Menor não tem sido o trabalho do prefeito Euclides Neiva no que se refere às construções. E como "as rodovias são o caminho do progresso", já foram convenientemente reparados os 72 kms. da estrada que liga Montes Altos a Imperatriz e Grajaú, ao mesmo tempo que construída uma via de penetração na zona da mata, numa extensão de 30 kms., e ainda reparada a estrada que vai à cidade de Amarante. Nesses trabalhos, ressaltam-se, estão incluídas construções de alguns "mata-burros" e reparos em diversas pontes. De igual modo, já se encontra em vias de conclusão uma grande ponte de madeira sobre o riacho "Campo Alegre", que se constituiu início de uma futura estrada ligando Montes Altos à cidade de Porto Franco.

Também já foi quase todo adquirido o material para cons-

trução de uma Escola Rural, no lugar "Transwal", e do Mercado Público, sendo que deste último as obras estão em início, com um contrato devidamente firmado. Visando, ainda, assegurar a tranquilidade pública, o prefeito de Montes Altos já construiu o prédio da Delegacia e da Cadeia: um edifício sólido, higiênico e com todos os requisitos indispensáveis à sua finalidade, que será entregue ao governo do Estado.

Em virtude da exiguidade de tempo e mesmo de recursos materiais, só no próximo ano será iniciada a construção do prédio-sede da Prefeitura Municipal, que funciona, provisoriamente, na residência do sr. Euclides Neiva, sem nenhum ônus para os cofres municipais. A Casa Paroquial, no entanto, de esplêndida construção de iniciativa do prefeito, teve por parte da Prefeitura a mais eficiente cooperação, e já foi entregue à Prelazia de Grajaú, que, como reconhecimento, criou a Paróquia de Montes Altos, destacando dois abnegados capuchinhos que ali ficarão permanentemente e manterão uma escola para menores abandonados.

#### EDUCAÇÃO E CULTURA

No setor da educação também se tem feito sentir a eficiente atuação do prefeito Euclides Neiva, que criou 12 escolas em todo o município, prestando, assim, relevante serviço à infância de Montes Altos.

Funciona, ainda, no distante rincão maranhense, uma associação cultural, que mantém uma biblioteca e dispõe, outrossim, de uma dotação de Cr\$ 400.000,00, para início da construção de sua sede própria, o que, em parte, se deve aos esforços do chefe daquela Comuna.

#### LUZ ELÉTRICA E AÇUDE

A fim de dotar o município de Montes Altos de luz elétrica, e como medida preliminar, o prefeito Euclides Neiva mandou proceder ao levantamento topográfico da cidade. De igual

modo, foi feito o levantamento do terreno para construção de um açude público, obra que será construída sob a direção do engenheiro Agnelo Araújo e para a qual dispõe o município de uma dotação de Cr\$ ... 500.000,00, fornecida pela SPVEA (o processo de recebimento se encontra em fase final).

#### UM CAMINHÃO

Conta, outrossim, a Prefeitura de Montes Altos, com um caminhão, que lhe foi doado pelo DNER, e que presta não pequenos serviços à municipalidade.

#### RECURSOS MATERIAIS

Dissimos da atuação do prefeito Euclides Neiva em pouco mais de um ano de administração à frente da Comuna de Montes Altos. Se mais ainda não fez o esforçado homem público foi devido à exiguidade de tempo e, sobretudo, de recursos materiais, como pode ser verificado, a seguir.

A arrecadação de Montes Altos, no exercício passado, não foi além de Cr\$ 63.000,00, e para ocorrer a todas as despesas de sua municipalidade, inclusive as construções acima mencionadas e pagamento do funcionalismo, que se encontra com seus vencimentos em dia, contou apenas, o prefeito, com Cr\$ 32.000,00 da verba do Fundo Rodoviário Nacional e Cr\$ 623.000,00 da cota federal, relativa ao exercício de 1.956. Em síntese, verifica-se que o município de Montes Altos dispôs, no seu primeiro ano de existência, com Cr\$ ... 727.000,00, que foram todos aplicados em favor do progresso da terra e da felicidade e bem-estar de seus habitantes.

Ainda neste exercício, deverá o prefeito Euclides Neiva dar início à aplicação de Cr\$ 802.000,00 da cota federal destinada à sua comuna, e referente ao ano de 1.957.

#### SITUAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

Administrativamente, o município de Montes Altos não poderia oferecer melhor situação, uma vez que se encontra em plena fase de desenvolvimento, politicamente, é uma terra tranquila e pacífica, onde não prevalecem os interesses imediatistas.

M. FERES & CIA. LTDA. tem à sua disposição 183 tipos de Vinhos Finos, das mais variadas qualidades, dos maiores produtores nacionais, e que vendem aqui, por preço inferior ao do local de origem. Venha observar a nossa vitrine, e escolha o Vinho que desejar, e ainda mais, receba um brinde.

Não esqueça que é uma oferta especial de M. FERES CIA. & LTDA., unicamente para este mês.



Residência do Prefeito Euclides Neiva, onde funciona provisoriamente a Prefeitura Municipal, sem qualquer ônus para os cofres Municipais.



Casa Paroquial, construída pelo Prefeito Euclides Neiva, com recursos mobilizados por contribuições populares e cooperação da Prefeitura.



Delegacia de Polícia e Cadeia Pública, sólida construção feita às expensas da Prefeitura Municipal a ser apresentada ao Governo do Estado.

**ANEXO L: PANFLETO: 'DIA MISSIONÁRIO' COM FREI ARISTIDES E  
INDÍGENAS KRIKATI, EM JUAZEIRO DO NORTE, CEARÁ**

ARQUIVO-VICE PROVINCIA CAPUCHINHA DO MARANHÃO			
EST.	FLA.	Nº	DOC.
B	IV	40	2a

**DIA MISSIONARIO**  
**18 NOVEMBRO DE 1962**

## **PROGRAMA**

As 8 horas : No Santuario, Santa Missa, celebrada por um Missionario Capuchinho que trabalha entre os Indios.

As 20 horas : No Salão de Honra da Escola São Francisco, Conferencia sobre os "Indios da Prelazia de Carolina - Maranhão".

NOTA : A Santa Missa será ajudada por um Indio e a Conferencia animada com alguns pequenos numeros caracteristicos.

**Apelo a todos indistintamente:**

*Ajude Vossa Senhoria tambem a civilizar e a cristianizar  
os nossos pobres irmãos ainda selvagens e pagãos:  
Os Indios do vizinho Estado do Maranhão.*

---

- Ajudar os Indios é obra excelentemente social ;  
É fazer que um Povo extremamente subdesenvolvido  
possa participar dos beneficios da civilização.
- Ajudar os Indios é obra excecção de Caridade Cristã ;  
Tambem eles tem alma; tambem eles são filhos de Deus.
- Ajudar os Indios é ajudar pagãos a se tornarem Cristãos.
- Ajudar os Indios é ter gratidão para o todo que eles  
nos herdaram : O imenso e estremo Brasil.

**Agradecem abençoando**

*Os Padres Capuchinhos de Juazeiro do Norte  
e Frei Aristides de Melegnano  
Encarregado da "Missão Indígena  
da Prelazia de Carolina  
Montes Altos, Maranhão".*

## **ANEXO M: ENTREVISTA COM JAIRO SEBASTIÃO SOEIRO CASANOVA (JAIRO CASANOVA)**

### **SOBRE O ENTREVISTADO**

#### **Quem é você?**

Jairo Sebastião Soeiro Casanova, médico, formado em 1973 pela Universidade Federal do Pará-UFPA, Especialista Em Clínica Médica, 72 anos, nascido na cidade de Belém do Pará.

#### **Qual a sua formação?**

Médico, formado em 1973 pela Universidade Federal do Pará- UFPA, Especialista Em Clínica Médica, atualmente exerce o cargo de médico de família, no serviço de atendimento domiciliar –SAD, pela prefeitura Municipal de Imperatriz e no programa de saúde em casa do Ministério da saúde há 10 anos.

#### **Quais os hospitais que você já trabalhou?**

No início de minha carreira que começou em Montes altos no hospital Alivio do Sofrimento do frei Aristides, durante três anos, depois vim para Imperatriz no ano 1978, onde exerci clínica médica hospital Santa Tereza, depois me dedicando ao INSS como médico perito e auditor por 25 anos, logo a seguir passei a trabalhar exclusivamente com saúde comunitário. Desde já autorizo que cite meu nome em sua tese.

### **SOBRE O PESQUISADO**

#### **1-Como você conheceu frei Aristides?**

Em 1974, estava eu trabalhando em Açailândia com meu colega de faculdade Clidenor Simões em hospital de sua propriedade, quando Dr. Augusto Quiroga, médico cirurgião que trabalhava em Imperatriz, apareceu no referido hospital e conversando com minha pessoa, questionou-me na possibilidade de trabalhar em Montes Altos onde fora construído um belo e avançado hospital.eu não acreditei muito no avançado e lhes disse que gostaria de conhecer primeiro a cidade, conhecer o hospital e conversar com seus donos.

No mesmo dia fomos até a tal cidade, que lá chegando, foi a minha surpresa ao adentrar no recinto hospitalar e me deparar com aparelhos que não poderia imaginar existir em uma localidade tão simples e pacata como era Montes Altos.

Conversamos eu e frei Aristides que era o vigário da paróquia e após alguns minutos de conversa não me restava outra saída a não ser aceitar o convite, tal foi a acolhida com que fui recebido pelo frei.

De imediato voltamos para Açailândia e fui até Belém buscar minha esposa dona Ângela Casanova. Ao chegar com minha esposa vimos de imediata quão hospitaleira era a cidade e seus moradores. Ficamos morando no hospital, pois este tinha aposentos específicos para o médico residir no mesmo. Minha esposa também foi agraciada com um belo emprego de professora no colégio Bandeirante. Dona Ângela sempre me impressionou desde a primeira vez que a vi, tanto pela beleza e mais ainda pela sua capacidade de resiliência, pois a mesma sempre se mostrava disposta e ao mesmo tempo me trazia felicidade, pela sua desenvoltura e liderança que a mesma exercia em todas as tarefas a qual era chamada a desempenhar.

#### **Você trabalhou no hospital de Montes Altos? Como surgiu o convite?**

Sim. (Essa respostas inclui as outras três abaixo desta) Durante três anos dediquei-me exclusivamente ao atendimento no hospital de Montes Altos, convidado por frei Aristides, dividindo com ele, toda a administração do mesmo e sua hospitalidade.

#### **Havia uma atenção específica para o atendimento dos indígenas no hospital, com orientação de Frei Aristides? Se sim quais as orientações recomendadas.**

Sim, frei Aristides quando ainda na Itália, foi chamado para ajudar a desvendar um problema de muita gravidade, o filho do dono do laboratório Carlos Erba que era italiano, fora sequestrado e o processo para sua liberação não estava indo bem. O frei era um homem carismático e iluminado além de muito inteligente, foi chamado para ajudar em tal tarefa.

Para sorte do povo Monte Altense, o frei se saiu muito bem na empreitada e consegui dialogar com os sequestradores, sendo assim possível à soltura do rapaz filho do grande empresário italiano. Como recompensa, o tal empresário muito agradecido, disse para o mesmo qual era o preço de tal serviço. Frei disse ao mesmo que gostaria de vir para uma cidade do Maranhão e nessa localidade desenvolver o seu trabalho de catequese. De imediato foi-lhe dito pelo tal empresário, que dali em diante, tudo que o mesmo necessitasse seria atendido. E aí o frei disse que gostaria de fazer um hospital para atender as comunidades carentes e os indígenas dessa região do Maranhão. E assim foi feito.

Boa parte do dinheiro veio da doação feita pela esposa do empresário Angela Boseli, pela gratidão ao gesto do padre na situação vivida pela família italiana, para construção do hospital que foi doado a igreja, que manteve sobre os olhares de frei Aristides por 30 anos.

Os indígenas e as comunidades de toda região do entorno de Montes Altos, ficaram tão emocionados e felizes que fizeram uma festa em homenagem ao Frei que com esse ato, mostrava que Montes Altos não estava ganhando um frei. Estava ganhando era um pai protetor, um santo, que só nos faz lembrar de Madre Tereza de Calcutá.

Construído na década de 1970 por frei Aristides, o prédio do hospital era com boas instalações comportava 100 leitos num amplo terreno que domina a posição estratégica no município a “Casa Pontificia Alívio do Sofrimento Dr. Pierro Saronio” sempre

**Em suas conversas informais com frei Aristides, havia por parte dele uma preocupação com o lazer dos jovens de Montes Altos? Se sim, qual tipo de lazer frei Aristides priorizava?**

Sim, o frei e sua paróquia se tornaram um ponto de referência para toda a prelazia da região que tinha sua sede em Carolina. Se tornando com os feitos do frei Aristides, um chamaris religioso dos mais importantes, rivalizando inclusive com Grajaú que tinha em seu padre (frei Alberto) que era médico, padre e grande pesquisador.

Nessa época, frei Alberto fazia cirurgias utilizando o éter como anestésico e pesquisas utilizando a placenta. O frei tinha tanta preocupação com os jovens, que mandava buscar freiras italianas, para trabalhar com os jovens e ajudar a comunidade a resolver problemas sociais característicos de cidades pobres do Maranhão.

**Frei Aristides estabelecia uma relação entre lazer e catequese?**

Sim, sempre preocupado com a formação social e religiosa dos jovens, promovendo momentos de lazer a comunidade frei Aristides foi um grande formador na personalidade da juventude Monte altense.

**frei Aristides se envolvia nas campanhas eleitorais? Como?**

Não, nunca tive conhecimento de seu envolvimento na política Monte Altense.

**Como frei Aristides se relacionava com os fazendeiros do Município?**

Com relação aos fazendeiros, frei Aristides fazia de 3 em 3 meses uma visita as comunidades e aos fazendeiros, levando sua comitiva pronta para eventos, levando a palavra de Deus em suas missas e reuniões. Essas visitas se chamavam **DESOBRIGA**.

**Qual a preocupação de frei Aristides em relação a educação do Município?**

Como um ser humano muito participativo na construção de cidadania do jovem montesaltense frei Aristides estava sempre a frente para apoiar e buscar com o apoio das irmãs Francisca, Ernestina e Rita o melhor para educação no Município de Montes Altos.

**Você Poderia me informar como as pessoas participar das ações pastorais na paróquia de Santa Ana de Montes Altos?**

Frei Aristides fazia excelentes ações pastorais em todas as comunidades Montes Altenses que provocaram mudanças significativas na cidade, para marcar a presença dos padres capuchinos no Maranhão, com uma infraestrutura religiosa com acontecimento religiosos sempre comemorados no santuário da bela igreja local por ele construída.

**ANEXO N: CARTA DE QUINTINO FERREIRA DE CARVALHO NETO AO MISSIONÁRIO STANLEY PRIES (ESTEVÃO)**

Grajaú, 20 de janeiro de 1970

Ilmo. Sr. Stan Pries (Estevão)  
 M.D. Missionário da Aldeia S. José  
 Mun. de Montes Altos Ma:

*Quintino Ferreira de Carvalho Neto*  
Agrimensor

PREZADO SENHOR:  
 Paz e Bem.

Inicialmente esclareço para os fins devidos, que, realmente não ficou firmado acôrdo por escrito entre partes: Os condôminos da fazenda "Fortes", o Capitão Francisco e demais interessados. Entretanto, / lembro a V.S. que ficou mais ou menos firmado verbalmente, entre Agri-  
 mensur, o Missionário Estevão, o Capitão Francisco e alguns dos condômi-  
 nos presentes, para ser separada uma área superficial de 1.000,00,00  
 (Um mil hectáres de terras), sendo 30% de terrenos próprios para a la-  
 voura, tudo isto gratuitamente, quer a FUNAI, aprsente documento ou não,  
 ficando ainda os índios com direito a caça e pesca em toda a data, is-  
 to é, em toda sua extensão.

Lembro ainda, prometí a V.S. e ao Capitão Francisco de passar aí na  
 Aldeia até o dia 30 do corrente, quando tudo deixariamos firmado por  
 documento.

Lembro outrossim: Não sei se V.S. e o Capitão Francisco entende-  
 ram bem, mas antes de me despedir, disse que diante do acôrdo ventilado,  
 iria dar início aos trabalhos divisórios, partindo dos limites com os  
 municípios de Amarante e Sítio Novo, devês que temos uma extensão de /  
 20 a 25 quilômetros, medindo de um extremo ao outro da data, onde justa-  
 mente vem confrontar-se com as imediações da Aldeia S. José.

Pelo exposto acima, peço a V.S. e ao Capitão Francisco aguarda-  
 rem minha presença nos primeiros dias de fevereiro, pois viajarei ho-  
 je a S. Luís onde medemorarei cerca de 10 dias, logo após minha chegada  
 irei até lá, quando com a ajuda de Deus, tudo será resolvido da melhor  
 maneira possível. Peço também não deixar os índios preterir os serviços  
 que ora se iniciam, pois isto me causará sérios prejuízos.

Cordialmente Agradece,  
*Quintino Ferreira de Carvalho Neto*  
 (Quintino Ferreira de Carvalho Neto)  
 "Agrimensor"

Entregue 7-2-70  
 em São José

Fonte: Arquivo particular do missionário Stanley Pries

## ANEXO O: CARTA DO INDÍGENA CAPITÃO FRANCISCO PARA O MINISTRO DO INTERIOR

Sr. Ministro do Interior  
 Departamento do Interior  
 Brasília, D. F.

Sr. Ministro do Interior

O fim desta é de lhe notificar de uma crise em que apresenta-  
 mente nos achamos por causa de uma questão de demarcação de terra.

Eu, Capitão Francisco, chefe da nação Krikati, localizada  
 no município de Montes Altos, Estado de Maranhão, apesar de eu ter //  
 deixado a minha esposa em estado de gravidez perigosa, e parto de dar  
 à luz, faço esta viagem agora para que Vossa Excelência tome conheci-  
 mento da situação e para que tome as providências necessárias.

Sabendo do desejo da FUNAI de que esta demarcação não seja //  
 feita sem que a FUNAI esteja aqui representada, tenho dado o meu con-  
 selho aos que ora estão demarcando a terra próxima à aldeia, (a qual  
 é o nome habitat primário), de que, devem esperar a representação da  
 FUNAI.

Eu quero que seja feita uma demarcação justa e com que todos  
 fiquem satisfeitos. Mas a área que é para ser demarcada para nós é //  
 pequena demais, e não posso estar de acordo com isso. O agricultor //  
 Quintino Ferreira de Carvalho Netto, de Grajaú, Maranhão, se apressa  
 por fazer a demarcação da dita área, na dita de terras "Portes", nos  
 municípios de São João, Acauete, e Montes Altos. Na dita terra há  
 27.000,00 hectares e 126 condôminos civilizados. A sugestão do agri-  
 cultor é que seja separada uma área de 1.000,00 hectares para nós, de //  
 qual trinta por cento seria terra própria para lavoura.

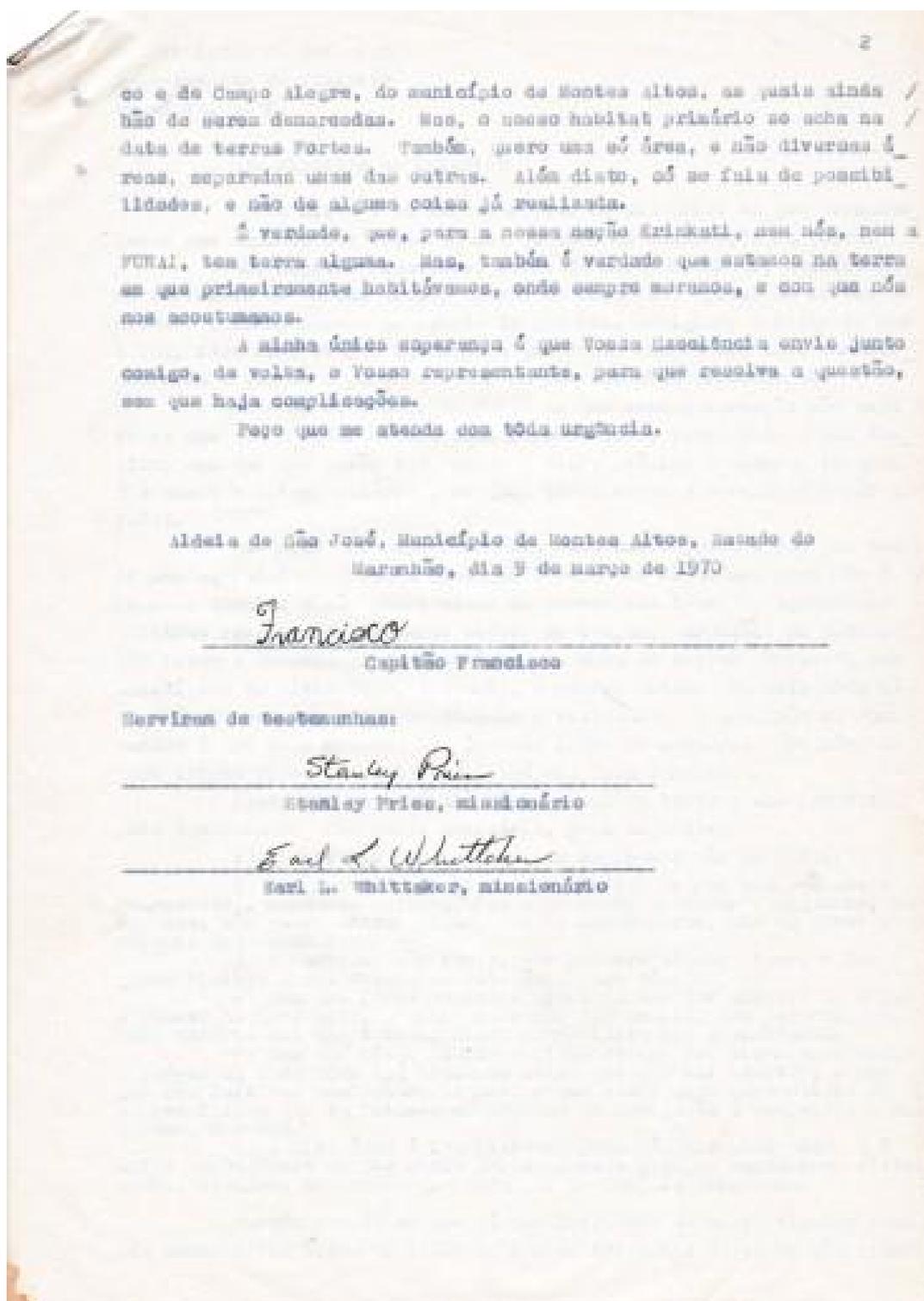
Junto aos este há uma cópia de um contrato a mim proposto  
 pelo agricultor. Não posso aceitá-lo, pelo seguinte:

- 1) O contrato foi lavrado sem representação da FUNAI;
- 2) foi lavrado nos termos seguintes: "e por estarem assim //  
 concordados, mandamos autografar o presente contrato", enquanto, na  
 verdade, não houve acordo algum, nem de minha parte, nem da parte do //  
 maioria dos condôminos;
- 3) o contrato não trata, por palavra alguma, onde, e com //  
 quais limites seria demarcada esta área para nós;
- 4) nem que fosse aceite o plano de nos dar licença de caçar  
 e pescar na dita terra, o qual plano não foi aceite, nem por mim, nem  
 pela maioria dos condôminos, ainda assim feita a assinatura;
- 5) nem que fosse aceite o plano de nos dar licença de caçar  
 e pescar na dita terra (já dissemos acima que não foi aceite), e nem  
 que não fizessem assinatura alguma, mesmo assim paga a quantia e //  
 nomes filhos que os futuros condôminos se obrigaram a cumprir e nos  
 comprometer;
- 6) a dita área é insuficiente para nós vivermos dela, e é //  
 muito menor terra do que seria proporcionada para os condôminos civili-  
 zados, tratando de pessoas que cada pai de família necessita.

Também nos dizem que há possibilidade de serem tiradas para  
 nós semelhantes áreas de 1.000,00 ha. de terra das datas de São Francisco

Fonte: Arquivo particular do missionário Stanley Pries.

**ANEXO O: CARTA DO INDÍGENA CAPITÃO FRANCISCO PARA O MINISTRO DO INTERIOR (CONT.)**



Fonte: Arquivo particular do missionário Stanley Pries.

## ANEXO P: CARTA DO MISSIONÁRIO STANLEY PIRES PARA KLEBER ALBERTO

Ola, Kleber!

Dia 11 de janeiro de 2017

É um prazer entrar em contato com você, Kleber. Foram gostosos os tempos juntos, mesmo nos debates com os indígenas sobre a língua, pois você me apoiou e me ajudou esclarecer vários assuntos.

Tenho prazer em lhe enviar uns documentos sobre o conflito de terras entre os brancos e os Krikati, principalmente em 1970 quando houve esforços da parte dos condôminos “cohpẽ” da região de fazer uma demarcação da terra que teria dado apenas um mil hectares para os Krikati.

Em primeiro lugar tenho que dizer que as palavras do agrimensor, sr. Quintino Ferreira de Carvalho, não foram corretas quando ele falou “...lembro a V.S. que ficou mais ou menos firmado verbalmente, entre Agrimensor, o Missionário Estevão [Stanley T. Pries], o Capitão Francisco [Crÿc, já falecido] e alguns dos condôminos presentes, para ser separada uma área superficial de 1.000,00,00 (hum mil hectáres de terras), sendo 30% de terrenos próprios para a lavoura...” pois de maneira nenhuma eu, o capitão Francisco, e os índios em nenhuma ocasião aceitamos esta proposta.

Eu me lembro bem o dia em que um grupo de homens “cohpẽs” chegaram na área e fizeram esta proposta. Eles vinham com um papel com assinaturas assegurando que os condôminos dariam direito de caçar e pescar nas suas terras ao redor da área indígena. Quando o capitão Francisco me perguntou que é que eu achava disto, eu respondi para ele na língua indígena, que no papel aparecia apenas tres assinaturas [dos 126 condôminos], mas mesmo que houvesse a assinatura de todos, isso nada valia pois não garantia que os filhos e os compradores das terras deles teriam obrigação alguma de dar esta permissão (tudo isto o capitão Francisco esclarece na sua carta ao ministro do interior (veja anexo). Portanto, os Krikati jamais aceitariam isto.

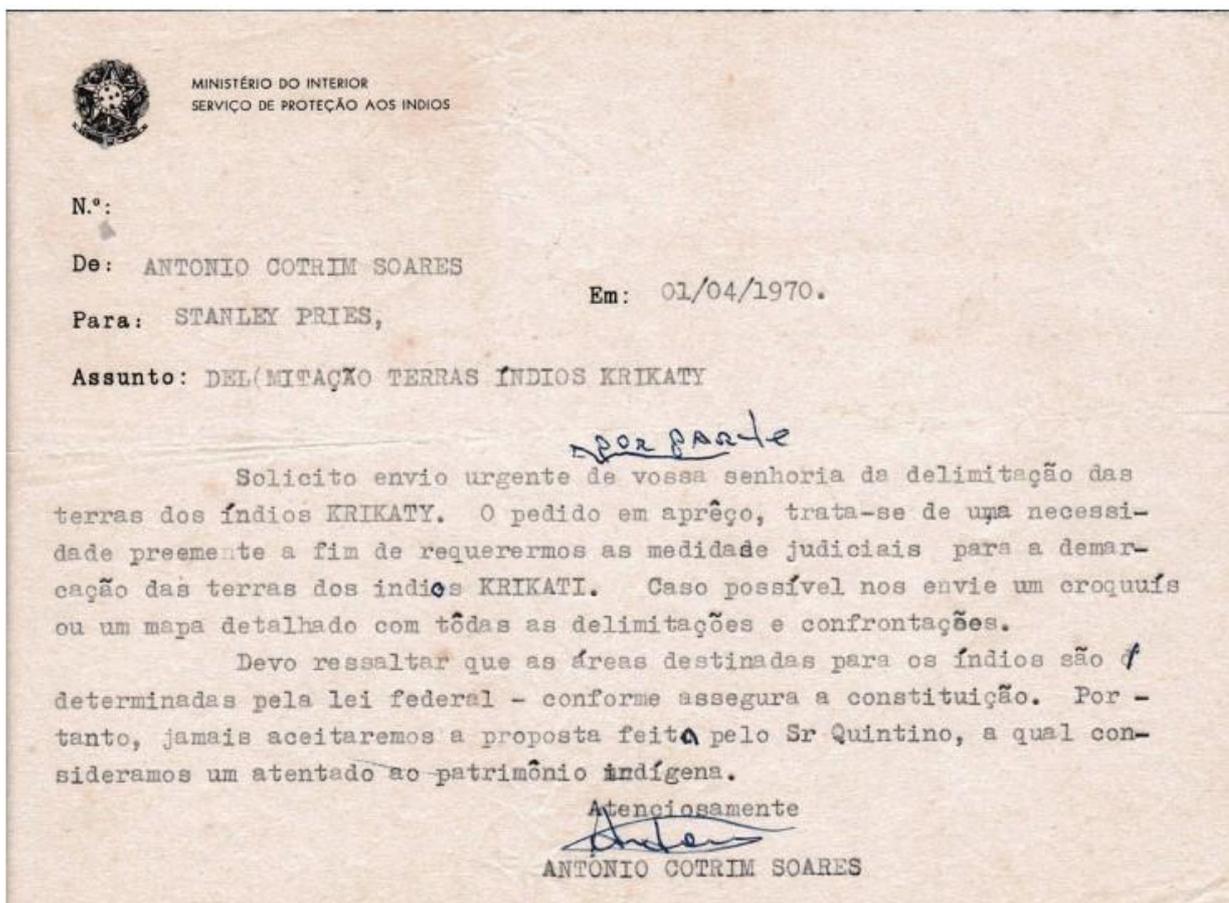
Quando recebi o pedido do sr. Antonio Cotrim Soares do Ministério do Interior para fazer a delimitação das terras dos Krikati, eu reuni os caciques e homens da aldeia de São José ao redor de uma mesa em frente à casa de Urbano Câmpir (que ainda vive), e preguei um papel no meio da mesa. Dali eu os perguntava sobre os limites da terra deles. Ao falar sobre o lado leste, sul, norte e oeste, por exemplo, eles indicavam a direção com o braço estendido, e me diziam até onde ia a terra deles, dando distâncias em léguas e meia léguas, e citando o nome de moradores ou lugares por nome em cada direção. Assim eu tracei um mapa bem rústico da área (veja o mapa anexo). Hoje não consigo lembrar para quem eu enviei este mapa. Creio que teria sido para o sr. Antonio Cotrim.

Pois bem, Kleber, espero que essas informações o ajude. É claro que estou disposto a responder qualquer pergunta, ou fornecer outros dados. Aguardo a sua resposta de recebimento deste email (através de Cida), e qualquer outra pergunta ou pedido.

Um abraço

Wacu  
Stanley Pries

**ANEXO Q: CORRESPONDÊNCIA DO MINISTÉRIO DO INTERIOR  
ENCAMINHADA AO MISSIONÁRIO STANLEY PRIES SOLICITANDO OS  
MARCOS DEFINIDOS PARA DELIMITAÇÃO DO TERRITÓRIO INDÍGENA  
KRIKATI**



Fonte: Arquivo particular do missionário Stanley Pries.

## ANEXO R: FREI ARISTIDES ARIOLI: NOSSO PÁROCO, ANTROPÓLOGO, ARTISTA, ETERNO E VERDADEIRO AMIGO DE MONTES ALTOS

DR. ITAMAR DIAS

### FREI ARISTIDE ARIOLI: O NOSSO PÁROCO, ANTROPÓLOGO, ARTISTA, ETERNO E VERDADEIRO AMIGO DE MONTES ALTOS!

Ao principiar do mês de Março de 1962, sobre as costas de um burro, enfrentando o tradicional lamaçal da estrada que nos levava a Imperatriz, inverno cerrado, um novo sacerdote nos chega para auxiliar o queridíssimo FREI EPIFÂNIO DA BADIA. Chegara, portanto, à nossa bela e hospitaleira cidade – Montes Altos – FREI ARISTIDES ARIOLI. E como era de costume, fora recebido sob muitos aplausos, foguetes e festanças. Era um homem extraordinário, sobre diversos aspectos, segundo o seu currículo de vida sacerdotal. No entanto, Frei Aristides possuía um carisma totalmente diferente ao de Frei Epifânio que conquistara a todos paroquianos, com sua simplicidade nata, cujas visitas pastorais costumava realizar de porta em porta. A simplicidade do saudoso Frei Epifânio sensibilizara de tal forma a Frei Aristides, merecendo dele, os mais altos elogios em seu livro – TOMBO I.

A princípio, Frei Aristides dedicara-se ao trabalho missionário, junto às comunidades indígenas – Cricatis. No entanto, foi aos poucos conquistando adeptos no seio de nossa comunidade. Eu, em particular, tornei-me bastante próximo dele, tornando-me seu afilhado de Consagração. No dia em que me consagrara como seu afilhado, o meu compadre Osmar Moura fora também consagrado por ele. Ele era um religioso, acima de tudo, muito rigoroso, perfeccionista, fato esse, que no decorrer do tempo, contribuiu para o surgimento de opositores ao seu pastoreio. Mas, indubitavelmente ou sem dúvida alguma, a cada dia de seu convívio com o nosso povo, foi se tornando um grande benfeitor e amigo de nossa gente tão pisoteada pelo setor público, indistintamente. Ele possuía um olhar de preocupação sobre o sofrimento humano, até então, nunca visto por nós montesaltenses.

Tão logo ao chegar, o novo franciscano percebera que a tão sonhada Igreja Matriz encontrava-se na fase de colocação dos calços, porém, apresentava sinais de fragilidade em suas paredes, provavelmente pela quantidade insuficiente de ferro e cimento nelas utilizados, assim, como nas colunas. Advertira, imediatamente, ao Frei Epifânio sobre esses detalhes. Arranjou-lhe, inclusive, dinheiro para promover alguns remendos na estrutura daquele prédio, no sentido de evitar um desabamento. Entre Frei Aristides e o Pároco Frei Epifânio havia muita cordialidade, ao contrário, dos comentários surgidos no seio de nossa população, de que a convivência entre os dois não era muito cordial. Isso não passara de mera especulação de alguns paroquianos.

Frei Aristides sempre esteve ligado às questões voltadas pra saúde. Ele trazia muitos medicamentos da Europa e distribuía para o povo. Lamento dizer que, por diversas vezes, ainda criança, tive de rebater as críticas peçonhentas de determinadas pessoas, quando diziam, que ele vendia amostras grátis. A ingratidão humana é um verdadeiro câncer. Acredito. No princípio de sua missão, as pessoas acorriam até ele, de todas as partes, querendo socorro para os seus males do corpo e da alma. Mulheres grávidas, em trabalho de parto, outros atingidos por animais peçonhentos, como cascavéis, jararacas, esfaqueados, além, de variados casos clínicos... Em razão dessa enorme demanda em nível de saúde coletiva, sensibilizara-se muito com essa triste realidade. Infelizmente, ainda hoje, existente, em nosso meio. Em razão de sua penosa vivência como vigário naquela ocasião, nasceu dentro de si o ideal de um projeto gigantesco de construção do nosso atual hospital – ALÍVIO DO SOFRIMENTO. Nome esse, dado, em homenagem a FREI PIO.

## ANEXO R: FREI ARISTIDES ARIOLI: NOSSO PÁROCO, ANTROPÓLOGO, ARTISTA, ETERNO E VERDADEIRO AMIGO DE MONTES ALTOS (CONT.)

Todavia, nem tudo na vida é, plenamente, repleto de felicidades. E uma prova disso, é a tragédia que sucedeu a todos nós, quando, após, uma chuva torrencial, um verdadeiro temporal, ao cair sobre a cidade, aquela que seria uma das mais belas catedrais do Maranhão, veio abaixo, numa madrugada inesquecível por seus moradores, sonhadores e, principalmente, do idealizador da sua construção – Frei Epifânio. Portanto, as previsões de Frei Aristides sobre a fragilidade daquela construção foram confirmadas e Graças a Deus sem vítimas. Na época, eu estudava em Grajaú e, ao saber da fatídica notícia, chorei copiosamente no quarto onde dormia, na casa do casal - ANA MARIA e RAIMUNDO VIANA. Nunca senti tamanha paixão. Até hoje, sinto muita tristeza por tal infortúnio. Se não estou enganado, isso ocorreu em 22 de dezembro de 1963, nas proximidades do final do ano.

Diante dessa lamentável tragédia, o nosso inesquecível pároco – Frei Epifânio, vítima que fora de enorme tristeza, fora transferido pelo então Bispo da Prelazia de Carolina, para Imperatriz em 1964. Foi uma verdadeira comoção popular, naquela ocasião. A cidade ficou praticamente enlutada de tanta indignação com aquela decisão episcopal. Em decorrência desse fato lamentável, Frei Epifânio ficou muito abalado e deprimido. Sendo, posteriormente, transferido para outra paróquia.

Diante da transferência de Frei Epifânio, Frei Aristides torna-se, então, o pároco de nossa Paróquia. E, desde sua posse, não parou mais de trabalhar em prol de nossa cidade. O seu temperamento, muitas vezes, mal compreendido por muitos, não o impedira de buscar tudo aquilo que fosse importante para amenizar o sofrimento de nossa população, inclusive à população indígena. Viabilizou a vinda para morar em Montes Altos, das primeiras missionárias voluntárias seculares – Irmã Francisca Vicência de Jesus (Cearense) e irmã Maria Luzia da Silva (Alagoana), Irmã Jacinta, irmã Lucia, todas elas, trazidas de Juazeiro- CE, as quais prestaram um enorme trabalho pastoral em nossa comunidade. Duvido que alguém daquela época não se lembre da voz de Irmã Francisca Inesquecível!

O novo pároco idealizou diversos projetos em nome da Paróquia de Santana, dentre eles, aquele de retirar todos os nossos mortos de suas catacumbas e enterrá-los num outro local, parece-me, fosse atrás da Igreja Matriz. Essa sua ideia, rendera-lhe muita revolta por parte da maioria da população, naquela época. Compreensível, portanto, considerando ser um povo culturalmente preso aos costumes de seus ancestrais, ou seja, dificilmente, aceitará de bom grado, tal iniciativa. Muitas lideranças locais foram radicalmente contra. Fato esse, que fez com que o nosso Pároco ficasse ausente por alguns meses, em sua Pátria – Itália, onde, teve diagnosticada uma úlcera gastroduodenal. Sendo submetido a tratamento médico inevitavelmente. No entanto, segundo relato seu, no livro – TOMBO I, após, encontrar-se com FREI PIO, obteve a cura por ele idealizada.

Antes, porém, de viajar rumo à Itália, Frei Aristides colocou um pano preto em sinal de luto, na porta da Igreja. Foi um período muito triste para nossa comunidade, sem sombra de dúvidas. Vez por outra, é que, vinha um Frei Franciscano ministrar a Santa Missa para os paroquianos de Santana. Na Itália, Graças a Deus, ocorreu o encontro do novo pároco de Montes Altos, com o padre Pio, hoje, santo da Igreja. O qual fizera o aconselhara a voltar para o seu trabalho missionário em nossa querida cidade. E naturalmente, focado na luta em prol dos mais pobres.

## ANEXO R: FREI ARISTIDES ARIOLI: NOSSO PÁROCO, ANTROPÓLOGO, ARTISTA, ETERNO E VERDADEIRO AMIGO DE MONTES ALTOS (CONT.)

E, assim, Frei Aristides retorna da Itália, trazendo em sua bagagem inúmeros sonhos artísticos, religiosos, sociais, médicos, não mais parando de promover edificações em nossa cidade. Foi, de fato, um incansável idealizador de obras magníficas em nossa Montes Altos. No local da sonhada catedral ou Igreja Matriz, trouxe o projeto da nova igreja, cujo engenheiro – DR. VITTÓRIO GRIGNANI de MELAGNANO, missionário voluntário, veio diretamente da Itália para cuidar de sua construção. Diga-se de passagem, uma verdadeira Obra de Arte, num estilo quase renascentista, em pleno sertão maranhense. Com um detalhe: sem nenhum custo aos seus paroquianos. Todos os visitantes que vêm a Montes Altos, sensíveis a obras de arte, católicos ou não, saem encantados com a sua visão externa e, ainda mais, quando adentram o seu interior. Uma verdadeira obra arquitetônica de natureza religiosa, temos, hoje, para encantar os olhos dos nossos visitantes.

O nosso saudoso Frei Aristides nunca se cansara de trabalhar em benefício de seus paroquianos. Ele que sempre se preocupava com o descaso público dos nossos gestores com a saúde do nosso povo, idealizou e concluiu um dos projetos arquitetônicos, em nível hospitalar, mais belo, em nosso Estado. Uma obra de primeiro mundo, construída sob os auspícios ou apoio financeiro de ANGELA BOSELLI (Viúva Sarônio), a qual, juntamente com o filho – Carlos Sarônio - esteve na inauguração do estabelecimento de saúde.

Dr. Vitório, sensibilizado com a situação médico-sanitária de nossa gente, volta pra Itália, abandona a Engenharia e se forma em Medicina. Em seu retorno ao Brasil, ele inicia suas atividades no Hospital São Francisco – Grajaú, com Frei Alberto. Antes da inauguração do hospital, o Dr. Augusto Boado era convidado por Frei Aristides a realizar consultas à população de nossa cidade. Posteriormente, outros médicos foram contratados a trabalhar no recém-inaugurado Hospital Alívio do Sofrimento. Dentre eles estão: Dr. Jairo Casanova, Dr. Vitório, Dra. Maria Luiza Saldanha, Marilene Bezerra, Dr. Pedro Mário Lemos, Dr. Deocleciano, e outros.

Um fato emocionante, sobre a passagem desse grande missionário foi saber que ele, quando soube das condições de abandono de um ser humano portador de Hanseníase (antigamente Lepra), cujas pessoas dele fugiam a distâncias do local onde morava, passara a prestar-lhe assistência espiritual, levando-lhe a Santa Comunhão, além, de ajuda alimentar e vestimentas. Soube desse relato ao ler o livro de sua autoria – TOMBO I. História como a desse hanseniano, há muitas outras semelhantes entre nós, até hoje, em diversas partes do mundo, e pior, em grande escala. Acredito, piamente, que todos esses fatores contribuíram para que Frei Aristides continuasse a construir todas as magníficas obras em nossa cidade. As quais, desde o SINO da Igreja Matriz que trouxera da Itália, cujo som oferece a todos um interminável prazer acústico, pelo menos no que se refere aos meus ouvidos, merecem a nossa admiração e gratidão.

Quando imaginávamos seus sonhos arquitetônicos terem sido por ele abandonados, sua genialidade poética, artística e religiosa nos presentea com a construção de uma réplica da Torre de Pizza, em nossa Cidade. Segundo o programa "O Fantástico" das Organizações Globo, é a única existente em nosso Planeta, até, hoje. Lamento, porém, não termos mais o privilégio de ouvir o badalar do Sino da nossa Igreja Matriz, nos horários tradicionais, ou seja, 06H, 12H e às 18H, do alto de nossa linda Torre, assim, como o canto da Ave-Maria de Schubert ou Gunnott. A belíssima réplica da Torre de Pizza possui 33 andares equivalentes aos 33 anos de frei Aristides como vigário e Pároco de Nossa Paróquia de Santana.

## ANEXO R: FREI ARISTIDES ARIOLI: NOSSO PÁROCO, ANTROPÓLOGO, ARTISTA, ETERNO E VERDADEIRO AMIGO DE MONTES ALTOS (CONT.)

Preocupado com a falta de um local digno para uma solenidade de natureza familiar, social, religiosa, política, conferências públicas, festas dançantes, bem antes da construção de nossa linda e invejável Torre, a qual foi, recentemente, restaurada graças ao empenho do Padre Brandão e apoio de lideranças de nossa cidade, em todos os níveis. Antes, porém, da construção da Torre, resolvera nos presentear com o Salão Nobre que leva o nome de seu irmão falecido na antiga UNIÃO SOVIÉTICA, LUCIANO ARIOLI. O qual muito tem servido a toda nossa população, como o melhor local para a realização de um evento festivo e social.

Sinto muito orgulho em poder rememorar as atitudes de meu padrinho de Consagração – Frei Aristides. Tivemos, desde os seus primeiros passos em nossa querida cidade, uma terna relação de amizade, sem que esse vínculo fosse sustentado sob qualquer troca de natureza material. Graças ao meu Bondoso Deus, nossa relação de amizade foi meramente sustentada em nível espiritual, como, até, o presente momento. Ele sempre me incentivou a estudar, inclusive, ministrando-me aulas de língua Portuguesa, quando eu vinha de férias do Ginásio Antoniano, lá, da cidade de Grajaú. O meu padrinho nunca deixou de me encorajar a ser um médico com um ideal altruísta, ético e competência profissional, um fato, que ainda hoje, nos meus 39anos de formado, continuo a perseguir diuturnamente. Ele jamais gostaria de me encontrar entre alguns mercantilistas da Medicina. Acredito. Em sua visão sacerdotal, a profissão médica, quando exercida sob os valores éticos, torna-se semelhante à vida de um digno sacerdote.

Por ocasião do meu enlace matrimonial com minha esposa – MARIA FERNANDES DE OLIVEIRA, ao convidá-lo, para ser o celebrante do ato, ele não hesitou em aceitar. Um gesto que, até hoje, guardamos com muito amor e gratidão. Na ocasião, convidara-me pra ser o diretor do Hospital de nossa Paróquia, mas como teríamos que atuar em todas as áreas da Medicina, ou seja, eu e Maria achamos por bem não correr o risco de não corresponder à diversificada demanda de casos clínicos lá existentes. Disse-me Frei Aristides, no Convento dos padres franciscanos, em Belém: "Irei ao cartório local para passar para o nome de vocês, uma residência de minha propriedade, caso aceitem o meu convite de irem trabalhar em Montes Altos". Agradei-lhe de coração, o tamanho gesto. Diga-se de passagem: Foi, até hoje, o único cidadão de Montes Altos que me fez um convite nesse sentido, ou seja, na qualidade de médico. Indiscutivelmente, esse gesto seu, tinha como único objetivo, o bem estar do nosso Povo. Portanto, não se importaria com a possibilidade de que formasse vínculos afetivos fortes com a comunidade montesaltense.

Nesta minha viagem mental sobre esse digno e saudoso Frei, volto a me questionar acerca do destino dado aos seres humanos. Principalmente, aqueles que se dedicam ao bem estar do próximo. E o destino final do nosso querido Frei Aristides, gostaria tivesse sido diferente. Considerando toda sua dedicação em prol de nossa gente sofrida, de qualquer faixa etária, com base somente no espírito franciscano. Principalmente, em relação ao sofrimento maior existente em sua Paróquia, ou seja, a falta de assistência médica. Não media esforços para ajudar os humanos desfavorecidos socialmente que lhe procuravam. Todavia, meu Deus, o nosso Frei, no momento mais trágico de sua temporada terrena, vítima que fora de um acidente vascular cerebral, deixou de receber o atendimento ideal na ocasião. O tempo e a morte são inexoráveis, todos sabemos disso. Contudo é inadmissível, nos dias atuais que venhamos a falecer por falta de recursos muitas vezes. Considero isso um grande horror.

## ANEXO R: FREI ARISTIDES ARIOLI: NOSSO PÁROCO, ANTROPÓLOGO, ARTISTA, ETERNO E VERDADEIRO AMIGO DE MONTES ALTOS (CONT.)

Infelizmente, naquela tarde de sábado de julho, quando soubera de sua hospitalização num dos hospitais de Imperatriz, acorri até ele, na esperança de que ainda me ouvisse falar ou enxergar-me. Ledo engano. Lamentavelmente, o paciente que havia chegado naquela madrugada – Frei Aristides, ainda com sinais de lucidez, segundo o colega que o atendera, eu o encontra, já, descerebrado. Naquele instante, liguei ao meu colega que o atendera, e lhe comentara sobre o seu gravíssimo estado clínico. Imediatamente, falei ao Sr. José, seu funcionário: vamos conversar com o Fausto e providenciar a remoção do nosso querido Frei Aristides para São Paulo. E assim, fizemos. Na casa de Fausto, em cuja piscina encontrava-se uma médica italiana, nunca por mim vista, que, ao querer saber sobre o estado clínico de Frei Aristides, após meu relato, ela gesticulando com as mãos, fez um obsceno gesto, como quem diz: "Acabou-se"! Passamos, a tarde toda viabilizando uma UTI aérea para levá-lo pro Hospital Albert Einstein - SP. Foi uma enorme luta para conseguirmos a vaga na UTI do referido hospital. Contudo, por volta das 23H, aproximadamente, a UTI aérea chegou ao Aeroporto Renato Cortês Moreira.

Quando chegamos ao hospital, o colega neurocirurgião – Saul – não tendo como esperar, resolveu operá-lo na tentativa de minimizar o sangramento cerebral. Lembro-me que os jatos sanguíneos eram muito fortes, e a pressão não baixava. Terminada a cirurgia, fora levado para o Aeroporto de onde saíra naquela UTI aérea, rumo à São Paulo. Lamentavelmente, o meu padrinho e nosso querido Frei Aristides não saíra do estado comatoso. Motivo pelo qual veio a falecer após alguns dias de hospitalização num dos melhores hospitais da América Latina – ALBERT EINSTEIN.

Fosse eu um vereador de minha cidade, já haveria feito uma solicitação à prefeitura local para erigir um busto, pelo menos, em homenagem a esse grande ser humano, que nunca se cansou de sonhar com o bem estar de nossa comunidade. Parece incrível, mas somente agora, depois de 22 anos de seu falecimento, é que uma Santa Missa de Corpo Presente foi idealizada por nosso amigo – JOVACY, malgrado de não ser filho de Montes Altos, mas Graças a Deus, tomou essa maravilhosa iniciativa. Frei Aristides foi tão amigo do nosso povo, que apagou de seu coração as inúmeras infâmias, injustamente, dirigidas a ele, em sua vida.

Muito Obrigado, meu querido padrinho. Tenho certeza, que a maioria do povo simples de nossa cidade sente ainda muita saudade de suas celebrações e até de suas brigas, quando os fatos não lhe eram agradáveis. Continue intercedendo junto a Deus e à Virgem Maria e a Nossa Senhora Santana pela saúde física, financeira e, acima de tudo, espiritual de todos nós. Desde que ficamos órfãos de sua presença pastoral, nossa cidade nunca mais teve a alegria de inaugurar uma obra de arte de qualquer natureza. Até o Hospital tão sonhado por você, tem sido vítima de falta de gestão e perseguição política. Hoje, todos deveriam ter consciência, do indescritível valor do trabalho missionário, às vezes, político, do nosso grande benfeitor – FREI ARISTIDES. Espero, que a partir de hoje, comecemos a resgatar os valores desse verdadeiro amigo de todos nós montesaltenses. Cujo trabalho não há precedentes em nossa história, e, nem nos dias atuais, que se equiparem com a sua obra deixada para todo nosso povo, indistintamente. Saudades. Saudades!

Imperatriz, 28 de Julho de 2017.

Dr. Itamar Dias Fernandes

Seu afilhado de consagração!

## ANEXO S: CONVITE DO FREI ARISTIDES AOS PAROQUIANOS PARA COMEMORAÇÃO DOS SEUS TRINTA ANOS DE PRESENÇA MISSIONÁRIA EM MONTES ALTOS

CARISSIMOS PAROQUIANOS  
DA CIDADE E DO SERTÃO DE MONTES ALTOS

Saudações e a bênção do Senhor.

Venho com esta, comunicar-vos uma bela notícia: no dia 18 de março próximo irei completar trinta anos de minha chegada nesta terra. Por isso desejo celebrar esta data com todos vocês, com uma linda festa onde teremos:

- Santa Missa solene em ação de graças,
- Churrasco para todos,
- Festa animada, em que todos devem ser convidados.

OS detalhes do programa ficam com vocês.

Esta festa, deve ser de toda a população que se anima como uma grande família, celebrando os trinta anos de minha reclusão voluntária.

Sabem, eu gosto quando uma pessoa me diz: Frei, foi o Senhor que me batizou; foi o Senhor que me deu a primeira comunhão; foi o Senhor que me casou e batizou meus filhos. \_ Como gosto também quando alguém me diz: Frei, que linda igreja o Senhor construiu! Que maravilhoso hospital! E o Clube? Só o que há de bonito em Montes Altos, são as obras do Senhor.

Os que dizem assim, geralmente são pessoas humildes, educadas, pessoas até de fora; os daqui (inclusive autoridades dos anos passados) nunca me deram uma mão, uma pequena satisfação, um reconhecimento por tudo que eu fiz em MONTES ALTOS.

Foram trinta anos de trabalho, sozinho, silencioso, sem incomodar ninguém, sem ajuda nenhuma, nem do município, nem do estado, nem da federação e até do Bispo local e do superior dos nossos Capuchinhos. Agora que tudo passou, isso para mim é uma grande satisfação. Mas quanto tenho sofrido!

Tudo eu fiz com patrimônio particular de minha família e de amigos benfeitores; com muita coragem e muita fé em Deus. Foi isso que me sustentou.

Uns daqui de Montes Altos parecem ter raiva e inveja do que eu tenho feito e faço a benefício desta comunidade. Será isso remorso? \_ Um estrangeiro faz tanto para nós, e nós nada?

Um dia uma pessoa de Montes Altos entrou no meu escritório e me falou: Frei Aristides, o senhor não sabe quanto eu lhe gosto; mas permita que lhe diga, "o senhor é um doído"! \_ Porque? lhe perguntei. \_ Porque deixou a Itália tão bonita e todo conforto de sua casa, para vir socar-se neste sertão no nosso meio.

Este homem é conhecido; é mentiroso que só ele, especialmente quando está bebado; mas desta vez ele disse uma grande verdade. "Nós missionários somos uns doídos. Fazemos tanto bem a quem nem conhecemos; a quem não reconhece e não agradece o bem recebido. Esta, na verdade é a loucura da cruz, a loucura do Evangelho, a loucura de Jesus Cristo.

Porém se há muita gente mostruosamente ingrata que retribue o bem com o mal; há também quem compreende o significado desta santa loucura dos missionários. Em Açailândia, por exemplo, dois nossos confrades receberam a onorificiência de "Cidadão de Açailândia".

Na Amazônia, outro capuchinho foi condecorado com o título de "Deputado Vitalício" honoris causa. Uma pessoa de fora uma vez me disse: Frei, se o senhor tivesse feito metade do trabalho que fez aqui, a benefício do lugar, em outra terra, não duvido, lhe teriam levantado um monumento, alto, vinte metros.

Mas, aí de mim, aí de nós missionários se trabalhássemos por recompensa humana! Que desengano! Nossa formação espiritual é bem diferente. Nós iremos festejar esta data para agradecer a Deus para reconhecer o bem recebido e aprendermos a ser gratos e generosos.

Queridos paroquianos, vos falei claro, como pai à filhos. Certamente no dia da festa irei ouvir Muito obrigado, Frei Aristides, por ter deixado a sua terra e ter vindo entre nós. Obrigado por ter sacrificado aqui os anos mais belos de sua vida, para nos socorrer na alma e no corpo, espiritualmente e fisicamente, como fazia e ensinou Jesus.

Obrigado por ter embelezado a nossa cidade com tantas obras aprimoradas, dando maravilhoso exemplo aos poderes públicos, e demonstrando tanto amor por esta sua segunda pátria. Obrigado pelas riquezas espirituais e materiais que o senhor despejou em Montes Altos, por tudo o que o senhor fez para nós e para nossos filhos no seu Hospital em Alívio dos nossos sofrimentos. Obrigado pelos ideais de liberdade e de dignidade humana que nos inspirou.

Frei Aristides, perdoe nossas faltas, os desgostos que lhe demos, não os conte para ninguém. O senhor escolheu nossa terra como seu campo de trabalho sacerdotal.

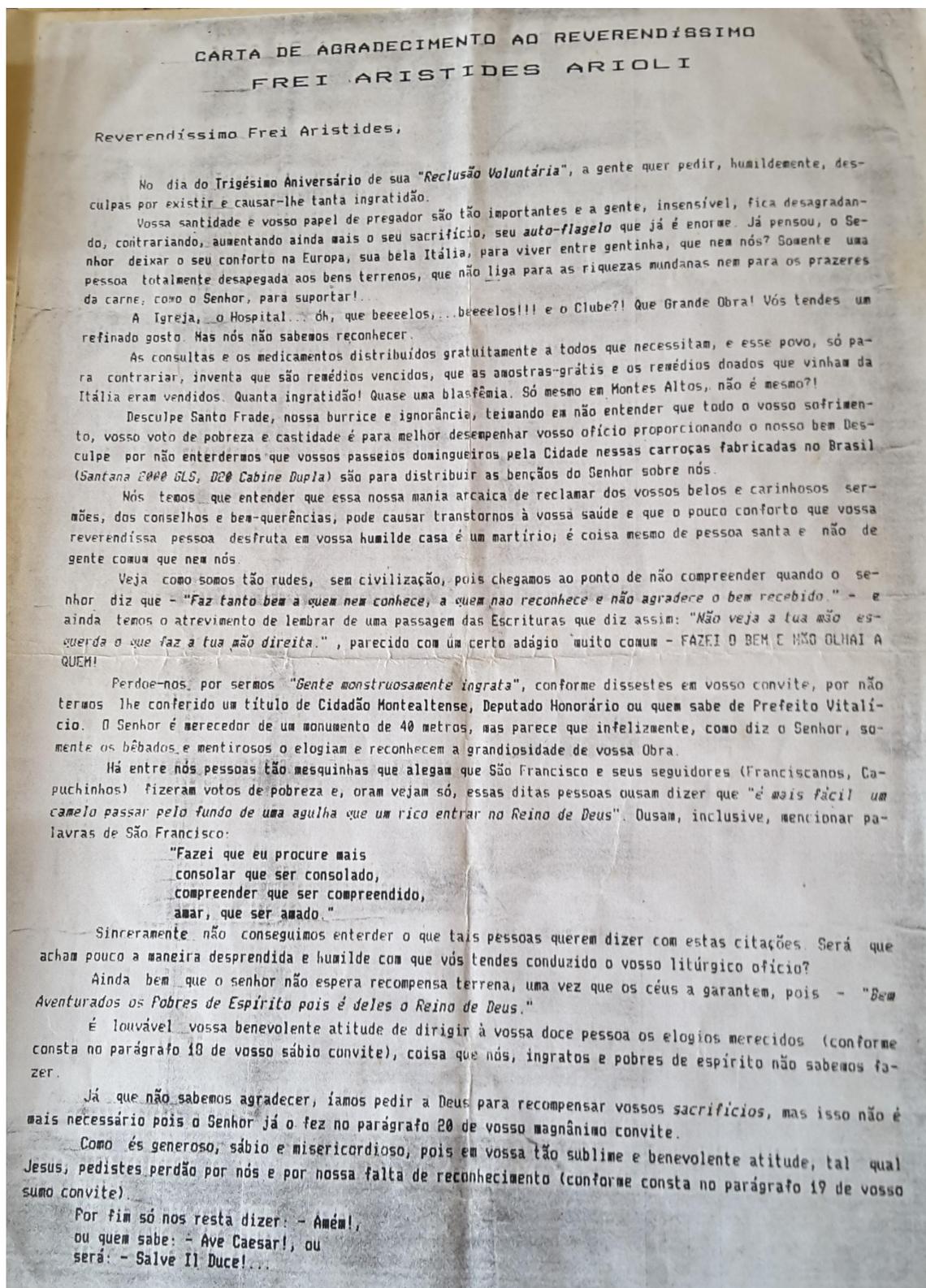
Deus recompense seus sacrifícios.

Queridos paroquianos, tenho certeza que esta festa irá trazer nos nossos corações total compreensão, tanta serenidade, paz e alegria no Senhor.

Com todo afeto  
Frei Aristides Arioli

P.S., Todos os presentes que eu receber, grandes e pequenos, devem ter o nome do doador e serão leiloados em favor dos pobres.

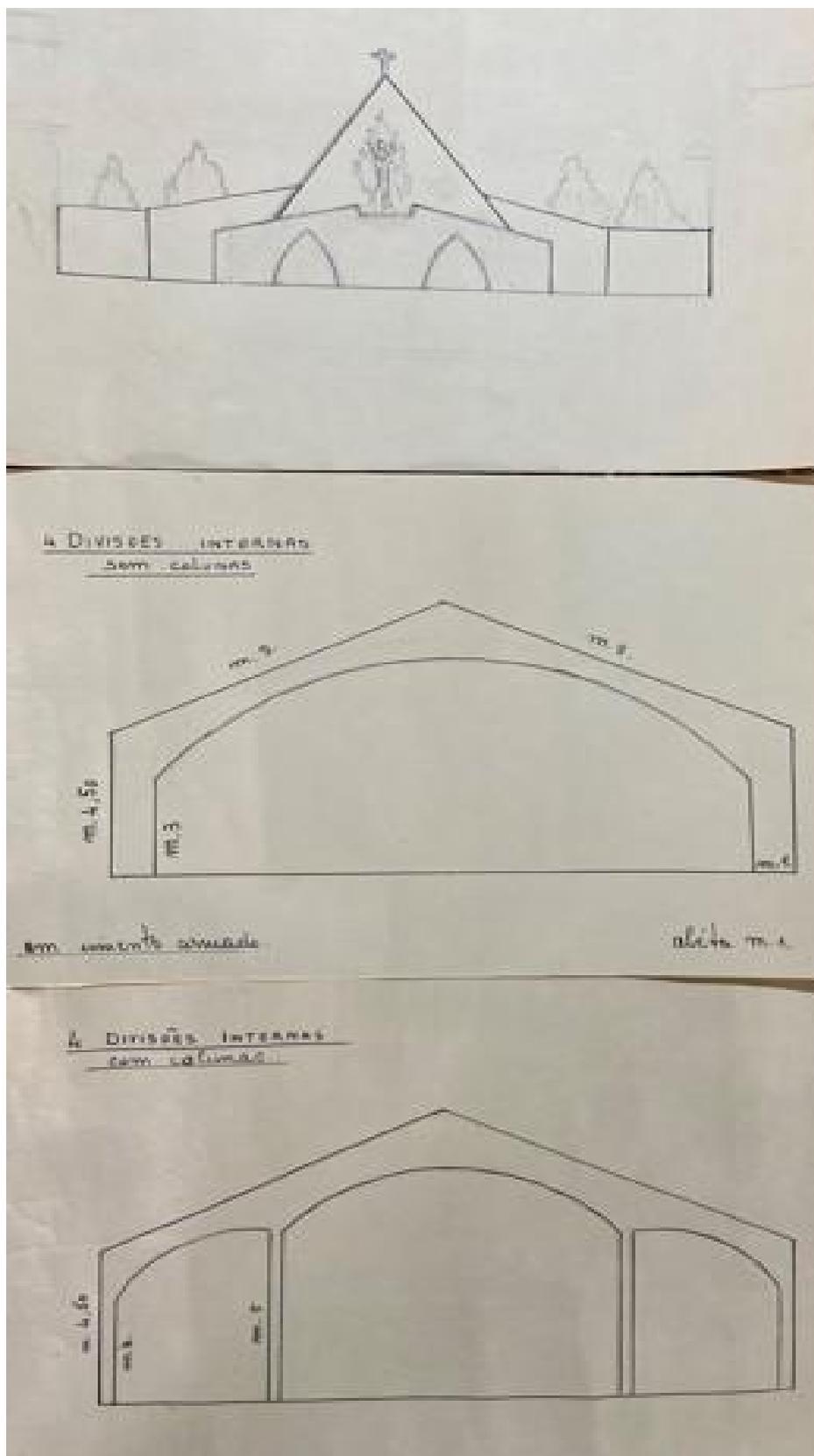
ANEXO T: CARTA ANÔNIMA DE AGRADECIMENTO AO CONVITE DO FREI ARISTIDES PARA COMEMORAR SEUS TRINTA ANOS DE PRESENÇA MISSIONÁRIA EM MONTES ALTOS



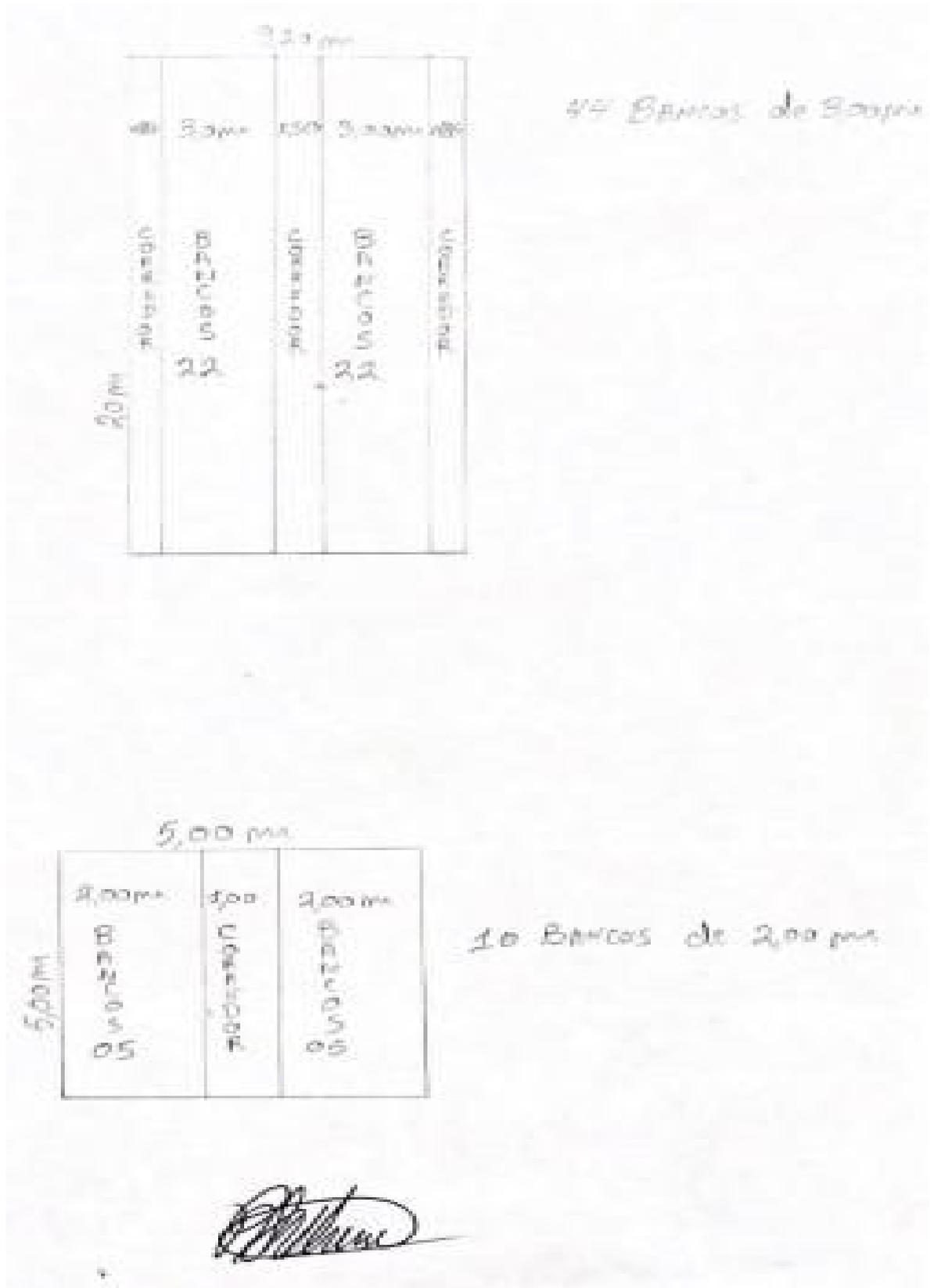
**ANEXO U: PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS (1958-1966) – PRIMEIROS VIGÁRIOS NOMEADOS**

LISTA DOS VIGÁRIOS E SUCESSORES DE MONTES ALTOS	
VIGÁRIOS	VIGÁRIOS SUCESSORES
1) Frei Estevão de S. J. <i>Estevão de S. J.</i> 6/1/1957 até 12 de 2 1964	1) Frei Paulo de Soriano <i>Paulo de Soriano</i> 6/1/1957 até 1959
2) Frei Eliezer M. de Morassone 29 de fevereiro de 1964 até 15 de fevereiro de 1965.	2) Frei Ewald de Vilhaverde <i>Ewald</i> 1959 até 1959
<i>Sumário 20.52 nota Nomenclatura de fr. Epifânio</i>	3) Frei Paulo de Soriano 1959 até 1960
	4) Frei Elias de Colégio 1959 até 1960
	5) Frei Abelmo de Estância 1960 até 1961
	6)

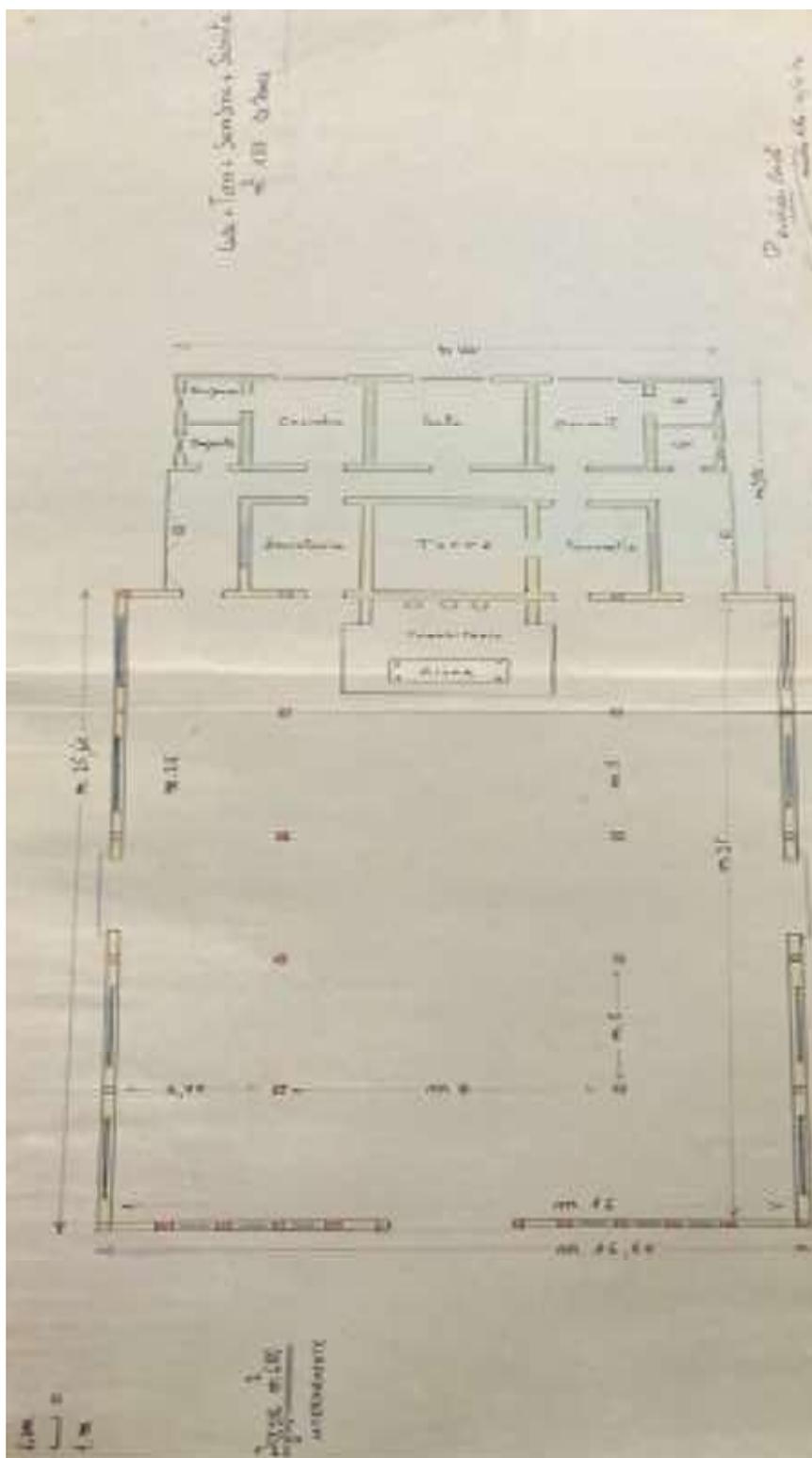
**ANEXO V: RASCUNHO DO PROJETO ARQUITETÔNICO DO PRÉDIO DA IGREJA MATRIZ DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS**



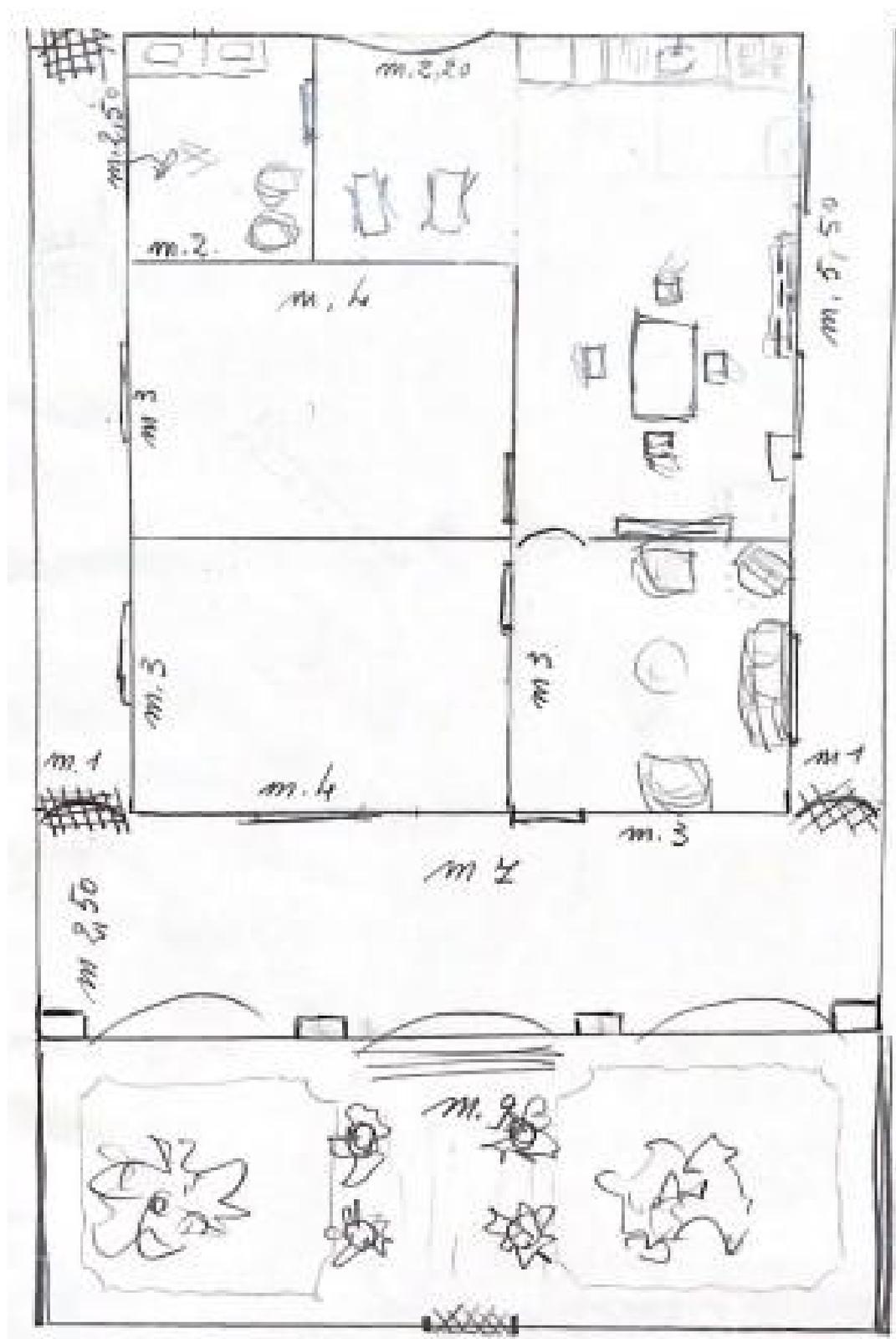
**ANEXO V: RASCUNHO DO PROJETO ARQUITETÔNICO DO PRÉDIO DA IGREJA MATRIZ DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS (CONT.)**



**ANEXO V: RASCUNHO DO PROJETO ARQUITETÔNICO DO PRÉDIO PARA  
ABRIGAR A IGREJA MATRIZ DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES  
ALTOS (CONT.)**



**ANEXO W: RASCUNHO DO PROJETO ARQUITETÔNICO DO PRÉDIO PARA  
ABRIGAR A CASA PAROQUIAL NA TRAVESSA DA PRAÇA DA MATRIZ DA  
PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS**







## ANEXO X: CRONOGRAMA DE INSTITUIÇÃO DA FRATERNIDADE DE SANTA ANA

[1972]

FRATERNIDADE DE SANT'ANA  
Paróquia de Montes Altos / Diocese de Carolina

Ano de 1977 - Formado o núcleo franciscano.

Ano de 1978 - Visita do Pe. Assistente Regional (27 à 30 de abril).  
Foram admitidos ao noviciado 15 postulantes.

Ano de 1979 - Visita do Pe. Assistente. O Pe. vigário quer que seja  
prolongado o noviciado.

Ano de 1980 - Visita do Pe. Assistente Regional (20 à 23 de setem-  
bro). Na manhã do dia 23 durante a Santa Missa, foram  
admitidos a profissão temporânea 08 noviças. Também  
no mesmo dia foi erguida a nova Fraternidade pelo As-  
sistente Regional, devidamente autorizado.

Anos de 1981-1982 - O Conselho Regional recebeu relatórios. A Fra-  
ternidade está melhorando.  
Visita do Assistente Regional.

Ano de 1983 -- Pe. Assistente visita a Fraternidade

ARQUIVO-VICE PROVINCIA CAPUCHINHA DO MA,PA,			
EST.	FLA	Nº	DOC.
A	V	21	15

Fonte: Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA

**ANEXO Y: REQUERIMENTO PARA EREÇÃO DA FRATERNIDADE DA  
TERCEIRA ORDEM FRANCISCANA SECULAR – FRATERNIDADE DE SANTA  
ANA**

**Conselho Regional da O. F. S.**

2a. REGIÃO — MARANHÃO - PARÁ - AMAPÁ

CONVENTO DO CARMO

Praça João Lisboa, S/N — FONE: 2-25-77 — 61.910 — São Luís - Ma.

São Luís 04/09/1979

Excels. Revma<sup>m</sup> Dom Frei Marcelino Baggio Bicego  
D.D. Bispo da Prelazia de Carolina (Maranhão)

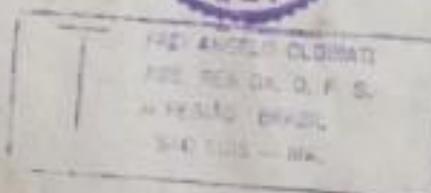
Os abaixo assinados vêm, segundo o Cânon n° 686, requerer de Vossa Revma., a permissão para erigir a Fraternidade da Terceira Ordem Franciscana, denominada atualmente no Brasil com o nome de Ordem Franciscana Secular (OFS).

A Fraternidade de Sant'Ana está localizada com sua sede na Igreja Matriz, Paróquia de Sant'Ana de Montes Altos, cidade de Montes Altos.

Respeitosamente assinamos e, confiantes, esperamos sua aquiescência.

*Frei Osvaldo Colomati*  
Capuchinho  
*p/ Frei ...*

*Frei Angelo Colomati*  
O.F.S.  
Assistente Regional da OFS



*Visto - Osório Salm*  
*Carolina 10-09-1979*

ARQUIVO-VICE PROVINCIA CAPUCHENHA DO MA, PA,			
EST.	FLA.	Nº	DOC.
AY		21	1



*p. Bispo. Frei ...*  
*Ag. Geral.*

Fonte: Arquivo da Vice-Província Capuchinha Maranhão-Pará. Convento do Carmo. São Luís-MA.

**ANEXO Z: ATO DE EREÇÃO DA FRATERNIDADE DA TERCEIRA ORDEM FRANCISCANA SECULAR – FRATERNIDADE DE SANTA ANA**

DOCUMENTO DO ATO DE EREÇÃO DA FRATERNIDADE DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR (O.F.S.) NA PARÓQUIA DE SANT'ANA DE MONTES ALTOS - NA DIOCESE DE CAROLINA.....

Nesta data, vinte e três de mês de setembro.... de ano de mil.novecentos, oitenta..... de Nosso Senhor Jesus Cristo, eu, Frei Angelo Olginati O.F.Cap....., abaixo assinado, devidamente autorizado, erigi a FRATERNIDADE DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR (O.F.S.) de Montes Altos..... / MA..... sob a invocação e patrocínio de Sant'Ana....., estando presentes como testemunhas, Irmã Francisca Vicência de Jesus.. e Irmã Ivanilde da Mata Ferraz..... em confirmação do que acima com as ditas testemunhas.

Montes Altos.... 23. de setembro.. de 1.9.80...

*Frei Angelo Olginati O.F.Cap.*  
Frei Angelo Olginati O.F.Cap.

TESTEMUNHAS:

*Francisca Vicência de Jesus*  
Irmã Francisca Vicência de Jesus

*Ivanilde da Mata Ferraz*  
Irmã Ivanilde da Mata Ferraz

ARQUIVO-VICE PROVINCIA CAPUCHINHA DO MA,PA,			
EST.	FLA	No.	DOC.
AV	21	1a	

Conselho Regional da O. F. S.  
2ª REGIÃO - MARANHÃO - PARÁ - SÃO LUIS  
CONVENTO DO CARMO  
Praça João Lúcio S.S. - FORT. Z. N. II  
65000 - São Luís, Maranhão

**ANEXO AA: ESTATUTO DAS MISSIONÁRIAS VOLUNTÁRIAS SECULARES DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS**

ARQUIVO/VICE PROVINCIA CAPUCHINHA DO MA.,PA.			
EST.	FILA	Nº	DOC.
B	IV	40	22

Estatuto  
das

" Missionarias Voluntarias Seculares "

§. 1 - A Padroeira das Missionarias Voluntarias Seculares é o Imaculado Coração de Maria.  
 §. 2 - Os Santos Protetores são : S.Francisco de Assis, S.Francisco Xavier e S.Rosa de Lima.  
 §. 3 - O Estado . As M.V.S. são seculares que vivem em comunidade, á serviço das Missões.  
 §. 4 - Votos. São tres : de caridade, de obediencia e de castidade , excitados com o conselho do confessor , privadamente , renovaveis todos os meses.  
 §. 5 - Finalidade. A santificação pessoal e o apostolado em terra de missão.  
 §. 6 - Casas. São casas comuns, inseridas com as do povo, preferivelmente proximas á igreja.  
 §. 7 - Jurisdicção. Como pessoas espontaneamente reunidas em comunidade, as M.V.S. obedecem a uma Irmã Superiora Local, nomeada pelo Instituto.No trabalho de apostolado parochial dependem do Vigario.  
 §. 8 - Meios de perfeição : A vida em comum, os votos, a confissão semanal, a direção espiritual, a S.Missa e Comunhão, o officio da S.V.M., a meditação, oração em comum, reuniões, conferencias, ritiros, apostolado etc.

ANEXO AA: ESTATUTO DAS MISSIONÁRIAS VOLUNTÁRIAS SECULARES DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS (CONT.)

- §. 9 - Forma de Apostolado : É a Evangelica : visitar os doentes, os pobres, os humildes ; ir ao encontro dos afastados da Igreja ; ensinar o amor á virtude e á religião ; levar almas para Deus.
- §. 10- Características : A humildade e a simplicidade. Por isso as M.V.S. vestem o traje secular e chamam-se indistintamente : "irmã".
- §. 11- Candidatas : Qualquer pessoa, de qualquer condição ou idade, pode ser recebida entre as M.V.S. , sempre que possuem as qualidades necessarias para viver em comunidade.
- §. 12- Meios de vida : São o trabalho pessoal, o ensino, o auxilio do Vigario e dos benfeitores.
- NB. = A Missionaria Voluntaria Secular pode livremente voltar todo ano para as ferias em familia. Quando o desejar , pode permanecer em familia. O contrato com o Instituto é de um ano, prazo minimo. Assim, após um tempo endeterminado de permanencia em familia , poderá regressar.

## ANEXO AB: CRONOGRAMA DE INSTITUIÇÃO DA FRATERNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DE SUMAÚMA

[1982]

FRATERNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DE SUMAÚMA  
paróquia de Montes Altos / Diocese de Carolina

Ano de 1977 - Núcleo Franciscano

Ano de 1978 - Visita do Pe. Assistente Regional (04 à 07 de outubro). Preparação dos Postulantes, que foram admitidos no noviciado no dia 07 de outubro.

Ano de 1979 - Visita do Pe. Assistente Regional (08 à 10 de outubro). Depois de dois dias de retiro espiritual, uma noviças e noviças professaram temporaneamente. No dia 10 foi arguida a nova fraternidade pelo Assistente Regional, devidamente autorizado.

Ano de 1980 - Curmicho de Fraternidade em Sumaúma com a participação de Irmã Ornela e uns membros do Conselho da Fraternidade de Porto Franco.

Ano de 1981 - Visitas mensais de Irmã Ornela.

Ano de 1982 - O Conselho Regional recebe relatório da fraternidade de referente ao ano de 1981. Visita do Pe. Assistente Regional e do Irmão Elias Ribeiro delegado do Ministro Regional.

ARQUIVO-VICE PROVINCIA CAPUCHINHA DO MA, PA.		
EST. + FOL.	Nº	DOC.
AIV	21	26

**ANEXO AC: REQUERIMENTO PARA EREÇÃO DA FRATERNIDADE DA  
TERCEIRA ORDEM FRANCISCANA SECULAR – FRATERNIDADE DE SÃO  
SEBASTIÃO DE SUMAÚMA**

**Conselho Regional da O. F. S.**  
2ª. REGIÃO — MARANHÃO - PARÁ - AMAPÁ  
**CONVENTO DO CARMO**  
Praça João Lisboa, 8/X — FONE: 5-25-77 — 62.000 — São Luís-MA.

São Luís, 22/03/1969

Ex.ªs. Rev.ªs. Dom Frei Herculano Sergio Bispo  
D.º Bispo da Prelazia de Carolina (Maranhão)

Os abaixo assinados vêm, segundo o Canon  
nº 606, requer de Vossa Rev.ª a permissão para erigir  
a Fraternidade da Terceira Ordem Franciscana, denomina-  
da atualmente no Brasil com o nome de Ordem Franciscana  
Secular ( O.F.S. )

A Fraternidade de São Sebastião está lo-  
calizada com sua sede na Capela de São Sebastião da Vi-  
la Sumaúma, Paróquia de Sant'Ana de Montes Altos e Mu-  
nicípio de Montes Altos.

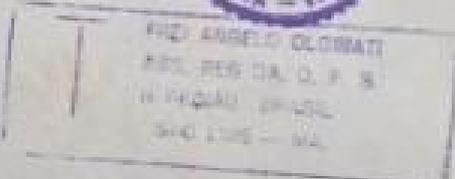
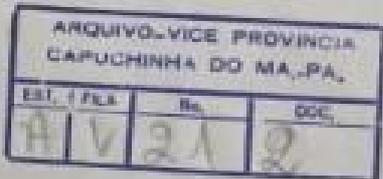
Respeitosamente assinamos e, confiante, es-  
peramos sua solicitude.

*Frei Orlando*  
Frei Orlando Comandante  
Capuchinho

*Frei Angelo Olorati*  
Assistente Regional da  
O.F.S.

Visto. Amos Pablon  
Consulência - 25 - 03 - 1969

*Frei João Pablon de*  
Vig. Geral.



**ANEXO AD: ATO DE EREÇÃO DA FRATERNIDADE DA TERCEIRA ORDEM  
FRANCISCANA SECULAR – FRATERNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DE  
SUMAÚMA**

DOCUMENTO DO ATO DE EREÇÃO DA FRATERNIDADE DA ORDEM FRANCISCANA  
SECULAR (O.F.S.) DA Vila Sumaúma - J. Paróquia e Município... de...  
Montes Altos - MA - Paróquia de Carolina.....

Nesta data, dia (10) de outubro... de ano de  
mil novecentos setenta e nove... de Nosso Senhor Jesus Cris-  
to, eu, Frei Angelo Olginati O.F.S. ...., abaixo assina-  
do, devidamente autorizado, erige a FRATERNIDADE DA ORDEM FRAN-  
CISCANA SECULAR (O.F.S.) de Vila Sumaúma (Montes Altos - MA),  
sob a invocação e patrocínio de São Sebastião.....  
....., estando presentes como testemunhas... Maria,  
Irmã Pia Crescenzi, e irmão Altair da Conceição.....  
..... em confirmação do que acima com as ditas  
testemunhas.

Sumaúma...., 10. de outubro... de 1.979...

*Frei Angelo Olginati O.F.S.*  
Frei Angelo Olginati O.F.S.  
Assistente Regional

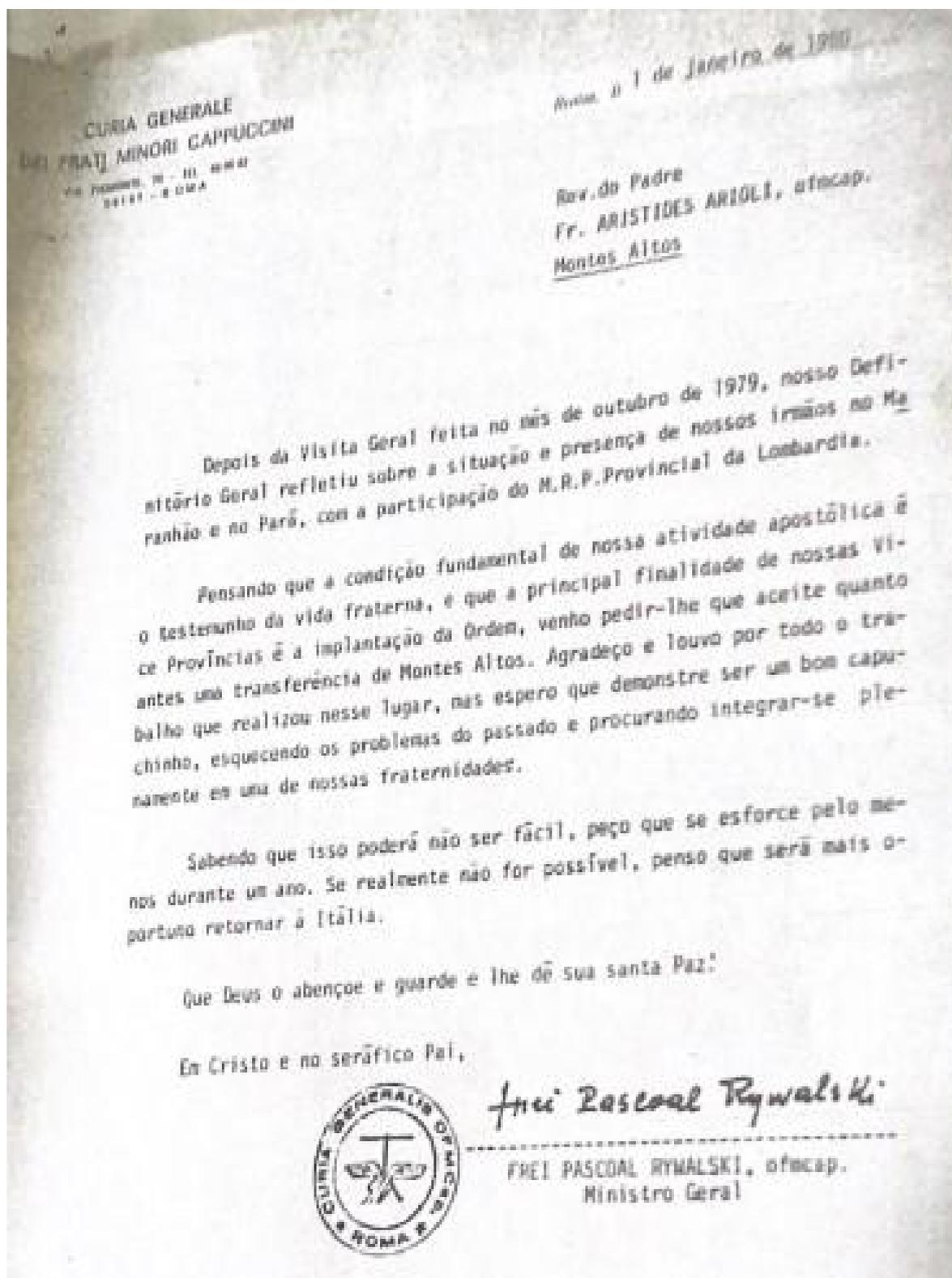
TESTEMUNHAS:

*Maria Pia Crescenzi*  
Irmã Maria Pia Crescenzi  
*Altair da Conceição*  
Irmão Altair da Conceição

ARQUIVO-VICE PROVINCIA CAPUCHINHA DO MA, PA.			
EST.	FLA.	Nº.	DOC.
A	V	21	2a

Conselho Regional da O. F. S.	
2ª REGIÃO - MARANHÃO - P.O. - 1979	
CONVENTO DO L. V. U.	
Praça João Lisboa S/N - FONE 2.27.11	
65000 - São Luís - Maranhão	

**ANEXO AE: CARTA DO MINISTRO GERAL, FREI PASCOAL RYWALSKI, COMUNICANDO À FREI ARISTIDES DA DISPOSIÇÃO DA PROVÍNCIA EM TRANSFERI-LO**



ANEXO AF: CARTA DO VICE PROVINCIAL, FREI PASCOAL ROTA  
COMUNICANDO AOS COIRMÃOS DA DIOCESE DE CAROLINA DA DECISÃO  
EM CONSELHO, EM ACORDO COM O BISPO, DE ENTREGAR A PARÓQUIA E O  
SEMINÁRIO PARA A DIOCESE

VICE-PROVINCIA CAPUCHINHA DO MARANHÃO E DO PARÁ

Convento do Carmo - Praça João Lisboa, s/n.

Caixa Postal 88 - Tel. (098) 222-6104

55.000 - São Luís - Maranhão - Brasil

São Luís 24. de janeiro 1982

PAZ E BEM

Queridos Irmãos Frei Pedro Jorge e Frei Angelo Faloni,

"Bendito seja o Deus e PAI de  
nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação!"

Venho com esta carta, inteirá-los das decisões tomadas pelo Conselho vice-provincial  
acerca dessa nossa Paróquia e fraternidade de Carolina.

Na reunião realizada no dia 16.01.p.p. o Conselho Vice-provincial decidiu por  
unanimidade, entregar a Paróquia e o Seminário de Carolina à Diocese, na pessoa do  
seu DD Bispo Dom Alcimar.

Queridos irmãos Frei Pedro Jorge e Frei Humilde, damos graças a Deus!

Vocês têm o privilégio de cores franciscanamente a disponibilidade apostólica  
dos nossos generosos confrades que, no 1922 assumiram a Paróquia de Carolina, e,  
dedicaram-se corpo e alma à implantação da Igreja local.

No 1958, ela recebeu como que a confirmação sendo elevada a Sede Prelazial.

Promovida no 1979 à Diocese, foi instalada no último 08 de novembro com a  
chegada e tomada de posse do seu segundo Bispo Residencial, Dom Alcimar.

Eis-la ENTREGUE! GRAÇAS E GLÓRIA A DEUS!

60 anos de serviço na verdade, na simplicidade, na alegria, expressão e teste-  
monho vivencial do Amor do Pai para com seus filhos.

Podemos cantar alegremente! "Nunc dimittis servum tuum, Domine...!"

Fizemos o que devíamos fazer... somos servos inúteis...

É esta, a atitude concreta e coerente do Irmão Capuchinho: Servir uma Igreja  
particular até quando ela precisar, prontos a deixar e partir, disponíveis a mudar rumo,  
numa opção fundamental de minoridade e de serviço.

Nosso compromisso apostólico de preparar continuadores, de promover a formação  
do Clero actoceno está aí bem representada pelos padres prontos a assumir a paró-  
quia e seminário.

Assim, passamos do rol de dirigentes ao de cooperadores, de auxiliares, de  
servos do Evangelho e dos irmãos.

Assim VOCÊS, queridos Irmãos, são convidados a deixar Carolina, gratos ao Pai  
que deu-nos a alegria de servir ao Povo de Deus que anda em Carolina... e no sertão...

Daqui em diante, você Frei Pedro Jorge, às dependências do Sr Bispo, assumirá  
a administração da "casa de acolhida" na Paróquia de N.Sra de Fátima (que será  
também entregue à diocese).

Frei Humilde, depois uma conveniente temporada para a entrega do Seminário,  
participará, como previsto, do CBTSP no Rio e em seguida, irá integrar nossa Fraterni-  
dade de ANIL como corresponsável da formação dos Postulantes.

A todos, em nome da Vice-provincia, admirada gratidão.

Em Cristo Jesus e no Pai São Francisco,

Fraternamente

Frei Pascoal Rota OFM Cap  
Vice-provincial

**ANEXO AG: CARTA DO MINISTRO VICE-PROVINCIAL, FREI FRANCO CUTER, COMUNICANDO À FREI ARISTIDES DA SUA DESVINCULAÇÃO DA PARÓQUIA DE SANTA ANA DE MONTES ALTOS**



ANEXO AH: RECORTE DE MATÉRIA SOBRE O HOSPITAL DE MONTES ALTOS  
PUBLICADA NO JORNAL O PROGRESSO

A. V. P. B I V H O 20  
M. A. P. A.

O PROGRESSO, 4 de março de 1974 Imperatriz, 3/2/74

**FREI ARISTIDES:**

## Vitória de Montes Altos

**CLEVIEGAS**

A vizinha cidade de Montes Altos, dista de Imperatriz 63 quilômetros, dos quais 33 a separa da Belém—Brasília, através de uma estrada que no verão é sofrível e no inverno, parte dela, torna a intransitável.

Como todo povo, Montes Altos tem sua história. Conta-se que seu germe foi primeiro jogado ao solo quando ali existia uma estação telegráfica que ligava Imperatriz a Porto Franco, advindo assim uma pequena povoação que, passou de 1911 1952 para ser levada a categoria de Município.

A cidade recebe as bênçãos de Senhora Sant'Ana. Abriga um povo humilde, ordeiro e simples. Suas poucas ruas mal-traçadas, cheios de areia e de uma vegetação característica ds ruas em cidades do interior.

Em cada rua, um pontilhado de mangueiras faz a arborização de uma cidade cheia de plastas e ervas daninhas. Espalhados pela rua, à noite inteira, o gado faz a sua "malhada".

Na única praça existente — Praça Santana — aliás, naquela vasta área em que o capim e a vegetação atinge o meio da canela, ali o gado durante noites de inverno e verão transforma em curral. E assim a cidade atravessa uma vida monótona. Em suas ruas não se vê ninguém — nem durante o dia, muito menos à noite. Comércio não existe mas o mundo dá voltas e a vida continua.

Até aqui, não dissemos senão o que vimos. E ficamos atônitos diante de tamanha monotonia mas, Montes Altos não se resume só nisso. Um cartão-de-visita transforma Montes Altos numa princesa perdida naquele meio do mato. A grande, retumbante e inquebrantável obra, trata-

se de um Hospital, construído graças ao esforço de Frei Aristides. Uma obra e tanta!

O maior, mais moderno hospital desta região. Construído em dois pavimentos, numa obra que desafia a região tocantina, tudo graças à sensibilidade de um homem só, sózinho — Frei Aristides.

Estivemos converando com o Frei que nos informou que tudo aquilo era uma resultante das respostas às suas cartas, do atendimento aos seus pedidos. Para a construção daquele hospital, jamais aquele Frei recebeu alguma ajuda ou donativo de qualquer político ou mesmo alguma parcela monetária de órgão oficial. Pelo contrário, fez questão de ressaltar que certo político já insinuou uma ajuda e o frei, inapelavelmente, deixou de aceitar.

Até a "engenharia", por incrível que pareça é do próprio Frei Aristides. Construído todo no melhor e no mais moderno material, escadarias em mármore, azulejos finíssimos, cerâmica vitrificada, rodeado de janelas de vidraça sentadas no melhor alumínio, aquele hospital deixa qualquer um pasmado diante de uma tamanha envergadura com a linhagem finíssima e moderníssima que ostenta.

No momento, a grande preocupação do frei é "mobilier". O que implica, naturalmente na aquisição de todo o equipamento hospitalar.

Destas colunas sem o arrêgo das predições fantasiosas, sem a tacanhice do puchassaquismo e sem o sensacionalismo vulgar dos hiterismos, podemos dizer, sem medo de errar que aquele Hospital, cuja inauguração está prevista para julho próximo, como obra monumental de Montes Altos, se constitui no maior empreendimento.

# ANEXO AI: O IMPARCIAL: MATÉRIA SOBRE O HOSPITAL DE MONTES ALTOS

**O IMPARCIAL**  
São Luis - 16 - 03 - 1975

A. V. P.  
M. A. P. A. 8 14 40 20

## MONTES ALTOS TEM HOSPITAL LUXUOSO




tas semanais, durante esses oito meses que separam da data da inauguração.

Procuramos saber da Irmã Rita, qual a razão que teria levado o rico médico italiano a fazer aquela doação, para construção num lugar onde não existe demanda, como Montes Altos. Ela não satisfaz a nossa curiosidade, alegando mesmo que o frei não gosta, nem de conversar, nem de publicidade a respeito do assunto.

Tudo ali, a começar dos jardins, é muito bem cuidado, no que certamente é consumida uma soma regular, pois até mesmo os móveis e as paredes, que são todos azuladas, se mantêm brilhando, impressionando bem o visitante.

É coisa de cinema, o que existe naquela cidade pobre, sem a utilização que seria lógico esperar. Não fazemos uma descrição completa de tudo, porque frei Arestides não se encontrava no momento e a nossa cicerone, nem tinha condições de explicar e nem autorização para falar muito a respeito.

Fora de série. Talvez a mais luxuosa e cara casa de saúde já construída no Maranhão, foi edificada numa cidadezinha bucólica e pobre, para viver ociosa, consumindo dinheiro em sua conservação, que é esmerada.

Desde o dia de sua inauguração, que foi de julho de 1974, vinhamos tendo notícia da existência do Hospital de Montes Altos, construído pelo vigário da Paróquia, frei Arestides Arioli, sob o patrocínio do dr. Piero Saronio, cujo artístico busto, feito de material caríssimo, se encontra logo na entrada da rica edificação.

Domingo, dia dois de março, sem grandes programas em Imperatriz, nos fizemos acompanhar do Juiz José de R. Figueira sua esposa, Massoli e Genesio, do Foto Rocha, rumando para a cidadezinha, desmembrada do município de Imperatriz, naqueles tempos que se criavam os chamados municípios eleitorais, embora o povoado não tivesse condições de sobrevivência própria, nem meios de desenvolvimento.

O Hospital, cuja fachada, mostramos na foto que ilustra esta matéria, dispõe de 70 leitos, 3 enfermarias, sala de partos, farmácia, consultórios médicos, capela, apartamento completo para médico tudo isso feito com esmero bom-gosto e o emprego de material de primíssima qualidade, a maioria do qual importado da Itália, sendo o restante comprado em São Paulo, nas melhores fontes produtoras.

As escadas são de mármore de primeira qualidade, os colchões das enfermarias, todos de espuma de nylon, sem falar nas janelas que são de vidros e o piso da maioria dos cômodos, que é de cerâmica vitrificada, sendo todo o trabalho executado por técnicos italianos, segundo estamos informados.

No dia em que visitamos aquele hospital, só existia um doente interno e a rica sala de parto ainda não havia sido utilizada, segundo informação que nos deu a Irmã Rita, que serviu de cicerone à reportagem e seus acompanhantes.

Para não dizer que ainda não tem um médico sequer, o dr. Augusto Bodo de Quetiroga, faz vis-

### TAXI - VENDE-SE

Fuzquinha - 1960, 1972, com apenas dois meses de prazo, rádio e outros acessórios e à toda prova. Tratar no Conjunto Santos Dumont Q-B - C-18 ou pelo Fone 2 2212 com Sebastião.

### PARA O SEU JIPE EXIJA A MELHOR CAPOTA PISSOLEIRO



MAIOR DURABILIDADE  
Procure nas melhores casa do ramo.

### CIPE

Fone: 2.12.00  
Oswaldo Cruz, 807  
MATERIAS - NOVOS  
CURSOS  
TURMAS INTENSIVAS E  
SE-PA-RA-DAS  
1. AREA HUMANISTICA  
- EXCLUSIVA  
NOITE - Cr\$ 80,00 por  
mês  
2. AREA-MEDICA -  
EXCLUSIVA  
MANIA - NOITE  
Cr\$ 100,00 por mês  
TURMAS PARA F.E.B.M.  
3. ENGENHARIA CIVIL  
e MECANICA  
4. AGRONOMIA -  
ADMINISTRATIVA

### REPRESENTAÇÃO

#### PARACHOQUES

A Metalúrgica Mello, fabricante dos melhores para-choques e acessórios para carros nacionais, está interessada em ter um representante neste progressista Estado, que seja relacionado com o ramo de acessórios para Veículos. Cartas com referências para RUA AFONSO VERQUEIRO, 727 - Vila Maria - São Paulo Capital.

### ATENÇÃO

Curso para Impressor serigráfico ambos os sexos.  
Remuneração Cr\$ 400,00.  
Informações à Rua da Tapada, 311 - Can-  
do da Alegria (fone 24502)

### Atenção

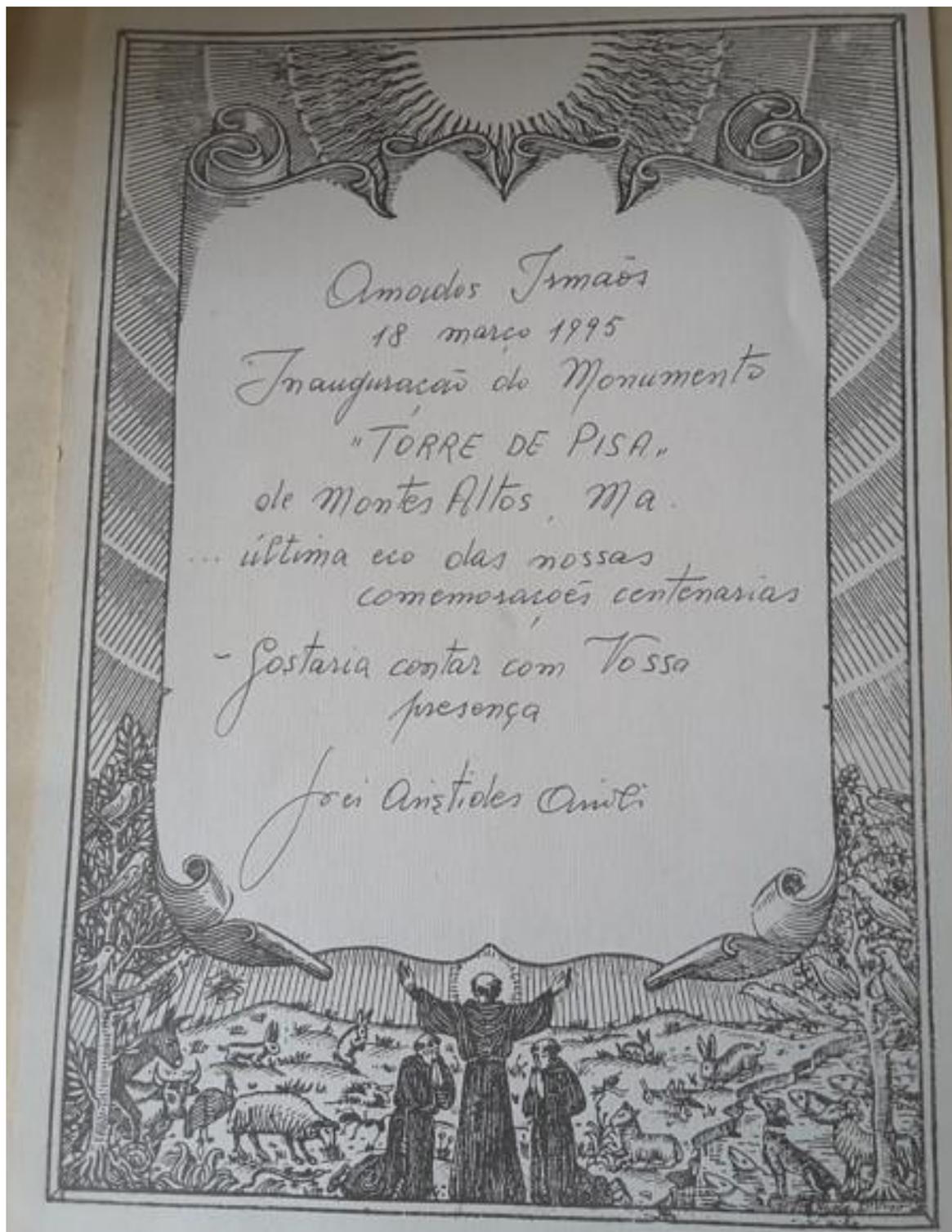
**ANEXO AJ: O PROGRESSO: MATÉRIA SOBRE O HOSPITAL DE MONTES  
ALTOS**

## Montes Altos

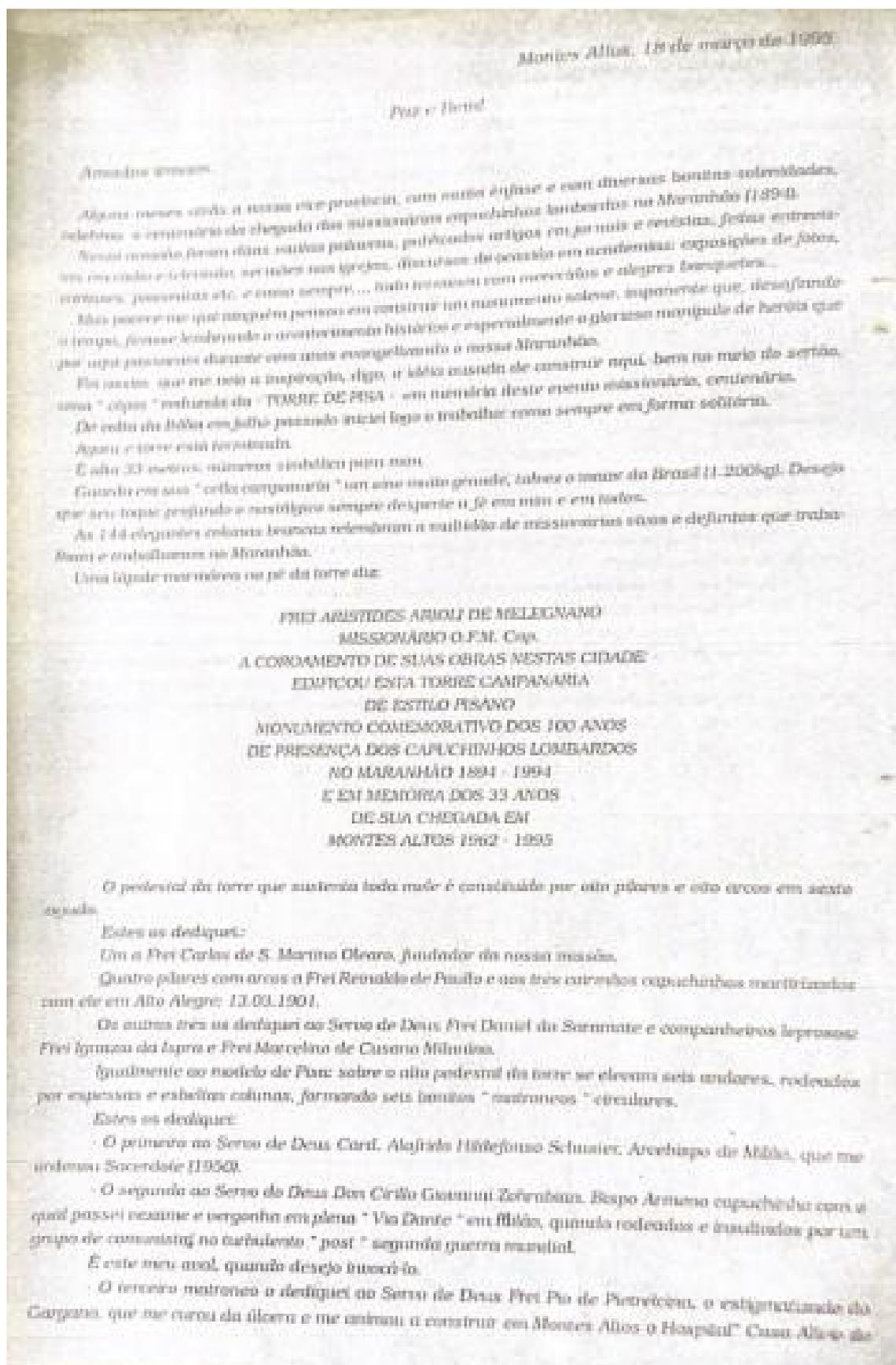
O município tem 20 mil 827 habitantes, 06 postos de saúde e um único hospital, beneficente, fundado por Frei Aristides Arioli, falecido recentemente e que mantinha a casa de saúde com a ajuda vinda da Itália, através de seus familiares. O secretário de Saúde, Dr. Severino Oliveira, demonstrou preocupação, pois não sabe como manter o hospital de agora em diante, com a ausência do religioso, que procurou fazer desse estabelecimento de saúde, parte de sua vida, com uma estrutura invejável.

Do Hospital "Frei Aristides Arioli"  
De São Paulo, 29/08/96

## ANEXO AK: CONVITE PARA INAUGURAÇÃO DA TORRE DE MONTES ALTOS



## ANEXO AL: LAUDO DESCRITIVO DA TORRE DE MONTES ALTOS



**ANEXO AM - ATESTADO DO HOSPITAL ALBERT EINSTEIN DA CAUSA DA MORTE DO FREI ARISTIDES ARIOLI**



*Hospital Israelita Albert Einstein*

DECLARAÇÃO

REFERENTE: ARISTIDE ARIOLI

RG: W461565-Y

Declaro que o paciente Aristide Arioli, faleceu no dia 08 de Agosto de 1995 as 20:15hs em consequência de trauma cranio-encefálico ocorrido em 06 de Agosto de 1995.

São Paulo, 08 de Agosto de 1.995.

*Eduardo Correa Meyer*

DR. EDUARDO CORREA MEYER  
CRM: 60398  
Médico Plantonista do CTI-A

**ANEXO AN: DEPOIMENTO DO FREI JOÃO FRANCO FRAMBINI SOBRE AS CIRCUNSTÂNCIAS DO ACIDENTE QUE ORIGINOU A MORTE DO FREI ARISTIDES ARIOLI**

4 Monte Ateu (Frambini)

Frei Aristides  
 Testemunha de um ancião, morador no passo de Matã  
 30 setembro 2015 Monte Ateu

ancião morador no passo de matã lembra que, com frei Aristides havia sempre dois médicos: refaltoseum, o outro assuicio. Nunca faltou médico.

Havia um rapax, locum safado, que se tornava amigo dele e em quem o frei comprava. Entregava-lhe as chaves da casa.

No dia de morte, sumiram 60.000 dólares do cofre. Nesse mesmo dia o rapax foi a Imperatriz e desapareceu, sem deixar pistas.

Frei João Franco Frambini  
 Testemunha de um ancião morador no passo de Matã  
 30 set 2015

**ANEXO AO: DECLARAÇÃO DO PREFEITO DE MELEGNANO (IT)  
AUTORIZANDO O SEPULTAMENTO DO FREI ARISTIDES ARIOLI NO  
CEMITÉRIO DA CIDADE**

AUG 10 '95 10:23 PREFETTURA MILANO 02/77504205

MODULARIO  
1 - Roma Pref - 1



*Prefettura di Milano*

10.6. 1995

*Prot. 7.5*      *Dir.*

*Allegati*

*Richiesta al Seglio del*

*Dir.*      *Dir.*      *7.5*

et conoscenza

CONSOLATO GENERALE  
D'ITALIA S. PAOLO BRASILE  
FAX N. 0055 11 8256443  
MINISTERO AFFARI ESTERI  
H O M A  
FAX N. 06/36913816

**OGGETTO**  
Autorizzazione introduzione salma connazionale.

TELEFAX N. 468/95      DIV. 2°

RIFERIMENTO TELEFAX N. 16453      DI CODESTO CONSOLATO,

COMUNICASI CHE QUESTA PREFETTURA AUTORIZZA INTRODUZIONE SALMA  
CONNAZIONALE      ARIOLI ARISTIDE  
PER SUCCESSIVA TUMULAZIONE CIMITERO      MELEGNANO ( MILANO )  
PUNTO ROSSANO PREFETTO MILANO

Visto:  
p. IL PREFETTO  
IL VICE PREFETTO  
( *[Signature]* )

**CORRISPONDENZA  
IN ARRIVO**  
10 AGO 1995  
05800  
PROT. \_\_\_\_\_

CT/rmg

**ANEXO AP: PASSAGEM PARA O EMBARQUE DO CORPO DE FREI ARISTIDES ARIOLI PARA A ITÁLIA EM COMPANHIA DE FREI ALBERTO GIANELLINI**

055 | 2408 7910 | 35 14055- 2408 7910

Shipper's Name and Address ASSOCIACAO EDUCADORA S.FRANCISCO AS PRACA J. LISBOA, 350 SAO LUIZ-MA-BRASIL C.G.C.: 06.303.192/0001-91		Shipper's account Number 2408 7910		Not negotiable <b>Air Waybill</b> Issued by ALITALIA S.p.A. Via A. Marchetti, 111 - ROMA CAP SOC. LIT. 975 MILIARDI INT. VERSATO C.F. 00476580582 - P. IVA 00903301000 R. T. N. 2029/48 - C.C.I.A.A. N. 135159		 Member of International Air Transport Association	
Consignee's Name and Address ALBERTO GIANELLINI IN THE SAME FLIGHT		Consignee's account Number		It is agreed that the goods described herein are accepted in apparent good order and condition (except as noted) for carriage SUBJECT TO THE CONDITIONS OF CONTRACT ON THE REVERSE HEREOF. THE SHIPPER'S ATTENTION IS DRAWN TO THE NOTICE CONCERNING CARRIER'S LIMITATION OF LIABILITY. Shipper may increase such limitation of liability by declaring a higher value for carriage and paying a supplemental charge if required. Le merci qui descritte sono accettate in apparente buono stato e condizione (eccezione fatta per i casi in cui è dichiarato altrimenti) per il trasporto in conformità alle CONDIZIONI CONTRATTUALI DESCRITTE in cui è dichiarato altrimenti) per il trasporto in conformità alle CONDIZIONI CONTRATTUALI DESCRITTE. SI RICHIAMA L'ATTENZIONE DEL MITTENTE SULL'AVVISO CONCERNENTE LA LIMITAZIONE DI RESPONSABILITÀ DEL VETTORE. Il mittente può aumentare il limite di responsabilità del vettore dichiarando un valore più elevato per il trasporto e pagando, ove richiesto, una tariffa addizionale.			
Issuing Carrier's Agent Name and City GOODWAY CARGO TRANSP. INTERN. LTDA SAO PAULO-BRASIL PHONE(011)5307617		Agent's IATA Code DAC 1402		Account No.		Accounting Information EX RATE USD 1.00=BRC 0.9355 FREIGHT PREPAID DAC 1402 OUR REFER. :- 08.710.01.195	
Airport of Departure (Addr. of first Carrier) and requested Routing GUARULHOS/BRASIL		Airport of Destination LINATE		Flight/Date AZ583/15.08		Flight/Date AZ2050/16.8	
By First Carrier ALITALIA		Routing and Destination LIN AZ		Currency BRC		Declared Value for Carriage NVD	
Handling Information 01-WOODEN BOX MARKEDS HUMAN REMAINS OF ARISTIDE ARIOLE ATT TO AWB DOCS.		Amount of Insurance NIHIL		INSURANCE - If Carrier offers insurance, and such insurance is requested in accordance with conditions on reverse hereof, indicate amount to be insured in figures in box marked "Amount of Insurance". ASSICURAZIONE - Qualora il Vettore offre un'assicurazione e tale assicurazione sia richiesta in base alle condizioni indicate a tergo, indicare l'importo da assicurare in cifre nella casella "Importo assicurato".			
(For U.S.A. only) These commodities licensed by USA for ultimate destination		DIVERSION CONTRARY TO USA LAW PROHIBITED					
No of Pieces RCP 1		Gross Weight 233,0 K		Chargeable Weight 233,0		Rate Charge \$ 12.71	
Total 2961,50		Nature and Quantity of Goods (incl. Dimensions or Volume) HUMAN REMAINS FREIGHT PREPAID DIMS. 220X070X050 SKIF					
Prepaid 2961,50		Weight Charge		Collect		Other Charges CHA USD 30.00	
Valuation Charge		Tax		Total other Charges Due Agent		Total other Charges Due Carrier	
Total prepaid 2.991,50		Total Collect		Signature of Shipper or his Agent Aug 11, 1995 SAO PAULO MARTINS M.A.			
Currency Conversion Rates		CC charges in Dest. Currency		Executed on (Date) at (Place)		Signature of Issuing Carrier or its Ag	
For Carriers Use only at Destination		Charges at Destination		Total Collect Charges		I.V.A. non imponible Art. 91° C. DPR 633/72 Pro-quota 055- 2408 7910	

ORIGINAL 3 (FOR SHIPPER)